

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

**VIVÊNCIAS DO COTIDIANO: A PROMOÇÃO DA SAÚDE COMO
UM EXERCÍCIO DE CIDADANIA NO PROGRAMA DE
INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA DA VILA TIBÉRIO – RIBEIRÃO
PRETO/SP.**

Tese apresentada ao Programa Interunidades de Doutorado das Escolas de Enfermagem de São Paulo e Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor.

PEDRO FREDEMIR PALHA

Dr^a. EMÍLIA LUÍGIA SAVORITI ANGERAMI
ORIENTADORA

**RIBEIRÃO PRETO
2001**

AGRADEÇO

Em nome de meus pais Pedro e Loni, à minha (eterna) família, pelo carinho, compreensão e por acompanhar-me nessa caminhada.

A Dra. Emília Luigia Saporiti Angerami, orientadora amiga, pela sua flexibilidade, e por acompanhar-me na qualificação profissional.

Aos mestres amigos e examinadores (suplentes e efetivos): Edgar Salvadori de Decca, Fernando Lefèvre, Tereza Cristina Scatena Villa e Iranilde José Messias Mendes, pelas suas valiosas contribuições na elaboração dessa pesquisa.

Em nome da colega e amiga Toyoko Saeki, a todos funcionários, colegas da pós-graduação, alunos e colegas docentes da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto pelo incentivo e companheirismo.

Em nome da Olânia, aos funcionários e colegas docentes do Departamento Materno Infantil e Saúde Pública pela motivação para a elaboração dessa pesquisa.

Em nome da colega e amiga Tereza Cristina Scatena Villa, (pelas inúmeras leituras desse trabalho), aos colegas e amigos da área de Saúde Pública pelo apoio, solidariedade, e substituições das minhas atividades acadêmicas junto a Universidade.

À Márcia pela sua dedicação e disponibilidade durante o período de elaboração e na formatação final desse trabalho.

Em nome de meu grande amigo Milton Brotto, aos amigos pelo incentivo, pela garra e por saber que em qualquer momento é possível contar com você(s)!

ÍNDICE

RESUMO

SUMMARY

APRESENTAÇÃO.....	2
O PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA.....	5
REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
PERCURSO METODOLÓGICO.....	36
A ANÁLISE DOCUMENTAL.....	36
A INSERÇÃO NO CONTEXTO DA PESQUISA.....	37
A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	38
A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	45
O LOCAL DE ESTUDO.....	48
OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	49
PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	57
<i>As Idéias Centrais.....</i>	<i>67</i>
<i>O Discurso do Sujeito Coletivo.....</i>	<i>70</i>
DISCUSSÕES DOS DADOS EMPÍRICOS.....	73
1. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE.....	73
1.1 <i>O Processo de Organização e o Desenvolvimento de Lideranças..</i>	<i>73</i>
1.2. <i>Os Primórdios da Organização e a Escolha das Lideranças.....</i>	<i>76</i>
1.3. <i>A Divisão de Tarefas no Trabalho Comunitário.....</i>	<i>88</i>
1.4. <i>As Alternativas Financeiras para Manutenção do Grupo.....</i>	<i>92</i>
1.5. <i>O Processo de Educação em Saúde: uma ação reflexiva.....</i>	<i>100</i>
1.6. <i>Os Novos Grupos as Parcerias na melhoria da Infra-estrutura.....</i>	<i>105</i>
1.7. <i>A Organização Política do Grupo.....</i>	<i>109</i>
1.8. <i>A Relação do PIC com a Unidade Básica de Saúde.....</i>	<i>114</i>
1.9. <i>A Relação do PIC com a Secretaria Municipal de Saúde.....</i>	<i>120</i>

2. A PARTICIPAÇÃO SOCIAL.....	125
2.1 A Participação nas Atividades Mediadoras, o Convívio Social e a Qualidade de Vida	125
2.2. A Participação nas Atividades Físicas.....	131
2.3. A Participação no Coral.....	137
2.4. A Participação no Teatro	140
2.5. A Participação em Viagens e Festas de Integração	143
2.6. Olimpíca: Confraternizando com Outros Grupos	149
2.7. O Convívio Social e a Experiência do Encontro com o Outro.....	154
2.8. O Convívio Social e a Solidariedade.....	156
2.9. O Convívio social e as Expressões das Diferenças	165
2.10. O Convívio Social e a Qualidade de Vida.....	167
3. O SUJEITO SOCIAL.....	182
3.1. A Descoberta das Potencialidades do Sujeito	182
3.2. O Reconhecimento da Situação Vivida	183
3.3. Percebendo as mudanças	190
3.4. O Reconhecimento da Mudança.....	201
ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS.....	211
CONSIDERAÇÕES FINAIS	244
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	260

RESUMO

Vivências do cotidiano revelou a experiência de desenvolvimento da comunidade e organização social do Programa de Integração Comunitária da Vila Tibério da cidade de Ribeirão Preto/SP, onde identificou as experiências individuais e coletivas vividas pelo grupo durante os sete anos de interação social. Na construção deste trabalho contamos com a participação de 24 (vinte e quatro) sujeitos através de entrevista semi-estruturada, observação participante e fontes documentais. Utilizou-se como referencial teórico o processo de desenvolvimento da comunidade e os enunciados das Conferências, Cartas e Reuniões Internacionais sobre a Atenção Primária em Saúde. Teve como orientação metodológica o Discurso do Sujeito Coletivo, que busca resgatar a fala do social a partir das Idéias Centrais e Expressões Chaves dos discursos individuais. Os resultados evidenciaram que inicialmente um grupo de pessoas portadoras de patologias específicas foi arregimentado para um trabalho de atividade física visando a melhoria da saúde. Nesse grupo surgem as primeiras lideranças comunitárias que desempenharam um papel importante frente ao mesmo, atuando no processo de desenvolvimento comunitário e ampliando as oportunidades de participação social. A educação em saúde possibilitou a conscientização, participação política, formação de uma rede de suporte social e consciência crítica do momento histórico vivido, repercutindo sobre o processo de formação do sujeito social, despertando-os para a busca da melhoria da saúde, qualidade de vida e especialmente para o exercício da cidadania.

SUMMARY

Daily-life occurrences have revealed the development experience of a community and the social organization of the Program for Community Integration of Vila Tibério in the City of Ribeirão Preto/SP, in which individual and collective experiences encountered by the group during the seven years of social interaction are identified. In the construction of this work, there was the participation of 24 (twenty-four) subjects by means of semi-structured interviews, participant observation and documental sources. The community's process of development and announcements from conferences, letters and international meetings on primary health care were used as the theoretical framework for this work. Its methodological orientation was founded on the Collective Subject Discourse, which attempts to recover the social discourse based on the central ideas and key expressions in individual discourses. The results showed that, at first, a group of people presenting specific pathologies was formed for a work involving physical activity aiming at health improvement. In this group, the first community leaderships appeared and played an important role by participating in the process of community development and expanding the opportunities for social participation. The commitment of agents within the group enabled awareness (through health education groups), political participation, the construction of a solidarity chain and a critical view of the of the historical moment being experienced, which had an influence upon the process that shaped the social subject, thus awakening him to search for health improvement, quality of life and particularly the exertion of his citizenship.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de investigação científica começa a ser desenhado durante o processo de qualificação profissional junto ao mestrado de Enfermagem em Saúde Pública do Departamento Materno Infantil e Saúde Pública – MISP da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP/USP.

Naquele estudo procuramos investigar o processo de organização de pequenos produtores rurais do município de Ijuí-RS em prol de melhorias na qualidade de vida e de saúde, num período delimitado entre os anos de 1957 a 1980. Como resultados há dois eixos temáticos de discussões: as experiências no processo de organização social, e a luta pela saúde. Os dois eixos temáticos tiveram como intuito entender como foi o processo de mobilização para a organização social de pequenos produtores rurais em torno dos seus direitos sociais (PALHA, 1996).

Isso nos despertou curiosidade em torno das discussões sobre a participação, desenvolvimento de comunidade e formação de sujeitos sociais em busca de sua cidadania. A instigação nos levou a continuar o processo de qualificação, agora, no Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem no *Campus* de Ribeirão Preto, oferecido pelas Escolas de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Alguns ajustes foram necessários para que pudéssemos dar continuidade ao processo investigatório. O primeiro foi a decisão de romper alguns entornos nesse intercurso entre o final do mestrado e o início do doutorado, tomando a decisão de mudar-me para a cidade de Ribeirão Preto, o segundo foi inserir-me como docente, através de processo seletivo, no Departamento Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, e o terceiro ajuste foi a

mudança do campo de investigação, tendo como objeto de estudo o Programa de Integração Comunitária - PIC da Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto - SMSRP.

A escolha do PIC não se deu ao acaso, mas pela proximidade com a temática proposta inicialmente pelo projeto de pesquisa apresentado por ocasião da seleção ao programa de doutoramento. E também pelo fato de que, muitas leituras foram realizadas acerca do mesmo, e pela peculiaridade de apresentar discussões da necessidade de um novo modelo assistencial que atendesse à complexidade do sistema de saúde às novas demandas oriundas das concepções sobre o entendimento de saúde.

O programa chega em uma época em que a assistência à saúde passa a ser encarada a partir de sua positividade, tendo como referência para isso, as orientações emanadas da Carta de Ottawa que teve como ancoradouro as discussões sobre Atenção Primária em Saúde de Alma-Ata em 1978, sob o prisma da Promoção da Saúde.

A definição pelo PIC da Vila Tibério tem uma razão também concreta, é o pioneiro. Iniciou no ano de 1993 através de um projeto de uma docente da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto conjuntamente com um professor voluntário de educação física da Universidade de São Paulo, *Campus* de Ribeirão Preto em uma Unidade Básica de Saúde - UBS situada na Vila Tibério, onde conseguiu adesão de alguns trabalhadores da área da saúde para o encaminhamento de pessoas que usavam freqüentemente um tipo de relaxante muscular e/ou patologias específicas de hipertensão arterial ou diabetes.

O grupo foi inicialmente composto de doze usuárias da UBS, e na medida em que, o tempo passava, novas pessoas foram aderindo voluntariamente ou foram encaminhadas ao programa pelos profissionais de saúde. Ao término do primeiro mês já havia um número muito considerável de participantes.

Durante os sete anos de existência o PIC, experimentou inúmeras passagens, boas ou ruins, que o levou de um processo de arregimentação inicial a uma organização social de tamanha envergadura que, extrapolou os próprios objetivos iniciais do programa, adquirindo um caráter específico, contribuindo para o efetivo exercício de participação na busca de direitos inerentes a um programa vinculado a uma SMSRP. Mas também buscando alternativas fora dos parâmetros da instituição pública, demonstrando um nível de organização social específico capaz de superar inúmeras dificuldades neste seu período de existência.

Para a análise deste programa recorreremos à organização dos dados, através do Discurso do Sujeito Coletivo com o intuito de garantir a riqueza do material empírico obtido através da análise documental, da observação participante junto ao programa, bem como, das entrevistas com usuários e lideranças locais.

Para compreensão deste trabalho, as falas foram transcritas seguindo-se a norma culta da língua portuguesa (concordâncias, acentuação e conjugação verbal), com algumas exceções no Discurso do Sujeito Coletivo. Nas Idéias Centrais e Discurso do Sujeito Coletivo quando existem ponto, e ponto – e - vírgula representa final da fala de um sujeito e início da fala de outro. Há diferenciação na apresentação: **falas** (fonte Arrial Narrow tamanho 12), **textos de autores** (fonte Century Gothic tamanho 10), e **observação participante** (fonte Comic Sans MS tamanho 10).

Com o intuito de auxiliar na leitura crítica deste trabalho apresento a partir de agora o projeto do PIC, desenvolvido pela professora Dra. Iranilde José Messias Mendes, na época docente da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

O Programa de Integração Comunitária

1. Justificativa

A justificativa do programa está referendada no projeto “Atuação de Enfermagem em Fatores de Riscos e Doenças Crônico-Degenerativas”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, nos anos de 94/95/96, tendo início no mês de novembro de 1993.

2. Finalidade

Estimular as UBSs para ampliar seu papel, por meio da prática do exercício físico e de recreação, desenvolver a efetiva participação da população e tornar-se um local onde trabalhadores e comunidade possam se transformar apontando para o autocuidado e responsabilidade pela saúde individual e sócioecológica.

3. Objetivos

1. Elaborar e desenvolver programas teóricos práticos de promoção de saúde do adulto, dirigidos a trabalhadores da área da saúde e comunidade, visando à melhoria da qualidade de vida biológica e sócioambiental.
2. Elaborar e desenvolver programas específicos dirigidos a portadores de doenças crônicas e/ou expostos a fatores de risco, visando à melhoria na qualidade de vida.
3. Compatibilizar a prática assistencial integral ao adulto, ao ensino e à pesquisa através das disciplinas ERM_Ecologia e Saúde; Políticas de Saúde; O cuidado com o adulto, com enfoque na Promoção da Saúde e Saúde do Adulto ministradas a alunos de graduação e pós-graduação da EERP-USP e, finalmente, produzir conhecimentos e metodologias na estratégia da promoção de saúde do adulto.

4. Metas

1. Implantar a curto e médio prazo programa de educação em saúde para adulto, incluindo a prática de atividades físicas recreacionais e culturais, pelo menos em 16 UBSs.
2. Reduzir a médio e longo prazo, o consumo de drogas medicamentosas e a frequência dos usuários das UBSs em busca de pronto atendimento médico, através da adoção de atitudes e valores que priorizem o autocuidado relativo à promoção de saúde e à prevenção de doença.
3. Conseguir ao término do prazo do projeto, a auto-suficiência das UBSs da SMSRP, de modo a adotarem em seu cotidiano o programa proposto.
4. Fornecer curso de atualização do conhecimento em promoção de saúde a trabalhadores e professores de Educação Física de todas as UBSs onde o programa for implantado.
5. Manter o elo SMSRP e EERP-USP, como meio de capacitação de recursos humanos a alunos, à pós graduação e a funcionários.

5. Metodologia

1. Clientela - Adultos acima de 18 anos de idade, supostamente sadios e/ou portadores de doenças crônico degenerativas e expostos a riscos, registrados ou não nas UBSs; funcionários, estudantes da EERP e acadêmicos de Educação Física.
2. Local - O ponto de referência é a UBS, entretanto, os locais de desenvolvimento do programa serão praças públicas, escolas, salões paroquiais, clubes e demais instituições da comunidade, de acordo com a especificidade do trabalho.
3. Estratégia - Implementação do programa teórico prático de educação em saúde para o adulto, tendo como eixo condutor a promoção de saúde.

4. Implementação do programa prático de atividades físicas, esporte e lazer como recurso complementar do curso de educação em saúde.

6. Entidades Envolvidas

- Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto (SMSRP)
- Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP (EERP-USP)
- Centro de Educação Física Esportes e Recreação do *Campus* de Ribeirão Preto-USP (CEFER)

7. Avaliação

Através da aplicação de coletas de dados qualitativos e quantitativos, através de reuniões periódicas com equipe executora, profissionais e lideranças da comunidade.

O ponto de partida para iniciar o PIC na Vila Tibério, segundo MENDES (1996), seguiu alguns critérios. O primeiro foi o fato de que, a referida UBS já servia há algum tempo de campo de estágio para os alunos de enfermagem. A esse fato, seguiu-se uma série de discussões com todos os trabalhadores de saúde da UBS sobre o projeto como estratégia para conseguir adesão ao programa.

O segundo momento foi um levantamento inicial sobre o uso de relaxantes musculares através de um livro de registros existente na UBS, onde se condensam os principais dados referentes ao usuário, quando da necessidade de realizar procedimentos de enfermagem pós-consulta. De acordo com a autora, esse breve estudo retrospectivo de três meses, mostrou que havia um uso elevado de um determinado relaxante muscular nesse período, o que causou determinada estranheza entre os trabalhadores devido ao consumo do medicamento.

Outra estratégia foi discussões realizadas por um profissional de área de educação física junto a esses trabalhadores

sobre os benefícios das atividades físicas na melhoria da qualidade de vida e no controle das doenças crônicas.

A próxima etapa do projeto previa a adesão dos usuários, e nesse sentido, havia necessidade da colaboração dos trabalhadores de saúde no encaminhamento desses até a praça José Mortari – que fica em frente da UBS –, tendo nessa fase inicial, 1993, recebido adesão de doze usuários do sexo feminino portadores de patologias referidas como hipertensão ou diabetes. Lembra MENDES (1996) que podia participar

“(...) todo e qualquer adulto a partir de 18 anos de idade uma vez que se propõe a melhorar a qualidade de vida do adulto, prevenir doenças crônicas, bem como ajudar na eficácia do tratamento das pessoas portadoras de tais doenças.” (MENDES, 1996:93)

Ao término das atividades, num período relativo a um ano de existência, o programa contava com uma forte adesão dos usuários, cerca de 225 pessoas, sendo que a maioria era do sexo feminino, provindo de encaminhamentos efetuados pelos trabalhadores de saúde da UBS, ou mesmo por convites das participantes, ou ainda por curiosidade, já que as atividades eram desenvolvidas na praça pública. Comenta a autora que ainda em 1994 o projeto recebeu uma primeira aprovação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, ampliando então a equipe de trabalho através de uma bolsa de Aperfeiçoamento, uma de Apoio Técnico de Nível Superior e uma de Iniciação Científica.

MENDES (1996) comenta que o nome do programa foi sugerido por um dos participantes e que na época também presidia a Comissão Local de Saúde - CLS e que a denominação significava uma “ação da comunidade na busca de uma vida melhor”.

Em termos de organização inicial do grupo, ressalta a autora que a freqüência foi uma das primeiras formas para acompanhar a participação dos usuários.

“Com o número limitado de participantes, o controle da freqüência era feito pelo próprio monitor de Educação Física. Com a adesão ampliada da comunidade, esta estratégia alterou-se, estudando-se com a comunidade uma forma diferenciada de controle da freqüência. (...) o controle teria (e continua tendo) por finalidade não só avaliar a qualidade da programação, bem como, diante de faltas sucessivas de um participante, procurar saber os motivos das mesmas e, se necessário, a partir do julgamento do próprio faltoso, prestar apoio através de visitas domiciliares efetuadas pelas pessoas mais próximas a ele.” (MENDES,1996:95)

Com o transcorrer do tempo, houve necessidade de fazer uma redistribuição das tarefas dentro do programa, passando então a freqüência a ser controlada por integrantes do próprio grupo, agora distribuídos por faixa etária, assim como, houve necessidade de formação de outras equipes para o desenvolvimento do trabalho comunitário.

Desde a sua implantação no ano de 1993, o grupo tem experimentado inúmeras situações que têm contribuído para a organização e desenvolvimento do trabalho comunitário, bem como, para as potencialidades do sujeito e da comunidade local.

Nesse sentido, é que através deste trabalho de pesquisa buscaremos entender como o PIC tem influenciado no cotidiano da comunidade e dos sujeitos. Para tanto, temos como pressuposto:

A organização de um programa de saúde que visa ao desenvolvimento da comunidade e à formação de lideranças locais possibilita a participação social, co-responsabilidade pela saúde e a

solidariedade, influenciando na melhoria da saúde, qualidade de vida e no exercício da cidadania.

Assim, neste trabalho que ora apresentamos, o primeiro capítulo traz o referencial teórico, tendo como âncoras o Processo de Desenvolvimento da Comunidade, e as Cartas e Conferências Mundiais sobre Promoção da Saúde.

No segundo capítulo apresentamos descrito o constructo metodológico e as bases conceituais do Discurso do Sujeito Coletivo que permitiram elaborar este trabalho de investigação científica.

No terceiro capítulo fazemos a apresentação e discussão das Idéias Centrais e Discursos dos Sujeitos Coletivos. Esses dados foram agrupados em três temáticas diferentes.

A análise dos dados empíricos é realizada no quarto capítulo, onde procuramos fazer uma interlocução como os diversos autores que trabalham as temáticas mais relevantes deste trabalho.

Por fim, apresentamos as considerações finais, etapa necessária para o fechamento deste trabalho.

Convidamos você, leitor, a conhecer agora, uma trajetória admirável de um grupo de pessoas que ao longo de sete anos de convivência social, trabalho comunitário e participação social, obteve ganhos inigualáveis em suas vidas, tanto no âmbito individual como coletivo, resultando na melhoria da qualidade de vida e no exercício da cidadania.

REFERENCIAL TEÓRICO

REFERENCIAL TEÓRICO

A organização dos serviços de saúde e o modelo de estruturação de suas práticas têm sido alvo para as transformações pretendidas pelo movimento de reforma sanitária brasileira. Esse tem sua organicidade nos mesmos moldes do modelo do Estado, apresentando uma multiplicidade de interesses públicos e privados, o que tem gerado uma grande insatisfação da opinião pública, assim como, não tem contribuído para uma qualidade de vida e de saúde dos usuários do Sistema Único de Saúde - SUS.

As ações de saúde têm se pautado dentro de um cunho mais curativo do que preventivo, privilegiando em grande parte a atenção às doenças do que à saúde, e pouco tem se atentado no sentido de pautar essas ações através do eixo da Promoção da Saúde, fator que tem contribuído para a manutenção de um perfil epidemiológico estático da população brasileira.

A perspectiva de descentralização dos serviços de saúde nos últimos anos tem apontado um potencial para as mudanças das práticas de atenção à saúde e do ambiente, direcionando novos caminhos nas linhas de intervenção, assim como, na definição de novos mapeamentos das ações dos profissionais de saúde que trabalham junto à população, em projetos alicerçados na ética, na solidariedade, compromisso social, e cidadania.

PAIM (1991) tem criticado o modelo tradicional de atenção à saúde, mas ao mesmo tempo, tem comentado que para a efetivação do atendimento às necessidades da saúde da população é imprescindível o exercício da participação organizada dos grupos sociais, assim como, o reconhecimento e o estímulo das potencialidades das iniciativas comunitárias. Esses, na sua opinião, têm sido importantes na qualificação e redefinição das

relações sociais, que indubitavelmente auxiliarão na redução do sofrimento humano, prevenção de agravos, bem como, na promoção, preservação da saúde, aprimoramento da consciência sanitária e ecológica, contribuindo decisivamente para a melhoria da qualidade de vida da população.

Revisando alguns estudos realizados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (1995), eles nos indicam que a adoção de medidas promocionais e preventivas pode ser realizada por ações simplificadas e de baixo custo, entendendo que essas ações sejam definidas pelo seu grau de complexidade e não pelo custo-benefício, que além do significado sobre a saúde da população, irão representar uma redução da pressão sobre os serviços de saúde, uma vez que as mudanças nos padrões epidemiológicos brasileiros têm sido caracterizadas pela superposição, e não pela substituição de morbidade.

Esta complexidade do modelo de atenção à saúde tem suas raízes dentro de um Estado que primou em sua gênese por um modelo de desenvolvimento voltado à economia. Neste sentido, ao longo dos anos, a participação social na formulação das políticas de saúde foi relegada a um segundo plano. Com o intuito de entender como a articulação Estado e Sociedade Civil caminharam, buscaremos primeiramente entender como a questão da participação comunitária foi tomada neste contexto social. Porém, antes de pensar participação é necessário retomar algumas discussões sobre desenvolvimento de comunidade, com a qual mantinham relações muito próximas.

Nesse sentido, AMMANN (1997), em um profícuo estudo sobre desenvolvimento de comunidade, tem discutido que ao longo dos anos, o processo de desenvolvimento da comunidade esteve atrelado à ideologia desenvolvimentista do Estado. Para a autora, inúmeros projetos que se desenvolveram no Estado brasileiro estiveram sob a

tutela do mesmo, que normatizando programas e propondo ações sociais, não permitiu que emergissem os sujeitos sociais. O grande enfoque para o processo de desenvolvimento da comunidade esteve atribuído à naturalização da inserção do sujeito na sociedade.

"Não são, pois, questionadas as causas da heterogeneidade nem dos conflitos, admitindo-se ser possível resolvê-los graças aos laços comuns existentes. Objetiva-se assim o progresso tendo, a exemplo do positivismo, a ordem como base e o amor como princípio."
(AMMANN, 1997:42)

Esse eixo estruturante foi o grande referencial para inúmeros projetos de desenvolvimento comunitário que ocorreram desde o início do século em nosso território, tendo maior enfoque, justamente no período considerado desenvolvimentista, a partir da década de 30 no meio rural.

Para AMMANN (1997), o processo de desenvolvimento de comunidade que adentrou no Estado brasileiro foi em decorrência de um grande movimento de organizações internacionais, aliado a uma política desenvolvimentista nacional, com o intuito de modernizar a produção rural em prol do sistema capitalista. Esclarece a autora que a Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos - CEAA¹, impulsionadora do processo de educação, tinha como meta a defesa nacional no combate às "ideologias nocivas", mesmo que em seus objetivos traga a premissa de tornar o país mais coeso e solidário.

Comenta a autora que concomitante ao desenvolvimento do processo de educação no meio rural, em especial voltado às populações marginalizadas do Nordeste, proliferam os Centros

¹ Esclarece AMMANN (1997) que posteriormente à CEAA, foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) com o objetivo de consolidar a CEAA, agora através de uma ação em profundidade de capacitação de profissionais junto à população rural.

Sociais² impulsionados pela Organização das Nações Unidas, e, dirigidos, no Estado brasileiro, pela Igreja Católica. Tais Centros foram inspirados nos Centros Comunitários criados no México em 1537.

Relata que os Centros, embora dotados de grandes potencialidades para o desenvolvimento de comunidades, não conseguiram ir além e realizar o agrupamento dessas populações.

Mesmo posteriormente com a definitiva incorporação da Campanha Nacional de Educação Rural – CNER após a década de 50 como política governamental, não se ampliam as discussões sobre o processo de naturalização da inserção dos sujeitos na sociedade.

“A CNER escamoteia, assim, a questão rural, deslocando-a para o nível dos indivíduos e da comunidade local, ao invés de abordá-la no contexto estrutural societário, onde residem as verdadeiras raízes da problemática.”
(AMMANN, 1997:49)

Assim, conclui AMMANN (1997), a atuação governamental no meio rural incrementou a alfabetização das populações marginalizadas rurais, modernizou a agricultura e com a criou uma infra-estrutura básica sem onerar os cofres públicos. Os Centros Sociais surgiram como um meio de cooptação dessas populações para o projeto de expansão do sistema capitalista brasileiro.

CARVALHO (1995:16), ao comentar sobre os Centros, afirma que um dos principais obstáculos para sua inserção no Brasil foi o fato de que “esse modelo ficou espremido entre as práticas então dominantes do sanitarismo campanhista e a crescente oferta de assistência médica pelo sistema de saúde previdenciário. ”

Contudo, é na década de 50 que começa a tomar corpo a organização do trabalho para com a comunidade, através da

² AMMANN (1997) comenta que a programação desenvolvida pelos centros era igual para todas as regiões onde os Centros eram implantados: organização de grupos (mães, jovens e crianças), cursos de corte e costura, bordado, cozinha, enfermagem, alfabetização de adultos, introdução de novas técnicas agrícolas e organização, construção de obras como pontes, estradas, esgotos, escolas, igrejas, praças dentre outras.

proposta de “desenvolvimento da comunidade”, trazida por instituições americanas que cunhavam políticas de auxílio aos países subdesenvolvidos, durante o contexto da guerra fria. As áreas alvos para o desenvolvimento da comunidade eram a educação e a agricultura, que propunham à participação comunitária com o intuito de introduzir novas tecnologias, objetivando uma organização comunitária com melhor qualidade de vida. (CARVALHO, 1995:16)

Discute o autor que no contexto do Estado brasileiro os serviços que mais evidenciaram foram aqueles veiculados pela SESP – Serviços Especiais de Saúde Pública, financiados pela Fundação Rockefeller

“(…) que implantou uma série de Unidades de Saúde no interior do país, onde pioneiramente combinavam-se ações curativas com ações preventivas e onde se desenvolviam práticas educativas voltadas para a comunidade na perspectiva de seu desenvolvimento sócio sanitário.” (CARVALHO, 1995:16)

Para o autor, ficava evidente que a categoria comunidade era trabalhada na perspectiva homogênea, isenta de contradições estruturais, e que, portanto, todos os riscos sanitários nela contidos tinham como fatores causais a natureza técnica, e no máximo poderia se admitir, uma dimensão educacional e/ou cultural, porém, nunca política. Tal concepção a separa do contexto sócioeconômico da sociedade, e nesse sentido, o trabalho junto à comunidade tinha como finalidade induzi-la a “combater a pobreza e a doença em função de sua capacidade de unir, se organizar (...). A participação é fetichizada como passaporte para as melhorias sociais.” (CARVALHO, 1995:17)

Em seus estudos, AMMANN (1997) revela as principais correntes políticas ideológicas que afloraram no trabalho de desenvolvimento da comunidade no período imediato à tomada de poder pelo militares. Identifica três correntes distintas: a **primeira**

coaduna com uma postura ortodoxa dos intelectuais responsáveis, e vincula-se mais à prática do que ao discurso. Entendem a realidade social como um processo natural sem contradições, e sua prática volta-se ao envolvimento da comunidade para o estudo de problemas residuais e periféricos locais. Tem nas lideranças locais o intérprete para os problemas da comunidade, assim como procuram não relacionar os problemas sociais da macroestrutura da sociedade.

A **segunda** avança na visão localista do desenvolvimento da comunidade e incorpora a participação como uma força capaz de inferir nas mudanças estruturais da sociedade. Encontram-se nessa corrente intelectuais vinculados ao Movimento de Educação de Base - MEB em sua primeira fase, alguns circunstanciados pela necessidade de uma nova visão do serviço social, e outros entendendo que as mudanças/reformas são necessárias à expansão do capitalismo no Estado brasileiro. No entanto, a participação é tida como uma contribuição de “todo o povo brasileiro” a mudanças pretendidas, porém sem manter qualquer possibilidade de um vínculo com essa população.

A **terceira** corresponde aos pensamentos da segunda fase do MEB. Ao contrário da segunda corrente, procura manter um vínculo com a comunidade, defendendo as mudanças que possam libertar essas populações do sistema de alienação a que estão submetidas. Considera a heterogeneidade/contradição inerente à comunidade. Tem a participação social como uma luta pela hegemonia dos grupos marginalizados, com possibilidades de transformação das estruturas da sociedade, que tem nas relações sociais de produção o cerne da questão.

Quando desloca seu eixo de discussão para o meio urbano, AMMANN (1997) comenta que a proposta para o desenvolvimento da comunidade tem seus marcos históricos a partir dos anos 60 através dos Centros Sociais Urbanos - CSU. E assim, como no

meio rural, a CNEA começa a tomar impulso em várias regiões brasileiras. Porém, o eixo teórico que orienta algumas destas propostas inclui algumas mudanças, com a adesão às idéias pedagógicas de Paulo Freire, cujo momento político, desta década, favorecia as idéias mais revolucionárias.

“Ela pretende, sim, formar indivíduos conscientes de sua posição no mundo e da relevância de sua contribuição à mudança das estruturas sócio-econômicas do país e vincula-se à cultura popular.” (AMMANN, 1997:61)

SOUZA (1993) comenta que os CSUs nascem em uma época que exige a necessidade da presença do Estado benfeitor face à degradação crescente das condições de vida da população brasileira, especialmente para aquelas periféricas que estão fora do processo produtivo, daí a necessidade de programas emergenciais.

Para CARVALHO (1995) a década de 70 vem acompanhada de uma série de investidas na área social, principalmente por meio de programas destinados às populações marginalizadas, cujos movimentos sociais começam acirrar-se em busca de assistência e benefícios sociais, configurando-se como uma potencialidade na desestabilização da política econômica adotada pelo governo central. Daí, pois, a necessidade de ampliar a cobertura a elas. Nesse intento, assiste-se por toda a América Latina uma investida em programas de extensão de assistência,

“(...) em geral centrados em metas de ampliação da cobertura das ações de atenção primária e em metodologias ou ideologias da Medicina Comunitária. Nesse contexto, a idéia da participação comunitária era nuclear, designando tanto o aproveitamento do trabalho não qualificado da população nas ações sanitárias, quanto à valorização da organização autônoma da comunidade como possibilidade de transitar para melhorias sociais.” (CARVALHO, 1995:18)

Para o autor, no Brasil esse modelo entra como uma proposta de extensão de cobertura, em especial da assistência médica, em virtude de que o modelo desenvolvimentista vigente não permitia o acesso da grande maioria aos serviços estruturados da medicina previdenciária, “regionalização, hierarquização, descentralização, participação, integração são – tornam-se verdadeiras bandeiras reformistas.” (CARVALHO, 1995:19).

Para o autor a participação da população neste contexto é tida como complementação às ações do Estado, tomando várias configurações frente às diversas experiências que começam a emergir nas várias regiões do Estado brasileiro.

“Concretizando-se na execução profissionalizada (remunerada) ou não de ações sanitárias de baixa densidade tecnológica; no compartilhar algumas atividades de planejamento (diagnóstico, programação, avaliação) e até operando a gestão de serviços locais, a participação articulou-se a práticas que variavam desde a transferência burocrática de informações sanitárias de uso ou aplicação doméstica, até pretensiosas e quixotescas provocações contra o monopólio do saber médico no contexto de propostas de criação do trabalhador coletivo de saúde (equipe multidisciplinar).” (CARVALHO, 1995:19)

Assim, vislumbra-se uma diversidade de ações e de formas divergentes de participação comunitária nas várias experiências em que o modelo de extensão de cobertura se desenvolveu. Entendemos que o grave quadro de desigualdade social criava as bases para a implantação de programas que atendessem às lacunas deixadas pelo modelo previdenciário, assim como favorecia a pretensa idéia de participação comunitária embutida nos programas alternativos, além de favorecer a legitimação do poder do Estado, na medida que facilitava o acesso à assistência médica. Nesse sentido, tanto CARVALHO (1995) como SOUZA (1993)

concordam que as ações desenvolvidas pelo governo central têm o intuito de legitimação frente à população.

As políticas sociais e de saúde no Estado brasileiro, neste período, encontraram ressonância na **Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde** realizado em ALMA-ATA de 1978 (Ministério da Saúde, 2000), que teve o intuito de conclamar uma urgente ação governamental de todos os países à área da saúde, tendo-a como um direito fundamental, com vistas a uma melhor equidade a todos os povos, conclamando a uma ação conjunta intersetorial.

A Conferência denunciava a grave desigualdade social entre e dentro dos países, tecendo uma forte crítica à distribuição da riqueza mundial, e declarava que para atingir patamares aceitáveis de saúde até o ano 2000 deveria haver um pleno desenvolvimento econômico e social baseado numa ordem internacional. E, que, as políticas públicas de promoção e proteção aliadas ao desenvolvimento econômico e social eram pontos cruciais para a obtenção de uma melhor qualidade de vida da população. Ainda ensinava que para alcançar pleno sucesso, os cuidados primários de saúde necessitariam da participação individual e coletiva tanto no planejamento como na execução.

Conclama a participação da comunidade, governo e outros setores, com divisão de responsabilidades e custos financeiros, preconizando o desenvolvimento de autoconfiança, autodeterminação, acessibilidade, universalidade, regionalização, hierarquização e acesso geográfico.

Demonstra uma preocupação em relação aos problemas que mais atingem as comunidades, em especial, aqueles que podem ter forte impacto sobre o coletivo, como a assistência nos vários níveis de atenção, educação para saúde, nutrição, água de boa qualidade,

saneamento básico, doenças infecciosas, doenças endêmicas, doenças comuns e medicamentos essenciais.

Para CARVALHO (1995), estas experiências com a Atenção Primária em Saúde se por um lado previam apenas a expansão da extensão de cobertura, por outro, levaram a um exercício da participação comunitária, que abriu brechas para uma prática à revelia dos próprios programas, e acabavam se constituindo em “laboratórios não de alternativas oficiais, mas de organização e politização comunitárias na perspectiva de um projeto sanitário contra-hegemônico.” (CARVALHO, 1995:19). Posteriormente assumem caminho e identidade própria, e são experiências legitimadoras para o movimento de participação popular no processo da reforma sanitária brasileira que começa a tomar corpo.

Outro período analisado por AMMANN (1997) é correspondente mediato à tomada de poder pelos militares até o início do processo dito de abertura democrática, nos finais dos anos 70. Segundo a autora, existe uma profunda mudança na sociedade brasileira com a tomada do poder pelos militares.

“A cisão do bloco histórico a nível superestrutural institucionalizada pelo regime militar em abril de 1964 afeta em profundidade a vida do país e resulta na desmobilização, paralisação e/ou mudança de rumo dos movimentos políticos emergentes durante o período populista, dentre os quais figuram o Movimento de Educação de Base (MEB) e o sindicalismo rural, exemplos de experiências de Desenvolvimento de Comunidade no período anterior.” (AMMANN, 1997:101)

Com a tomada de poder pelo bloco militar, existe um rompimento com as idéias nacionalistas que circunstanciam a política governamental dos últimos governos populares. E, isso, segundo AMMANN (1997) vai de encontro aos movimentos políticos populares que ofereciam potencialidades de avanços na reformulação

da estrutura social. Nesse sentido, com a finalidade de dismantelar e controlar os grupos³ ligados às preconizadas reformas do Estado existiu, por parte deste, todo um aparato coercitivo.

Para a autora, esse período de estudo revelou duas vertentes importantes sobre o desenvolvimento da comunidade e participação: a **primeira** refere-se a um desenvolvimento da comunidade nos mesmos moldes da fase anterior, onde a organização da comunidade vai atender a alguns objetivos específicos para o desenvolvimento da política traçada pelo Estado, e pelas forças hegemônicas que o sustentam. Nesse sentido, o desenvolvimento da comunidade vai ao encontro dos propósitos econômicos e ideológicos dessas forças e do próprio Estado. Os adeptos dessa vertente postulam uma participação acrítica da população aos programas institucionalizados pela sociedade política.

A **segunda** vertente busca manter uma postura de enfrentamentos das questões sociais, políticas, culturais e econômicas na medida em que nega o modelo de desenvolvimento adotado pelo Estado e propõe profundas mudanças nas estruturas vigentes. Essa postura deriva de um compromisso assumido com a comunidade. Entendem que a participação é circunstanciada pela expansão e distribuição de oportunidades para que conjuntamente com a sociedade política a população possa ativamente tomar parte nas decisões inerentes a ela.

É interessante o que a autora traz como análise dessas duas vertentes.

“Tais posições derivam da direção tomada pelos intelectuais do desenvolvimento de Comunidade e de seu compromisso com uma das classes fundamentais da sociedade brasileira. Alguns aderem – conscientemente ou inconscientemente – à ideologia

³ Segundo AMMANN (1997), os grupos eram as ligas camponesas, sindicatos, partidos políticos, movimentos de educação e/ou de cultura popular.

dominante e passam a defender suas políticas de integração, modernização, despolitização e capacitação da força de trabalho para a criação de um amplo mercado interno capaz de propiciar a consolidação do desenvolvimento em moldes capitalistas. Para o alcance desse intento, ao Desenvolvimento de Comunidade é atribuída a tarefa de preparar recursos humanos capazes de atender às demandas dos projetos de investimento econômico, de modo a serem evitados embargos na implementação das diretrizes emanadas pelos escalões superiores. A exploração da força de trabalho é mediatizada pela sua capacitação para aquelas atividades que vêm melhor favorecer capitalistas nas áreas rurais e urbanas." (AMMANN, 1997:157-158)

Em que pese as possibilidades para o desenvolvimento do trabalho com a comunidade, argumenta AMMANN (1997), os intelectuais que optaram pela segunda vertente enfrentaram forte resistência da classe dominante e assistiram um progressivo esvaziamento dos programas no qual se encontravam alocados, e uma crescente implementação de programas oficiais dentro da linha ortodoxa de desenvolvimento de comunidade.

Para AMMANN (1997), ao analisar o período de transição democrática, considera que este não é decorrente da benevolência do regime militar, mas atribui ao fracasso do "milagre econômico", onde o regime militar passa a encontrar sérias dificuldades para continuar mantendo o modelo hegemônico burguês que parecia estabilizado nos últimos anos diante de sua legitimação frente à sociedade civil.

Nesse período, a autora destaca que a sociedade civil organizou-se a partir de movimentos sociais⁴ frente ao fracasso econômico, sob altos índices de inflação, deterioração das condições de vida da

⁴ Segundo AMMANN (1997) ao lado do movimento operário, somam-se outras lutas populares a partir de 1978: o movimento pelo custo de vida, organização de moradores de loteamentos clandestinos, greves nas categorias dos bancários, médicos, funcionários públicos, garis. Os movimentos representados pelas comunidades eclesiais de base com passeatas, depredações, saques e motins demonstram que a sociedade civil estava no seu limite de tolerância.

população em geral. Assim, existe a necessidade de retomar o trabalho com a comunidade a partir do final da década de 70.

"Em 1979, por iniciativa e sugestão do Projeto Rondon, o Ministério do Interior (MINTER) convoca vários órgãos a ele afetos, para estudar a possibilidade de recriar um organismo a nível nacional para se ocupar dos trabalhos na esfera comunitária. Com tal intuito em 15 de agosto de 1979 é instituída comissão, através da Portaria nº 369, da qual participaram o Projeto Rondon, as Superintendências Regionais, a Fundação Nacional do Índio, o Banco Nacional de Habitação e a Secretaria Executiva do Conselho Nacional do Desenvolvimento Urbano, sob a coordenação da Secretaria de Planejamento do MINTER." (AMMANN, 1997:166)

Comenta a autora que mesmo tendo objetivos mais democráticos, os programas desenvolvidos com o intuito de desenvolvimento da comunidade permanecem sob a tutela das políticas sociais emanadas do governo central. Mesmo aqueles programas que são criados dentro da Secretaria Especial de Ação Comunitária – SEAC criado pela Nova República detêm um caráter eminentemente assistencialista.

Para AMMANN (1997), o período entre o final da década de 70 e final da década de 80 é marcado por uma intensa produção intelectual que tenta demarcar o território em prol do desenvolvimento da comunidade com fins emancipatórios, contrários, portanto, à ortodoxia anterior. Os intelectuais, para ela, "trataram o tema de uma perspectiva dialética, no contexto histórico das relações sociais de produção e dos processos de dominação/exploração vigentes nas sociedades capitalistas" (AMMANN, 1997:171)

Para a autora existe uma ascensão em prol da democratização também em termos de produção intelectual. Inúmeros seminários são realizados pelos intelectuais do qual o Serviço Social passa a ter uma expressão forte na crítica ao modelo de desenvolvimento de comunidade até então realizado, e nesse sentido, a participação

social é entendida como "o processo mediante o qual as diversas camadas sociais tomam parte na produção, na gestão e no usufruto dos bens de uma sociedade historicamente determinada." (AMMANN, 1997:171)

Em meados da década de 80, com a crescente insatisfação e críticas ao modelo de atenção predominante, emergem novamente as discussões sobre a Atenção Primária em Saúde, e nesse sentido, a **Primeira Conferência Internacional sobre a Promoção da Saúde**, realizada em Ottawa no Canadá em 1986 (Ministério da Saúde, 1996), vai provocar uma grande discussão acerca da crescente demanda por um novo entendimento de saúde pública no mundo a partir dos progressos já percebidos pós-Alma-Ata.

A Primeira Conferência atém-se a alguns pontos importantes para almejar o pleno sucesso da melhoria de qualidade de vida e de saúde das populações: que sejam assegurados os meios para as populações terem efetivo controle sobre ela, sendo que o alcance de um bem-estar físico, mental e social tem uma relação direta na realização das aspirações, necessidades e uma contínua adaptação ao meio ambiente.

A saúde, sob este prisma, passa a adquirir um conceito de positividade a partir de: uso dos recursos pessoais, sociais, qualquer planejamento das ações de saúde, intersetorialidade, tendo o cuidado de considerar as especificidades de cada localidade.

A ampliação do conceito de saúde, assim como a sua obtenção, requer alguns requisitos: a paz, educação, moradia, alimentação, renda, ecossistema saudável, justiça social. Além de considerar que, para atingir o progresso pessoal, econômico e social, os fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, de meio ambiente, de conduta e biológicos devem ser levados em conta.

Considera a Carta de Ottawa que a Promoção da Saúde é uma estratégia para obter uma eqüidade sanitária, e que, portanto,

é necessário promover os meios para que a população tenha o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

É recomendado ainda que, sejam criados ambientes favoráveis, uma vez que não se pode dissociar sujeito e meio ambiente, bases para se criar uma aproximação sócioecológica à saúde, na defesa dos sujeitos e da conservação do meio natural.

O Reforço da Ação Comunitária como estratégia de condução na tomada de decisões, participação, organização, informação, instrução sanitária, assim como auxílio financeiro é considerado como a força motriz do sucesso no planejamento e programação das políticas de saúde.

A reorganização dos serviços sanitários deve ser um compromisso de governos, instituições, profissionais, assim como da comunidade, no sentido de inverter a lógica do modelo de atenção à saúde vigente, e considerar e respeitar as necessidades culturais dos sujeitos.

O tema pela Promoção da Saúde toma novo impulso, a partir de experiências nacionais e mundiais na assistência pela saúde e na democratização do setor, assim como, procura legitimar uma luta pela equidade e justiça social. Assim, vamos, nos anos seguintes, assistir a inúmeras Conferências e Declarações sobre a saúde como um direito inerente à vida na busca por melhores condições de vida e cidadania.

Pela sua importância no contexto das políticas públicas de saúde, pontos da Carta de Ottawa são retomados posteriormente nas próximas Conferências e Declarações mundiais: Adelaide na Austrália (1988), Sunddsvall na Suécia em (1991), Declaração de Santafé de Bogotá na Colômbia (1992) e Jacarta na Indonésia (1997). (Ministério da Saúde, 2000).

Se considerarmos as Conferências e Reuniões que foram desenvolvidas desde a década de 70, percebemos que existe uma

preocupação com a questão da saúde e da vida. Em Alma-Ata a saúde é tomada como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de doença, e considera-a como um direito fundamental. Em Ottawa, o conceito é tomado como um recurso para a vida e não um objetivo para viver, numa dimensão positiva quando mantém uma relação de interdependência com a qualidade de vida.

Em Adelaide, a saúde é considerada como um sólido investimento social; em Sundsvall, a saúde é vista na sua inseparabilidade e interdependência com o meio ambiente. Em Bogotá, a produção social de saúde é atrelada aos fatores econômicos, políticos, sociais, culturais, ambientais, biológicos e de conduta. E, em Jacarta são referendados os conceitos supracitados percebendo a saúde como essencial para o desenvolvimento social e econômico.

A intersetorialidade é um termo que surge em todas as Conferências e Reuniões, e apresenta uma relação direta com os setores produtivos, econômicos e sociais da sociedade, sendo considerada como um elemento importante para avançar em termos de mais saúde para as populações. Mas é em Jacarta que o setor privado é reconhecido como um parceiro importante para a Promoção da Saúde.

A participação comunitária é considerada como um instrumento vital para o sucesso da Promoção da Saúde, é vista como essencial desde a fase do planejamento, execução dos cuidados primários de saúde em Alma-Ata, até o incremento de poder nas comunidades através do desenvolvimento de habilidades pessoais obtidas por meio do acesso às informações, educação à saúde: nas escolas, lares, locais de trabalho e outros espaços comunitários, preconizados pela Conferência de Ottawa.

Em Adelaide, a participação comunitária aparece como um elemento importante na responsabilidade pela saúde ao lado de governos e setores sociais. Em Sundsvall, é referendada a necessidade da capacitação das pessoas para a tomada de decisões, sendo que em Bogotá além de entendê-la na mesma dimensão da carta de Ottawa, chama a atenção para a necessidade da participação das mulheres. Jacarta segue as orientações de Ottawa na medida em que fala do direito de voz, tomada de decisão, e o desenvolvimento de habilidades pessoais.

A universalidade e o acesso aos sistemas nacionais de saúde são referências encontradas em todas as Conferências e Reuniões, considerando a Atenção Primária em Saúde como porta de entrada para os sistemas de saúde.

A iniquidade também é um tema importante, sendo que a ênfase maior para a América Latina é feita na declaração de Bogotá quando sugere como um *locus* de desigualdades, atribuindo a responsabilidade aos programas das políticas de ajuste macroeconômico. As Conferências e Reuniões indicam que a equidade só é possível na medida em que a pesquisa social, biomédica, de serviços de saúde e da experiência em saúde pública desenvolverem métodos e tecnologias práticas para a atenção à saúde, assim como, tiverem como parceiro/aliado o próprio desenvolvimento econômico e social, bem como, a formação de uma rede de solidariedade entre os países e dentro deles, criando infra-estrutura adequada para Promoção da Saúde.

As orientações gerais e compromissos sugerem uma transferência dos recursos financeiros para a Promoção da Saúde, assim como, há necessidade de considerar o cuidado, o holismo, a ecologia e o meio ambiente como elementos importantes e essenciais ao desenvolvimento de estratégias para a Promoção da Saúde.

É possível perceber que existe um movimento crescente em termos positivos nas Conferências e Reuniões internacionais sobre Promoção da Saúde, na medida em que percorre desde a ampliação do conceito de saúde, fazendo as correlações deste com os diversos setores sociais impulsionadores do desenvolvimento econômico, político, cultural e social, até a dimensão individual e coletiva na atenção à saúde das populações. Também deve haver uma responsabilidade sobre a saúde partilhada com as comunidades, governos e dirigentes.

Outro fator importante a comentar se refere ao fato de que a Carta de Ottawa representa um marco importante para a Promoção da Saúde, percebendo que todas as Declarações e Reuniões pós-1986 tem como referência essa conferência, que além de traçar os rumos para a Promoção da Saúde, é um referencial importante no desenvolvimento de inúmeras experiências que tem como eixo de trabalho a Promoção da Saúde.

É possível também perceber que um dos grandes eixos que orienta para o sucesso no desenvolvimento de políticas públicas é a Promoção da Saúde e a participação comunitária, mas para isso é necessário o desenvolvimento de sujeitos sociais para o exercício do direito e da cidadania.

Retomando as idéias de CARVALHO (1995), o autor comenta que a medida em que avançam as experiências no campo da saúde pública nas diversas regiões do país, também se acirra o processo de degradação das condições de vida da população brasileira, e nesse contexto, mediado pelas investidas no campo da saúde via Atenção Primária em Saúde, sindicatos, associações, movimentos estudantis dentre outros, eclodem os movimentos sociais urbanos. Chama-nos atenção que nesse contexto, com o aprofundamento da crítica ao modelo de desenvolvimento, existe uma mudança

substancial para um novo referencial teórico, onde a categoria **comunidade** deixa espaço para a categoria **povo**⁵.

Para ele, essa nova conotação era uma clara evidência de que a participação não ficaria mais restrita como “legitimação” do poder central, mas tinha o intuito de inseri-la na dinâmica social, ou seja, a participação deixa de mera dimensão técnica e prática para uma dimensão política, significando luta e contestação, que o autor chama de “combatendo” o Estado. Fora do espaço da saúde, a participação alcança o conjunto da sociedade e do Estado, e especificamente, é neste plano que procura a democratização da saúde, onde a universalidade abre um leque para o conjunto de direitos inerentes à saúde, assim como, avança na luta pelo acesso ao poder. (CARVALHO, 1995:21-23)

“Cruzam-se aí diversas modalidades de experiências, mais ou menos institucionalizadas, mais ou menos organizadas, envolvendo Igreja, associações, sindicatos, todos acoplados ao movimento, sendo portadores de propostas e projetos diversos, mas todos passando e comprometidos com a idéia da participação popular como um caminho de transformação política das práticas e do conjunto do sistema de saúde. (...) Abrem-se as condições para superação do maniqueísmo radical e nascem as possibilidades de interação, como alternativa ao confronto.” (CARVALHO, 1995:24)

CARVALHO (1995) comenta que junto ao período autoritário e pós este, emergem novos atores sociais que colocam em pauta as discussões das relações do Estado com a sociedade civil, o que vai requalificar o processo de participação, e que passa a englobar não apenas os sujeitos excluídos.

“Essa nova visão da participação, que aqui se denomina de participação social, (...) não se apresenta propriamente como proposta de

⁵ Segundo CARVALHO (1995), a designação de povo é referente aquela parcela da população excluída ou subalternizada no seu acesso a bens e serviços.

um sujeito social específico, mas vai ganhando o status de um modelo geral/ideal de relação Estado-sociedade. (...) A categoria central deixa de ser a comunidade ou povo e passa a ser a sociedade. A participação pretendida não é mais a de grupos excluídos por disfunção do sistema (comunidades), nem a de grupos excluídos pela lógica do sistema (povo marginalizado), e sim a do conjunto de indivíduos e grupos sociais, cuja diversidade de interesses e projetos integra a cidadania e disputa com igual legitimidade espaço e atendimento pelo aparelho estatal." (CARVALHO, 1995:25)

Segundo o autor o que assistimos nesses últimos anos é uma participação onde o caráter demagogo ou pedagogo cede lugar a uma participação como cidadania. E, uma característica importante para ele, é a institucionalização da representação da sociedade no arcabouço jurídico institucional do Estado. Há investidas de algum nível de responsabilidade de governo, a partir das Ações Integradas de Saúde - AIS, Constituição Federal, Lei Orgânica da Saúde, Conselho Municipal de Saúde - CMS, CLS.

Chama-nos a atenção que mesmo com o advento formal da participação, não se instaura automaticamente a igualdade de oportunidades de acesso ao poder, muito menos são eliminadas as desigualdades de potência reivindicatória entre os diversos segmentos sociais. Assim, para ele, nem por isso os setores majoritários deixam de barganhar seus interesses, nem os setores marginalizados têm suas necessidades sociais plenamente atendidas.

O autor denomina esta fase atual não mais de "legitimação" ou "combate" ao Estado, mas de "controle" sobre o mesmo, onde a idéia de participação denota uma oposição ao controle privado ou particular dos grupos influentes, com o intuito de assegurar "políticas de saúde pautadas pelas necessidades do conjunto social, e não somente pelos desígnios de seus setores mais privilegiados." (CARVALHO, 1995:28)

CARVALHO (1996) comenta que o atual quadro de morbimortalidade humana é fruto simultaneamente das próprias façanhas sanitárias e dos efeitos mórbidos da tecno-ciência, mas também reconhece os notáveis êxitos dessa na preservação no prolongamento da vida humana, competência tecnológica em prol de uma melhor saúde, vinculados ao campo médico, precisão de diagnósticos e terapêuticos, assim como, na educação, alimentação, dentre outros.

Comenta que a situação emergente vem configurando uma outra realidade sanitária, mais complexa, e com necessidades que exigem eventos de maior atenção no campo da atenção à saúde e à vida. Esse quadro, indubitavelmente, é um campo que direciona não mais para a doença como eixo, mas toma a saúde como norteador do planejamento das políticas públicas e sociais.

DEVER (1988) relata em seus estudos que o estilo de vida e ambiente têm-se constituído em um complexo mórbido onde as causas e os efeitos se confundem e se sintetizam e são resultantes da própria conduta em relação à alimentação, estresse, poluição, violência e sedentarismo, elementos indissociados da cultura e sociedade. Não se refere a fatores de risco, mas a situações complexas onde o risco não é mais externo, mas inscreve com ele num complexo de múltiplas dimensões - biológica, social, e cultural, e que, portanto, exigirá os aportes de novas disciplinas para o entendimento e compreensão da singularidade do sujeito individual e coletivo.

Assim, os desafios para a área da saúde parecem constituir-se na busca de propostas que sejam factíveis e de impacto sob o ponto de vista epidemiológico sobre as necessidades da população, redimensionando a atenção às políticas de saúde, de modo que contemplem os aspectos de promoção, prevenção, reabilitação da saúde, e que promovam antes de tudo, a cidadania dos sujeitos.

Mas que também busquem novas relações com outros saberes/disciplinas que proporcionem a clareza necessária para o entendimento dos aspectos de vida e de inserção do sujeito e das coletividades no contexto social.

Para LEFÈVRE (2000) a Promoção da Saúde tenta resgatar um dos principais objetivos da saúde pública ou da saúde coletiva, quando tem como meta não apenas afastar a doença do doente, mas sim, busca tomar como seu objeto fundamental atuar sobre os determinantes que fazem parte da raiz das doenças.

“A Promoção da Saúde deve então ser vista como uma intervenção no meio ambiente, nas cidades, nas instituições, na mente (nos comportamentos, hábitos, representações, atitudes, crenças) das pessoas que, tendo com horizonte ou utopia diretora a minimização dos fatores causais associados à doença em geral e à morte prematura, tenha como meta contribuir para a minimização permanente ou progressiva de determinada doença ou conjunto de doenças, ou condições associadas (hipertensão, por exemplo) ou, ainda, não desejáveis (gravidez precoce, por exemplo) ou ainda, contribuir para a redução permanente de uma taxa particular de mortalidade (morte por homicídio entre adolescentes e jovens adultos, por exemplo)” (LEFÈVRE, 2000:2)

Comenta o autor que a Promoção da Saúde busca uma alternativa para se compreender a saúde e a doença, oferecendo espaços positivos para que indivíduos e coletividades obtenham saúde.

Nesse sentido, o autor chama atenção para que antes de qualquer incursão a respeito da Promoção da Saúde, é necessário que tenhamos claro que existe uma diferença conceitual importante em relação à prevenção e promoção, conceitos muitas vezes considerados como sinônimos ou equivalentes.

LEFÈVRE (2000), diz que a Promoção da Saúde adquire um caráter permanente, enquanto a prevenção é provisória. Assim sendo, considera que a Promoção da Saúde implica em

“(…) medidas ou conjunto de medidas, ou processos ou conjunto de processos, adotados antes do surgimento de uma dada ou de um conjunto de condições mórbidas com vistas a que tal condição não ocorra (ou que tenha diminuída a probabilidade de ocorrência) ou ocorra de forma menos grave ou mais branda nos indivíduos ou coletividades (...) visa à eliminação permanente ou pelo menos duradoura da doença porque busca atingir as causas e não apenas evitar que as doenças se manifestem nos indivíduos.” (LEFÈVRE, 2000:3)

Com relação à prevenção, diz o autor que sendo provisória, ela tem um caráter de intervenção frente a alguns agravos que podem acometer indivíduos ou coletividades, na medida em que, de posse de determinadas tecnologias, pode-se através de medidas de alcance individual ou coletivo, evitar que tal condição mórbida tenha diminuída sua probabilidade de ocorrência, ou ocorra de formas menos graves nos indivíduos ou coletividades, assim, a prevenção

“(…) é, desta forma, um termo que deve ser reservado para esta intervenção antes do surgimento da doença e, portanto, não deve ser confundida com Promoção da Saúde porque a prevenção será sempre uma intervenção provisória que terá de ser sempre repetida para que não ocorra a doença.” (LEFÈVRE, 2000:3)

Para o autor, reconhecendo que os indivíduos e coletividades necessitam ser tratados dos agravos, e que devem ser protegidos e proteger-se das doenças, comenta que, sempre que possível, as doenças devem ser erradicadas, ou minimizadas dentro do meio em que surgem.

METODOLOGIA

PERCURSO METODOLÓGICO

A análise documental

Para QUEIROZ (1991) as fontes documentais constituem-se em escritos contemporâneos ou não, recortes de jornais, documentos históricos de variados tipos, registros, dados estatísticos e outros que permitam erguer o edifício da investigação. Para a autora, é sobre tais fontes que se realizará o procedimento primordial de toda a pesquisa, a análise, o que pressupõe decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, ou seja, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível com a síntese que se busca.

Nesse sentido, para compreender melhor a temática pesquisada, passamos por várias fases de leitura anteriores à própria definição desse objeto de pesquisa que ora apresentamos. Foi uma fase importante para esse pesquisador na medida em que diante do acervo documental que o programa oferecia, foi possível traçar algumas premissas a cerca das possíveis potencialidades desenvolvidas no interior do programa e que permaneciam adormecidas.

Para tanto buscamos entender, a partir de um acervo composto de jornais, dissertações de mestrado, síntese de livre-docência e artigos científicos, as concepções filosóficas propostas para o desenvolvimento do programa até a operacionalização das atividades cotidianas do PIC.

A inserção no contexto da pesquisa

Para iniciar o trabalho de campo, procuramos a representante local do PIC numa manhã em que estavam sendo realizadas as atividades do programa na praça José Mortari da Vila Tibério, conversamos sobre os objetivos da pesquisa e lhe explicamos todos os trâmites anteriores à entrada em campo. A representante apresentou-nos inicialmente ao professor de educação física e comentamos rapidamente sobre a pesquisa e que estaríamos a partir daquele momento iniciando o trabalho de campo através da observação.

Finalizadas as atividades de educação física, o professor solicitou que as pessoas ficassem um pouco mais, pois teriam alguns recados para serem passados. Para melhor traduzir a experiência desse primeiro dia, há aqui uma passagem da primeira observação que fizemos, mostrando a forma como fomos inseridos no contexto da pesquisa em campo.

"Ao término dos exercícios, o professor pega o microfone e convoca todas as pessoas a permanecerem mais um pouco e aproximarem-se mais. Todos aproximam-se e o professor chamou-nos junto a ele, apresentou-nos aos participantes e começa a falar sobre a nossa presença ali, explica em poucas palavras a finalidade de estar entre eles, comenta sobre a nossa pesquisa e pede-nos para falar um pouco mais.

Cumprimentamos inicialmente a todos com um bom dia! Agradecemos a ele por apresentar-nos à representante local do programa, falamos sobre nossa área de atuação e sobre a pesquisa. Falamos de uma forma sucinta sobre o que estávamos desejando pesquisar, dizendo que os acompanharia por algum tempo nas atividades que desenvolveriam na praça e fora da praça, mas que

também em algum momento, gostaríamos de estar nos inserindo junto a eles nessas atividades.

Sentimos que houve uma receptividade muito grande quando falamos isso. E que colocava-nos à disposição deles para qualquer esclarecimento sobre o trabalho, e que em outros momentos estaríamos mais perto de cada um, pois com certeza iríamos necessitar de alguns depoimentos. Finalizando, agradecemos a todos. Algumas pessoas vieram até nós e colocaram-se a disposição para o nosso trabalho, agradecemos pessoalmente a todas." (Obs. Nº 1)

Assim começamos a participação junto ao PIC da Vila Tibério, mas lembramos aqui, que na fala da representante local, existe um apelo à retomada de algum trabalho junto a essa comunidade, pedido que naquele momento ainda não conseguíamos vislumbrar muito bem, mas que com certeza estava aberto para o diálogo.

A observação participante

A tarefa do observador é extremamente árdua, exige um trabalho de dedicação profícuo, pois ao contrário do que se imagina, a observação não é um método simples, ela faz parte de um conjunto de sinais e símbolos que muitas vezes não é apreendido pelo que é dito ou pelo que é expressado pelas pessoas. Nesse sentido, TRIVIÑOS (1992), chama a atenção que "Observar", não é simplesmente olhar.

"Observar um 'fenômeno social' significa em primeiro lugar que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc. Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus

aspectos aparentiais e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinanismos, de relações etc.” (TRIVIÑOS, 1992:153)

O trabalho de observação exige na maioria das vezes uma retomada ao processo inicial da investigação, ou seja, aquilo que foi ou é observado não é estático, pelo contrário, é dinâmico na sua amplitude e magnitude. Um trabalho que exigirá retomar o cenário, sempre que for necessário, em todas as circunstâncias, aliado ao bom senso do observador, pois tudo aquilo que um dia foi observado, e tomado como tarefa cumprida, em outro momento em um mesmo cenário – e aqui tomo o cenário como dialético⁶ – passível de mudanças e de explicitação de contradições.

Quando apontamos que o cenário é dialético e pode apresentar contradições no observado, falamos de algo que é intrínseco ao ser humano, nas relações que são estabelecidas nos grupos e pessoas, a idéia de “movimento dialético”, que LALONDE (1996) define como “ao trâmite do espírito que passa de uma idéia para outra em virtude das relações de participação, de implicações ou de oposição que as unem”. Um movimento, portanto, que estabelece uma gama de potencialidades na diversidade do conjunto do grupo e que expressa todas as suas magnitudes.

TRIVIÑOS (1992), comenta que um elemento importante para a observação é a amostragem do tempo, pois com ela é possível ter uma certa segurança em relação ao que estamos olhando e o produto final do que é observado, ele define a amostragem do tempo como “processo de escolha dos dias e jornadas de trabalho”, e refere que é importante que observemos por períodos temporais, não determinados pelo tempo,

⁶ Uso o termo dialético na definição marxista que atribui o sentido de *movente, progressivo, em evolução* discutido por LALONDE, A. no Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia. Martins Fontes, São Paulo, 2ª ed. p.256. 1996.

estipulado pelo pesquisador, mas pelo esgotamento das possibilidades de apreensão do tema em investigação.

No início do trabalho de campo, nos primeiros contatos com o grupo, a idéia inicial era de que seríamos apenas um observador externo ao grupo, período que se estendeu por alguns dias. Foi uma fase importante para o aprendizado enquanto pesquisador, mas sentíamos que havia algo estranho, uma certa dificuldade do grupo em manter-se à vontade.

Mesmo mantendo um distanciamento geográfico do grupo, percebíamos que os comportamentos se modificavam na medida em que se sentiam observados, mudavam as atitudes em determinadas atividades, escamoteavam ou procuravam não demonstrar o que estava sendo realizado, ou mesmo deixavam de realizar o que estava sendo proposto.

Algumas pessoas se deslocavam até onde nós estávamos para realizar perguntas como: “e aí já escreveu sobre mim? O que você está anotando sobre nós? Porque você escreve tanto? Posso saber o que escreveu agora?”

Eram questões não raras no grupo, uma curiosidade que pode levar os sujeitos a ter uma postura diferente do habitual, produzindo alterações que podem comprometer os verdadeiros sentidos expressos pelas pessoas ou pelo grupo.

Em todos os momentos em que houve essa abordagem, sempre procuramos esclarecer que a finalidade das nossas anotações não era direcionada exatamente a determinadas pessoas do grupo, mas que procurávamos entender como o grupo se manifesta no trabalho coletivo, ou nas atividades que eram realizadas no local. E para diminuir uma certa preocupação presente nas pessoas, oferecíamos os nossos escritos para ler, ou então líamos as anotações para aquelas pessoas que tinham alguma dificuldade na leitura.

Ao mesmo tempo, embora ainda considerado um tempo muito exíguo de observação, percebíamos que qualquer possibilidade maior de vínculos estaria limitada se nos mantivéssemos externo ao grupo, pois o máximo que algumas pessoas faziam quando de uma aproximação era responder vagamente o que perguntávamos, as dificuldades para criar alguns vínculos era notória.

Assim, voltamos novamente aos referenciais teóricos metodológicos para melhor elucidar nossas preocupações, e encontramos em TRIVIÑOS (1992) algumas luzes para as dúvidas.

"Um das situações mais difíceis que se apresentam ao pesquisador que quer estudar a realidade social que se está processando, que está ocorrendo, é a de definir com clareza a sua função. Ele é uma pessoa que deseja conhecer aspectos de vida de outras pessoas. Estas, como todos os grupos humanos, têm seus próprios valores que podem ser muito diferentes dos valores dos pesquisadores. (...) Se de improviso, chega a um grupo um investigador interessado em falar com a gente, recolher informações, visitar casas, os locais de trabalho, trocar idéias com os vizinhos etc., pelo menos torna-se um indivíduo que desperta curiosidade, ou suspeita. Este é um momento crucial para a sorte da pesquisa que está em mente. Devem-se tomar resoluções que podem ser vitais para o futuro do trabalho." (TRIVIÑOS, 1992:141-142)

Isso ajudou-nos a ver que a observação sofre as influências com a presença do observador em campo, fato que já estávamos sentindo, pois o fato do observador ficar externo ao campo de pesquisa altera o cenário dinâmico a que venho me referindo. O observador é sempre uma presença estranha no cotidiano do trabalho dos grupos ou das pessoas.

Circunstanciado pelas preocupações decorrentes em manter um elo afetivo maior, tomamos a decisão de mudar a forma de observação.

E o fato determinante foi um convite para que o PIC da Vila Tibério participasse de um Dia de Integração, promovido pelo SESC.

Vejamos um pequeno trecho de um relato do primeiro dia em que passamos a usar a técnica de observação participante.

"Como ponto fundamental deste dia acreditamos que passamos para uma outra etapa do trabalho, de um simples observador a um participante ativo das atividades do grupo. E hoje foi diferente, pois a maioria do tempo permanecemos realizando atividades como o grupo, e poucas foram as vezes que paramos para anotar alguns pontos. E as poucas vezes que o fizemos não gerou nenhum tipo de pergunta.

Com certeza a observação participante é desafiadora, pois em primeiro lugar precisamos assumir uma postura diferenciada daquela de observador externo. Foi necessário que olhássemos para as atividades do grupo como atividades nossas também, e para além disso, era necessário que não perdêssemos de vista a dimensão da observação e de guardar na memória o que ia passando.

Sentimos que fomos aceitos de outra forma no grupo, pois houve uma diferença na relação com os componentes que estiveram nas atividades em que ficamos envolvidos, percebemos que o grupo deixou de ver-nos como simples espectadores. Também sentimos um novo desafio: o compromisso com o grupo e a responsabilidade como pesquisadores em responder as demandas que surgirem de ambos aos lados." (Obs. N.º 8)

Assim, ao assumir outra postura no grupo, sentimos que a responsabilidade aumenta, pois a partir daí algumas coisas que fazem parte do cotidiano desse grupo, também farão parte das nossas atividades, é necessário saber discernir quais os momentos em que vamos agir como membro efetivo do grupo e em quais precisaremos manter um certo distanciamento como pesquisador.

Acreditamos que trabalhar com a observação participante significa ainda entendermos que não somos isentos de neutralidade. Mas, sobretudo, nós estamos interagindo com aquilo que é observado, ou com aquilo que desejaríamos observar. Portanto, nenhum observador participante consegue estar em neutralidade quando em interação com o seu objeto de pesquisa. Podemos numa fase de observação ser imparciais em juízo de valor, mas não neutros.

TRIVIÑOS (1992) comenta o grau de responsabilidade quando o pesquisador assume a função de observação participante.

"Na pesquisa qualitativa participante, o investigador, sem dúvida, é um sujeito engajado no processo de melhoria de vida se algum grupo ou comunidade. O ser neutral é um traço apenas observável para aqueles eventos que escondem interesses mesquinhos, subalternos, egoístas, de ganho pessoal etc." (TRIVIÑOS, 1992:142)

MINAYO (1993) também chama a atenção para que o que se precisa é diminuir ao máximo a emissão de juízos de valor na pesquisa, e é preciso que o pesquisador das ciências sociais tenha consciência de que a neutralidade não existe.

"É preciso aceitar que o sujeito das ciências sociais não é neutro ou então se elimina o sujeito no processo de conhecimento (...) da mesma forma, o 'objeto' dentro dessas ciências é também sujeito e interage permanentemente com o pesquisador." (MINAYO, 1993:35)

TRIVIÑOS (1992) também, relata a necessidade do pesquisador estar imerso na pesquisa dizendo que o pesquisador deve estar atento a uma série de detalhes, pois muitas vezes é o pequeno detalhe, surgido inesperadamente ou não, o que revela o primordial do mundo social que se está estudando. Comentando ainda que essa habilidade só é conseguida pelo próprio pesquisador que possui

amplo domínio do assunto e o aprofundamento necessário sobre a teoria geral que orienta o seu trabalho de campo.

No entanto, para o processo de observação é necessário que nós tenhamos um eixo condutor para orientar e possibilitar uma maior apreensão daquilo que estamos buscando. E nesse sentido, para esse trabalho de campo, construímos um prévio roteiro com os seguintes itens:

- A abordagem dos executores do programa em relação ao usuário, desde o início ao final das atividades propostas para o dia, percebendo a identificação, interlocução, envolvimento, motivação, dentre outros.
- A abordagem do executor na perspectiva individual e coletiva que determinam ações promocionais.
- A relação dos usuários frente às ações dos executores.
- Relação sujeito/sujeito durante o transcorrer das atividades do programa

Ao todo foram efetuados vinte e sete relatos de observações, com um total de setenta e três horas assim distribuídas: quarenta horas foram relatadas a partir das atividades físicas do grupo na praça José Mortari da Vila Tibério, atividades que ocorrem nas manhãs de segundas, quartas e sextas-feiras, no horário das 7 às 8 horas. As outras cinqüenta e três horas estão divididas entre os Bailes do Círculo Operário, que ocorrem todas as quintas-feiras das 17 às 22 horas, em um salão na Vila Tibério; nas Olimpíadas do PIC - Olympic, um campeonato anual que ocorre próximo ao final do ano, e que congrega todos os PICs da cidade; Dia de Integração, que foi uma atividade de lazer e entretenimento promovida pelo SESC em sua sede campal; Bingos na Sede, local onde é a sede do PIC da Vila Tibério em que se realizam algumas atividades para angariar fundos à manutenção do grupo; e Gincana na Cidade de Matão, uma

gincana em que o grupo foi representando a cidade de Ribeirão Preto e disputou com a cidade de Monte Alto.

O período de observações iniciou em agosto de 1999 até fevereiro de 2000. Cabe salientar que esse tempo foi tomado como espaço para materializar os relatos da observação participante, porque a nossa atividade junto ao grupo continua até os dias de hoje. Os vínculos, as questões éticas e o compromisso frente ao grupo têm sido um exercício contínuo e de inigualável fonte de aprendizado.

A entrevista semi-estruturada

QUEIROZ (1991) comenta que a entrevista é a forma mais antiga e mais difundida de obter-se dados orais, e nas ciências sociais ela é considerada como uma técnica de excelência. Supõe uma conversação que flui entre informante e pesquisador, sendo o tema abordado o que geralmente conduz a uma necessidade investigatória do pesquisador. Assim sendo, o pesquisador tem a tarefa de conduzi-la, podendo seguir um roteiro previamente estabelecido, ou operar aparentemente sem o roteiro, porém, procurando uma congruência e uma sistematização no assunto de interesse do pesquisador.

Para a autora, a captação dos dados decorre de uma maior ou menor habilidade em orientar o informante sobre o tema, pois é ele que conhece o acontecimento, suas circunstâncias, as condições atuais e históricas, ou por tê-lo vivido ou estar vivendo a experiência. A entrevista permite, dessa forma, apropriar-se de dados originais, ou complementar outros dados obtidos de outras fontes. Ela está sempre em todas as formas de coletas dos relatos orais, implicando sempre um colóquio entre pesquisador e narrador.

TRIVIÑOS (1992) relata que a entrevista semi-estruturada é uma das melhores formas de coleta de dados pois é

“(...) aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.” (TRIVIÑOS, 1992:146)

Assim com a compreensão da temática pode o pesquisador iniciar com uma questão norteadora sobre o tema, e posteriormente, conforme as informações foram sendo repassadas, e considerada a necessidade de apreensão do tema proposto, poderá inferir na condução das respostas através de outros questionamentos, sem que isso caracterize uma indução ou a um juízo de valor, cabendo ao pesquisador a obrigação profissional e ética de ouvir tudo que é descrito com a maior atenção.

Nesse trabalho investigatório a questão norteadora que conduziu a entrevista semi-estruturada era: “gostaria de saber quanto tempo você participa e como ficou sabendo do PIC?” A pergunta tinha o intuito de conhecer do informante a sua inserção no grupo, e na medida em que a entrevista transcorria, outras questões surgiriam em decorrência da informação que era prestada, uma maneira de obter o máximo de informações fidedignas possíveis. É interessante acrescer que, nem todos os informantes mantinham uma mesma linha de pensamento, uma diversidade de informações aparecia, em virtude de que a forma de participação determina o seu papel no cotidiano do grupo.

Um cuidado que é expresso por TRIVIÑOS (1992), para que o pesquisador tenha sucesso na entrevista semi-estruturada, é o prévio conhecimento da temática a ser pesquisada, esse fator, é reiterado

muito pelo autor, na medida em que facilita a obtenção da informação dentro da seqüência lógica expressa no pensamento do informante.

Esse também foi um fator importante para essa pesquisa, na medida em que antes de ter esse programa como foco investigativo, tivemos a oportunidade de realizar muitas leituras e fazer algumas discussões sobre, e de conhecer o programa de uma forma muito informal, acompanhando por duas vezes as Olimpíadas em anos anteriores. Esse conhecimento prévio foi decisivo para a escolha do PIC da Vila Tibério como objeto de investigação quando do direcionamento do projeto para a área de Promoção da Saúde.

Definir os sujeitos participantes da pesquisa não foi uma tarefa fácil, e acompanhou grande parte do período em que foi realizada a observação participante, esse percurso foi importante, pois buscava conhecer melhor os usuários do programa.

Esse cuidado na escolha dos depoentes segue uma lógica importante para o sucesso da entrevista, especialmente quando o foco de pesquisa tem como eixo o desenvolvimento de algum fenômeno social, e para tanto, SPRADLEY *apud* TRIVIÑOS (1992) sugere que se atente a alguns requisitos fundamentais para a qualidade da entrevista, centrada especialmente: na antigüidade e envolvimento desde o começo no fenômeno que se quer estudar; e conhecimento amplo e detalhado das circunstâncias que têm envolvido o foco em análise.

Ao longo da observação participante fomos fazendo contato com as pessoas tentando identificar o tempo que cada um estava adstrito ao programa, e nesse caminho também contamos com a ajuda da representante local para a indicação dos sujeitos. Mas teríamos que seguir alguns critérios apontados acima por TRIVIÑOS (1992), e isso foi motivo de muitas conversas, uma vez que havia a necessidade de que fizessem parte da pesquisa as pessoas que há

mais tempo e assiduamente participavam das atividades locais, e que de alguma forma o programa tinha contribuído em suas vidas.

Consideramos que a fase da observação participante foi determinante para a definição dos sujeitos. Havia também uma preocupação em relação ao número de pessoas a serem entrevistadas, pois quando os usuários perceberam que seriam realizadas entrevistas com alguns membros do grupo, muitos vinham até a nossa pessoa e ofereciam-se como voluntários para depor, fato que preocupava-nos, pois nem todos que queriam participar tinham vivência longa no programa. Foi necessário agradecer a muitos pela disponibilidade e explicar minuciosamente os critérios para inclusão na pesquisa.

Ao todo foram vinte entrevistas com usuários do programa, e quatro com pessoas que detêm ou detiveram forte influência sobre o processo de criação, organização, e de elaboração das várias atividades em que o grupo hoje está inserido. O período de entrevistas estendeu-se de meados de novembro de 1999 a junho de 2000.

O local de estudo

A SMSRP, na sua organização do campo da saúde⁷, tem a finalidade de compatibilizar as necessidades advindas do crescimento do município com a melhora do acesso da população aos serviços de saúde.

É composta por 05 regiões, denominadas de Distritos de Saúde, localizados nas regiões Norte - Distrito de Simioni, Sul - Distrito de Vila Virgínia, Leste - Distrito de Castelo Branco, Oeste - Distrito de Sumarezinho, e Região Central - Distrito Central.

Os Distritos de Saúde são regiões com áreas e populações definidas a partir de aspectos geográficos, econômicos e sociais,

⁷ Dados obtidos a partir do PLANO DE SAÚDE DE RIBEIRÃO PRETO. Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, Secretaria da Saúde. 1999.

agrupando várias UBSs e outros Equipamentos Sociais. A distribuição das Unidades em Distritos tem como finalidade oferecer um atendimento básico na área médica, odontológica e de enfermagem.

A SMSRP conta hoje com cinco Unidades Básicas Distritais de Saúde – UBDS, vinte e seis UBSs, uma Unidade de Saúde da Família - USF, um Ambulatório Regional de Especialidades - NGA, um Ambulatório Regional de Saúde Mental e dois Núcleos de Assistência Psicossocial.

Na atenção à saúde da população conta com vinte e um programas que seguem as diretrizes do Ministério da Saúde e Secretaria Estadual de Saúde.

Dentre esses programas encontramos o PIC. O referido programa encontra-se implantado em 23 das 26 UBSs.

O Primeiro PIC a ser implantado foi o da Vila Tibério no dia 22 de novembro de 1993. Portanto, o mais antigo da SMSRP, e que especificamente aqui, é o objeto de estudo. O PIC da Vila Tibério já teve cadastrado cerca de 250 usuários, hoje, por intermédio de duas bolsistas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, orientadas por esse pesquisador, está sendo realizado um novo cadastramento dos participantes do programa.

Os sujeitos da pesquisa

A definição dos sujeitos percorreu o período em que foi realizada a observação participante. Este percurso foi importante, pois buscava conhecer melhor os usuários do programa. Nesse, fomos fazendo contato com os participantes tentando identificar o tempo que cada um estava adstrito ao programa. Para tanto, contamos com a ajuda da líder local. Ela indicava sempre as pessoas que por mais tempo e assiduamente participavam das atividades locais e que, de alguma forma o programa tinha contribuído em suas vidas. O conhecimento prévio de situações privadas permitiu essa

indicação, embora a extensão do benefício à pessoa não era de todo conhecido da liderança local, pelo menos não o era relatado.

Os primeiros contatos para agendar as entrevistas sempre foi um período de longas conversas para explicar exatamente o que estávamos querendo fazer em relação à pesquisa. Embora houvesse uma disponibilidade de participar, havia sempre as dúvidas quanto ao sigilo.

Os nomes que apresentamos a partir de agora são fictícios, extraídos da mitologia, e têm a finalidade de manter acordado o termo de anuência que foi assinado por todos participantes e que previa o sigilo na identificação do sujeito pesquisado.

Tisbe tem 64 anos, solteira, relatou-nos por ocasião da entrevista que sempre trabalhou desde muito jovem na lavoura de café e que depois da adolescência veio para a cidade de Ribeirão Preto acompanhando a mesma família da qual já vinha trabalhando de empregada doméstica. Por mais de 40 anos permaneceu morando na casa dos patrões. Mas que sempre tivera um desejo de morar sozinha, fato que nunca pode realizar devido aos poucos rendimentos mensais. Após a aposentadoria é que finalmente pode realizar tal desejo, isso porque além da aposentadoria da Previdência Social, R\$136,00 reais, permanece trabalhando na mesma casa e percebendo um salário de R\$100,00 reais pelo trabalho que executa das 7:30min às 20h de segunda a sábado e aos domingos quando a patroa necessita para realizar o almoço e deixar a cozinha em ordem.

Diz que ficou sabendo do PIC na primeira semana de início do programa, há de seis anos, e que foi por intermédio de seu patrão que a avisou que na praça tinha algumas mulheres realizando exercícios físicos. Disse que para ela é uma felicidade levantar cedo na segunda, quarta e sexta-feira e que por ela poderia ter todos os dias. Relatou que foi após a aposentadoria que

começou a sair para realizar alguma atividade em prol de sua pessoa, pois antes somente vivia para trabalhar, e as saídas que realizava era geralmente para realizar cursos de culinária. A entrevista foi realizada em uma noite de sábado, depois de um dia de trabalho e após ter regressado da missa, na sua pequena casa de dois cômodos e da qual possui um orgulho imenso em poder dizer que esta é sua residência.

Helena de 63 anos é casada e dona de casa. Segundo ela, sempre trabalha em casa cuidando do marido e dos filhos, e depois que os filhos casaram, ainda ajudou por muitos anos a olhar os netos e somente há cerca de 3 anos é que começou a participar das atividades do PIC, pois parou de ajudar a cuidar dos netos. Segundo ela, via as pessoas caminhando pela praça e por curiosidade entrou no programa. A entrevista foi realizada em uma manhã de quarta-feira na praça, logo após as atividades do programa.

Camila tem 70 anos, participa do programa há seis anos e sempre foi dona de casa. Diz que sua vida sempre foi assim, serviço de casa e quarto de costura para auxiliar no orçamento da casa. Quando ingressou no programa tinha em torno de trinta pessoas e quem indicou foi a enfermeira da UBS local, mas não deu muita importância de imediato à indicação da profissional. Mais tarde em uma nova consulta na mesma UBS, a médica novamente convidou a ingressar no programa, frente a insistência acabou entrando e segundo ela, nunca mais parou. Fez questão de conceder-nos a entrevista em sua residência numa terça-feira à tarde.

Sila tem 54 anos e é dona de casa, freqüenta o programa há três anos e meio. Diz considerar-se muito tímida, e por isso teve muita dificuldade de ingressar no programa. Quando trabalhava fora sempre passava pela praça e via as atividades do PIC, mas depois que parou de trabalhar tinha muita vontade de entrar no programa, mas sua timidez não lhe permitia. Foi por intermédio de

uma cunhada sua, que freqüentava o PIC, que sentiu-se fortalecida para ir à praça, a partir daí nunca mais parou. A entrevista foi realizada em sua residência numa quarta-feira à tarde.

Ceres tem 58 anos, é dona de casa e contou-nos que participa do programa há 4 anos, relata que antes de entrar no PIC tivera várias internações hospitalares, e que chegou a tal ponto que resolveu dar um basta. Durante uma noite pensou muito e pela manhã resolveu procurar alguma ginástica que se realizava na praça, o primeiro local que buscou foi no bairro Ipiranga, onde se desenvolvia a ginástica “geração saúde”, ficou algum tempo por lá e depois veio para a Vila Tibério e gostou tanto que nunca mais deixou de participar. Concedeu-me entrevista na praça do PIC logo após as atividades numa segunda-feira.

Aglae tem 64 anos, aposentada, e ingressou no programa quando tinha apenas 5 pessoas, diz que antes de entrar no PIC chegava a se perguntar: “se aquelas mulheres não tinham o que fazer em casa?” Ao invés de ficar brincando com uma bolinha na praça. No entanto, ao realizar uma consulta na UBS local, a médica indicou a ginástica dizendo que ela faria bem a sua saúde. Relata também que recebeu a mesma orientação da sua psicóloga, e a partir daí nunca mais deixou de participar do programa. A entrevista foi realizada em sua residência em uma sexta-feira à tarde.

Talia hoje tem 67 anos, pensionista, e segundo seu relato foi uma pessoa que se dedicou à família, cuidou de vários parentes doentes fato que a deprimiu muito. A decisão de participar do programa foi circunstanciada pelos inúmeros convites que recebeu de suas amigas que já o freqüentavam. Sua entrevista foi realizada em sua residência num sábado à tarde.

Flora começou no programa através do convite de sua irmã para realizar uma caminhada ao redor da praça, é pensionista e tem 69 anos, freqüenta-o há seis anos. Fez questão de frisar que sua

inserção no programa não foi por doença, mas por um desejo de participar de um grupo, pois se sentia muito solitária. Fez questão de realizar a entrevista em sua residência num sábado à tarde.

Hebe relata que é uma das pioneiras do programa, tem 62 anos, é dona de casa, e o ingresso no PIC foi pelo convite de uma amiga, que participou por algum tempo ainda das atividades do programa. Diz que continuou a participar porque achava que poderia fazer bem para a sua saúde, pois era hipertensa e tomava pelo menos duas vezes ao dia os anti-hipertensivos. A entrevista foi realizada em sua residência conjuntamente com seu marido numa quinta-feira à tarde.

Ísis tem 75 anos, aposentada, participa do programa há mais de cinco anos, disse que sua curiosidade foi aguçada quando ao passar uma manhã deparou com algumas pessoas realizando atividades físicas. Foi conversar com uma das pessoas que estava lá e quis saber do que se tratava. Foi lhe explicado o que era e que a forma de ingressar era a partir da inscrição junto a uma das monitoras. Diz que logo gostou do que era realizado ali, mas conversou posteriormente com seu médico na UBS para ter certeza que poderia continuar, recebendo o apoio do mesmo. Concedeu-nos entrevista na sua residência em uma quinta-feira à tarde.

Aristeu tem 76 anos, aposentado há 15 anos, e participa do programa praticamente desde o início e relata que foi por curiosidade que entrou no PIC, via as pessoas caminhando e fazendo ginástica na praça. Relata que tem algumas dificuldades para realizar alguns exercícios, mas sempre vai e faz o que pode, para ele o maior prazer é estar no meio das pessoas e apoiar as que necessitam de estímulos. Sua entrevista foi realizada em sua residência numa quarta-feira à tarde.

Leda tem 53 anos, dona de casa, participa do programa há seis anos, sempre tivera desejo de fazer alguma coisa diferente, mas nunca teve oportunidade, foi através da médica da UBS que

soube do PIC e quem a encaminhou, diz que mesmo antes da indicação, já tinha visto as pessoas na praça, mas por inibição não havia entrado ainda. O PIC chegou na hora certa, segundo seu relato, pois estava com o colesterol muito elevado e precisava fazer alguma coisa para ajudar a controlar. A entrevista foi realizada na pequena sede do PIC conjuntamente com outras duas colegas do programa numa tarde de terça-feira.

Heles tem 49 anos, dona de casa e está participando do PIC há cinco anos, ficou sabendo do programa através de uma amiga, que a incentivou a ingressar nas atividades. Diz que antes de entrar no PIC já caminhava e sempre achava esquisito as pessoas andando com um cabo de vassoura na mão. Sua curiosidade foi aguçada a ponto de perguntar a sua amiga o que ocorria na praça, foi convidada e nunca mais saiu do programa, é uma das responsáveis pela organização do bazar. A entrevista foi realizada na pequena sede do PIC numa terça-feira à tarde, junto com outras duas colegas.

Lavínia tem 42 anos, é dona de casa, comenta que seu ingresso no programa foi devido ao fato de que juntamente com outras pessoas ficavam vigiando a UBS, num período em que havia algumas dificuldades no atendimento e acesso no local, isso permitiu que ela conhecesse o PIC por curiosidade, há cerca de cinco anos participa das atividades e nunca mais saiu, uma das criadoras do bazar. Concedeu-me entrevista numa terça-feira à tarde, na sede do PIC, junto com outras duas colegas.

Lucina é dona de casa e tem 61 anos, participa do programa há seis anos, reside perto da praça e sempre via as pessoas participarem do PIC, mas precisou vencer a inibição para entrar no programa, e foi se juntando às pessoas que caminhavam para sentir-se fortalecida e participar das atividades. Sua entrevista foi realizada numa tarde de terça-feira em sua residência.

Tétis participa do programa há seis anos, tem 55 anos, é dona de casa, ingressou por volta de seis meses após ter iniciado as atividades do PIC. Ficou sabendo do PIC através de seu filho, que a incentivou a fazer ginástica, porém, segundo relata ofereceu forte resistência ao convite, pois achava ridículo ir para a praça fazer ginástica. Mas por ocasião de uma consulta na UBS local o médico fez a indicação do PIC, o primeiro contato com o grupo foi o suficiente para não deixar mais o programa. A entrevista foi realizada numa manhã de sexta-feira, na praça, após as atividades do PIC.

Árion tem 69 anos e é aposentado, segundo ele, faz quatro anos que participa do PIC, e o convite foi feito por um amigo. Gostou de participar e segue regularmente as atividades do grupo, relata que o grupo lhe faz muito bem e que isso foi determinante para realizar algumas coisas que há muito tempo desejava. A entrevista foi realizada em uma manhã de quarta-feira, na praça do PIC, logo após as atividades.

Cloé é pensionista e tem 62 anos, foi convidada inicialmente para participar do programa por uma amiga, ofereceu resistência e somente veio integrar-se ao grupo após algum tempo, quando por curiosidade e por outros convites de outra amiga entrou no programa, desde então, cerca de três anos, nunca mais deixou de participar das atividades. A entrevista foi realizada em uma tarde de terça-feira em sua residência.

Teseu é aposentado, participa do programa há cerca de seis anos juntamente com sua esposa, foi através de uma amiga que ficaram sabendo do PIC. Como mantinham uma atividade regular de caminhadas, a ginástica na praça veio auxiliá-los, relata que embora tenha 71 anos, sente-se muito jovem e disposto. A entrevista foi concedida em sua residência conjuntamente com sua esposa numa tarde de quarta-feira.

Dóris tem 63 anos, mas diz que de espírito tem 15, é dona de casa e começou a participar do PIC há cerca de seis anos, mais ou menos quando o programa tinha uns três meses de atividade. Foi para o PIC por intermédio de um convite de uma amiga que já estava participando. Relata que consulta sempre na UBS e seu médico a incentiva a continuar no programa. A entrevista foi realizada em sua residência em uma tarde de segunda-feira.

Níobe tem 65 anos é pensionista e começou no programa por indicação do médico da UBS local, diz que no início teve muita resistência para entrar no programa, mas que se sentiu fortalecida quando convidou algumas amigas para irem juntas, desde então, há cerca de seis anos, nunca mais faltou nas atividades do PIC. Segundo relata, sua maior resistência foi o marido, que achava que ela deveria ficar em casa. A entrevista foi concedida em sua casa me uma tarde de quarta-feira.

As entrevistas até aqui relatadas são de usuários do programa, as próximas, são depoimentos de pessoas que detêm ou detiveram forte influência sobre o processo de criação, organização, e de elaboração das várias atividades em que o grupo está inserido, e visam a ajudar nas discussões dos dados e na elucidação das dúvidas acerca das atividades gerais do programa.

Astréia tem 60 anos e foi uma das pioneiras do programa, e conjuntamente com seu marido ajudou no processo de organização do grupo, hoje é viúva e não participa mais do programa, alega que tem dois netos para cuidar e que não é possível mais dedicar-se as atividades do PIC, mas seu relato foi importante porque clareou inúmeras dúvidas em relação ao processo inicial de organização, e cuja experiência, acreditamos tenha desencadeado a auto-organização do grupo para o enfrentamento das dificuldades posteriores. Seu marido foi o primeiro líder local do grupo e sua

competência é referendada pelos entrevistados. A entrevista foi concedida em sua residência numa tarde de segunda-feira.

Têmis é a líder local, tem 53 anos e começou a participar do PIC quando ele já tinha em volta de seis meses. Diz que sua inserção no grupo foi por curiosidade mesmo, pois via as pessoas caminhando em volta da praça e uma manhã vencendo a timidez foi perguntar ao grupo do que se tratava. É dona de casa e dedica-se quase que exclusivamente ao programa. Sua entrevista é longa, porém, muito rica em detalhes do processo de organização do grupo, e foi concedida em duas tardes de sábado em sua residência.

Céfalo é o professor de educação física, tem 26 anos e participa do programa há cerca de seis anos, começou como voluntário, depois passou a ser bolsista, e finalmente, após graduado, foi contratado pelo PIC da Vila Tibério. Sua entrevista foi concedida em uma manhã, logo após as atividades do programa na praça. Sua fala é rica em detalhes concernentes aos benefícios da atividade física.

Aurora tem 61 anos e é a mentora do programa, seu *insight* para pensar o programa foi uma experiência pessoal, no qual deparou-se com a necessidade de adotar algumas medidas para melhorar a sua qualidade de vida, cuja experiência, segundo seu depoimento, foi muito difícil. Sua entrevista foi realizada em sua casa e apresenta uma riqueza de informações acerca das bases conceituais e filosóficas em que foi estruturado o programa.

O período de coleta de todos os depoimentos orais estendeu-se de novembro de 1999 a julho de 2000.

Procedimento Metodológico

Antes de proceder à ordenação dos dados foi realizada a transcrição literal dos vinte depoimentos orais totalizando um número de 246 páginas digitadas em espaço 1,5.

Buscamos como eixo de organização dos dados a orientação metodológica do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, uma nova abordagem na pesquisa qualitativa proposta por LEFÈVRE (2000).

Diz o autor que nas pesquisas de ordem qualitativa os pressupostos teóricos normalmente conseguem incorporar melhor na apreensão do objeto o significado e a intencionalidade que ocupam posições centrais na pesquisa social, e com maior clareza no discurso⁸ tanto dos sujeitos como de outras fontes: artigos de jornais, revistas etc.

“Fica fácil concluir que, pelo espaço que conferem aos discursos, as abordagens de corte qualitativo permitem a compreensão mais aprofundada dos campos sociais e dos sentidos neles presentes, na medida em que remetem a uma teia de significados, de difícil recuperação através de estudos de corte quantitativo, em que o discurso, quando está presente, é sempre reduzido a uma expressão numérica.” (LEFÈVRE, 2000:15-16)

Refere o autor que o pensamento coletivo não está ligado ao somatório dos pensamentos individuais, portanto, a uma representação numérica percentual, mas ao discurso da coletividade, ao imaginário social, as representações sociais, ao pensamento pré-existente.

A proposta do DSC visa, antes de tudo, a fazer as devidas correlações que a coletividade traz nos seus discursos e que carregam os valores intrínsecos, próprios da cultura, que estão presentes no cotidiano dos sujeitos sociais.

LEFÈVRE & LEFÈVRE (2000) comenta que o Discurso do Sujeito Coletivo foi a maneira que encontrou, e o grande desafio, para resgatar o discurso coletivo a partir dos discursos individuais.

⁸ Para LEFÈVRE(2000), o discurso deve ser compreendido pela presença de um sentido identificável, algo que *faça sentido* para uma determinada coletividade de receptores, claramente identificável.

A construção do DSC requer alguns passos na sua trajetória, que precisa ser cuidadosamente trabalhada para que o resultado final tenha uma representação fidedigna daquilo que foi pesquisado, ou de sua intencionalidade. Comenta o autor que o DSC é uma modalidade de apresentação de resultados de pesquisa da linha qualitativa e que tem como objetivo expressar o pensamento de uma coletividade, como se esta coletividade fosse

exatamente o emissor de um discurso único.

Nesse sentido, a proposta tem como finalidade analisar o material verbal coletado extraindo-se de cada um dos depoimentos orais as **Idéias Centrais** -IC- e as suas respectivas **Expressões Chaves** -ECH, e com essas duas, compor um ou vários discursos-síntese, que ele denomina de **Discurso do Sujeito Coletivo** - DSC.

A Idéia Central para LEFÈVRE & LEFÈVRE (2000) é entendida como "(...) a (as) afirmação(ões) que permite(m) traduzir o essencial do conteúdo discursivo explicitado pelos sujeitos em seus depoimentos". Ela, portanto, é a expressão lingüística que vai revelar ou descrever, de maneira sintética e precisa, o sentido e o tema das Expressões Chaves de cada um dos depoimentos orais. Para ele, as IC são sempre abstratas, conceituais, sintéticas frias, e presentes em pequeno número nos discursos.

Por isso, diz o autor, ela é um pouco difícil de ser percebida no contexto dos discursos, e muitas vezes é necessário passar o texto por uma minuciosa operação de identificação de temas, pois esse vai estar ligado justamente "sobre o quê" o sujeito está falando. Mas chama atenção o autor que numa mesma questão dentro de um discurso, pode haver muitos temas, e que às vezes se torna objeto de confusão ao pesquisador, sendo necessário, portanto, buscar identificar os vários temas que estão presentes em cada fase do discurso. E a partir daí extrair a Idéia Central.

Portanto, para efeitos de análise dos depoimentos, LEFÈVRE & LEFÈVRE (2000) diz que a IC poderia ser entendida como a "síntese do conteúdo discursivo verbalizado pelos sujeitos". As afirmações, negações e dúvidas a respeito da realidade presente, bem como os juízos de valor do cotidiano dos depoentes.

Para chegar aos temas propostos pelo autor, seguimos a orientação de MINAYO (1993), para ordenação através da análise temática, ou seja, "leitura flutuante e a constituição de um corpus". O que a

autora chama de núcleos de sentidos em seu texto, estaremos chamando apenas de temas. Assim, a cada entrevista realizamos uma leitura flutuante e exaustiva tentando perceber a cada retomada, os temas que emergiam com maior veemência e com maior frequência, destes, surgiram inicialmente treze temas comuns nas entrevistas.

Desvendando mais as entrevistas, percebemos que alguns temas mantinham uma determinada convergência, portanto, passíveis de serem agrupados, resultando ao final, sete temas a seguir apresentados na tabela abaixo, e que são objetos de discussões e análise neste trabalho.

1. Mudanças pessoais	2. Criatividade	3. Participação	4. Convívio social
5. Qualidade de vida	6. Liderança	7. Organização social	

Para se chegar à Idéia Central foi construída inicialmente uma premissa pelo pesquisador, a partir da leitura das entrevistas com relação aos temas surgidos, percurso que facilitou bastante para construção da IC, a partir da fala do próprio sujeito coletivo. Abaixo exemplificamos a tabela que construí seguindo as orientações desse percurso metodológico, chamamos atenção, nesse momento, para o tema e a Idéia Central.

Tema	Idéia Central
1. Mudanças pessoais	E.9 Eu era uma pessoa triste, inibida, solitária, mandada pelos outros. Participar do PIC, com as oportunidades de contato com outras pessoas e com as atividades que o programa oferece, fez minha vida mudar; mudou minha auto-estima Hoje sou uma pessoa feliz.

As Expressões Chaves, para LEFÈVRE & LEFÈVRE (2000), são fundamentais para a confecção do DSC, portanto, é necessário que sejam coletadas com o referido rigor e observação. Elas são constituídas pelas transcrições literais de parte dos depoimentos orais o que permitem o resgate daquilo que é essencial do conteúdo discursivo, e correspondem em geral às questões centrais da pesquisa.

Elas representam a veracidade do depoimento oral, que permite ao leitor realizar uma comparação entre um trecho selecionado com as afirmativas reconstruídas e de julgar pertinente ou não a forma de traduzir discursivamente a Ancoragem⁹ ou a Idéia Central.

O autor chama atenção para que é necessário ter cuidado na seleção das ECH, na medida em que há sempre uma tendência a selecionar quase tudo ou então quase nada das partes discursivas, sendo importante que ao selecionar uma ECH é bom depurá-la de tudo o que é irrelevante, inexpressivo, secundário, retendo o máximo possível da essência do pensamento tal como ela aparece no discurso analisado, ter sensatez ao decompor o discurso é uma recomendação do autor, pois tendo um material rico e significativo de ECH será fácil construir o DSC correspondente.

A próxima tabela exemplifica a forma como foi construída a Idéia Central a partir das Expressões Chaves que foram selecionadas das entrevistas, chamando a atenção à desparticularização da fala do sujeito.

1. Mudanças pessoais	
Idéia Central	Expressões-Chaves
Eu era uma pessoa triste, inibida, solitária, mandada pelos outros. Participar do PIC, com as oportunidades de contato com outras pessoas e com as atividades que o programa oferece, fez minha vida mudar; mudou minha auto-estima Hoje sou uma pessoa feliz.	E.9. Antes de conhecer o PIC a minha vida era triste , eu estava num fubá mesmo. Eu era mandada pelos filhos e pelo marido e pelas obrigações da casa , e, depois que eu comecei a participar , fui convivendo com as pessoas é que percebi que eu tinha que mudar . E.11 A gente fica mais vaidosa também se arruma mais! De primeiro a gente ficava largadinha... E.21 Agora eu me sinto bem no PIC, eu me sinto muito feliz!

⁹ Para LEFÈVRE (2000) a Ancoragem (AC) é a expressão de uma dada teoria, ideologia, crença religiosa que o autor do discurso professa e que está embutida no seu discurso como se fosse uma afirmação qualquer. Diz o autor que, os discursos provenientes de depoimentos ou artigos, de indivíduos com formação acadêmica têm muito mais chance de apresentar AC do que discursos do chamado senso comum.

Comenta LEFÈVRE & LEFÈVRE (2000) que a desparticularização é um recurso usado para recompor o pensamento. Ela tem como finalidade retirar daqueles discursos individuais as verbalizações que demonstram as individualidades de cada sujeito: “doenças específicas, nomes, datas, histórias individuais”.

Para o autor, essa desparticularização é necessária na medida em que o discurso pode vir carregado de muitas particularidades que são atributos muito individuais como: “estado civil, idade, cor etc”. Marcas que possivelmente vão impedir ou dificultar a construção de um discurso mais genérico, e que dizem respeito à singularidade de um sujeito, para ele o discurso desparticularizado é

“(…) um recurso metodológico que se criou com uma forma de dar a luz ao social, partindo-se do pressuposto de que o social é, sempre uma construção ou uma abstração no sentido sociológico preciso que Marx, na famosa *Introdução da Crítica à Economia Política*, dá a este termo e de que um modo legítimo de corporificar esta abstração consiste em apresentá-la sob a forma de um mesmo discurso compartilhado.” (LEFÈVRE, 2000:2)

O Discurso do Sujeito Coletivo é, segundo LEFÈVRE & LEFÈVRE (2000), a principal das figuras metodológicas, e que, portanto, deve-se ter um cuidado mais profícuo ao compô-lo e busca “resgatar o discurso como signo de conhecimento dos próprios discursos”, no entanto, não podemos pensar que com o DSC exista uma simples categoria unificadora dos discursos dos sujeitos, mas sim, o que se preza é justamente o inverso, pois toma como preâmbulo

“(…) reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quanto se julgue necessário para expressar uma dada ‘figura’, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno.” (LEFÈVRE & LEFÈVRE 2000:19)

Assim sendo, comenta que o DSC tem como finalidade, enquanto uma estratégia metodológica, visualizar com maior clareza uma dada representação social que surge a partir de uma forma concreta do pensamento nos discursos dos sujeitos. Sua elaboração segue uma lapidação analítica de decomposição e que é caracterizado inicialmente pela seleção das principais Ancoragens ou Idéias Centrais presentes nos discursos individuais e constituídos posteriormente em um único discurso, dando uma representação social de que todos estão representados por uma única pessoa.

“(...) quando o sujeito coletivo é expressado através de apenas um discurso, isto significa que o imaginário global é unificado: sobre determinado tema há apenas um discurso presente na cultura. Quando o sujeito coletivo é expressado através de vários discursos, isto pode significar, como já assinalamos alhures duas coisas: a presença na cultura de um mesmo discurso complexo que, didaticamente, é preciso separar em mais de um discurso, ou a presença, na cultura, de discursos conflitantes que, também didaticamente, é preciso separar.” (LEFÈVRE & LEFÈVRE 2000:3)

Torna-se claro então que no DSC estão reunidos todas as possibilidades imaginárias do discurso dialético, que é oferecido por uma dada cultura presente na sociedade e difundida entre seus membros, numa determinada temporalidade e sobre um determinado tema, e que se algum momento faz-se necessário o desmembramento deste DSC global em outros DSCs, a finalidade é de tornar mais compreensível a leitura dos mesmos.

Comenta SIMIONI (1996) que o sujeito social torna-se discursivamente equivalente ao sujeito individual, que é portador e emissor de um discurso concreto, atestado e que

“(...) é equivalente, ainda que não idêntico, na medida em que o sujeito discursivo coletivo também é passível de ser visto como portador de um dado discurso, ainda que

não exista concretamente como emissor deste discurso, já que se trata de um **sujeito abstrato, reconstruído**; o DSC pode até conter contradições internas que, neste caso, estão refletindo as tensões dialéticas internas ao setor do campo." (SIMIONI, 1996:11-12)

Reforça a autora que o conteúdo do DSC deve representar o que foi dito, ou o que poderia ter falado, por um determinado sujeito individual e que seu outro amigo *atualizou* por ele, visto que o DSC é a expressão concreta do imaginário do mesmo campo de ambos e de determinada posição que ocupam dentro deste.

Lembra a autora que para efeitos metodológicos, o produto final que é o DSC deve ser ao máximo transparente e, se possível, sempre aparecendo ao lado dos discursos individuais dos sujeitos, para que a necessária arbitrariedade presente na sua construção seja objeto de avaliação e contestação pelo leitor, assim como, a sua síntese deve parecer que o discurso de todos fosse de um.

O Discurso do Sujeito Coletivo ainda deve seguir alguns cuidados na sua elaboração pelo pesquisador, deve-se atentar aos passos propostos por LEFÈVRE & LEFÈVRE (2000), quanto às operações retóricas¹⁰ que possibilitam construir um discurso homogêneo, compreensível e atraente para a leitura.

A seguir apresentamos uma síntese de um DSC para exemplificar a construção do mesmo.

¹⁰ Segundo LEFÈVRE & LEFÈVRE (2000), as operações retóricas, sem se preocupar com a ordem de importância, permitem uma melhor compreensão do DSC e são assim discutidas: **Temporalização**, consiste em dispor os segmentos discursivos numa determinada ordem temporal, como se uma história estivesse sendo contada; **Ir do mais geral para o particular**, consiste em colocar no início do discurso afirmações que comportam enunciados mais gerais sobre o assunto e ir detalhando o tema ao longo do discurso; **Inserir cognitivos** para ligar as frase no interior do parágrafo entre si; **Inserir signos de pontuação**, pontos, dois pontos, vírgulas, pontos de exclamação etc; **Suprimir repetições** de termos e expressões substituindo-os por sinônimos ou equivalentes.

DSC

Antes de conhecer o PIC minha vida era triste. Além disso, não gostava de mim, era mandada pelos filhos, pelo marido, pelas obrigações de casa; eu só sabia das coisas porque eu assistia televisão.

Daí eu comecei a participar do PIC, a gostar. O PIC me desabrochou; você acha mais jeito de conversar com as pessoas, tem aquela coisa, deixa a gente mais animada, mais entusiasmada. E vai conversando com uma senhora, conversando com outra...

Então eu vi que não era assim, que eu tinha que me cuidar melhor. Com o PIC eu aprendi muito, a me valorizar, aprendi a me amar (porque eu não gostava de mim, me achava vítima, a pior de todas)

Minha vida deu uma reviravolta muito grande e boa; eu mesmo me admiro de fazer coisas que eu tô fazendo agora, eu não fazia isso de jeito nenhum.

No PIC a gente fica sabendo o que tem e o que a gente pode participar; e olha, eu não sabia que ia passar por isso nesta idade, as coisas boas, eu nunca pensei que ia ter isso na minha idade

Olha, o que eu posso dizer é que me sinto bem, me sinto feliz; e graças a Deus hoje apesar de estar alguns anos mais velha, eu fiquei mais nova. Somos lutadoras, temos que fazer muito para a gente se gostar, para sermos felizes.

Reforçam os autores que para a construção do DSC todas as ECH de uma dada IC devem ser usadas.

LEFÈVRE & LEFÈVRE (1998) nos lembram que, uma das finalidades explícitas da metodologia do DSC é a recuperação da fala do social.

“O que se busca na pesquisa qualitativa cuja matéria-prima empírica é composta de depoimentos obtidos através de entrevistas abertas com indivíduos portadores de representações sociais, é a recuperação da ‘fala do social’, isto é, dos discursos que têm como emissores os grupos, coletividades, classes, extratos sociais. (...) Coletados, estes discursos individuais são organizados, tabulados e agregados *a posteriori* permitindo

assim a emergência da fala ou discurso do social." (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 1998:3-5)

Comentam os autores que na pesquisa qualitativa a razão eminentemente discursiva do pensar dos sujeitos passa ser respeitada tanto no particular como no coletivo, mesmo quando esses discursos individuais são sintetizados a partir das idéias centrais dentro do processo metodológico que chamam de Discurso do Sujeito Coletivo os quais estaremos discutindo a seguir.

AS IDÉIAS CENTRAIS

As sete Idéias Centrais que serão objetos de análise neste trabalho foram organizadas a partir de uma análise criteriosa das entrevistas, e são os constructos originados dos Discursos do Sujeito Coletivo. Em todas nós encontramos elementos importantes que mostram o potencial de um programa comunitário.

A primeira IC fala de um processo de organização que ocorre internamente dentro do programa, através de elementos que apontam a forma como as pessoas encontraram para manter em funcionamento as atividades que são desenvolvidas. Algumas dessas extrapolaram os próprios objetivos do programa, e são realizadas graças a um esforço muito grande do grupo, que busca alternativas financeiras para manter as atividades de socialização e entretenimento.

Também é objeto dessa IC a forma como é pensado e organizado o processo de trabalho em todas as suas fases. As participações política e social são canais encontrados pelo grupo para a sua organização e reivindicação como cidadão no exercício dos direitos e da cidadania.

IC. 1

A gente trabalha muito para manter o PIC. As nossas reuniões são para planejar, organizar o trabalho, e tentar acertar. Discutimos o orçamento participativo, mas também

reivindicamos. Somos da terceira idade, pagamos nossos impostos e sabemos que temos direitos.

A segunda IC traz à discussão a liderança no programa, tanto da representante local, como do professor de educação física, que possuem uma representação muito forte dentro do processo de organização do grupo. São apontados os vários elementos constitutivos de uma liderança eficaz que conduzem à união do grupo, além de uma afetividade que extrapola os limites do compromisso pessoal e profissional. Também consideram a representante local e o professor de educação física como agentes motivadores do grupo, sem os quais o grupo entraria em apatia.

IC. 2

A nossa representante tem jogo de cintura. Ela trabalha demais para a gente, e nos trata de forma igual. Com ela a gente sai tranqüila, ela tem cabeça e criatividade. Coordena muito bem, é líder mesmo! O professor cuida de todo mundo, anima a gente! O mesmo que desejo para meu filho, desejo para ele!

A terceira IC mostra a inserção dos sujeitos nas várias atividades que são desenvolvidas no grupo, e mesmo de outras atividades que os componentes ficam sabendo e socializam no grupo com a finalidade de oferecer opções a todos. Evidencia também o despertar da criatividade e a motivação dos sujeitos que estão inseridos no programa, assim como, enseja toda uma relação que eles mantêm com a natureza.

IC. 3

Eu participo de todo tipo de atividade do PIC.

A quarta IC é a do “pertencimento”, ela deixa claro o quanto à socialização trouxe benefícios para conhecer pessoas novas, vizinhas ou não. Também somos levados a entender que essa socialização conduz a uma rede de solidariedade nas diversas

situações que evidenciam e são identificadas entre os membros do grupo. Outro fator importante que aparece nessa IC é o convívio social, a idéia de pertencer, de identificação, e de proteção quando inserido em um determinado grupo.

IC. 4

Estar no grupo é importante, a gente se protege, fala a mesma língua. Eu venho é para conversar, dar companheirismo, e quando alguém precisa de ajuda a gente avisa, mas nem todos colaboram. Uma vez eu falei que iria sair do PIC, mas não tenho coragem, é bom demais!

A quinta IC traz a idéia do programa aberto a todos, e as dificuldades iniciais que os componentes sentiam quando ingressaram no programa, mostra que sentir-se diferente, era normal nos primeiros dias. Também evidencia que existem diferenças importantes no grupo e que são reconhecidas que, no entanto, são passíveis de conviver. Traz à tona as dificuldades da divisão das tarefas no trabalho em grupo e o quanto isso pode trazer os embates no dia-a-dia.

IC. 5

Nós aceitamos todos. No início me achava diferente e que não pertencia àquele lugar. Depois a gente vê que precisa ceder para conviver bem; mas tem sempre aquele que não fica satisfeito. Mas eu acho que apesar de tudo a maior vantagem é mesmo para a terceira idade.

A sexta IC conduz a uma discussão sobre a importância das atividades que são desenvolvidas no grupo, e que dizem respeito a uma melhora no estado físico e mental dos participantes. Mostra como tem contribuído para diminuir o consumo de alguns medicamentos, que eram usuais a algumas pessoas e que passam a dispensar o uso ou ao menos diminuir o consumo. Também traz alguns elementos que mostram a representação do programa para as pessoas que ficam de fora, e que, aos olhos do grupo, são vistas como pessoas que estão perdendo oportunidade para melhorar a sua qualidade de vida.

IC. 6

Participar das atividades do PIC ajudou a melhorar a cabeça e o esqueleto da gente. A gente dorme e se alimenta melhor, toma menos remédio e areja a cabeça. Mas ainda tem gente que desvaloriza, porque estamos cuidando da nossa saúde.

A sétima IC se volta às questões do sujeito e para as mudanças de atitudes que ocorrem no mesmo a partir de sua inserção no programa. São transformações percebidas após um período relativo de tempo, e que grande parte lhes são visíveis por ocasião das entrevistas. Esse momento é tido para o sujeito, como um espaço para refletir sobre o seu contato com as outras pessoas, e como isso tem influenciado na sua vida.

IC. 7

Eu era uma pessoa triste, inibida, solitária, mandada pelos outros. Participar do PIC, com as oportunidades de contato com outras pessoas e com as atividades que o programa oferece, fez minha vida mudar; mudou minha auto-estima. Hoje sou uma pessoa feliz.

O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Com o intuito de ajustar uma melhor leitura dos DSC procuramos agrupá-los de uma forma que pudesse evidenciar uma seqüência lógica de pensamento para a análise. Assim, para melhor visibilidade colocamos sempre junto ao DSC a sua IC. No primeiro grupo: **O Processo de Organização e o Desenvolvimento de Lideranças**, dois DSC foram selecionados, e nos mostram o processo de organização e o desenvolvimento de lideranças; o segundo grupo: **A Participação nas Atividades Mediadoras, Convívio Social e a Qualidade de Vida**, compõe-se de quatro DSC que apontam a importância da participação, o convívio social e a qualidade de vida; o terceiro grupo: **O Descobrimto das Potencialidades do Sujeito**, é composto por um DSC e traz as discussões sobre o desenvolvimento das potencialidades individuais do sujeito.

DISCUSSÕES DOS DADOS EMPÍRICOS

DISCUSSÕES DOS DADOS EMPÍRICOS

GRUPO I

1. O Processo de Desenvolvimento da Comunidade

1.1 O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DE LIDERANÇAS

IC. 1

A gente trabalha muito para manter o PIC. As nossas reuniões são para planejar, organizar o trabalho, e tentar acertar. Discutimos o orçamento participativo, mas também reivindicamos. Somos da terceira idade, pagamos nossos impostos e sabemos que temos direitos.

DSC. 1

Tivemos uma eleição para eleger o nosso representante, o seu Antônio foi o primeiro. Aí começamos a conhecer a nossa cidade e fazer viagens. A gente ia com o (...) até a praças e nas UBS para explicar o que era o programa e incentivar o pessoal a formar os PICs.

A gente fazia as reuniões sentadas ali na praça, ou então a gente ia fazer na casa de uma, de outra e isso nem sempre funciona muito bem; o coral ficou numa garagem por mais de um ano, e é por isso que a gente fala que a sede é importante, porque lá a gente guarda as coisas nossas que estavam espalhadas; lá nós temos as aulas de alfabetização; mas é difícil manter ela.

Nós já tivemos até seis professores e o (...) tinha um contrato de estagiário e quando acabou a Prefeitura não renovou; e deu uma fracassada boa no PIC; porque a gente ia atrás de um professor, atrás de outro e dependia da folga e da boa vontade de cada um; e a solução então foi pagar o professor.

Mas a gente sempre planeja as coisas e tem dado certo; a (...) sugeriu a caixinha do professor e todos aceitaram; ela também organizou as equipes de trabalho: uma para visitar os doentes, uma do bingo, uma de viagens e uma equipe para controlar as presenças; uma que toma conta do aparelho de som; uma que cuida da caixinha do professor; uma do bazar; e uma tesoureira.

A gente tem colaborado no que pode; a colaboração é espontânea; e vamos vencendo, catando e vendendo latinhas, fazendo bingo, excursões, festas de cachorro-

quente, bazar de roupas e calçados; rifas; e com isso nós pudemos comprar o som, pagar o aluguel e o professor.

E para essas coisas a gente começou a fazer mais ou menos o controle, e foi difícil de acertar. É tudo marcadinho; uma vez por mês a gente tem uma reunião, expõe o problema; mostra o que entrou e o que saiu; e vai repartindo, às vezes sobra, às vezes falta; uma dá uma idéia, outra dá outra; e começa a colaborar; mas tudo sai do nosso PIC.

Para fazer as festas, a (...) arrumava ali na caixa-d'água e o Botafogo também cedeu muitas vezes o salão. Para isso a sede seria importante porque dia de chuva a gente não pode fazer ginástica; e o núcleo seria nossa opção; e mesmo porque a nossa praça está cheia de buracos, muitas mulheres caíram ali, nós já pedimos reformas e nada!

A camiseta oficial do PIC fomos nós que pagamos, a outra e os colchonetes veio da Prefeitura na época do (...); ele deu uma mão muito grande; e quando tinha o orçamento participativo a gente ia para reivindicar, ganhamos a escola, e depois o terreno da sede, mas não virou em nada, mas aí o Prefeito mudou e parece que arquivaram.

O atual Prefeito nunca deu muita atenção para o nosso PIC; eles criaram aquele núcleo central nos Campos Elíseos e fazem mais atividades lá do que nos bairros. Sabemos que é difícil, mas temos aquela esperança, nós já passamos muito pior.

Embora o nosso PIC é independente; nós precisamos de ânimo também; porque a maioria da terceira idade são aposentados com um salário mínimo e não é fácil viver com o mínimo, e ainda dizem que a terceira idade é a melhor idade, e eu pergunto: onde somos a melhor idade? Estamos no fim da vida, já criamos nossos filhos, casamos eles e agora cuidamos de nossos netos!

Nós somos da terceira idade, pagamos impostos e sabemos que temos nossos direitos!

IC. 2

A nossa representante tem jogo de cintura. Ela trabalha demais para a gente, e nos trata de forma igual. Com ela a gente sai tranqüila, ela tem cabeça e criatividade. Coordena muito bem, é líder mesmo! O professor cuida de todo mundo, anima a gente! O mesmo que desejo para meu filho, desejo para ele!

DSC. 2

O seu (...) foi o nosso primeiro representante, ele era um velho muito atencioso.

A (...) tem jogo de cintura; é ela quem toca a coisa para frente, ela luta, ela faz, a gente vê essa moça correr; e tudo está bem para ela, sempre disposta. Ela trabalha demais para a gente; e no bazar ela é uma maravilha, a gente resolve entre nós e depois comunicamos a ela.

Ela dá a vida por esse PIC; a gente considera como uma irmã, uma criança e uma mãe sem ter idade para ser; nos trata bem sem fazer diferença. E se não fosse por ela, não teria tantas atividades para a gente se divertir; mas ela procura a gente até debaixo da ponte, com ela a gente sai tranqüila.

Além de tudo, é muito atenciosa e gosta de ajudar e não medindo esforços, se precisar ela abandona até a casa dela para correr atrás de coisas para nós. Ela tem cabeça feita e muita criatividade, e coordena muito bem o PIC.

Quando ela precisa faltar por algum motivo, a gente sente uma saudade; eu sempre digo: ela é muito importante para o PIC; mas muito humilde também.

Agora, temos percebido que ela está cansada, mas não queremos perder ela; e quando fala em sair a gente fica triste, porque ela não pode sair do nosso meio de jeito nenhum! Porque não sei se a gente acha outra pessoa igual a ela; talvez até encontre, mas não sei se consegue levar adiante todo esse trabalho que ela faz.

Por duas vezes venceu o prazo dela, e nós fomos lá e conversamos com um, com outro; fizemos um abaixo-assinado, ninguém deixou ela sair. Porque para ser representante do PIC tem que ter tempo disponível para ir atrás das coisas, muita força de vontade, disposição e apoio da família; e é por isso que eu digo que se um dia ela deixar de ser representante do PIC, ele não vai acabar, mas acho que vai ficar mais fraco.

Porque ela é líder mesmo; mas isso não significa que a gente não se desentende com ela, mas é só na hora, ela é cem por cento!

Eu acho que os professores devem ser todos iguais; ter pulso para dirigir, coordenar; e felizmente nós tivemos muitos professores que passaram pelo PIC e eram assim.

O (...), era um excelente amigo, o (...); era maravilhoso; a (...) é meu ídolo (foi ela quem iniciou o nosso PIC), ela e a (...) que me incentivaram a escrever o livro; o (...) é da

Vila Tecnológica, é um moço de pulso firme; a (...) era muito divertida; o (...) fazia aquela ginástica que tranquilizava a gente; e o (...), é muito legal, devagarinho ele chega lá.

O (...) já faz uns cinco anos que é nosso professor; é igual a um filho, o que eu quero para meu filho, quero para ele; às vezes fica na minha marcação, mas me trata com carinho, sempre com um sorriso nos lábios; ensaia a gente para a apresentação da coreografia na OLIMPIC.

Ele é muito legal, mas também severo; ele exige mesmo, e nas aulas do (...) ele vai investigar se todo mundo está fazendo direito a ginástica, e fica corrigindo a postura para não dar problema; na verdade ele acaba cuidando de todo mundo. É muito animado, anima a gente; nunca está de mau humor com o grupo, e isso é importante para a gente, porque se você chega lá e tem um professor que não anima, a gente acaba desanimando. Ele é atencioso com todos.

Ele é muito importante para o nosso PIC; e eu tenho medo que se um dia ele sair daqui o PIC possa acabar.

1.2. OS PRIMÓDIOS DA ORGANIZAÇÃO E A ESCOLHA DAS LIDERANÇAS

Os dois DSCs nos remetem a pensar em termos de organização geral do grupo e o desenvolvimento de lideranças locais, já não mais vinculados somente aos objetivos do projeto específico, do qual resultou o programa, mas que ficam subjacentes a eles.

A organização interna do grupo começa com a eleição do primeiro representante, e é tido como o primeiro líder local. Assim, considerando que o ato de votar compõe um dos direitos civis, trazemos a sua discussão nesse DSC para entender como a comunidade começa a se organizar internamente, com vistas a desencadear posteriormente todo um trabalho que é explícito a todos os sujeitos do programa.

MENDES (1996) comenta que inicialmente o programa tinha sido pensado apenas como um projeto piloto, e esse seria na UBS da Vila Tibério em que já há algum tempo vinha desenvolvendo atividades de práticas de ensino com o curso de graduação de

enfermagem. Assim, alguns encaminhamentos burocráticos poderiam ser evitados, tendo em vista que a Administração Municipal, na época, era comandada por um governo com propostas mais voltadas à área social.

“Na época que a gente implantou esse programa, quem estava na gestão de prefeito era o (...) Ele era muito voltado para essa questão do social e ele percebeu que o programa era um programa muito bom. Era um programa que trabalhava com as questões dos determinantes do processo saúde-doença. O Secretário de saúde percebeu muito a importância do projeto e deu todo apoio.” **Aurora**

Para **Aurora**, a discussão no âmbito SMSRP, instância onde seria alocado o programa, se deu de uma forma muito tranqüila, embora ainda na gestão do primeiro Secretário de Saúde não tivesse recebido grande apoio, porém, comenta que o segundo Secretário de Saúde foi sensível e perspicaz para entender que o programa tinha uma grande potencialidade no trabalho com a comunidade.

Na UBS local a estratégia utilizada foram três reuniões com os trabalhadores da saúde, com um profissional de educação física e com a proponente do projeto, com o intuito de sensibilizar os mesmos para os benefícios da atividade física na redução dos danos nas doenças crônico-degenerativas. Outra estratégia utilizada foi um levantamento sobre o consumo pelos usuários de um determinado relaxante muscular administrado na UBS. Foi constatado num período retrospectivo de três meses, segundo **Aurora**, que cerca de 400 pessoas utilizaram o referido medicamento. Essa situação, também, foi discutida no conjunto dos trabalhadores de saúde, e o resultado do levantamento provocou um certo espanto, na medida em que não era percebido pelo conjunto de trabalhadores o alto consumo do medicamento. Foi discutido, então, a possibilidade de desencadear a formação do grupo a partir dos usuários que faziam

uso sistemático desses medicamentos, assim como, os que tinham histórias associadas de hipertensão arterial e diabetes. Foi acordado nessa ocasião que o encaminhamento para a praça seria feito pelos trabalhadores da saúde da UBS.

Considerando o fato de que a atividade desencadeadora era a prática de exercícios físicos, através de caminhadas e alongamentos, seria imprescindível a participação de um profissional da área, para tanto, foi contatado e acordado junto ao Centro de Educação Física Esportes e Recreação do *Campus* de Ribeirão Preto - CEFER da USP, a participação voluntária do mesmo profissional que auxiliou nas reuniões junto à UBS.

“E o professor de educação física, o (...), se dispôs a acompanhar e nós fomos lá. Então no primeiro dia tinha umas seis pessoas só, que haviam sido encaminhadas do programa de hipertensão arterial e diabetes. E começamos a brincar na praça, no início foi brincadeira mesmo, jogos e alongamento. Eram três vezes na semana, segunda, quarta, e sextas-feiras.” **Aurora**

Comenta **Aurora** que ao término de um mês havia uma adesão surpreendente por parte dos usuários. Muitos eram encaminhados da própria UBS, outros, vinham através de convites efetuados por quem já estava engajado no programa. A facilidade no acesso é um componente considerado importante para essa participação: “vocês só dão o nome, endereço e pronto, vai entrando”. Assim, quando revisamos, o projeto do programa, na explicitação da metodologia, prevê que a clientela deva ser adultos acima de 18 anos de idade, supostamente sadios e/ou portadores de doenças crônicas degenerativas e expostos a riscos, registrados ou não nas UBSs, portanto, previa o programa o livre acesso de qualquer interessado nas atividades desenvolvidas.

Para **Têmis**, o desenvolvimento do programa na praça atendia a três objetivos, primeiro facilitava o acesso dos usuários, na medida em que não previa nenhuma restrição à participação, segundo a visibilidade ao programa, dado que, por estar sendo realizado na praça pública era um atrativo à participação, e terceiro, mantinha uma harmonia com a natureza, com ar livre, num lugar agradável.

MENDES (1996) chama atenção que o nome de Programa de Integração Comunitária, foi atribuído por um participante, na época era também presidente da CLS, que segundo **Têmis**, o nome foi sugerido dentre outros, mas a denominação de PIC teve aceitação imediata devido ao fato que motivava a integração comunitária.

Comenta a autora que, ainda em 1994, o projeto recebeu uma primeira aprovação do CNPq, ampliando então a equipe de trabalho através de uma bolsa de Aperfeiçoamento, uma de Apoio Técnico de Nível Superior e uma de Iniciação Científica. Isso facilitou muito o desenvolvimento das atividades do grupo, tendo em vista que até então o professor que vinha acompanhando o grupo era voluntário no projeto. O ingresso de um profissional da área de educação física, agora contratado, trouxe novo fôlego no prosseguimento das atividades do grupo.

Com o transcorrer das atividades do programa, houve então necessidade de começar uma nova fase, não mais restrita às atividades físicas somente, mas no sentido de responder a algumas demandas que emergiam no cotidiano do grupo. **Têmis** comenta que no dia-a-dia surgiam questões específicas do grupo e que eram encaminhadas ao então professor de educação física, e na medida do possível esse intermediava as relações do grupo para com a UBS e/ou SMSRP. Com o decorrer do tempo, cerca de um ano de atividades do grupo, e com a grande demanda de questões, foi necessária uma organização interna do grupo, e foi sugerido pelo então professor de

educação física que fosse escolhido um líder local, que serviria de catalisador e interlocutor das necessidades junto ao grupo.

Depois de algumas reuniões internas realizadas na praça José Mortari, o grupo optou por acatar a sugestão da escolha de um líder. Para tanto, foi feita uma sondagem junto aos usuários no sentido de indicar possíveis candidatos. A escolha recaiu sobre o nome de seu Antônio, reconhecido no grupo por alguns atributos, bom relacionamento com o grupo, por ser uma pessoa carismática, aliado ao fato de que, era um dos poucos integrantes que era do sexo masculino.

Assim, nesses DSCs encontramos uma das primeiras formas que o grupo desencadeou para o seu processo de organização, a eleição para um representante.

Têmis lembra como se deu esse primeiro exercício do grupo para organizar a escolha de seu líder.

“Então foi sugerido que tivéssemos assim: uma pessoa para responder, para apanhar todas dúvidas, e levar para o professor. E como vai ser feito isso? Vai escolher? Não! Não dá para escolher... então vamos fazer uma eleição. E foi feita uma eleição, com voto secreto, urna, chapa, cédula... tudo bonitinho... temos foto daí. Então o primeiro representante, a primeira pessoa que entrou foi um senhor. O seu Antônio era muito legal.” **Têmis**

É possível perceber que no processo de organização do grupo, algumas situações novas vão surgindo, assim, como a necessidade de buscar soluções. E o que chamamos atenção aqui é que olhando o projeto de implantação do PIC não constatamos em nenhum momento a necessidade de uma liderança ou um representante.

Assim é que, inevitavelmente a idéia de ter um líder não parte nesse momento do grupo, mas sim do professor de educação física, que sobrecarregado pelas atividades pertinentes à sua função, percebe que existe possibilidade de dividir funções com o grupo ou

com algum de seus componentes. A divisão de tarefas e o assumir algumas responsabilidades, começam a fazer parte do cotidiano do grupo. Parece-nos esse ser o primeiro exercício que servirá de ponto de partida para outras atividades que o grupo vai desenvolver ao longo de seus sete anos de existência.

A escolha de um líder também nos sugere que o programa começa a ganhar dimensões diferentes sobre os demais programas da SMSRP, na medida em que começa a ganhar um *corpus* diferenciado na sua constituição interna.

Embora a trajetória de seu Antônio tenha sido curta no grupo, existem evidências de que seu trabalho foi desenvolvido dentro de um espírito comunitário, e que a longo prazo, com o esforço da comunidade poderia ser uma saída para a autonomia do grupo. Assim, ao revisitarmos a história sobre os primórdios da organização do grupo, evidenciamos que estava selada uma forma de participação diferenciada, até então inédita nos programas voltados à atenção de saúde.

“Ele adorava conversar com o povo, participar... depois o (...) veio com a ginástica, porque primeiro era só caminhada, depois veio o (...) para fazer ginástica, e aí a turma animava. E aí falamos: quem sabe pondo um rádio, uma musiquinha melhora. Quem vai comprar esse rádio? Não tinha jeito! E o (...) tinha um rádio que não estava funcionando, e ele falou assim: ‘olha vê se vocês vendem, fazem qualquer coisa desse rádio.’ Meu filho arrumou o rádio e começou aquela musiquinha a fazer ginástica. Daquele rádio inventamos de comprar um maior, porque tinha bastante gente e a música era baixinha não é? Mas como que nós vamos comprar outro rádio? E aí juntou o meu marido com a (...) e fizemos uma rifa. Eu tinha um aparelho doméstico que cortava cenoura, cortava de tudo, estava novinho! Eu falei: ‘vamos fazer rifa dele?’ E vamos fazer rifa! E deu para comprar o rádio maior. E assim fizemos! Compramos um rádio maior e o povo começou a aumentar, foi uma beleza não é? E devagar foi indo, foi indo...” **Astréia**

A forma de organização para a obtenção do rádio tinha a tarefa de tornar o ambiente da praça mais alegre e saudável. Mas a participação não se dá apenas no âmbito do grupo, a fala, nos aponta que o envolvimento e o apoio dos familiares também é ponto importante para o trabalho do grupo.

A crescente adesão ao grupo pedia novas investidas, e mais uma vez a criatividade desponta dentro do grupo, a organização para a compra de outro aparelho de som, que possibilitasse a todos ter acesso à música no período em que estivesse realizando as atividades físicas.

Têmis comenta que o uso do som na praça para o desenvolvimento das atividades foi uma conquista do próprio grupo, e confirma o que **Astréia** dizia anteriormente.

“Antes a gente não tinha som nenhum, era feito a ginástica contando: um.. dois... três... E um dia teve uma festinha, uma atividade, foi feita a atividade com música, e aí todo mundo gostou! Ah a coisa fica diferente, fica mais animada, então daí a gente... então vamos trazer o som para a praça? Vamos! O professor mesmo se encarregava de trazer o som, ou então algumas pessoas da comunidade que tinha som em casa, um radinho... uma coisa levava para a praça. Ficou outra coisa, o ritmo era melhor, acompanhar os exercícios era melhor, foi ficando mais interessante a ginástica. As pessoas começavam a freqüentar um pouco mais. Então resolvemos, vamos pôr a música definitivamente? Vamos batalhar para comprar o som, e está até hoje!” **Têmis**

A música nos parece ser um fator motivador em todo o processo de desenvolvimento das atividades, e é considerada pelo grupo como essencial à alegria do mesmo. Em nossas observações temos relatado o quanto o grupo sente-se motivado quando há música. Lembramos que numa manhã houve dificuldades na instalação do som na praça, e a ginástica permaneceu sem música, havia um desalento total no grupo, e por mais que as algumas

peças tentassem tornar menos monótono as atividades físicas, o grupo pouco respondia.

Ao que tudo indica a participação da comunidade foi aumentando gradativamente, não somente em termos numéricos, mas também em termos de trabalho pelo grupo. A solidariedade começa a aflorar no grupo, e percebe-se pela fala abaixo que não somente para as coisas alegres o grupo se manifesta, a liderança, mesmo que pareça apenas um voluntarismo, procura encontrar soluções para as situações consideradas ruins. Havia também uma preocupação com relação ao lazer, e o grupo, através de sua liderança, entendia que somente as atividades na praça já não respondiam às necessidades do grupo, e para tanto, começa a promover passeios dentro e fora da cidade.

“De vez em quando a gente fazia um passeio nos clubes, a gente fretava um ônibus e ia, conversava com o dono do clube lá, o gerente, para fazer o almoço mais barato para o pessoal, e passava o dia! E o pessoal gostava, ficava sabendo, e foi aumentando cada vez mais! E começaram as excursões para bailinho, para Guará, Pitangueiras, lugares perto e em Ribeirão mesmo. Mas ele cobrava somente o custo do ônibus, que era para não explorar o pessoal. Então cobrava aquilo que era para pagar mesmo o ônibus. Fazia quermesse, fazia cesta básica para alguém que às vezes precisava, leite não é? Uma vez pegou fogo na casa de uma senhora lá, ajudaram ela.! E o povo então ia animando não é? E cada vez tinha mais gente.” **Astréia**

Passear em sua própria cidade, longe de parecer uma banalidade, é para muitas pessoas conhecer parte de um mundo desconhecido a eles, mas havia sensibilidade na liderança, na medida em que reconhecia as dificuldades financeiras dos componentes do grupo. Nesse sentido pode-se perceber na fala, que buscavam-se alternativas para facilitar a participação dos componentes, a negociação com relação aos custos da alimentação é evidenciada.

Essa situação, embora não tenha sido objeto de investigação desse trabalho, foi constatada no período em que fizemos as entrevistas e por ocasião da observação. As conversas formais e informais relatavam as dificuldades financeiras enfrentadas por grande parte do grupo. São mulheres que por muitos anos desenvolveram suas atividades no recinto doméstico, e que, portanto, não tinham realizado contribuições à Previdência Social e que não poderiam usufruir a aposentadoria por tempo de serviço.

Muitas ainda, também, não estão aptas a receber o benefício da renda vitalícia, por não possuírem ainda setenta anos. As que possuem algum tipo de benefício, é decorrente da viuvez, recebendo o benefício, antes concedido ao marido, ou então, ainda são mulheres que estão trabalhando como empregadas domésticas, diaristas ou mesmo à procura de serviço.

Em uma das entrevistas, a usuária mostra com clareza a condição da maioria dessas mulheres que freqüentam o programa, evidenciando que essa constatação é também de conhecimento do grupo como um todo, sugerindo-nos que esses fatos sejam freqüentemente discutidos internamente entre eles.

“A nossa terceira idade ela é triste, sabe por quê? As mulheres são todas aposentadas com um salário mínimo, não é fácil não! Não é fácil viver com um salário mínimo, coitadas! Se elas comem não podem passear, se passeiam não pode comer! Então não é fácil... Não adianta, o salário mínimo é uma coisa horrórosa! É demais! Porque muitos maridos deixam muitas mulheres, tudo isso não é? (...) como muitas, ainda vivem com filhos, vivem na dureza, com filhos, netos, noras que não se dão bem! Vivem naquele pânico... pânico!” **Níobe**

Outra situação que é constatada é o fato de que a mulher quando dona de casa, não tem tido oportunidade de sair para viver a vida mais socialmente. **Têmis** nos relata que em uma ocasião,

durante uma gincana, numa peça teatral feita por elas fizeram uma representação do mundo em que vivem.

“Muitas das pessoas guardam dentro de si coisas que não puderam realizar na época de jovem. Então fizemos uma gincana no West Shopping, e nesta gincana tinha uma tarefa que era improvisar um teatro, uma peça de teatro. Tinha dez minutos para você criar! Então uma equipe falou sobre a pessoa, da dona de casa, que ela fica em casa fazendo as coisas, enquanto o marido sai, se diverte, passeia, trabalha lá fora, e a dona de casa, a maior parte do tempo está em casa, cuidando de filhos, marido, lavando roupas... essas coisas! Então foi montado uma peça sobre isso, e foi muito legal, foi interessante, por que ela dá aquele reviravolta, ela está em casa e de repente dá aquele estalo assim: Mas o que eu estou fazendo aqui? E ela resolve pensar nela mesma (...)” **Têmis**

Ainda lembra **Têmis** que a tarefa de organizar a comunidade não é difícil, ela é trabalhosa, reitera que existe sim, a necessidade de motivar a participação, na medida em que o programa é usualmente mais utilizado por pessoas idosas, e com isso, faz-se necessário convencê-las de que determinadas atividades são importantes para a sua vida. Também chama à atenção à condição histórica do papel da mulher.

“Nós mulheres, quando crianças nós não podíamos brincar na rua, você não podia brincar com bola era boneca. Então nós tivemos uma infância mais sedentária do que o homem. O homem brinca de bola, empina papagaio. Então para trazer as mulheres, para alguma atividade é mais difícil, mas organizar em si o grupo não é. É trabalhoso, mas é bom.” **Têmis**

A trajetória do primeiro representante foi curta, como dissemos anteriormente, mas havia consciência disso por parte do seu Antônio, e nesse sentido, sua preocupação era preparar outra

pessoa para assumir o trabalho local junto ao grupo. **Astréia** nos lembra sobre a preocupação dele.

“Eu estou ficando muito doente, eu preciso pôr uma pessoa no meu lugar.’ E aí ninguém queria pegar o lugar sabe dele, porque todo o mundo adorava ele. ‘O senhor é muito bom!’ Aí quando ele ficou doente, ele disse: ‘vamos por a (...) no meu lugar!’ E ele instruiu ela, como é que ela poderia fazer: ia nas lojas, fazia uma cartinha para o dono da loja pedindo... então ele instruiu bastante coisas a ela, ela aceitou e tudo.... Aí então puseram.... só para ser legal a votação, vamos fazer votação mesmo lá na praça, pusemos uma mesinha, fizemos os papezinhos para votar mesmo! e aí puseram umas amigas juntas para concorrer. Mas todo mundo sabia que era para votar na (...)! E assim foi... no dia 8 de novembro de 95 foi a votação, e quando foi no dia 21 ele já faleceu.” **Astréia**

A eleição para o segundo líder ou representante no grupo parece ter sido consensual por parte dos integrantes, na medida em que essa despontava espontaneamente no grupo. Mesmo assim, houve uma disputa, que é considerada como apenas simbólica, tendo em vista que, havia uma unanimidade para a escolha da representante. **Têmis**, a segunda representante local, comenta que durante a gestão do seu Antônio já estava envolvida com o trabalho desenvolvido no PIC.

“Quando eu entrei no PIC fui me envolvendo, e aí ele ficou doente, e quando ele estava doente, eu e a (...), ela já não é mais do PIC, assumimos o lugar dele, por que nós trabalhávamos juntos, então assumimos o trabalho dele por que ele ficou acamado e não podia... e veio a falecer. Aí aquele ano terminou, nós fizemos nova eleição, daí eu me candidatei com outras pessoas, e ganhei a eleição.” **Têmis**

Assim, começa uma nova fase no trabalho desenvolvido junto ao PIC. Existe uma reestruturação na divisão das tarefas dentro do grupo, a representante eleita, **Têmis**, nos chama a

atenção para isso, a partir de uma indagação: “Quando saímos representando o PIC nós pensamos assim: o que poderia fazer além daquilo que estávamos fazendo na praça?”

Mas é uma fase considerada como trabalhosa e difícil na percepção de alguns entrevistados, pois embora a representante eleita na segunda eleição, não considerasse difícil organizar a comunidade, mas sim trabalhoso, uma depoente comenta que logo após o desaparecimento de seu Antônio, a sua esposa não quis mais participar, e que os primeiros tempos foram difíceis para todos, pois

“(...)quando o seu Antônio faleceu, a esposa não quis mais participar... judiaram muito deles naquela época! Foi o começo do PIC, tinha muito leva e traz, vai e vem... fez estrago na coisa! Mas quando a (...) entrou, ela chorava muito, porque tinha esse negócio de leva e traz. Aí nós começamos a falar para ela: põe a boca no microfone, qualquer coisinha chega lá e bate no peito mesmo!” **Níobe**

Parece que mesmo mantendo uma certa liderança anterior, na hora de assumir de fato o seu papel, evidenciam-se as contradições do grupo e as desavenças internas. Para **Aurora**, havia dificuldades de relacionamentos no grupo, e em especial, entre a nova líder e a esposa do anterior.

“(...) houve desavenças entre a líder no momento com a outra que estava assim... despontando. Essa outra era assim... muito intransigente, daquelas durona que queria e tinha que ser, e tinha que ficar daquele jeito. E então houve um rompimento entre as duas líderes, e a outra acabou se afastando.” **Aurora**

As dificuldades eram vencidas no cotidiano, a nova representante do PIC assume de fato o seu papel e começa a discutir com o grupo as suas idéias. Parece que as dificuldades iniciais do programa começam a ser superadas, a organização do PIC tem um outro caráter, mais participativo, envolvendo mais a comunidade local.

Isso fica evidenciado nas entrevistas, pois quase todas se referem ao seu Antônio, como um senhor muito atencioso e que procurava sempre resolver os problemas do grupo, quase não se percebe nessa época, o caráter da participação do grupo nas decisões locais.

Assim, a maioria dos relatos aponta a praça como o local onde aconteciam as primeiras reuniões, convocadas pela segunda representante, e que dão esse caráter participativo.

1.3. A DIVISÃO DE TAREFAS NO TRABALHO COMUNITÁRIO

Uma das primeiras divisões do processo de trabalho comunitário é referente ao controle das presenças, que antes era realizada pelo próprio professor de educação física. Na medida em que o grupo crescia havia paulatinamente dificuldades para que o professor pudesse dar conta de verificar se todos estavam presentes, comenta **Aurora**, que ao término de um mês já havia um número muito expressivo de usuários, em torno de 200 pessoas. Para tanto, e considerando tais dificuldades em avaliar a presença, havia em alguns momentos a colaboração esporádica de algumas senhoras. Agora então, definitivamente haveria a formação de uma equipe de cinco senhoras que fariam o controle, as quais também pertenciam a essas faixas etárias.

“Eu sou uma das monitoras, e controlo a da minha idade que é dos 51 aos 55 anos. Mas eu também sou meia tampa buraco, porque quando uma vai viajar ou fica doente eu pego a pasta dela também.” **Tétis**

A divisão de tarefas também leva a um certo grau de solidariedade e compromisso com o grupo, na medida em que se assume a tarefa do outro monitor quando de alguma dificuldade. Outra tarefa foi a formação de uma equipe de visitas aos doentes, e que posteriormente estaremos discutindo.

“A hora dos recados” é um momento em que todo o grupo fica sabendo de determinadas situações que alguém necessita da ajuda das pessoas, essa discussão estaremos fazendo no próximo grupo do DSC.

Existe uma pessoa que fica responsável pela guarda do som. A aquisição do *micro system* pelo grupo foi uma conquista recente, mas anteriormente, outros pequenos aparelhos de som já faziam parte das atividades do grupo. Na praça, um senhor é responsável por ligar a extensão em uma tomada existente em uma estante de um jornaleiro, e a traz até o local onde permanece o professor de educação física. Após o findar das atividades ele recolhe a extensão e a pessoa responsável pelo som guarda todos os equipamentos em uma caixa própria.

Uma outra dificuldade apontada pelos entrevistados foi em relação ao rompimento do convênio do Centro de Integração Escola Empresa – CIEE, com a Secretaria de Esportes e que mantinha as bolsas trabalho dos estagiários de educação física. Embora o programa estivesse alocado na SMSRP, quem realizou o convênio e possibilitou o contrato dos monitores de educação física, foi a Secretaria de Esportes. Esse período é lembrado pela representante local e nos mostra que foi um tempo de certa turbulência para o desenvolvimento das atividades, na medida em que, dificultado o processo de renovação dos estagiários pela Secretaria de Esportes, o programa sofreu uma certa estagnação. Havia, portanto, necessidade de procurar algumas alternativas para continuar viabilizando as atividades que o grupo vinha realizando.

“(…) no início a gente tinha os monitores através da Secretaria de Esportes, teve um problema com os monitores, e ela deixou de renovar os contratos com eles, e então os monitores foram se afastando, pois tinham vencidos os contratos, e o PIC ficava sem monitor, e então isso também era resolvido ali.” **Têmis**

Essa situação também foi sentida no PIC da Vila Tibério, e segundo consta, o monitor local também tinha seu contrato vencido devido ao fato de que havia concluído seu curso superior. Isso provocou transtornos ao grupo, que foi obrigado a buscar recursos extras para manter as atividades semanais de educação física. Pode-se também afirmar que a busca de recursos para a manutenção desse profissional tinha suas razões explícitas: uma era pelo fato de que ele estava acompanhando o grupo a um período considerável e desenvolvera um vínculo muito forte com o grupo, e outra razão, era que, iniciado o período de instabilidade e sem possibilidade de imediato obter outro estagiário, o mesmo manteve-se como voluntário por vários meses no trabalho com a comunidade local.

Esse período de voluntariado é recordado por todos os entrevistados, e é considerado como, um gesto solidário, extremamente importante para o grupo, e que criou um compromisso ético para com ele, daí a necessidade de buscar alternativas para realizar um contrato de trabalho, agora mais formal, com o professor de educação física.

Anteriormente, também outros professores de educação física acompanhavam o grupo, ao todo eram seis, mas tinham essa característica para o trabalho voluntário, e que o grupo não poderia contar sempre. Entretanto, é referendado no transcurso dos depoimentos que havia uma amizade muito grande dos professores com o grupo e vice-versa, e que esses mostravam boa vontade e disponibilidade para trabalhar com o programa. Eles revezavam-se constantemente, e o depoimento abaixo nos mostra o sufoco que o grupo passava quando da falta de algum professor.

“Um tempo aí nós tinha professor sobrando, nós tinha até 6 professores, o (...) só vinha na sexta-feira, e depois um professor viajou outro foi saindo. O outro arrumou emprego e saiu e nós ficamos sem professor. Ficamos só com o (...) e com a (...)

Mas a (...) ficou doente, se operou e se afastou. O (...) ele é da polícia, às vezes ele tinha reunião lá, não podia. Daí nós ficamos sem professor muito tempo! Porque todo mundo gostava de dar aula para nós, todo mundo procurava um jeitinho para vir dar aula. Mas não tinha aquele incentivo. Porque o (...) sempre quebrou o galho nosso, a gente até ia buscar ele em casa: Vai buscar o (...)! Vê se ele pode vir? Coitado! Levantava, lavava a cara e vinha. Lá tem dias que ele levantava mais tarde lavava o rosto e vinha mas era assim o (...) é uma pessoa muito fina.” **Lucina**

A instabilidade e as ausências do professor levam o grupo à busca de alternativas de recursos para custear as despesas decorrentes do contrato de um professor para a prática da educação física. É importante salientar que a escolha do professor também é uma decisão do grupo, e ela recai sobre o antigo estagiário pelo seu envolvimento e compromisso já demonstrados pelo grupo.

Uma das primeiras contribuições que o grupo presta é em relação a uma ajuda mínima para a manutenção do professor, essa foi também uma idéia da representante local, por ocasião do rompimento do contrato do monitor pela Secretaria de Esportes. Frente à situação, e considerando que a presença do professor era importante para a manutenção das atividades do programa, decidiu-se em uma reunião que haveria uma caixinha do professor. A colaboração seria espontânea e teria uma pessoa responsável para fazer o devido controle. É interessante apontar que os depoimentos sugerem que anexo à caixinha, existe um caderno onde cada um assina e aponta o valor depositado. Parece que pelo fato de ser uma contribuição espontânea não haveria necessidade de saber quem contribuiu e qual o valor.

Notamos o reconhecimento do papel do professor, é tido como fundamental para o trabalho do grupo. Ao lado da representante local, ele também é tido como um líder, na medida

em que algumas características que o grupo atribui como fundamentais para se exercer o papel de representante, como: trabalhar pelo grupo, disposição para ir à luta, manter o equilíbrio, ter criatividade, e possuir afetividade pelo grupo, e iniciativa dentre outros, os mesmos também são atribuídos ao professor. Assim, tanto o professor quanto a representante local assumem um importante papel de liderança junto à comunidade.

Mas em se tratando de um grupo heterogêneo em que as decisões e a prestação de contas são explicitadas a todos, ao final do mês, é sempre trazido a todos o montante doado e colocado à disposição para quem quiser conferir. Também existe uma outra contribuição que é para o PIC, nessa caixinha, os usuários depositam também espontaneamente um valor mensal. Os valores estipulados são comentados por uma usuária.

“Então todos os PICs batalharam para isso, porque a Prefeitura não dava outro monitor. Agora esse ano que mandaram mas já fazia uns 2 anos que já estava sem professor da Prefeitura . O (...) já não era mais, e ele ficou um tempo também dando aulas sem receber e aí todo mundo falou: ‘Não! vamos pagar um pouquinho para ele para a gente não ficar sem um monitor.’ Porque se ele arrumava serviço em outro lugar ele podia abandonar nós aí, daí nós resolvemos pagar 10,00, então a maior parte das pessoas colaboram com 2,00 na caixinha do (...) E na pasta também nós doamos 1,00 quer dizer são 3,00 reais por mês de cada pessoa.” **Cloé**

1.4. AS ALTERNATIVAS FINANCEIRAS PARA MANUTENÇÃO DO GRUPO

A sede, um local de referência, era considerada importante para o grupo, mas a idéia também partiu da iniciativa da representante local. O assunto foi discutido no grupo e criou-se a necessidade de ter um local para realizar as reuniões, também serviria como um local para que as futuras festas pudessem

acontecer, e onde os objetos pertencentes ao PIC pudessem ser depositados, uma vez que esses estavam espalhados nas casas de várias pessoas do programa.

“(...) porque têm muitas coisas que eram do PIC e estavam... em todos os lugares tinha um pouquinho de cada coisa, e aí ela alugou um salão aqui na rua Aurora, mas o aluguel era muito caro e não teve como a gente pagar, era 500,00 reais.” **Cloé**

As dificuldades financeiras do grupo eram o principal entrave para a manutenção do projeto da sede, e foi necessário entregar o salão, mas a idéia de ter um espaço permaneceria latente. Uma nova investida é realizada para ter um local do grupo, desta vez menos ousada, em termos de custos e estrutura, uma pequena casa pertencente a uma integrante do grupo aparecia como uma possibilidade concreta à realização do desejo. Lembra **Lucina** que, inicialmente houve uma certa apreensão por parte dela, pois era ciente das dificuldades do PIC, mas mesmo assim, as conversas com a representante a convenceram.

“(...) então eu vou falar com o seu marido, vê se ele aluga para o PIC. Daí eu fiquei meia assim... ‘como é que o PIC vai pagar isso?’ De graça eu também não posso dar! Porque a gente... é para completar a renda. Aí fiquei meia assim, ela falou: ‘não! Nós vamos fazer o PIC, nós vamos pegar o dinheiro do PIC, o PIC vai ajudar. Vamos pedir um dinheiro para o PIC, que o PIC vai ajudar porque é para guardar as coisas.’ Aí estava até na imobiliária e tudo, tiramos da imobiliária porque o PIC não tem como... Não tem fiador! Daí tiramos da imobiliária e alugamos para o PIC e foi assim!” **Lucina**

Esse é um período considerado importante para o PIC, uma relativa autonomia acerca da infra-estrutura. Embora sendo um programa oficial da SMSRP, apontava indícios que poderiam levar a uma certa independência enquanto movimento comunitário.

Assim, se de um lado existe a formação de equipes de trabalho, por outro, essas equipes também vão responsabilizar-se, na sua maioria, em desenvolver outras atividades que busquem recursos para a manutenção financeira das várias atividades mediadoras de que o grupo participa e também para o pagamento do professor, parte dos custos do ônibus em excursões, aluguel da sede, água, luz dentre outros. Dentre essas outras atividades que buscam recursos, podemos citar ainda: festas de cachorro-quente, realizadas na sede do grupo, rifas em geral, festas juninas, e quermesse.

Uma outra atividade que chama a atenção é o recolhimento de latinhas de alumínio que o grupo faz. Essa, sempre foi uma atitude que nos chamava atenção, pois durante as nossas observações na praça, sempre víamos as pessoas trazerem pequenas sacolas e depositavam próximo ao professor, isso é feito semanalmente. Após findadas as atividades na praça, uma outra senhora apanhava as sacolas e levava para casa.

Por ocasião da entrevista ela relatou-me que seu marido amassa as latinhas que o pessoal do PIC traz, e a representante posteriormente junta todas e vende em um depósito na Vila Virgínia, o lucro é tido como muito bom, mas já foi melhor, pois hoje, segundo as entrevistas que comentaram a iniciativa, existem muitas outras pessoas que descobriram o quanto é lucrativo a venda das mesmas.

Em uma observação, ao acompanharmos o grupo em um dia de integração, notamos que durante todo o dia as pessoas estavam sempre recolhendo as latinhas das mesas e guardando em um saco especial.

“(...)nós estamos vencendo, o nosso PIC, vendendo latinhas, fazendo bingo, e essas excursões que a (...) faz, um trocadinho da pasta que as meninas dão para gente e vai vivendo assim, nosso próprio nariz mesmo! Nós catamos

latinhas na rua, pedimos nos bailes para guardar para a gente!... terminava o baile e a (...) já levava um sacão grande e nós botava as latinhas lá dentro. E a gente junta uns trocadinho em latinha, porque tem que pagar aluguel da casa e pagar o professor e tudo isso é dinheiro que precisa sair até do nosso PIC!" **Agláé**

Uma outra alternativa já experimentada anteriormente começa a ser posta em prática, é o bazar. Para isso, também é constituída uma equipe de trabalho. O bazar foi também uma forma de trabalho encontrado pelo grupo para buscar algumas alternativas em relação à questão financeira. A organização e operacionalização dele estiveram sob a responsabilidade de três senhoras. Uma delas, já detinha alguma experiência anterior com relação à organização, e esta vivência foi considerada importante para que o trio pudesse ter uma relativa autonomia sobre as decisões que poderiam ser tomadas sobre o mesmo. Lembra **Heles** que sua experiência com o bazar era da época em que fazia um trabalho junto à comunidade freqüentadora de uma Igreja.

"A (...) um dia chegou para mim e falou assim: 'eu tenho um monte de coisas lá na sede, o que que eu faço com aquilo?' Doe! Eu falei... 'Não! No momento que você pediu você tem que dá um destino, que as pessoas vão ver que você tirou um bom proveito para aquilo. Eu acho que doar não seria uma boa, porque já foi doado para você. Agora você tem que fazer meios de mostrar para aquelas pessoas, que o que você pegou deu fruto, aí ela falou: 'mas e aí como organizar um bazar?' Eu falei: 'oh, é muito pouco que eu sei, mas se quiser a gente pode começar a organizar! O que eu sei eu faço para vocês', eu falei, porque eu já fiz vários bazar, posso estar passando da minha forma muito pobre, mas é o que eu sei fazer. E ela falou: 'não, tudo bem!' Então vamos para lá. E aí viemos para cá, começamos a organizar, fizemos o primeiro, depois veio a (...), depois veio a (...), no fim acabou ficando nós três." **Heles**

Assim, a idéia do bazar é materializada agora com uma equipe de trabalho definida entre o grupo. Existe a percepção de que o bazar é uma das fontes importantes de arrecadação financeira, porém, existem dificuldades operacionais para a manutenção do mesmo. Mas se refere às poucas pessoas que trabalham nele, praticamente somente as três que começaram, e que lutam para mantê-lo funcionando.

Existe a clareza por parte das três senhoras de que é preciso renovar, entrar gente nova, mas dizem que o trabalho é cansativo e é um fator que acaba afastando qualquer possibilidade de ingressar novas pessoas, concomitante ao fato de que o trabalho no bazar dificulta a participação em muitos eventos que são programados no PIC. Embora seja reconhecido como um trabalho importante para auxiliar na manutenção financeira das atividades, existe um certo cansaço dessas pessoas que estão no comando do bazar. Reconhecem a crítica da representante quando aponta a necessidade de dividir mais as tarefas, do outro lado, falam que estão dispostas a receber pessoas novas, mas relatam as dificuldades de encontrar pessoas com disponibilidade ao trabalho comunitário.

O bingo também foi uma forma encontrada para buscar recursos financeiros, esse é organizado por uma equipe. Nas nossas observações de campo, e acompanhando por duas vezes a realização do bingo na sede, tenho percebido que apenas uma senhora e a representante têm se dedicado na divulgação, venda de cartelas e organização para os sorteio dos prêmios.

Em uma das vezes participamos e lembramos que a divulgação ocorreu durante toda a semana na praça, sempre após a ginástica, na hora dos recados. Na noite programada havia um movimento muito grande na pequena sede. O bingo começou às 20h e terminou cerca das 23h. Percebemos que além do bingo e da premiação, que é um atrativo às pessoas, existe, paralelo a isso, a

venda de pequenos lanches com preço simbólico, que tornava mais atrativo para passar a noite.

Existe um lucro relativo quando da realização dos bingos, pois as cartelas têm um custo muito baixo e os prêmios são todos doados. Lembramos que, na época, os dois prêmios sorteados no final foram altamente disputados devido ao seu valor. Em apenas uma das noites o montante arrecadado foi o equivalente a metade do aluguel da casa onde se localiza a sede.

Os bingos também são realizados nos intervalos dos bailes do Clube Operário, que nos próximos DSCs estaremos comentando, durante as viagens que são realizadas à outras cidades, em almoços, jantares, e em outras ocasiões em que existe disponibilidade para tal.

Por fim, e temendo esquecer de alguma outra atividade que é organizada pelo grupo, foi necessário ter uma pessoa responsável para controlar a parte financeira. Entre o grupo foi escolhida uma senhora que apresentou disponibilidade para aprender a manusear minimamente a contabilidade do grupo. Lembra **Leda** que inicialmente foi difícil conseguir colaboração das pessoas, pois para que houvesse um mínimo de controle, havia necessidade que as pessoas se empenhassem um pouco no sentido de trazer recibos, notas fiscais, etc.

“(...) até o ano passado era muito bagunçado aquele negócio de na hora de fazer reunião de juntar de contar dinheiro, de fazer os acertos, era uma... um Deus nos acuda! Daí eu vi que não tinha... assim, um controle, não tinha nada! Aí eu sugeri para a (...), aí ela falou: ‘está bem, já que você sugeriu, então você faz.’ Eu comecei a fazer, comprei um caderno e comecei a fazer, eu não sou contadora, mas eu comecei a fazer mais ou menos o controle. Então por escrito, certinho só que... tudo que entra tudo que sai... é só que começa bonitinho... foi difícil até de acertar, até o pessoal se acostumar pegar nota das

coisas, recibo que não pegava, era muito na boca a boca, difícil de controlar, mas deu para controlar. Você tem que trazer os documentos certinho, então é uma luta danada... que elas falam que eu sou muito exigente, que eu sou chata, mas não tem como eu fechar o caixa sem ter a prova!" **Leda**

No grupo ela é reconhecida como a tesoureira. O acerto de contas é feito sempre nas reuniões realizadas mensalmente na sede. Nessas, além da questão financeira, também são discutidas com as outras equipes os problemas comuns a cada uma, e projetadas novas atividades para o programa.

"A (...) é a tesoureira! E a gente marca todas segunda-feira, uma segunda-feira depois do dia 10 de cada mês, a gente vai na sede, conta o dinheiro da caixinha." **Cloé**

"(...) aí nós juntamos quem mais participa mais é a (...), a (...) vai também, a (...), a (...) quem mais? a (...) Não lembro de todas... aí cada uma dá uma opinião. Às vezes que quer fazer um passeio, ou que vai resolver uma coisa que vai ser feita. Aí resolve a questão! Umas têm uma idéia outras tem outra! Dá para sugerir qualquer coisa que vai fazer. E aí a gente soma os dinheiro que entrou tanto para tal lugar, tanto para tal lugar. Vai repartindo, às vezes sobra um trocadinho às vezes falta um trocadinho, Tem que dar jeito de arrumar esse dinheiro. Porque a gente paga o professor, o aluguel da casa, a água, e a luz sai tudo do nosso PIC!" **Agláé**

É interessante perceber que à medida que o grupo se organiza internamente, as decisões sobre determinados assuntos, os quais envolvam as equipes, não passam mais por toda a comunidade, como anteriormente, mas somente as questões que envolvam o grupo como um todo.

Essa forma de organização do trabalho, ela é determinada, como podemos perceber por uma maneira muito própria da representante em conduzir as questões do grupo. Em relação aos

aspectos da liderança em si, uma das coisas que nos chama à atenção é o fato de que, a maioria das atividades é fruto da criatividade dela. Um atributo que o grupo considera como essencial na representante, pois sempre existe a possibilidade de estar fazendo algo diferente, mesmo que para isso seja necessário um trabalho que envolva grande parte da comunidade. É sempre reconhecido pelo grupo o quanto de empenho existe no trabalho da líder.

“A (...) é quem toca a coisa para frente, eu conversei com meu marido: ‘a gente vê essa moça correr’, trabalha demais para a gente.” **Camila**

“Ela é dedicada ao programa, vai nas reuniões da Prefeitura, tudo não é? Então eu acho que ainda está de pé por causa dela. Às vezes a gente se desentende por uma coisa ou outra, mas é só na hora!” **Teseu**

E com relação ao professor, percebe-se que é também reconhecido como uma liderança no grupo, pois também possui a criatividade, algo considerado importante para o grupo. Em nossas observações tenho relatado que por ocasião da participação na 4ª Olimpíada, as pessoas estavam ávidas para participar da coreografia, mas poucas idéias surgiam no grupo. E o grupo ficou aguardando por alguns dias o que o professor estava planejando para a dança. Assim, expor sua idéia, o grupo imediatamente acatou a sugestão do professor, e procurou ensaiar muito nas poucas semanas que restavam para a apresentação.

Mas também se percebe que a comunidade entende que somente o professor não pode dar conta de levar o grupo para frente, é importante para o grupo a motivação e o ânimo do professor, mas que

“(...) O PIC é a gente, é nós que temos que ser o PIC, nós que temos que ter vontade de fazer as coisas, não adianta o professor ficar lá na frente e você não

ter ânimo para nada, você tem que ter ânimo e dar ânimo para o professor.” **Dóris**

Podemos constatar que a comunidade também entende que é necessária a sua participação, assumindo também o seu papel, e dividindo a responsabilidade com as lideranças locais.

A divisão de responsabilidades com a comunidade é um exercício que tem sido constantemente ensaiado no grupo, face ser um dos objetivos do projeto do PIC.

1.5. O PROCESSO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA AÇÃO REFLEXIVA

Paralelo a esse montante de atividades de que o grupo participa e que julga importante à continuidade do trabalho comunitário, encontramos uma outra atividade que não está vinculada a um trabalho para as necessidades imediatas supracitadas do grupo, mas a um trabalho mais voltado à educação em saúde.

Encontramos, em MENDES (1996), uma atividade que foi desenvolvida junto a noventa e seis pessoas pertencentes ao PIC da Vila Tibério, um curso de educação em saúde denominado: “O adulto e sua responsabilidade perante a saúde individual e sócioecológica”, ministrado no ano de 1995, e tinha como objetivos específicos: Estimular a clientela a:

1. Refletir sobre sua relação com a natureza.
2. Discutir seu papel de cidadão no contexto da Sociedade Brasileira e a influência que o indivíduo, família e comunidade têm na melhoria da qualidade de vida individual e ambiental.
3. Identificar, discutir e analisar fatores e grupos de risco populacionais.
4. Desenvolver comportamentos e atividades face às medidas de prevenção de doenças e promoção de saúde.

Esse curso, com uma carga total de 16h, realizado para a comunidade local, segundo MENDES (1996), tinha duas vertentes: “uma é a atividade física e outra é de informações”. Para **Aurora**, a abrangência do curso vai desde a relação do homem com o meio ambiente, com a população, relação com os familiares, o crescimento e desenvolvimento humano, que abrange desde a fase do nascimento até a velhice, sempre procurando relacioná-las à epidemiologia da saúde e da doença.

Para ela, todo o envolvimento que possa ocorrer no grupo deve ser no sentido de haver uma divisão de responsabilidades entre o poder público e a comunidade.

“E esse curso tem como finalidade o autocuidado e a responsabilidade pela saúde tanto individual como sócioecológica. Então esse curso, acho que é legal, porque ninguém dá assim as informações que tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. A gente chega, traz as informações para eles, discute e deixa eles refletirem. E dá resultado, com certeza! Agora eu falo: ‘por que tem as duas coisas juntos?’, Porque não dá para informar sem ter o espaço para as pessoas conviverem, para as pessoas participarem. Então esse espaço de convivência, onde eles fazem atividade física, onde eles viajam, almoços, festas... é nessa interação que se dá a mudança.” **Aurora**

Para **Aurora**, a interação é uma das coisas mais importantes para o aprendizado, e para a problematização, mas ela não se dá apenas no grupo em si, participantes do programa, mas em outros espaços: a família, os amigos, e outros vizinhos.

Para a realização do curso foi necessário buscar parcerias de outros equipamentos sociais na comunidade local, tendo em vista que não existia uma sede para o grupo, e considerando as dificuldades em encontrar um espaço que realmente pudesse comportar os frequentadores do curso na UBS local. A solução encontrada na época, foi solicitar o empréstimo do salão paroquial

da Igreja da Vila Tibério nas terças e quintas-feiras do horário das 7 às 8h, com o intuito de não atrapalhar as atividades físicas realizadas nas segundas, quartas e sextas-feiras.

Assim, mesmo considerando que seria em dias alternativos e em outro local que não a praça, a avaliação sobre a participação, feita por **Aurora**, é considerada muito boa: “eu fiz um levantamento assim, na época, cerca de oitenta por cento das pessoas tinham feito o curso”.

Nesse sentido, na medida em que existia uma preocupação acerca da qualidade de vida, também caminham paralelo elementos importantes do processo educacional que são imprescindíveis para o desenvolvimento da reflexão. Para ilustrarmos a discussão, tomamos como exemplo a discussão sobre a produção de lixo, um dos temas abordados no curso.

Aglaé nos mostra que como usuária do programa, participou também desse processo no grupo.

“Passou o filme da criação humana, do ser humano, passou também filme de saúde... Então (...) foi uma pessoa excelente para gente, ela explicava para a gente esse negócio de jogar plástico fora isso! É uma coisa reciclável pode aproveitar, tanto é que eu peguei uma mania, eu juntei um saco grande assim, qualquer saquinho plástico ou embalagem que for, eu ponho naquele saco! É só plástico, ali é os outros lixos! Da minha casa o único lixo que vai para o lixo é o papel de banheiro só! Jornal eu separo, vidro eu separo, plástico eu separo, foi uma boa informação para a gente e eu viciiei nisso. Eu separo também a casca de laranja, de frutas, de verdura, que serve para esterco.” **Aglaé**

A fala indica que as discussões sobre a temática do lixo suscitaram na usuária uma mudança de comportamento na medida em que começa a atribuir um valor específico na redução de sua produção e na reutilização daquilo que pode servir no próprio ambiente doméstico.

Sobre a temática do lixo, MENDES (1996) comenta que o constructo do curso prevê uma seqüência no desenvolvimento dos temas, o que pode ser observado a partir dos objetivos específicos, e que a temática do lixo tinha a finalidade de discutir a produção do lixo a partir do ambiente doméstico e a importância da coleta seletiva e reciclagem, bem como a responsabilidade individual e pública na redução da produção do mesmo. Encerrou o ciclo de conversas sobre o lixo, com uma visita ao aterro sanitário local, e comenta que, houve um certo espanto por parte dos usuários quando se depararam com o montante de lixo produzido diariamente no município.

Para **Têmis**, a realização do curso ajudou a clarear o que se discute em termos de qualidade de vida, especialmente quando o grupo teve oportunidade de fazer algumas visitas a fábricas, aterro municipal dentre outras, e que consegue *in loco* entender o funcionamento de determinadas empresas e depois poder refletir sobre o que foi visto.

Ao que nos interessa nesse momento é entender como se dá esse processo de aprendizagem dentro do grupo, e para isso **Têmis** traz algumas informações que ilustram essa trajetória pedagógica, quando nos mostra uma recente visita a uma determinada fábrica de refrigerantes de Ribeirão Preto.

“Agendamos a primeira e começamos a fazer as visitas, para isso, para as pessoas verem, e foi de muita boa aceitação, tanto que se a gente for atender aos pedidos deles, a gente só visitaria as fábricas não é? Se bem que há um pouco de interesse assim, dão brindes... Mas é muito legal isso aí por que eu acho que você une as duas coisas, vai ver ao mesmo tempo como é o funcionamento de uma fábrica, e para muitas delas é uma novidade, algo assim... porque tem fábricas que você visita e fica impressionado com o tamanho... e dá para você ver de onde sai o produto que você consome, de que maneira é feito, e conscientizar as pessoas no sentido de alimentação, o que esta consumindo... E para integrar também as

peças, para ver as fábricas como funcionam e que você pode ter acesso naquilo. Porque nós não sabíamos que podíamos visitar as fábricas, que seria permitido comunidade, a não ser grupos para estudos, escolas, essas coisas não é?" **Têmis**

Ao que tudo indica existe uma forma interessante de discutir as questões referentes à vida do sujeito, ou a sua qualidade de vida, que é através do processo de reflexão, o que e por que o fazemos? Assim, entendemos que os aportes da teoria problematizadora de Paulo Freire aparecem no cotidiano do trabalho do grupo.

Mas o mais interessante diz respeito justamente à formação dos sujeitos, a primeira, MENDES (1996), enquanto mentora do programa e desencadeadora do curso de educação em saúde, tem uma formação universitária e traz claramente em seu discurso essa teoria enquanto balisadora de seu trabalho na área da educação. A segunda, **Têmis** nos reporta a uma pessoa que é apenas representante do programa, a líder local, e que não tem uma formação acadêmica, e que, no entanto, tem uma mesma prática cotidiana com o grupo. Para exemplificar ela mesma traz algumas pistas de onde buscou essa prática cotidiana.

"O PIC para mim veio assim: antes eu era uma pessoa... eu trabalhava, era dona de casa, como sou até hoje, mas eu ficava dentro das minhas quatro paredes, eu procurava fazer alguma coisa para as pessoas, mas assim... ajudar aqui e ali... e não trabalhar com a comunidade em si. E aí o PIC surgiu e eu vi ali uma oportunidade para a gente crescer, então quando eu digo para as pessoas assim: 'não deixe morrer isso daí, por que é bom para vocês mesmos.' Por que o que eles nos ensinaram? Eles nos ensinaram a pescar, então vamos aprender a pescar e seguir para a frente, não vamos ficar feito caranguejo andando para trás. Então eu acho assim, a gente cresceu muito, se a pessoa tiver interesse vai para a frente, muda muito a cabeça, trabalha muito com a cidadania." **Têmis**

São processos que invariavelmente levam os sujeitos a determinados questionamentos sobre suas vidas e a relação com o meio em que vivem. Um grau crescente e complexo do aprendizado que são importantes para a construção crítica e a politização dos sujeitos. Mesmo que em determinados existiam as contradições, como ilustra uma frase de uma fala citada: “se bem que há um pouco de interesse assim, dão brindes...” E que, para a líder local, pode também ser um momento de aprendizado, a partir do momento em que este sujeito poderia passar a pensar sobre o brinde, a partir do aspecto valorativo que é atribuído a ele, como um elemento de sedução ao consumo, ou então como um simples agradecimento da empresa ao visitante.

1.6. OS NOVOS GRUPOS AS PARCERIAS NA MELHORIA DA INFRA-ESTRUTURA

O grupo também aponta outros trabalhos que vêm caracterizar de certa forma a responsabilidade e a solidariedade para com outras regiões da cidade, ajudando na formação de outros PICs em outras UBSs, assim como reivindicando junto ao poder público local melhorias na praça local, devido a uma série de problemas ocorridos nas caminhadas e que colocavam em risco a integridade física dos usuários, e um movimento realizado pelo grupo no sentido de manter na liderança a atual representante.

Quanto ao grupo participar na formação de outros PICs, este fato foi lembrado por uma usuária como uma atividade que traria também benefícios para as outras regiões da cidade. É um fato que merece destaque na medida em que a participação demonstra uma solidariedade e um reconhecimento das potencialidades do trabalho comunitário a partir da experiência da Vila Tibério no PIC, embora, ainda na época fosse um trabalho incipiente, mas que ganhava adesão também para o trabalho de divulgação e de estímulo à formação de outros programas.

“Sabe, antes de começar nossa ginástica aqui na praça, ele falava: ‘olha nós vamos ajudar... o PIC, a ginástica em tal praça, vamos?’ nós descemos no pronto-socorro lá em baixo, e eu e o (...), nós fomos em quatro. Mas quando era outra semana nós tínhamos meia dúzia de mulheres... E nos chamavam... nós falávamos muito no rádio, tem o (...), a gente liga para ele, e ele divulga, e a turma vai.” **Níobe**

Segundo dados da SMSRP, o segundo programa implantado ocorreu praticamente um ano após o da Vila Tibério, portanto, no ano de 1994. No ano de 1995 foram implantados sete programas e em 1996 seriam mais 16 programas, perfazendo um total nesse ano de 25. O total de participantes dos PICs nesse ano era de 1650 pessoas.

À medida que o grupo da Vila Tibério ganha adesão em termos de participação, também aparecem os problemas que antes passariam despercebidos pela população, porém, com a utilização sistemática da praça pública, os problemas decorrentes da má conservação começam a surgir no cotidiano do programa, exigindo algumas decisões imediatas.

“(...) a praça está muito ruim, principalmente aquelas calçadas que a gente anda, está cheia de buracos. Porque o interessante da ginástica é o andar, é mais interessante que a ginástica. E a gente está mais para lá do que para cá... e teve gente que já caiu, muita gente...” **Ísis**

Nesse sentido, **Têmis** tem comentado que está se buscando parcerias junto à Prefeitura Municipal com o intuito de viabilizar uma infra-estrutura adequada à utilização da praça. Comenta que até um primeiro momento essa parceria já tinha sido aceita, e que a comunidade local entraria com uma parte do material de construção para a restauração, porém, existem dificuldades operacionais para deslanchar o projeto, os entraves estão mais vinculados ao poder público do que com a comunidade. Segundo ela, já havia sido feito contato com uma empresa local que fabrica bancos e que a mesma

estaria disposta a procurar patrocinadores para colocar os novos bancos, e que na medida do possível a comunidade também estavam disposta a auxiliar na conservação da mesma.

“Uma vez assim, se você põe a comunidade para trabalhar juntos, eles ficam co-responsáveis por aquilo ali. Então ele vai valorizar mais, ele vai ajudar a preservar, cuidar. Estamos pedindo para a Prefeitura, por que o nosso jardineiro, por mais boa vontade que tenha, a o nosso bairro não tem muita pressão na água, então não tem como estar cuidando direitinho. Falta material, mangueira, falta irrigador, falta material para ele estar lidando com as plantas, pedimos esterco, eles já mandaram esterco. Então isso aí nós estamos tentando mudar, e se conseguirmos melhorar a aparência visual da praça, eu acho que os moradores vão se interessar em estar freqüentando a praça. Estamos tentando conseguir cimento para tampar os buracos no chão da praça no calçamento.” **Têmis**

As investidas para conseguir uma reforma na praça não ficam restritas somente às solicitações por parte da representante, mas percebe-se que faz parte de uma responsabilidade que é sentida pelo grupo, assim, o grupo também sente-se com a incumbência de fazer pressão junto ao poder público para as melhorias pretendidas

“(…) até uma vez, nós fomos na Prefeitura e no fórum e nós conversamos com o (...) sobre modificar a nossa praça.” **Níobe**

Embora até o final do período de observação não houvesse ainda sido tomado qualquer providência no sentido de restaurar os locais onde havia os buracos na calçada, o grupo já se antecipara e busca a empresa para colocação dos novos bancos na praça. A reforma da praça somente começa a ocorrer em meados de julho do corrente ano, praticamente quase quatro anos após as reivindicações.

Outro momento que mobilizou a comunidade local foi por ocasião do vencimento do mandato da representante local, a primeira

eleição foi ao nosso olhar, uma escolha a partir de alguns critérios de afetividade, simpatia e uma primeira investida para pensar o trabalho comunitário, tendo na frente uma pessoa que enfrentaria as adversidades com mais facilidades por ser do sexo masculino. A segunda eleição teria um outro caráter, o da liderança nato, demonstrado anteriormente nos depoimentos, e que traria ao grupo uma nova perspectiva para o trabalho comunitário, com inovações, criatividade, e uma capacidade de integrar espontaneamente os vários segmentos que compõem o programa.

Assim, com esse espírito empreendedor, a perspectiva de uma mudança no processo de representação parece trazer ao grupo profundas angústias em relação ao novo. Tanto é que ao se verem frente ao fim do mandato da representante, imediatamente o grupo passa a se articular no sentido de não desencadear o processo eleitoral, elaborando um abaixo-assinado para a sua permanência.

Para **Têmis**, a sua permanência como representante do grupo no segundo ano consecutivo está vinculado ao não aparecimento de candidatos para a vaga, na terceira vez apareceram algumas pessoas interessadas na vaga, porém, novamente o grupo faz um movimento de articulação no sentido de não desencadear as eleições e faz um outro abaixo-assinado para mantê-la no cargo, o mesmo ocorrendo no quarto mandato.

Segundo **Teseu**, principal articulador para a manutenção da representante no cargo, quando foi percebida a possibilidade da líder afastar-se do cargo, o grupo sentiu um certo desânimo, em função de que poderia haver um retrocesso no processo do trabalho comunitário. Era necessário, então, não deixar o grupo desanimar pois

“(...) você nunca deve desanimar, porque se você desanimar, você desanima o outro! Que nem a (...), eu fiz um abaixo-assinado uma vez que ia vencer o

prazo dela não é? Aí eu fui lá e conversei com um, com outro, vi todos os papéis, tudo... tudo... Fiz todos assinar na praça, todo mundo assinou... quando chegou a hora de entregar, nós entregamos e vamos votar... Eu fiz ela voltar! Eu fiz pela turma toda!" **Teseu**

Para **Têmis** longe de parecer um motivo para torná-la mais forte politicamente frente ao grupo, pela delegação consecutiva de quatro anos de representação, o trabalho mereceria entrada de novas lideranças no programa, circunstanciado pelo desgaste que o trabalho comunitário acaba exigindo da liderança. Para ela, é necessária a renovação, uma injeção de ânimo, para potencializar novos projetos junto à comunidade, porém, não se exime da continuidade junto ao programa uma vez que acredita na potencialidade da proposta do PIC, e principalmente na força que a comunidade tem no enfrentamento dos problemas.

1.7. A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DO GRUPO

A organização política do grupo é também presenciada nos primeiros anos de existência do grupo, por ocasião da presença de um governo municipal sensíveis às questões sociais, e que ficou marcado para o grupo através das reuniões do orçamento participativo. Esse parece ter sido um dos momentos mais importantes em termos de atuação política do grupo, pois ele é tomado sempre como uma referência importante quando se discute a participação nas decisões locais.

As primeiras discussões que apontam a presença do grupo nas discussões do orçamento participativo se referem à desativação de uma escola na Igreja Nossa Senhora do Rosário, devido ao fato de que o padre havia solicitado o prédio. Segundo **Teseu**, já havia sido identificado um problema em relação ao deslocamento de muitas crianças para o prédio da Igreja em função da distância entre seus locais de moradia e a escola, para tanto, a solicitação do prédio veio

desencadear a discussão de se ter uma escola mais próxima da comunidade freqüentadora. Nesse sentido, as reuniões, que começavam a realizar-se nos bairros para discutir a aplicação do orçamento do município nas diversas regiões deste, vieram suscitar a vontade do grupo em participar e reivindicar algumas prioridades para a Vila Tibério. Essa participação é lembrada por **Teseu**.

“Começou porque a gente foi numa reunião, orçamento participativo, aqui no parque infantil, na época era o prefeito (...), e então ele via as necessidades do bairro, e a gente ia todo mundo ali para pedir. E como aqui o bairro estava necessitando de uma escola, porque iria ser desativado lá da Igreja Nossa Senhora do Rosário, porque o padre pediu o prédio e nós fomos para pedir terreno para a construção da escola em 1º lugar, e juntos pedimos o terreno da sede, para a construção do PIC. Ele foi doado, ele deu terreno para construir a escola, e deu o terreno para a construção da sede do PIC, não saiu, nem a creche também. Pelo menos fizeram a escola!” **Teseu**

Para **Têmis**, a participação na discussão do orçamento participativo foi uma experiência muito boa para o grupo, que foi favorecido pela construção da escola, a solicitação de um Centro de Convivência e a creche ficaram apenas no papel. Essa discussão sobre o Centro de Convivência, é uma incógnita, pois de um lado os usuários afirmam que ganharam o terreno, o que é confirmado tanto por **Têmis** como **Aurora**, no entanto, para a representante, nada existe de oficial junto à Prefeitura Municipal. Segundo ela, já foram inclusive ver junto a Câmara Municipal sobre a doação, e que de acordo com as informações, nada existe de doação ao PIC da Vila Tibério.

Durante a entrevista realizada junto à representante, a mesma mostrou-nos uma planta baixa do Centro de Convivência, que inclusive foi realizado pela própria Prefeitura Municipal através

da Secretaria do Planejamento na época. Como diz **Têmis** “ficou só no verbal, não foi documentado”.

Embora a construção não tenha se concretizado, existe uma representação muito forte sobre o imaginário comunitário da importância desse Centro de Convivência. Em todas as entrevistas há comentários acerca da necessidade de se ter o referido Centro, e as alegações são as mais variadas possíveis, e em todas a rigor, trazem justificativas plausíveis para a concretização do projeto.

A título de exemplificação, façamos uma leitura sobre os fatos, mesmo correndo o risco de superficializar as justificativas: é tido como fundamental para aumentar a socialização da comunidade local, distrital, regional e intermunicipal; seria um espaço de trocas de saberes entre as gerações; proporcionaria espaços para ocupação e profissionalização dos jovens que estão fora do mercado de trabalho e da escola; abrigaria as atividades do PIC nos períodos chuvosos; proporcionaria uma melhor integração entre as entidades associativas presentes na vila, e poderia abrigar uma cooperativa de alimentos, dentre outras.

Para **Têmis**, inúmeras foram as reuniões que o grupo manteve com a atual administração no sentido de agilizar a construção do Centro de Convivência, acordos, propostas de parcerias para construção, das mais variadas possíveis foram realizadas, inclusive em termos de administração do Centro, que não necessariamente seja destinado ao PIC, mas que pudesse ser administrado sob a forma de comodato por determinado tempo pelo programa. Porém relata uma dificuldade muito grande em avançar no diálogo com as lideranças municipais neste momento.

“Então ficou uma coisa assim... um falava uma coisa... outro falava outra... Você ia na câmara e não tem... você vai em outros departamentos tem! Então o tempo vai passando e parecendo um iôô, daqui para cá e de lá para cá! E não deu em nada,

e tá aí até hoje! Agora a esperança nossa é se entrar uma outra administração mais eficiente, com um prefeito com uma cabeça melhor, mais voltado a ver a comunidade, então quem sabe volta tudo à tona para a gente... se vai para a frente... Porque nós já tínhamos ganho um caminhão de tijolos, de telhas, bancos. Então quer dizer, era só assim... vocês podem construir! Porque não queremos para nós, queremos assim, que fique no nome da Prefeitura, só que a gente administrar por um determinado tempo.”**Têmis**

Entendemos que todas as formas são de participação política, e estão presentes no grupo em todas as circunstâncias que envolvem qualquer processo decisório, se chamamos aqui este destaque, é para dar uma dimensão ampliada dessa participação, de envolvimento e produção de sujeitos sociais, e não apenas como indivíduos que referendam as tomadas de decisões e que não possuem nenhum critério de julgamento e visão crítica dos fatos que os circunscrevem.

Poderíamos ainda comentar outros momentos que envolveram a participação da comunidade em situações de decisão. Um deles, e que em nenhuma entrevista ficou evidenciado, foi a participação decisiva do PIC da Vila Tibério na formação da CLS, esse fato, somente chegou ao nosso conhecimento através da leitura de uma reportagem de um jornal local. Em sua edição do dia 11 de junho de 1994, o jornal A Cidade ao fazer uma ampla reportagem sobre o PIC da Vila Tibério.

“(...) o sucesso do PIC não se resume ao programa – em decorrência dele e da ativa e interessada participação dos idosos foi constituído a Comissão Local de Saúde, organismo previsto na Lei Orgânica do Município. As comissões locais de saúde, vinculadas às Unidades da Secretaria Municipal de Saúde, são as bases da estrutura criada pela Lei Orgânica e que têm como ponto máximo a Conferência Municipal de Saúde, e como objetivo primordial, a definição de uma política municipal de saúde

com a participação dos maiores interessados: a população." (Jornal A CIDADE, 1994:8)

Uma participação importante na medida em que a CLS vai atuar, justamente, intermediando as necessidades da comunidade junto à UBS local, tendo como foi dito na reportagem, uma papel importante na definição da política de saúde do município junto à Conferência Municipal de Saúde. Nesse sentido, ainda comentando sobre a CLS, lembramos aqui que, a reorganização dessa comissão, no mês de setembro de 2000, ocorreu somente por uma iniciativa do PIC local, em que novamente provocou a eleição da nova CLS no mês de outubro do corrente ano, tendo na sua composição componentes do grupo, membros da comunidade da Vila Tibério, e funcionários da UBS local.

Em mais duas ocasiões importantes a participação da comunidade pertencente ao PIC esteve presente.

"A comunidade precisa de espaço para trabalhar, mas é preciso que haja aquele apoio político também. Eu me lembro e até evito de fazer essa comparação, mas na época do (...), ele é uma pessoa muito especial para trabalhar com a questão comunitária, com as questões sociais, e ele abria muito espaço para a comunidade. Eu lembro que os líderes entravam naquele Palácio Rio Branco, e juntos com a primeira dama sentavam para planejar as atividades da OLIMPIC, ou então a conferência dos idosos que fazíamos com a comunidade toda. E nesse período, iam também duas ou três pessoas de cada PIC para participar de uma reunião com o Secretário de Saúde para discutir os problemas do PIC. Outra situação foi um abaixo-assinado levado para a Secretaria de Saúde para a manutenção minha no PIC, uma vez que a médica da Unidade queria tomar para si a criação do programa" **Aurora**

Assim, podemos afirmar que, existe uma mobilização da comunidade em busca de seus direitos, e não somente como

agentes passivos que buscam favores, mas que para além desses, a participação tem sido no sentido de realizar os ajustes necessários do programa com vistas à democratização do processo de decisão para desenvolver as competências políticas necessárias à formação e emancipação do sujeito como ser social.

1.8. A RELAÇÃO DO PIC COM A UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE

Não poderíamos deixar de olhar para as relações do PIC com a UBS e a SMSRP, na medida em que elas estão também presentes na representação dos sujeitos, e por ser esse, um programa oficial da SMS-RP.

Para **Aurora** os primeiros problemas começam a ocorrer justamente na coordenação dos cursos de educação em saúde, quando havia sido previsto que um profissional da UBS poderia estar dirigindo a programação e que tivesse um perfil para o trabalho comunitário. No entanto, não houve adesão dos profissionais da saúde para essa tarefa.

Nesse sentido, relata um dos problemas que provocou essa não adesão foi justamente no conceito de saúde. Para ela, quando a UBS se propõe ao trabalho comunitário, acaba fazendo algumas intervenções medicalizadoras como verificação da pressão arterial, dosagem de colesterol, glicemia dentre outros.

“A UBS trabalha muito com o modelo preventivista, não trabalha com o modelo promocional, porque o promocional contempla a integralidade, não vai trabalhar com grupos específicos, trabalha com a população em geral, não usa métodos específicos, não trabalha só como o pessoal da saúde, trabalha com todos, com o artista, advogado, trabalha com quem tiver na comunidade e eles não estão habituados com isso, esse que é o problema maior... ao invés de você trabalhar com programas específicos, esperar resultados específicos... o resultado vem a longo prazo.” **Aurora**

Ainda lembra que não há como descartar o trabalho com patologias específicas, porém, ali no PIC esses usuários estariam dentro de um contexto mais amplo da programação, e isso provoca um certo destoamento na forma de trabalhar as questões da saúde. As dificuldades apontadas no envolvimento da UBS também são reconhecidas pelos usuários, nas entrevistas é referido que antigamente havia maior envolvimento dos médicos e enfermeiros da UBS junto ao PIC. Esse fato é recordado por **Têmis**.

“(...) antes nós tínhamos uma enfermeira que trabalhava com a gente no dia-a-dia, na nossa UBS, é só atravessar a rua para você ver onde a comunidade está. E agora você nunca vê médico, você não vê enfermeira ali, a não ser se tem que dar algum recado, que tem alguma palestra, alguma coisa, ai eles vão.” **Têmis**

Durante todo o período em que fizemos as observações, presenciamos apenas três vezes a presença de profissionais da UBS junto ao PIC, na primeira vez, uma enfermeira veio até o programa e no final das atividades físicas comunicou aos usuários que estaria sendo feita uma palestra na UBS sobre saúde e quem quisesse assistir poderia se deslocar até a UBS, naquele momento parecia que o recado não teve nenhum reflexo nas pessoas, então ela retoma pedindo que se tiver líderes presentes e que desejarem participar, lembramos aqui, que apenas quatro pessoas a acompanharam. É interessante acrescer que em nenhum momento foi dito que tipo de assunto seria tratado nessa palestra. Na segunda vez foi o gerente que veio conversar com a representante local, que segundo ela, nada tinha a ver com o trabalho desenvolvido no PIC. Na terceira vez, uma enfermeira da distrital compareceu rapidamente no PIC para comunicar a realização da Pré-Conferência de Saúde da região distrital do Sumarezinho que iria ocorrer em quinze dias em uma escola da região.

Para **Têmis** um dos objetivos do PIC era justamente trabalhar com a UBS no sentido de diminuir um pouco as longas filas que se faziam na UBS para a verificação da pressão arterial, que as pessoas entendessem que saúde não está apenas dentro da UBS nos profissionais, mas que um trabalho de saúde, voltado para outras formas de intervenção pudesse auxiliar na representação da doença.

“(...) no começo elas queriam colocar uma ambulância ali do lado, e ‘se alguém passar mal?’ Não, mas se objetivo é tirar um pouco as pessoas da UBS. ‘Para que pôr uma ambulância aqui?’ Então só iria impressionar as pessoas! Então com isso a gente queria tirar as pessoas da UBS. Conseguimos, por que hoje tem muito menos gente indo na UBS, não para ver a pressão, por que estava precisando saber se a pressão estava alta ou baixa, mas pela sensação que ela tinha de ter alguém cuidando dela.” **Têmis**

É interessante observar que passados alguns meses, existe uma certa acomodação e entendimento do trabalho do PIC em relação a sua proposta de melhorar a qualidade de vida. Outros problemas, no entanto, começariam a aparecer. A notória visibilidade do programa e a atenção que os órgãos de comunicação começam a dar, traz à luz algumas divergências em relação às concepções filosóficas e de criação do programa.

O Diário Oficial, Órgão Oficial do Município de Ribeirão Preto, traz uma reportagem do dia 28 de março de 1994, comentando que o PIC tem suas atividades baseadas na educação física e palestras e com isso tem conseguido diminuir o consumo de medicamentos, melhorando as condições de saúde de hipertensos e diabéticos atendidos na UBS da Vila Tibério, e conta com o trabalho dos profissionais da UBS local e com voluntários da Escola de Enfermagem e do Centro de Educação Física, Esportes e Recreação da USP-Ribeirão Preto. Mais adiante comenta.

“A idealizadora da atividade é a médica (...), clínica geral da UBS da Vila Tibério. Segundo ela o PIC surgiu em consonância com o que vem sendo desenvolvido pelo Programa Municipal de Controle e Prevenção Arterial. Os objetivos do PIC são a promoção da saúde, a prevenção das doenças e a reabilitação dessas pessoas’, disse uma das voluntárias, (...), professora do Departamento Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem da USP, que atua em conjunto com a pós-graduanda (...)” (Diário Oficial, 1994:6)

O jornal O Diário de Ribeirão Preto, datado do dia 2 de junho de 1994, exhibe uma reportagem em que comenta que um casal integrante do PIC ofereceu um café da manhã aos trabalhadores da saúde da UBS da Vila Tibério, em reconhecimento ao trabalho desenvolvido por esses. O gerente da UBS local aponta que o reconhecimento é um mérito para os 40 funcionários que, além dos serviços médicos, desenvolvem também programas paralelos de saúde e lazer, visando ao bem-estar e à integração da comunidade da Vila Tibério. A seguir o jornal acrescenta que

“ (...) um exemplo é o PIC (Programa de Integração Comunitária) – idealizado pela médica (...) – que reúne pacientes hipertensos e diabéticos (a maioria mulheres acima dos 45 anos), para acompanhamento clínico, palestras e exercícios físicos (...)” (Jornal O Diário, 1994:3)

Em outra extensa reportagem, realizada pelo jornal A Cidade de Ribeirão Preto, datada do dia 11 de junho de 1994 relata que.

“O PIC surgiu em fins de setembro do ano passado, a partir do trabalho da dra. (...), da Vila Tibério. Sete pacientes com problemas de hipertensão arterial ou diabetes passaram a se exercitar com uma caminhada no início da manhã, na praça José Mortari. Com a proposta, a dra. (...) e o dr. (...), gerente da UBS Vila Tibério, colocavam em prática o mais recomendado procedimento da Organização Mundial da Saúde – OMS, aquele que procurava prevenir. No final de outubro se integram ao projeto, na condição de

voluntários, representantes da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP. Na seqüência, professores do Centro de Educação Física e Recreação da USP elaboraram um programa de atividades físicas específicas para os idosos." (Jornal A CIDADE, 1994:8)

Frente às insistentes reportagens dos jornais escritos e televisivos, em que afirmavam que a idealização do programa partira de uma médica lotada na UBS da Vila Tibério, **Aurora** diz que começa a haver uma certa inquietação no grupo, na medida em que é percebida por esse, que além da concepção da criação do PIC, também no campo filosófico do trabalho junto ao programa começa a ter divergências.

"(...) ela queria assumir a liderança, houve embates até nos jornais acerca de que havia feito o projeto do PIC, então ela tinha uma postura e nós tínhamos outra, e não dava para trabalhar com as duas posições. Então eu resolvi sair depois de sete meses da programação. Eu falava uma coisa, ela vinha e falava outra e a comunidade ficava perdida. Aí eu conversei com a comunidade sobre as divergências e falei que não havia mais condições de trabalhar com duas visões tão diferentes. Então tomei a decisão de sair. A comunidade reagiu, não deixou de jeito nenhum, foram na Secretaria da Saúde, fizeram um abaixo-assinado, e eu acabei sendo convocada pela Secretaria de Saúde para tentar ajustar o impasse." **Aurora**

Essa divergência durou um período relativamente longo e mobilizou também a Prefeitura Municipal, onde através de um ofício nº 200 PRC-94, o assistente de gabinete do prefeito e coordenador do programa Ribeirão Criança, convocava: a idealizadora do projeto, a médica e o gerente da UBS, o professor de educação física e outras pessoas envolvidas, para uma reunião no dia 26 de agosto de 1994, a realizar-se no Palácio Rio Branco, onde juntamente com o Prefeito Municipal buscariam uma solução para o impasse acerca do PIC.

Para **Aurora** o maior problema em relação à criação do programa, encontrava-se justamente no fato de que esse projeto envolvia um financiamento do CNPq através de bolsa: técnico de nível superior, aperfeiçoamento e iniciação científica, e do qual a autora ainda tinha prestação de contas e relatórios a entregar ao referido órgão. E que essas informações poderiam concorrer à não renovação do referido projeto. Comenta ainda que a situação foi contornada a partir do momento em que “ela acabou mudando de atitude e eu permaneci junto ao grupo”.

Em menos de um ano de existência, esses são os primeiros indícios que apontam um afastamento dos profissionais da UBS local com os usuários do PIC, esse rompimento é lembrado por uma participante do programa.

“Aí ficou mais separado. Porque a Dr.a queria... aparecia só ela e o médico como se fosse eles que tivessem feito o trabalho! Mas não era, a gente que participava sabia! Era a (...) porque a Dra só, ela e o médico apareceram depois, e falava no jornal isso era trabalho deles! Aí ela e a (...) se desentenderam e ficou: ‘eles para lá e nós para cá!’ Aí ficou separado tanto é que a gente vai aonde vai, não vai médico não vai nem enfermeiro! Não vai ninguém com a gente! Não tinha nada a ver, tanto é que podia ir. A (...) foi conversar lá no posto que podia trabalhar junto, ela é muito boa!” **Camila**

Esses episódios acerca das divergências iniciais no programa estão presentes na memória dos usuários, porém, com o passar do tempo e com afastamento dos profissionais da UBS do PIC, existe uma certa representação de independência da UBS e da SMSRP por parte dos usuários. Essa perda da relação poderia inicialmente ser atribuída ao fato de que, muitos dos participantes do programa possuem algum tipo de convênio e que invariavelmente não têm a relação com a UBS, no entanto, grande parte dos entrevistados mantém vínculos com a UBS. Assim, entendemos que o sentimento

de independência é decorrente mesmo de um certo grau de isolamento do PIC com a UBS.

Têmis chama atenção para um pequeno detalhe que poderia nos parecer insignificante, mas que para um grupo com as características do PIC faz uma diferença muito grande quando falamos de identificação.

“Se você chegar lá na praça e perguntar para a maioria, ninguém vai saber com se chama o gerente da nossa UBS. Então eu acho que não precisava nada, vai desce do pedestal, se junta, eu acho que quando a gente tem amigos todos temos a ganhar, a UBS com a comunidade e a comunidade com a UBS. Eu acho que geraria assim um maior entendimento, e um resultado mais positivo para a saúde.” **Têmis**

Assim, o elo de aproximação fica por conta somente da representante local junto à UBS e também junto à SMSRP.

1.9. A RELAÇÃO DO PIC COM A SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

Na SMSRP, parece existir uma maior proximidade, na medida em que se mantêm reuniões mensais com os monitores dos PICs e com os representantes. Nessas últimas, as reuniões são abertas.

Níobe comenta a sua experiência em acompanhar a representante.

“Essas reuniões eram muito boas, na Secretaria de Saúde, é de lá que saía as viagens, as coisas para fazer no PIC. Então todos os PICs têm que comparecer, aquelas que tomam conta, igual a (...) O Dr. (...), ele fala, ele é um bom explicador, explica bem a situação, ele fala como todos têm que viver, como têm que fazer a ginástica, como têm que caminhar, ele explica tudo muito bem. E, lá na Secretaria da Saúde, pode ir qualquer um, está aberto, é na segunda-feira do mês... As representantes são obrigadas a ir. Mas tem a participação de qualquer um, porque o Dr. (...) fala as coisas que têm que ser feito durante o mês.” **Níobe**

Têmis comenta que nessas reuniões de segundas-feiras tem sido colocado que se o PIC precisar de algo deve procurar o seu gerente na UBS. Porém, nos assinala que não é assim, existe uma desatenção muito grande por parte da UBS como um todo. O mesmo refletindo, quanto ao Secretário de Saúde.

“Quando começou era o Dr. (...) que era gerente daqui da nossa Unidade. Hoje ele é Secretário da Saúde. Então ele conhece bem o programa, no entanto, ele não vem, não passa, não visita, não pergunta se estamos precisando de alguma coisa? Como é que está o PIC? Sabe, então eu acho que não há um interesse da parte dele. E eu acho que isso é fundamental é muito importante no meu modo de entender.” **Têmis**

Mas também lembra que quando surgiram as reuniões, essas foram decorrentes do próprio crescimento do número de PICs e foi se perdendo o controle sobre os programas. Isso fez com que se instituíssem as reuniões mensais com os representantes dos programas para que fossem discutidos, junto ao coordenador geral de SMSRP, os problemas de cada um.

Segundo **Têmis**, as reuniões ajudaram muito na socialização dos programas e facilitou muito para que muitos pudessem implementar atividades em seus locais. Mesmo os problemas que surgiam em decorrência de monitores, eram tratados no conjunto, e quando de algo mais particularizado era discutido somente com o coordenador geral. Problemas como o contrato dos monitores via SMSRP também foram resolvidos nessas reuniões.

“Mas foi passando o tempo, e eu não sei... a coisa foi desgastando”, comenta ela, e a finalidade maior do programa foi se perdendo, tendo em vista que sendo um programa que tem o intuito de melhorar a qualidade de vida, como avaliar isso? **Têmis**

Para **Têmis**, muitas coisas se perderam no tempo, uma delas é justamente essa possibilidade de avaliar os efeitos positivos do programa. Comenta que anualmente é repassada aos usuários uma ficha de avaliação, que embora possa parecer superficial, mostra alguns parâmetros importantes no acompanhamento do programa.

“(...) aquela avaliação que eu falei no começo. Foi feita avaliação? Seu PIC fez avaliação? Todos concordaram? Eles gostaram? O que eles acharam da avaliação? Teve resultados depois? Nós fizemos uma avaliação, foi constatado que diminuiu o consumo de medicamentos... outros não... outros continuam a mesma coisa. Enfim, dá uma satisfação para o usuário!” **Têmis**

Referente a essa avaliação, muitos usuários nas entrevistas manifestaram o seu descontentamento com relação a ela, na medida em que, existe uma grande dificuldade para que o profissional assine a referida ficha. Grande parte dos profissionais médicos não gosta de dar a anuência das aptidões para o desenvolvimento das atividades físicas e, no entanto, depois que o usuário consegue entregar, de acordo com o solicitado, não recebe nenhum retorno da SMSRP.

Para a representante, as reuniões pouco têm a acrescentar, estão muito repetitivas e com poucas discussões acerca das necessidades e situações importantes para conciliar atividades desenvolvidas e qualidade de vida, cita como exemplo, uma preocupação que a tem acompanhado já faz algum tempo e que tem dividido nas reuniões mensais.

“Porque você sabe que para a educação física do idoso, o exercício é diferente da criança e do adolescente, desde que os meninos monitores são estagiários, eu acho assim: ele está sendo supervisionado pelo professor? Eles estão sendo avaliados? O que você está dando de exercícios físico que você está monitorando? Eles estão aptos a

fazerem aquilo lá? Porque tem monitor que está indo no PIC no primeiro ano de faculdade, então são jovens, são pessoas inexperientes, estão começando agora... Porque inclusive foi falado que o estagiário seria o terceiro ou quartanista de educação física. Mas tem muito monitor que está vindo do primeiro ano de educação física e já está dando aula. Agora esse menino está preparado para dar aula? Será que ele observa? Por que o idoso às vezes, começa a fazer as coisas no seu limite, mas as vezes ele vai fazer os exercícios igual ao seu vizinho. Então eu gostaria que nessas reuniões se discutissem coisas de maior interesse em relação à saúde, como é que está sendo o programa, avaliação das pessoas, gostaria que o gerente estivesse mais junto, mais integrado, mais referenciado no dia-a-dia." **Têmis**

Relevantes são as preocupações da representante junto às reuniões com os representantes e coordenador geral. Nesse sentido, nas nossas observações traçamos algumas considerações que vêm ao encontro do que foi acima levantado. Durante o período em que acompanhamos o grupo percebemos que durante a realização das atividades físicas, quando da presença do professor, o monitor permanecia durante todo o tempo sentado ao lado do instrutor, e não circulava por entre o grupo para identificar possíveis problemas posturais na execução dos exercícios. E havia sempre uma queixa ou outra a respeito de dores musculares. Ao inverso, quando o monitor servia de instrutor na manhã, o professor sempre circulava por entre o grupo para fazer as devidas correções posturais, havia menos queixa de dores.

Possivelmente duas situações concorriam para isso, primeiro era o fato de que os exercícios realizados pelo professor tinham um estilo muito de academia, aeróbica, e muitos dos usuários não conseguiam acompanhar corretamente devido à rapidez dos exercícios, e outra que o monitor apesar de ser menos inexperiente realizava os exercícios com menos rapidez e voltados à uma maior

amplitude. Mas sobre os exercícios, ainda voltaremos a discutir no próximo grupo de DSC.

Por fim, entendemos que, assim como **Aurora**, há necessidade de buscar maior articulação entre a UBS e outros setores com PIC porque

“(...) precisa ter um canal de comunicação, mas um canal que integre, porque é preciso que as Unidades Básicas se transformem. Sem canal é difícil, elas têm que buscar, ou pela Unidade Básica ou pela Secretaria de Ação Social, ou outros setores, para não ficar somente nas atividades físicas, é preciso mexer, transformar o bairro, criar, reivindicar (...) porque não podemos ser ingênuos de pensar que a comunidade sozinha vai resolver tudo, porque ela não vai, assim como, as instituições políticas e sociais não resolvem sem a comunidade. Tem que haver essa interface, isso é fundamental!” **Aurora**

Assim, ao findar essa discussão sobre o processo de organização da comunidade e o desenvolvimento de lideranças, em relação à organização da comunidade, achamos oportuno pontuar que embora as palavras da representante, dos usuários e da autora do programa, que é relativamente fácil de organizar a comunidade, pelo período que acompanhamos todo o trabalho percebemos o quanto é trabalhoso desenvolver essa organização no grupo, acreditamos sim que é muito prazeroso, pois o retorno não dá apenas em termos de críticas, e nem de elogios verbais, vai mais longe, mexe com aquilo que temos de mais importante: a emoção, e essa é manifestada pelos gestos, silêncios, e principalmente pela diferença!

E com relação à liderança entendemos que ela se dá no dia-a-dia do programa, é uma construção cotidiana, com avanços e retrocessos, mas com reconhecimento na medida em que há conquistas.

GRUPO II

2. A Participação Social

2.1 A PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES MEDIADORAS, O CONVÍVIO SOCIAL E A QUALIDADE DE VIDA

IC. 3

Eu participo de todo tipo de atividade do PIC

DSC. 3

Eu participo de tudo; por exemplo, tive essa idéia de fazer o boneco para brincar com o pessoal, é uma idéia que eu tive ali na praça conversando com umas amigas e deu certo, o pessoal gosta, você vê as turmas lotar; por isso que eu falo: tem que participar dessas coisas, brincando você já não vai pensar na doença, vai pensar em outras coisas.

O (...), maestro da USP, foi lá e falou que ia formar um coral, que ia ensinar, eu entrei, ele separou as vozes, o contralto e o baixo, soprano, nós já fizemos apresentação no Padre Euclides, na capela da USP, no SESI; a música é essencial, é uma coisa que mexe com a mentalidade, tanto é que, depois de velha, eu aprendi a tocar violão; a gente deve gostar de uma coisa que faz bem, eu sempre gostei, mas não tinha paciência.

Outro dia eu vi a turma tocando no encerramento da Olympic, aí eu fiquei deslumbrada com aquela bandinha, até acompanhei do outro lado com o prato direitinho, eu acho que dou para tocar o prato, aí eu fui lá e estou tocando até hoje; a gente se reúne duas vezes por semana, na terça ensaia a bandinha, e na quinta o canto.

O teatro da dengue foi organizado pela (...) e seu (...), então começaram a chamar e daí eu entrei; a gente apresentou em vários lugares, e assim que sair a peça do escorpião ela vai me chamar, porque eu fui mordida pelo escorpião, então eu tenho muita coisa para falar realmente de verdade no teatro.

Na sede, eu acho, poderia ter corte de cabelo, costura, fazer tapetes de retalhos, festa do cachorro-quente. A dona (...) se ofereceu para ensinar a fazer caixinha e bichinhos, fazer tapetes de retalhos e já punha para vender no bazar, mas tem que ter uma estratégia nova de anunciar o bazar, na praça, no rádio, em bilhetinhos e distribuir nas casas; incentivar a criatividade das pessoas.

Um dia a (...) falou: tal dia da semana que vem é dia do professor, a gente pode fazer uma homenagem, alguém sabe falar ou fazer alguma coisa?; eu voltei para a minha casa e pensei... eu vou tentar fazer uma poesia para homenagear o professor, cheguei em casa e consegui, aí começaram a pedir para o dia da criança, semana da pátria, e aí eu me animei e comecei a escrever, tem aquela inspiração para tudo, de vez em quando dá uma coisa na minha cabeça, uma vontade de escrever, aí eu me atrevi a mandar o meu conto sobre as pessoas de rua que não têm Natal para a casa da cultura.

A gente fez um livrinho de história em verso, fizemos também um livrinho que se chama Versando Sobre a Memória e cada uma de nós contou uma história, já foi publicado: quanto mais a pessoa tem idade, mais histórias interessantes ela tem, eu também faço cestas artesanais de jornais, flores de panos de cetim, grinaldas e enfeites para casamentos;

Tem também a pintura: eu nunca tinha pintado antes; daí eu descobri aqui que eu gosto de pintar quadros, a pintura é muito boa para a minha cabeça, esqueço de tudo quando estou pintando uma paisagem, penso no céu, nas nuvens, no verde, eu sou apaixonada pela pintura, tenho vontade de comprar uma tela, ir no meio do mato lá no museu e ficar olhando a paisagem.

Além disso tem as viagens: Caldas Novas é um lugar bom para descanso, Barra Bonita também, já fui em vários lugares passear, em Campinas viajamos de trem, que delícia, observar a natureza.

Foi nessa praça que começou o PIC; mas eu nunca pude curtir uma praça como hoje, eu venho a pé ou de ônibus só para curtir a praça, gosto de ficar na praça sozinha mesmo, fico sentada, trago um caderno e aí olhando para a natureza eu começo a escrever cartas para minha irmã, até para os meus filhos que moram aqui e eu passo 2 a 3 meses sem ver eles; a gente até reza na praça, não é só ginástica, tem oração também, pela paz, pela união das famílias das pessoas, que tem lá, que sejam todas amigas; essa praça é a vida da gente; é o nosso centro comunitário; é gostoso o ar livre; mas a gente continua dona de casa.

IC. 4

Estar no grupo é importante, a gente se protege, fala a mesma língua. Eu venho é para conversar, dar companheirismo, e quando alguém precisa de ajuda a gente avisa, mas nem todos colaboram. Uma vez eu falei que iria sair do PIC, mas não tenho coragem, é bom demais!

DSC. 4

Quando chega segunda-feira é uma alegria para mim, às 6:30 já estou no PIC; falto muito pouco, porque eu gosto demais; eu não perco o PIC de jeito nenhum; faça chuva ou faça sol eu estou sempre lá.

Aqui é uma família, nós temos uma amizade muito bonita. Quando estive afastada, as horas não passavam, sentia falta de conversar com os amigos, de fazer a ginástica; é muito diferente de ficar em casa, de trabalhar; no meio da turma eu me sinto em casa.

Você vê, tinha pessoas que moravam há um quarteirão e subiam no ponto de ônibus ao lado da minha casa e a gente nem se cumprimenta, mas depois que passamos conviver ali na praça é que a gente teve mais amizade. E outras pessoas que moravam mais longe, e de outras cidades, que a gente ficou conhecendo através dos passeios; quer coisa melhor que isso?

Tem algumas pessoas que parece que você já conhece há tanto tempo, e quando uma falta, a gente procura saber porque não está participando, se está doente? Ou então, sempre vem uma perguntar se você está bem, o que aconteceu? Posso te ajudar em alguma coisa?

Agora quando eu sei que alguém está doente eu não puxo aquele assunto de doença, eu falo assim: o senhor está cada vez mais novo, me dá essa receita, para as moças eu falo: mas a senhora está ficando cada vez mais nova, pele mais linda, as pessoas ficam contente! Infelizmente cada um tem uma cruz para carregar, mais pesada, menos pesada, e assim, o outro ajuda a levar a cruz.

Eu gosto de ajudar; de estar envolvida, fazendo alguma coisa, eu procuro fazer o que está no meu alcance, eu topo qualquer parada. Você nunca deve desanimar, porque senão, você desanima o outro; por isso eu disse: se construir a sede eu vou ajudar de algum jeito; se tem um bazar eu procuro comprar as coisas, se faz uma festinha eu ajudo.

Eu vou te falar uma coisa, eu estou contente de fazer uma coisa que agrada o pessoal, a turma do lar dos velhinhos gostam muito, as crianças no hospital também, se pudesse eu iria trabalhar de voluntária, pelo menos uma tarde. As mulheres dos Campos Elíseos nunca tinham apresentado dança, e no ano passado a turma dançou, e nesse, eles não precisam de mim, eu fiquei contente de ver a alegria delas. Eu também levo uma senhora de idade, de perto do Sampaio, à igreja toda sexta-feira.

Aqui no PIC eu fui conseguindo estímulo, ânimo; porque ali todo mundo fala a mesma língua; e quando a gente tem um problema se abre um pouquinho com as pessoas que tem mais amizade, mais liberdade de conversar, porque você escutando a opinião do outro, às vezes, até ajuda a consertar a tua, e você vai vendo que o seu problema é mais leve que o do outro e vai se conformando.

Junto com as outras pessoas a gente aprende mais, qualquer pessoa poderia arrumar um jeito de conviver com mais pessoas; em casa a gente acaba ficando muito sozinha. Mas eu procuro fazer as coisas, não sou de ficar sem nada para fazer, não agüento, eu não quero ficar na solidão, é muito difícil sair dela. Eu não sou uma pessoa de ficar falando com as paredes, gosto de movimento, por isso, estar no grupo é importante.

Algumas vezes eu não venho, não porque não quero, é porque não posso, tem que olhar neto, doença na família. Então eu venho é para conversar com as pessoas, dar companheirismo, e quando vem uma pessoa nova, eu converso, explico o que tem aqui e pergunto: você não quer participar?

Quando a gente vê que uma pessoa está precisando de ajuda, a gente faz reunião, faz uma vaquinha, mas infelizmente, não são todos que colaboram. Nós tínhamos aqui um grupinho que visitava os doentes, e quando falecia uma pessoa, a gente procurava avisar a todos, e isso ajuda muito!

Uma vez nós comemorávamos um aniversário aqui na praça com café da manhã; é um lugar tão gostoso onde a gente pode conviver com a natureza, com as pessoas, com os amigos, com as crianças, com a nossa turminha de idosos, com vocês, com os professores, e médicos.

A praça também é importante pelas caminhadas, porque sozinha você corre o risco de passar por algum desconhecido, e estando no grupo a gente se protege. Eu sempre digo que a chegada sempre é melhor do que a saída.

Teve uma vez eu já falei que iria sair do PIC mais eu não tenho coragem, é bom demais!

IC. 5

Nós aceitamos todos. No início me achava diferente e que não pertencia àquele lugar. Depois a gente vê que precisa ceder para conviver bem; mas tem sempre aquele que não fica satisfeito. Mas eu acho que apesar de tudo a maior vantagem é mesmo para a terceira idade.

DSC. 5

Quando o médico falou para mim ir no PIC, eu fiquei bastante tempo pensando antes de ir. Fui para casa e fui chamando minhas vizinhas, minha cunhada e fomos numa turminha.

No começo, tinha muito leva e traz, brigas e discussões, e quando seu (...) (primeiro representante) faleceu, a esposa dele não quis mais participar, porque judiaram muito deles naquela época

Eu lembro que foi muito difícil participar do grupo, porque quando eu chegava lá todo mundo me olhava e eu me achava diferente ou estava diferente. E no meu entender, eles estavam achando que eu não pertencia àquele lugar, tinha que ir num lugar que pertencesse a mim.

Mas, com o tempo eu percebi que todo mundo é diferente, se determinadas pessoas fossem para morar juntas talvez não daria certo, mas, assim no grupo dá, porque a gente vai conhecendo as pessoas, e vai aceitando do jeito que ela é.

E nós aceitamos todos eles, nós tínhamos uma menina de cadeira de rodas, a companheira trazia ela ali na praça, ela fazia ginástica com as mãos e braços, tinha uma porção de colegas de cor, elas vinham fazer ginástica antes de ir trabalhar.

Tem também o Luciano, eu acho que ele não tem diferença nenhuma, é uma pessoa normal. Os irmãos mudos passam pela gente e levantam a mão para cumprimentar, dá para a gente se entender bem com eles. E ele é um homem feliz lá junto com nós, a gente dança com ele nos bailes, ele é um homem especial. Ele aprende mais fácil do que nós, porque ele presta mais atenção.

Agora dá para contar nos dedos os homens que tem, mas eles não se sentem mariquinha porque estão no PIC. Mas a gente não gosta de homens atrevidos, aliás nem de mulheres também.

Mas acontece que a gente acaba tendo o nosso grupinho, mas como te disse: tem o outro que é gente também e é por isso que tem que ceder para poder viver. Tem gente que tem a cabeça diferente da minha, e quando sai qualquer coisa, a gente põe um algodãozinho no ouvido e faz que não escuta, ninguém pode fazer milagres, sempre tem aquele que não fica satisfeito, então, a gente começou a perceber isso e começamos a não aceitar, porque a gente não passeia, a gente trabalha aqui e porque essas pessoas não vem trabalhar também? Elas sempre dão um jeitinho de escorregar e sair fora,

sempre tem uma desculpa. Mas nós estamos prontas para abrir espaço para outras pessoas novas, porque o trabalho comunitário ele exige sempre algo novo.

Quando eu posso, eu levo meus netos nas festas, meus filhos assistem o coral, vão nos passeios, e também na Olímpic. E é por isso que a gente quer que o PIC continue agora e sempre que é a coisa melhor do mundo, principalmente para essas mulheres muito fechadas dentro de casa, ficam com a mente muito ruim, ainda mais se tem um marido que começa acercar a gente por tudo quanto é lugar.

A gente fala que o PIC é da terceira idade, ele é mais freqüentado pela terceira idade, mas vai quem quer, qualquer idade, tem muita gente jovem no meio da gente. Eu acho que a vantagem maior do PIC está sendo para a terceira idade porque já criou os filhos, já não tem muita ocupação, já não tem muito trabalho e ficar muito parada e não faz bem.

Agora a gente tem mais oportunidade!

IC. 6

Participar das atividades do PIC ajudou a melhorar a cabeça e o esqueleto da gente. A gente dorme e se alimenta melhor, toma menos remédio e areja a cabeça. Mas ainda tem gente que desvaloriza, porque estamos cuidando da nossa saúde.

DSC. 6

No primeiro dia a gente não tinha muito jeito, depois fui acostumando e agora já faz seis anos que a gente está participando disso e, graças á Deus, está indo muito bem, eu acho que além da ginástica, a amizade também faz muito bem para a saúde da gente.

Depois que comecei a participar do programa mudou minha cabeça, o PIC é importante para muitas pessoas; eu acho que todo mundo deveria participar disso para ter mais saúde, às vezes a gente sai de casa meio desanimada, mas chega e esquece todos os problemas; ou levanta meio cansada com dor nas pernas, nos ombros e quando volta não tem mais nada.

Eu conheço pessoas que tinham depressão e que acabou; eu mesma eu tinha muita vontade de chorar; agora eu esqueço essa parte da depressão; conheço pessoas que têm diabetes, pressão alta, colesterol e que ajudou a controlar; pessoas que tomavam vários medicamentos por dia; agora só lembram quando o remédio está acabando porque

não podem ficar sem ele; tinha pessoas que eram agressivas em casa; e outras que o médico chegou a tirar o remédio depois que entrou no PIC.

Caminhando e fazendo a ginástica a gente melhora a circulação, os movimentos da cabeça, a mente da gente fica mais sadia; agora eu sempre digo que quando eu ando, eu não gosto de conversar porque a gente fica cansada. A caminhada dá força física e moral; mas o Tai Chi Chuan era mais gostoso; eu sinto falta, eu não sei explicar, trabalha o corpo, deixava a gente calma, numa tranquilidade, era coisa de espírito. Eu notei que melhorei bastante; em casa a gente fica mais ativa, a gente fica alegre, fica boa. Se um dia parar isso daí, aí é que eu vou ficar doente!

Além da ginástica nós temos os passeios, os bailes, e isso distrai muito a gente; agora, às vezes, a gente cansa, mas se alimenta e dorme melhor porque você arejou a cabeça, esqueceu um pouco daquelas coisas ruins daquele momento, depois você até lembra de novo, mas não vem com aquela intensidade.

Eu lembro que a (...) passava filmes culturais para a gente ver, um que falava como as abelhas trabalham, outro sobre a criação do ser humano, ela ensinava muita coisa para a gente. Ela trazia aquelas meninas da enfermagem, que sentavam com a gente lá no banco da praça e ficavam conversando sobre saúde, sobre doenças, e enfermagem.

Por isso que eu digo que, mesmo na nossa idade, devemos entender que o lazer faz parte da vida da gente; porque a gente já trabalhou muito na vida!

Mas mesmo assim ainda tem pessoas que ficam na esquina desvalorizando o que estamos fazendo, que é cuidar da nossa saúde; porque eu acredito que envelhecer é ter experiência, a vida é uma escola, quanto mais você vive, mais você vai aprender, eu acho importante envelhecer com saúde!

2.2. A PARTICIPAÇÃO NAS ATIVIDADES FÍSICAS

O processo de organização do trabalho do grupo teve como eixo fundamental ampliar as potencialidades do sujeito usuário, no sentido de que ele pudesse dentro de suas possibilidades ter uma maior autonomia sobre determinados aspectos de sua vida. Acreditamos que parte desse processo encontra-se representado no primeiro DSC apresentado nesse grupo de análise, que são as atividades mediadoras. Consideramos aqui como atividades

mediadoras todas aquelas que têm uma finalidade de entretenimento, como: ginástica, coral, teatro, passeios em cidades e fazendas circunvizinhas, excursões, gincanas, jogos, danças, bailes, festas de integração, atividades desportivas, dentre outras.

Em todo o tempo de observação de campo pudemos constatar que nem todo o grupo participa de todas as atividades, nem vão a todos os lugares, mas sim, dividem-se conforme suas preferências pessoais. Uma das poucas atividades em que existe uma maior presença do grupo como um todo é na ginástica na praça, mas mesmo assim, a participação masculina é reduzida devido ao fato de que,

“(...) o homem tem muito preconceito, imagina que eles vão fazer educação física numa praça! De estar de expondo. E outro preconceito, ele não quer ser velho! Fazer exercício para que?. E as vezes eles preferem ficar jogando numa praça, dominó, truco, baralho, essas coisas do que fazer o exercício.” **Têmis**

“(...) homem é preguiçoso! É por isso que os homens morrem logo, eles têm vergonha. O meu marido ele entra às 13h no serviço dele, eu falo quando eu vou para a ginástica: ‘vamos (...) vamos!’ Não! E fica dormindo até às 10h. Então, assim, é o marido, das outras também! E eles têm vergonha também! E por isso é que eu acho que eles não vão por preguiça e vergonha!” **Lucina**

Lucina nos aponta outra situação a partir de sua vivência em casa, dizendo que o homem tem uma vida mais sedentária que as mulheres, situação que muitas delas comentaram em suas entrevistas.

Mas quando observamos a participação deles na praça, chegavam cedo no local destinado às atividades físicas, porém, permaneciam conversando entre si, fato que **Céfalo** nos chama atenção abaixo, quando diz que se houvesse uma maior participação

em termos numéricos, provavelmente o relacionamento seria diferente. O interessante também é que, os que realizam a caminhada pela manhã, não o fazem na praça, e sim nas ruas.

“A gente desce e vai até o *Campus* da USP. Então nós vamos até lá, 40 minutos, 30 minutos. Volta, vai na praça, faz o que tem que fazer, é assim: segunda, quarta e sexta.” **Teseu**

“(...) eu acredito que os homens não participam é porque alguns trabalham, alguns mesmo aposentados ainda fazem algumas atividades, ainda têm um serviço. Mas a maioria não vem é mais pelo motivo da vergonha, por ser muito freqüentado pelas mulheres. São meio tímidos. Então por isso tem muito pouco homem, agora nesse sentido, se tivesse mais homens o relacionamento seria diferente, não ficariam separados em grupos, homens aqui e mulheres ali. Mas quando tem outro tipo de coisa, um passeio, um baile, a tendência é aparecer mais... Mas na ginástica o fator principal é a vergonha.” **Céfalo**

Durante o período da observação tivemos a oportunidade de constatar que não existe uma grande variação na participação do grupo masculino na ginástica realizada na praça. Eles participam de forma tímida, são menos disciplinados que as mulheres, os que mais conversam durante os exercícios e os que menos acompanham a seqüência proposta pelo professor, diferentemente das mulheres que mantêm um clima permanente de descontração e participação constante. Mas por outro lado, quando tivemos a oportunidade de acompanhar o grupo nos vários locais por onde circulam, ou seja, nas atividades de passeios, viagens, bailes, Olympic dentre outras, a participação do grupo dos homens aumenta significativamente. Essa situação foi inúmeras vezes constatadas no programa durante as atividades em que estivemos participando, o que vem confirmar as palavras de **Céfalo**.

No Dia de Integração em homenagem ao ano internacional do idoso no Clube dos Empregados no comércio de Ribeirão Preto, promovida pelo SESC, no retorno para a casa, tivemos a oportunidade de conversar com um senhor no ônibus e que na época não recordávamos de tê-lo conhecido no PIC. E, ele relatou-nos que suas participações no PIC são quando o programa vai para alguma atividade em que existem competições, pois é aposentado, mas trabalha em outra atividade para melhorar a renda no final do mês. E que naquele dia estivera jogando na modalidade de truco.

A ginástica foi a primeira atividade introduzida no programa, conforme comentamos no primeiro grupo do DSC. Lembramos que no transcurso da fase de observação, especificamente no dia de integração supracitado, conhecemos na fila do almoço o senhor que estava coordenando o evento daquele dia, com o qual tivemos a oportunidade de discutir as primeiras impressões sobre as atividades físicas desenvolvidas na praça José Mortari.

"Durante o tempo que estivemos na fila um senhor veio conversar conosco, identificou-se como (...) coordenador do evento, e nos apresentamos. Ele nos perguntou: está participando do grupo do PIC? Respondemos que sim, mas de uma outra forma naquele momento, como pesquisador. Respondemos. Ele quis saber que tipo de pesquisa estávamos fazendo, respondemos resumidamente o que tencionávamos abordar na nossa pesquisa e qual o caminho que havíamos pensado. Ele, de uma forma interessada, começou a questionar mais sobre o objeto de investigação, pois havíamos lido que o eixo condutor era a cidadania. Fomos respondendo as suas indagações e aos poucos fui percebendo seu forte interesse na discussão. Ele quis ainda saber por que havíamos escolhido o PIC para analisar e se nós encontraríamos a resposta em um programa que é definido apenas por atividades físicas? Desta vez ficamos

curiosos com sua pergunta, e respondemos com outra pergunta. Por que o senhor diz que o PIC é só atividades físicas? Aí ele nos respondeu que até onde conhece do programa, ele não está preocupado com o caráter da emancipação do velho, pois tem na sua proposta apenas exercícios físicos.

Pergunto a ele: se conhece outras atividades que o PIC promove? E ele responde que não, mas o que é de conhecimento seu, é apenas as atividades físicas. Dissemos a ele que como pesquisadores desconfiamos que as atividades do PIC vão além das atividades de exercícios físicos, pois temos acompanhado o programa e lido muito sobre ele, o que nos leva a supor que existem outras práticas que também possibilitam levar ao exercício da cidadania, e que desconfiamos que os exercícios semanais apenas servem de pontos integrativos entre o grupo." (**Dia de Integração**)

É possível através dessa observação atentarmos para duas percepções bastante comuns que aparecem quando se fala do PIC: que é um programa voltado somente para as atividades físicas e, outra que, é voltado apenas para a terceira idade. Essa representação da atividade física é muito presente para a maioria das pessoas que estão envolvidas com programas voltados aos idosos, e se relaciona pouco como uma potencialidade à participação, convívio social e qualidade de vida dos sujeitos que participam do programa.

Mesmo considerando que as atividades físicas têm uma importância fundamental sobre a saúde física do usuário e na qualidade de vida, tanto o professor, como a autora, não a considera como o eixo fundamental do programa, mas é tomada como uma potencialidade para desenvolver determinadas habilidades pessoais.

"Isso foi um dos meios de ter as pessoas trabalhando, compartilhando sentimentos, emoções, corpo, conhecimento, quero dizer, o espaço para mim, é o espaço de aprendizagem para desenvolver

competência política. Eu acho que o principal item do programa é isso: 'nós temos que ter uma estratégia, e qual a estratégia?' é a atividade física, lazer, atividade cultural, etc." **Aurora**

"(...) o exercício não é o fundamental, ele ajuda, então a gente junta o exercício como a alimentação, com o estilo de vida, convívio social, a família também, e a integração com a sociedade. Mas é um conjunto de fatores que vão contribuir e não só a parte física, é o psicológico, o afetivo... consegue trabalhar com o todo." **Céfalo**

Especificamente sobre os benefícios da atividade física, **Céfalo** comenta que além de um melhor condicionamento físico geral, que vai fazer a prevenção de algumas incapacidades comuns na faixa etária dessa população, existe um outro lado que é influenciado, o emocional, e na medida em que esse melhora, provoca uma repercussão positiva no *todo* do indivíduo.

Diz que com a caminhada diária eles conseguem fortalecer toda a musculatura da perna e aumentam a sua capacidade cardio-respiratória. Quando os exercícios são localizados: membros superiores e inferiores, agachamento, quadril, lateral, musculatura da coxa, a propensão é ter uma musculatura forte, por que com os membros inferiores fortalecidos não vai sobrecarregar a coluna e evitar alguns problemas de coluna como uma cifose.

Cita que os benefícios de um melhor condicionamento físico para a saúde do usuário são perceptíveis também àquelas tarefas diárias como lavar o quintal, passar uma roupa, varrer a casa, abaixar para pegar um balde, dentre outras, e que se ele conseguir manter uma boa postura vai conseguir ter um melhor desempenho e com menos esforço.

Lembra **Céfalo** que, com o decorrer do tempo e da idade, a coordenação motora vai gradativamente ficando mais lenta, por isso, a importância de se trabalhar uma coordenação conjunta, braços e

pernas. Considera, no entanto, que os resultados não serão *assustadores*, mas em compensação a perda não será tão grande.

“O que eu tenho assim de informação de cursos para a terceira idade, é do tipo que eles são capazes de fazer tudo, desde que esteja numa baixa intensidade, então você não pode colocar limitações. Pode fazer tudo desde que o exercício seja adequado para ele, desde que não tenha muito impacto.” **Céfalo**

Embora seja apontada pelo professor que a ginástica é um meio de socialização, durante toda a fase de observação tivemos a oportunidade de constatar que outras várias atividades em que o grupo se insere são também importantes para a interação do grupo.

2.3. A PARTICIPAÇÃO NO CORAL

Dentre essas atividades que inicialmente denominamos de mediadoras, encontramos a formação de um coral pelo grupo do PIC. Para **Têmis** a formação do coral foi a partir de uma idéia do próprio grupo que desejava realizar algo diferente do que simplesmente vir à praça realizar a ginástica. Encontramos assim as raízes que nos apontam essa nova forma de convívio no grupo.

“(…) O PIC só era ir na praça fazer ginástica e voltar para casa, e eu gosto muito de cantar, apesar de não ter voz nenhuma, então numa dessas reuniões: ‘o que a gente poderia fazer além de vir para a praça para fazer ginástica? Então vamos montar um coral?’ Vamos.. aí fizemos uma reunião, todo mundo concordou. E o seu Antônio ainda riu de mim.... ‘vai cantar onde?’ Não! mas vamos tentar. Aí fomos na USP através do departamento de música da USP, nós conseguimos o regente, o (...), aí nos orientou como é que gente fazia para montar um coral. Ele veio e ficou com a gente um tempo, três meses, ele vinha trazia o teclado dele. Depois nós íamos lá, a Secretaria da Educação nos forneceu ônibus, nós íamos ensaiar lá na capela da USP. Daí foi ficando mais difícil para ele, e ele nos apresentou a (...), e aí

essa menina veio fazer com a gente um trabalho diferenciado, já não era mais um coral, mas um trabalho terapêutico, por que ela é musicoterapeuta, e aí começou, então organizamos um coral.” **Têmis**

A formação do coral teve como ponto de partida a necessidade do grupo de ter outros momentos de socialização, nos conta, **Têmis**, que em sua fase inicial era em torno de trinta participantes do grupo, tanto que, foi necessário solicitar um ônibus para o deslocamento dos integrantes até a capela da USP, local em que eram realizados os ensaios. Durante a fase de pesquisa de campo, o número de participantes do coral era de quinze pessoas. Assim, na medida, em que o trabalho voluntário do maestro encontrava dificuldades para o prosseguimento, uma alternativa foi oferecida pelo mesmo, outra pessoa com formação em música se colocava à disposição para continuar o mesmo trabalho iniciado pelo mesmo.

No decorrer do tempo, e com a impossibilidade do grupo continuar se deslocando até a capela da USP, os ensaios foram realizados por mais de um ano em uma garagem de uma usuária do PIC, até que, com a locação da sede do PIC, passou a realizar lá os encontros. As primeiras apresentações foram realizadas na praça José Mortari, e parece ter deixado boas lembranças aos integrantes. Conforme relata **Têmis**, a finalidade inicial do coral começa a ter outro sentido na medida em que o grupo passa a ensaiar com a musicoterapeuta, *é terapêutico*, comenta ela. Uma das integrantes desse grupo, **Tisbe**, é também sujeito da nossa pesquisa, e ela apesar de apenas possuir a quarta série primária, demonstra um reconhecimento importante em relação a sua posição vocal no grupo.

“Nosso coral é terapêutico! Ah, ele faz bem, a gente canta a música que a gente quer. A (...) fala: ‘cada um escolhe uma música que gosta!’ Aí um gosta de uma música, canta, outro gosta de Cabocla Teresa, canta! A outra gosta de outra, canta, todo mundo canta! Aí vai passando uma por

uma! E a (...) vai ensaiando para a apresentação. Nós temos o contralto e o baixo soprano. Eu, a (...) fizemos o contralto, porque nós temos a voz aguda. e as outras fazem o baixo soprano.” **Tisbe**

É interessante perceber que também **Tisbe** tem a percepção da ação terapêutica do coral, essa ação é reconhecida como muito importante para o enfrentamento de algumas situações. Em uma das nossas observações apontamos que durante uma gincana realizada na cidade de Matão, em que o grupo foi convidado para representar a cidade de Ribeirão Preto, numa competição denominada de cidade contra cidade, ao competir contra Altinópolis, uma das tarefas era algum integrante do grupo cantar uma música.

A tarefa foi designada a **Níobe**, que juntamente com outra colega cantou uma música que era ensaiada no coral. Após a apresentação fui conversar com ela para saber como estava se sentindo, e, ela confessou-nos que estava feliz, mas muito nervosa devido ao fato de que não havia tido um instrumento musical para acompanhá-las, mas mesmo assim, lembrou que a regente sempre dizia que “o importante era subir ao palco, olhar o público e pensar que ali somente havia ela”, segundo ela, isso a ajudou a enfrentar toda a platéia presente.

Assim, corroborando também para entendermos que participar dessas atividades não é uma situação corriqueira e que exige um grande esforço e determinação pessoal, **Têmis**, comenta uma das primeiras experiências de subir ao palco com o coral, e que nos mostra que **Níobe** afirma acima, a cada situação é um momento novo.

“A nossa regente falou: ‘vocês vão, sejam vocês mesmas, cantam... não ficam assim... esquecem... faz de conta que não estão enxergando ninguém, só tem vocês, e vocês vão cantar’ Então daí nós fizemos isso, emocionadas, e conseguimos subir e cantar. Mas te confesso que nós estávamos segurando a partitura e tremendo a folha da letra que iria cantar. E

uma cochichava para a outra: 'Meu Deus eu não sei se consigo, minha voz esta tremendo.' Mas era bem isso, para a gente foi muito válido, você aprendeu assim a se valorizar mesmo: 'Eu sou capaz!' (...) Então eu acho que é legal essa parte, assim, de trabalhar o emocional, mas treme sim, emociona para todos, inclusive nossa regente, acostumada, jovem, mas ela falou: 'confesso que fiquei muito emocionada!' Mas é legal!" **Têmis**

2.4. A PARTICIPAÇÃO NO TEATRO

Uma outra atividade que alguns componentes do grupo participam é o teatro. Esse surgiu de uma forma espontânea entre o grupo, no primeiro grupo de DSC comentamos que em uma gincana houve como tarefa fazer uma representação de qualquer situação, todas as equipes cumpriram a tarefa. Mas o teatro como uma atividade sistemática que foi desenvolvida por um determinado tempo junto ao grupo, foi bem posterior a essa primeira experiência do grupo. **Têmis** nos mostra que esse primeiro contato foi importante para despertar o interesse pela atividade.

"Então, daquela época ali, várias pessoas se saíram bem, muito bem! E aí, como o PIC participa de várias campanhas promovidas pela Secretaria de Saúde, quando veio a campanha da Dengue, que foi feito com a terceira idade, a gente... cada grupo poderia formar uma frase e mandar. As frases selecionadas iram ser colocadas nas lixeiras, nas praças, cemitérios, na rua, para a campanha da Dengue e com o nome da pessoa que formou a frase e a idade. Então, junto a isso foi criado um teatrinho para falar sobre a Dengue, então tinha o mosquito, tinha a pessoa que não cuidava do quintal, as que cuidavam do quintal, das plantas e tudo. Foi montada uma peça de teatro para falar a respeito da Dengue, e nessa peça de teatro entrou pessoas do nosso grupo. Por que elas entraram? Nessa época da gincana, veio à tona o lado artístico da pessoa, 'eu tenho talento!' Ela foi, se candidatou, deu o nome, começou a participar do teatro e se saiu muito bem, tanto que eles se

apresentaram em vários lugares com o trabalho, com a campanha.” **Têmis**

O despertar para a criatividade precisa apenas de espaço e oportunidades, como comenta **Têmis**, as pessoas têm potencialidades, o que falta é justamente espaço para o desenvolvimento dessas. Comenta em sua fala que, o grupo tem se disponibilizado para o trabalho voluntário junto a SMSRP, e que **Cloé** também participou da campanha da Dengue, comenta como o grupo passa a articular-se junto aos órgãos públicos.

“Foi feita uma palestra ali no Botafogo sobre como evitar a Dengue. E o pessoal do PIC sempre estava lá. Aí nós entramos prá valer. A gente se reunia no Botafogo, enchia os saquinhos de areia, grampeava e depois viria o caminhão da Prefeitura e espalharia por todo o bairro, nas casas que tinha vasos de flores. Depois veio o teatro da Dengue.” **Cloé**

Essa atividade mobilizou grande parte do grupo, segundo **Têmis**, mas a seqüência de trabalho proposta para a distribuição dos saquinhos não aconteceu. **Têmis** relata que todo o trabalho do grupo foi em vão, na medida em que não houve a distribuição da areia e muito menos acataram a sugestão do grupo de fazer eles mesma a distribuição: dois saquinhos de areia para o vizinho da esquerda, da direita e dois para a própria casa. O material foi estocado no Botafogo e posteriormente jogado fora, pois o clube alegava que os sacos de areia estavam ocupando espaço.

É nessa ocasião que surge a idéia de formar uma peça teatral segundo **Sila**: “(...) foi lá no Botafogo que surgiu essa idéia do teatro, daí falaram: ‘vamos fazer um teatro?’ Eu me interessei, tanto que fui a primeira a entrar no grupo, depois as outras entraram”. Para ela, participar do teatro tem sido uma atividade prazerosa e que tem propiciado muitas coisas boas, mesmo considerando que existem dificuldades muitas vezes de guardar o texto na memória. “Muitas vezes é preciso fazer uma força para

lembrar”, comenta ela. Acha que participar do grupo ajudou muito na sua vida, “você acha mais jeito de conversar com as pessoas, tem aquela coisa de ver que você é capaz de fazer alguma coisa, você é capaz de mais alguma coisa”. **Têmis** ao comentar sobre os benefícios pessoais que a participação no teatro traz, concorda com **Sila** ao salientar que

“(...) o teatro é para todo mundo, mas para a terceira idade é melhor ainda, porque ele vê que ainda tem capacidade, a mente dele ainda está pronta para ser trabalhada. E eu acho que tende a cada vez melhorar a qualidade de vida dele.” **Têmis**

Ao mesmo tempo em que olha o teatro como uma potencialidade para o seu desenvolvimento pessoal, **Sila**, também mantém uma visão crítica sobre ele, na medida em que, acredita que é necessário maior envolvimento na área e maior aprofundamento sobre a arte de representar.

“(...) apesar de que eu mesmo não considero que a gente faz um teatro, teatro no meu modo de achar... que eu gostaria... de representar mesmo! Ali a gente passa muita informação, mas eu gostaria mesmo é de fazer mais, peça mesmo, representar, ter personagem... eu tenho vontade de chegar nisso aí.” **Sila**

A formatação da peça teatral sobre a Dengue teve apoio logístico do Centro de Controle de Vetores da S, através de uma profissional da área de educação e de uma pessoa que tem trabalhado as questões de comunicação junto a esse.

Em uma oportunidade, no ano de 1998, junto à antiga disciplina de Saúde do Adulto, desenvolvida junto ao quarto semestre do curso de graduação de enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, a coordenadora da disciplina convidou o grupo de teatro para uma apresentação aos alunos. A peça retratava todo o ciclo da doença e as medidas preventivas. Ao final o grupo apresentava as frases

formuladas pelo grupo, que **Têmis** comentou em sua fala, para o público. Segundo **Helena**, o grupo já se apresentou em vários locais em Ribeirão Preto e também em várias cidades da região.

2.5. A PARTICIPAÇÃO EM VIAGENS E FESTAS DE INTEGRAÇÃO

Outras atividades que o grupo participa muito são em excursões, passeios em cidades e fazendas circunvizinhas. Esses são planejados sempre com uma certa antecedência. Normalmente quem busca informações sobre os locais interessantes para conhecer é a própria representante do grupo. É ela também quem contrata o ônibus e planeja o roteiro da viagem ou excursão. Em quase todas as entrevistas existem apontamentos acerca desses passeios, eles são considerados como importantes para o grupo.

Os locais variam muito de ano para ano, no Estado de São Paulo, as excursões são mais constantes e sempre aproveitando feriados e finais de semanas prolongados, e quase sempre são viagens que possuem algum caráter festivo em homenagem a algum(a) padroeiro(a) ou similares.

Nem todos participam, existem muitas dificuldades financeiras no grupo, conforme já discutido no primeiro grupo de DSC, mas havendo uma certa previsão e antecedência, o grupo interessado na viagem, procura realizar algumas atividades alternativas com vistas à arrecadação de fundos para custear parte do valor cobrado. Segundo **Têmis** pelo menos uma vez ao ano é realizada uma viagem mais longa. E ao que parece o local mais longínquo que o grupo se deslocou foi na praia da Penha em Santa Catarina, visitando o parque do Beto Carrero World.

Para **Dóris** as viagens, excursões e passeios têm uma importância fundamental para os integrantes do PIC, mesmo para aqueles lugares em que o grupo já tenha ido, lamenta apenas que nem todos podem ir devido a vários problemas pessoais ou familiares.

“Caldas Novas, eu adoro, vou novamente agora, lugar bom para descansar, maravilhoso. Já fui para Barra Bonita, já fui em vários lugares passear com o PIC, aquele passeio de trem lá perto de Campinas, ah! que gostoso! Nossa, que delícia, sentar no trem, ver a natureza com ele passando vendo a natureza. Eu gosto e incentivo as pessoas também. Tem uma prima minha que ela perdeu o marido, achei que ela ia cair lá embaixo, peguei ela com tudo, vamos para a Igreja, vamos para o PIC, sair comigo. E hoje ela está bem.” **Dóris**

Continuando a comentar sobre as atividades mediadoras, outras duas têm tido uma importância grande para o grupo: as gincanas e as festas de integração. Com relação às gincanas, essas fazem parte do grupo desde os tempos primórdios. A primeira que o grupo participou foi realizada no West Shopping, e foi uma primeira tentativa de integração que ocorreu no grupo fora a ginástica da praça.

Segundo **Têmis**, essa primeira experiência valeu para mostrar que o grupo poderia estar se integrando a outras atividades também fora da cidade. Para ela, inúmeros são os convites que o grupo recebe para participar de gincanas em outros locais, tanto na cidade de Ribeirão Preto mesmo, como fora dela. Nem todos podem comparecer devido aos custos financeiros que acabam recaindo sobre os participantes.

Em uma gincana tivemos a oportunidade de participar, foi na cidade de Matão, onde o grupo foi convidado para representar a cidade de Ribeirão Preto. Acompanhamos de perto todos os preparativos das tarefas que o mesmo deveria cumprir no dia. Foram dias e dias de avisos e convites para o grupo, **Têmis**, que fazia toda a intermediação, solicitou várias vezes durante vários dias, que os interessados em concorrer nas diversas modalidades deveriam fazer suas inscrições. Sobre o dia da gincana, relatamos algumas impressões.

"Nem todos eram participantes do PIC, mas todos mantinham uma relação direta ou indireta, parentes, filhos(as), amigos etc... Ao total eram cerca de 43 pessoas, algumas foram sendo recolhidas no caminho. Durante o transcurso, ainda a representante do PIC estava contatando algumas pessoas para participar das tarefas, que ao total eram quatorze.

Na metade da viagem o grupo resolveu realizar um bingo no ônibus. É muito interessante o quanto esse tipo de jogo agrada as pessoas do PIC, praticamente todos que estavam no ônibus apostaram. Ao final da segunda rodada, como estávamos muito próximos da cidade de Matão, foi sugerido pela representante local que fizéssemos uma caixinha para o lanche do motorista do ônibus, uma prática, segundo a representante, comum no grupo. O montante recolhido pela representante foi de vinte reais, sendo passado imediatamente ao motorista por um dos membros do grupo.

A chegada na cidade foi com muita expectativa, o local era num auditório de uma rádio local, o programa seria transmitido ao vivo pela emissora. A outra cidade já se encontrava no auditório. Havia um certo clima de disputa nos grupos, facilmente perceptível. As disputas começaram e algumas nos chamaram muita a atenção, primeiro foi o fato de que a representante do nosso grupo para concorrer a rainha tinha 75 anos. Ela foi para o palco fazer sua apresentação ao grupo de jurados e enfrentou a sua concorrente de 40 anos. Por ser uma senhora muito simpática acabou levando o título.

Outra modalidade foi a apresentação de duas senhoras para cantar, elas enfrentaram uma outra senhora, já profissional e com acompanhamento de um tecladista. As representantes do PIC praticamente não tiveram acompanhamento musical por que o músico não conhecia a melodia a ser interpretada. Elas seguraram a música somente nas suas vozes. A dança do xote, em que um senhor

de setenta e dois anos dançou com uma senhora de 46 anos, os representantes do nosso grupo venceram na modalidade.

A curiosidade da cidade que foi levada pelo grupo foi uma bandeira do Brasil confeccionada pelo grupo da terceira idade de Ribeirão Preto, e que foi emprestada ao PIC para a disputa. A bandeira era toda feita de retalhos, um trabalho artesanal muito bonito e confeccionado com muito zelo.

Ao final da gincana, antes da premiação, foi oferecida ao público uma apresentação de um número musical onde uma senhora do PIC pintou-se toda de preto no rosto, nos braços e nas mãos, usando um vestido muito apertado ela dançou com um boneco de pano preto. Foi uma apresentação muito legal e que foi muito aplaudida.

Na divulgação da premiação o grupo da outra cidade acabou vencendo por uma diferença de quatro pontos. O retorno foi num clima de confraternização pelo segundo lugar. Ainda o pessoal resolveu novamente realizar outro bingo no ônibus." (Obs. nº 15)

É interessante notar que nesse tipo de atividade, embora possa parecer uma tarefa simples, exige uma grande participação de todos.

Com relação às festas de integração, o grupo é freqüentemente convidado para participar em dias comemorativos a diversas datas festivas. Às vezes elas ocorrem em dias úteis ou em finais de semana e feriados. Durante o trabalho de campo tivemos a oportunidade de vivenciar um dia comemorativo ao idoso, no ano internacional do idoso, em 1999.

A comemoração foi no Clube dos Empregados no Comércio de Ribeirão Preto, e previa um dia cheio de atividades integrativas para os participantes. Ao todo foram cerca de sessenta componentes do PIC, um grande número se levamos em consideração que era numa quarta-feira. As nossas impressões encontram-se anotadas em um

extenso relatório sobre o dia, percebo desde o início uma predisposição do grupo para as atividades previstas.

Houve uma caminhada coordenada por um professor de educação física. Grande parte do PIC da Vila Tibério aderiu a mesma, embora, o trajeto tenha sido mal planejado e apresentado vários obstáculos que impediam uma caminhada satisfatória. Uma outra atividade prevista era a hidroginástica e a ginástica localizada, ambas foram realizadas simultaneamente, e as pessoas escolhiam de acordo com suas preferências. O almoço foi servido a partir das 12h e apresentou alguns contratempos como a falta de frango, tendo que o pessoal aguardar por mais de uma hora na fila a nova porção ser preparada. À tarde foram realizados jogos de truco, cacheta e dominó, além do concurso de dança de salão. Ao final da tarde foi entregue a premiação correspondente aos jogos e dança de salão.

Pudemos perceber que embora houvesse alguns contratempos em relação às atividades previstas, os grupos mantêm um clima de alegria e descontração, existem sempre aqueles que estão circulando e procurando antigos e novos amigos, embora uma grande parte permaneça sempre junto. É um tipo de atividade que chama a atenção dos grupos em si, face ao grande número de pessoas presentes. Outro fato que nos chamou atenção foi de que o programa da Vila Tibério era o único dos PICs presentes ao clube.

Outra atividade que o grupo participa é dos bailes, e são nos mais variados lugares, e a cada final de semana existe uma programação e um local diferente. Em relação a essa atividade, acompanhamos vários bailes em que o grupo ou parte do grupo se insere às quintas-feiras, no Círculo Operário, esses ocorrem das 16 às 21h. Não é uma atividade do PIC, mas segundo **Hebe**, é organizado pela representante local, o preço do ingresso é de dois reais e na última semana do mês a entrada é gratuita.

O clube do Círculo Operário está situado na rua Dr. Loyola nº 533. É um clube com suas estruturas bastante antigas e é muito parecido com um grande galpão, de forma retangular, coberto por telhas de barro e sem forro, apresenta piso frio e com certa inclinação no sentido da entrada para a copa.

A exploração da copa fica por conta da própria entidade. O custo do conjunto musical e do aluguel do salão é por conta de quem organiza os eventos. Segundo o que me foi passado por **Têmis**, parte do arrecadado na bilheteria e no bingo que é feito no intervalo do baile, serve para cobrir a despesa com o conjunto musical e com o aluguel do salão. As músicas, que o conjunto toca, são da velha guarda, músicas que pouco mudam de ritmo.

Percebíamos, também, que poucos são os casais que mantêm um par fixo durante o baile, sempre há trocas e buscas constantes por outras pessoas para dançar. As mulheres são em número maior sempre, e esse é um dos fatores que faz com que elas dancem com outras mulheres. Há sempre um clima de alegria com respeito mútuo e muita amizade.

As pessoas novas que chegam são sempre bem recebidas pelo grupo, e no intervalo existe sempre a realização do bingo, este ocorre por volta das 19h, quando duas ou três pessoas passam oferecendo cartelas para a rodada. Os prêmios normalmente são uma caixa de cerveja e outros produtos que variam desde caixas de sabonete, tolhas de cozinha pintadas à mão, dentre outros.

Existe sempre uma brincadeira que é realizada logo após o bingo, denominada de “Círculo da Amizade”, e consiste basicamente em que muitos casais devem fazer um grande círculo no salão, e normalmente quase falta espaço devido à grande participação, cada par deve sair dançando com seu companheiro (a) sempre mantendo a forma do círculo e no sentido horário, ao sinal da voz ou do apito dado por uma pessoa, os homens, que

ficam na parte interna do círculo, devem deixar seu par e dançar com a próxima companheira da sua direita, e assim sucessivamente até chegar de novo o seu par inicial.

Essa brincadeira faz com que todos dançam com todos, e segundo **Têmis**, é uma atividade que promove a integração do grupo. É importante frisar que este baile é freqüentado por pessoas de diversas faixas etárias, existem desde crianças até velhos.

O baile encerra geralmente às 21h sob protesto das pessoas, que acabam pedindo *bis*. O conjunto sempre acaba tocando uma ou duas músicas a mais. Segundo a **Têmis**, esse horário é para facilitar o retorno com mais segurança das pessoas para suas casas.

2.6. OLIMPIC: CONFRATERNIZANDO COM OUTROS GRUPOS

A Olimpíada do Programa de Integração Comunitária - Olympic, teve sua origem após a expansão dos PICs na cidade de Ribeirão Preto, tendo na frente da administração municipal um governo de um partido político progressista. Ela é lembrada sempre como o grande acontecimento do ano, onde todos os PICs têm presença marcada.

Segundo **Céfalo**, a Olympic foi inserida no PIC devido ao fato de que os grupos estavam se expandindo na cidade e seria necessário ter outras atividades além da simples prática da ginástica nas praças. Também era foco de interesse que fosse um momento para que eles pudessem fazer trocas de experiências sobre atividades que eram desenvolvidas por grupos

“(…) só que a gente não queria visar ao espírito competitivo, e sim à integração... em conhecer o amigo que faz ginástica no mesmo programa só que do outro lado da cidade, para trazer mais coisas novas para a gente, mais informação, mais discussão, conhecer um pouco o que o outro faz.” **Céfalo**

A participação e o convívio social pareciam ser um dos objetivos dos jogos entre os PICs. O planejamento da olimpíada

ficou a cargo dos professores encarregados dos grupos, mas quem tomou realmente a frente da programação foram os professores que estavam ou estiveram envolvidos com o grupo da Vila Tibério. Mas a decisão final em relação às atividades para a integração nos jogos ficou para o conjunto dos grupos e dos professores.

“Então nós começamos a colocar algumas atividades, e antes de colocar essas atividades, a gente começou a ter mais contato com eles, perguntar o que eles mais gostavam de fazer? Para gente pensar... Então quando isso começou foi de extrema importância, a primeira foi maravilhosa, por que eles passaram 2 dias ali, sabe, nem se preocupavam em vir para casa fazer comida, nada, eles queriam ficar o dia inteiro ali conversando, jogando, dançando, fervilhando sabe, é muito importante isso aí, entendeu? É muito importante para o relacionamento deles.” **Céfalo**

As atividades desportivas que fazem parte da Olímpic são os jogos de vôlei adaptados para a terceira idade, de mesa como dominó, cacheta, dama, a natação e a dança coreografada. De todas as modalidades, a que parece chamar mais atenção é justamente a coreografia que é feita com música e faz parte dos jogos. Essa atividade normalmente é pensada e ensaiada pelo monitor do grupo.

Para **Lucina** estar junto na dança coreografada “(...) é gostoso demais, a gente procura fazer o melhor, o professor é quem ensaia nós, ele é muito legal, mas exigente!” Já **Tisbe** comenta que fica “(...) com o coração apertado, mas não tenho medo porque a gente ensaia direitinho e na hora apresenta o que realmente sabe”, **Flora** considera que estar no grupo que apresenta “é uma atividade que gosto de participar, porque nessa vida eu vivo sozinha”.

A primeira Olímpic foi ainda no ano de 1996, e é considerada como a melhor das cinco que foram realizadas, incluindo a do ano corrente. Em relação a elas, tivemos a oportunidade de acompanhar a primeira, a terceira e a quarta. De todas elas, há de

se concordar com o grupo que a primeira realmente foi a melhor em termos de participação e organização geral. A terceira teve também uma grande participação dos grupos, e a quarta houve uma menor participação e em termos de organização havia uma queixa geral dos participantes.

Durante a quarta Olympic estávamos realizando o trabalho de campo através da observação, e foi justamente aí que tivemos a oportunidade de ficar bastante tempo junto ao grupo, foram dois dias - Sábado e Domingo. Para abertura da 4ª Olympic foram convidadas várias autoridades vejamos alguns tópicos dos discursos.

"O coordenador do PIC da SMSRP, que falou sobre o espírito esportivo que deverá reinar nos jogos de hoje e amanhã, enfocando que, antes de tudo, o espírito de participação, de solidariedade, de confraternização é o mais importante nesses dois dias. O Prefeito Municipal centrou seu discurso à terceira idade, e sua importância para o município. A presidenta do Fundo Social de Solidariedade, e esposa do prefeito, falou sobre a participação, espírito comunitário e sobre cidadania." (Obs. Nº 20)

Durante a fase de realização dos jogos procuramos circular e conversar com as pessoas dos vários locais. Estavam presentes 18 grupos, realmente havia pouca participação e presenciávamos também um certo clima de desestímulo das pessoas. Isso ficou mais evidente quando das entregas das premiações. Contrariamente aos anos anteriores, na placa de acrílico, que os vencedores recebiam, não constava a classificação conquistada. "Nem uma medalha decente para os atletas se dignaram a dar! Assim, a gente nem sabe quem pegou o 1º, 2º, ou o 3º lugar, tudo é igual!" Era o comentário que um senhor fazia ao meu lado.

Por ocasião da apresentação da coreografia no domingo, o grupo da Vila Tibério foi o penúltimo a se apresentar, e a música

escolhida para a dança foi do folclore gaúcho, percebia-se que havia também uma preocupação em relação à caracterização do traje típico do Sul com a música. É importante pontuar que todos que se apresentaram tiveram uma preocupação de trazer um tema voltado à determinada cultura, com exceção de um grupo que trouxe uma música do Padre Marcelo e estilizou-a. Curiosamente foi o grupo que obteve o primeiro lugar. A indignação foi ampla, mas foi **Têmis** que fez o comentário ao final das festividades.

“(...) na premiação não foi considerado o fator cultural, o primeiro lugar nada a tinha de pesquisa, de cultura, é uma coisa de momento, da onda agora! Mas se a gente for olhar a fundo, o que existe de cultura na música do Padre Marcelo? Acho que teve PICs que investiram em pesquisar, e com certeza os monitores também pesquisaram, por que então não fazer uma premiação justa! Parece que o que interessa em determinados momentos é evitar a difusão da cultura!” **Têmis**

Têmis afirma que tem buscado parcerias para ampliar a participação e motivação dos grupos nos jogos integrativos dos PICs, principalmente considerando que o PIC não é um programa voltado para a terceira idade, mas sim, um programa de integração social, mas mostra toda sua indignação com relação a algumas atitudes que são tomadas nas Olimpíadas.

“(...) igual ao PIC, como não é da terceira idade, nesta Olímpic eu tentei muito isso, e eu coloco isso em reunião, e a maioria discorda, mas acho se você analisar bem devagar e pensar direitinho você vai me dar razão, por exemplo: na Olímpic, o programa, o PIC é de dezoito anos para cima que pode estar participando. Colocou-se na Olímpic três categorias: 30 a 39, 40 a 59 e 60 acima. PIC não é para a terceira idade especificamente, por que não participar da dança de salão a categoria A também? Então eu acho assim, a própria comunidade ou instituições se encarregam de incentivar o preconceito, discriminação, entendeu?” **Têmis**

De acordo com as palavras de **Têmis** parece haver um descompasso entre os objetivos do programa e o entendimento que algumas pessoas ou instituições têm acerca do mesmo. Se atentarmos para o período de observação desenvolvido na 4ª Olimpíca, realmente não havia nenhuma equipe com formação mais jovem e que atendessem ao critério da integração.

Também é importante frisar que a partir de realização da segunda Olimpíca havia no comando da administração local outra facção política. Lembramos do discurso da primeira dama, e presidente do Fundo Social de Solidariedade, quando do discurso de encerramento da 4ª Olimpíca, que estava lançado o desafio para os grupos nos próximos jogos “vamos dobrar a participação na Olimpíca do ano que vem!”. E curiosamente nesse ano, segundo **Têmis**, foi a menor Olimpíca de todos os anos, tanto no que se refere à participação como em termos de organização.

Mas indiscutivelmente, a realização dos jogos da Olimpíca é fator extremamente importante para o estímulo à participação e à convivência social, independentemente dos problemas que possam surgir, existe a necessidade de manter essa atividade por ser um fator primordial à socialização, esse parece ser um fato já suscitado nos usuários e que aponta algumas atitudes isoladas no grupo, **Ceres**, usuária do programa, comenta que ajudou a motivar a participação da Vila Tecnológica nessa Olimpíca.

“Na Olimpíca deu muito certo, as mulheres ficaram contentes, e quem nunca tinha participado, achou coisa de outro mundo, para elas... elas acharam tudo fantástico, pela primeira vez que elas participaram, assim de ajuntar todos os PICs, almoçar todos juntos e elas gostaram e eu fiquei contente de ver a alegria delas.” **Ceres**

Um horizonte nos aponta um movimento importante para trazer os grupos à participação, e esse caminho é muitas vezes

tomado individualmente, que parece ser uma co-responsabilidade assumida dada a importância da integração e participação de cada um nas atividades que o grupo procura incluir no seu cotidiano.

2.7. O CONVÍVIO SOCIAL E A EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO COM O OUTRO

A participação, junto ao programa e nas atividades que surgem tanto junto a esse como em outros espaços, parece ser um caminho que o grupo tomou para estimular o convívio social, como algo muito importante para prevenir alguns problemas de saúde, mas essencialmente como estímulo a ter mais qualidade de vida.

“Eles vindo aqui, eles se divertem, têm uma melhor saúde, porque têm muitas pessoas que são muito sozinhas, não têm um companheiro, não têm ninguém! São sozinhas, então eles não vêem a hora de vir para a ginástica para descontraír, para bater um papinho, contar aquele dia-a-dia, aquele pouquinho. Então a descontração acaba influenciando no lado psicológico. É fundamental, então ajuda! Ajuda a prevenir um monte de coisas.” **Céfalo**

Inegavelmente, quando falamos do PIC da Vila Tibério, não podemos nos furtar a comentar que a participação no programa, durante os seus sete anos de vida, tem desenvolvido nos usuários um sentimento importante para eles, que é estar integrado, poderíamos dizer em outras palavras, o sentimento de pertencer a um determinado grupo.

Para muitos dos entrevistados existe a percepção nítida de que a participação em termos numéricos no programa sofreu períodos de regressão e progressão, por uma série de situações. Os que se mantêm no grupo, o fazem por uma necessidade de estar entre pessoas. Muitos dos relatos nos apontam também que vários sujeitos que participavam do programa saíram não em função de desistir do programa, mas por dificuldades familiares, por mudanças de endereço, e também porque não residiam na Vila

Tibério e com a criação de outros programas em locais mais próximos de suas residências, acabaram optando por esses.

Durante todo o período em que desenvolvemos o trabalho de campo, esse sentimento de pertencer a um grupo era muito perceptível nos gestos demonstrados nas atividades lúdicas que o professor de educação física introduzia durante a fase de exercícios, e também ficou bastante evidente nas falas dos sujeitos integrantes dessa pesquisa.

Por várias ocasiões tivemos a oportunidade de presenciar durante as atividades de exercícios que quando havia solicitação por parte do professor para que se fizesse um roda, muitas das pessoas que acompanham pouco a ginástica, levantam do banco com um sorriso na face, como se aquela atividade lhes desse muito prazer. Normalmente esses exercícios de roda requerem que as pessoas se dêem as mãos para que os mesmos possam ser executados.

O uso de bolas de vôlei é uma prática constante para essa atividade, e necessita que os integrantes as passem para as pessoas a seu lado. É interessante que esse tipo de atividade requer que os sujeitos se olhem nos olhos quando da passagem das bolas e também pelo fato de que permanecem de frente aos demais, diferentemente dos exercícios normais em que as pessoas acabam dando as costas aos seus companheiros de grupo. Percebemos também que para a formação das rodas as pessoas acabam buscando aquelas pessoas com as quais têm maior identificação.

Se por um lado existem algumas práticas, ou então denominadas atividades mediadoras comentadas anteriormente, que permitem uma maior aproximação do grupo ou das pessoas, por outro lado, a própria ginástica semanal na praça provoca nas pessoas esse sentimento de convivência social. As situações que podem levar a não realização da prática do exercício físico na praça, doenças, chuvas, feriados, dentre outras são apontados

como problemas para os encontros, e mesmo os finais de semana são apontados como “longos” para alguns.

“Para mim é uma beleza levantar cedo, na segunda, quarta e sexta. Quatro horas eu já levanto, seis e trinta eu já estou lá no PIC. Faço caminhada às 6:30. E quando não tem! Ai meu Deus! Eu acho falta quando não tem!” **Tisbe**

“Eu não vejo o dia para eu levantar e ir para o PIC, eu já falo: Nossa! Amanhã é uma alegria pra mim, uma satisfação... Não tem ninguém pra me chamar, eu acordo cinco horas, cinco e trinta eu levanto.” **Flora**

2.8. O CONVÍVIO SOCIAL E A SOLIDARIEDADE

O prazer de ir participar da ginástica na praça e nas atividades mediadoras tem uma razão concreta, é encontrar o outro. As amizades desenvolvidas no programa estimularam a convivência grupal, e esta é reconhecida com de suma importância para a realização de qualquer outra atividade. Embora haja diferenças importantes no grupo, estar nele e participar de pequenos subgrupos tem sido um exercício experimentado com muito prazer para muitos, e porque não dizer: um exercício de sabedoria!

Estar no PIC significa para muitos, estar entre amigos, estar protegido. Existe um reconhecimento de que o tempo de convívio fortaleceu alguns laços mais afetivos, o que favoreceu a motivação para participar efetivamente de tudo o que é oferecido pelo programa, ou mesmo, em outros locais. O convívio social está ligado à identificação e ao reconhecimento do outro como uma pessoa que sabe escutar, falar a mesma língua e entender as dificuldades cotidianas de cada um, mas que também a pessoa deve ser respeitada na sua individualidade, algo que é expresso por muitos sujeitos que participaram dessa pesquisa.

O sentimento de ajuda e auto-ajuda tem uma relação muito direta com a vida dividida em um determinado espaço social. Esse espaço social pode ser a praça, a sede, os bailes, os bingos etc., mas é também sinônimo de possibilidade de ocupar o tempo. Muitos dos relatos indicam que o casamento dos filhos, a viuvez, a separação conjugal, o abandono pela família os levaram à solidão. E estar com o outro é uma forma de não se manter sozinha, já para muitas, essa experiência é tida como uma situação muito difícil de superar.

“Eu não gosto de ir sozinha no clube. Eu gosto de ir com a turma daqui sabe, aí a gente aproveita mais! Quando a gente já tem aquela convivência conhece todo mundo é mais gostoso viajar não é mesmo? Eu gosto muito de ficar no meio da idade da gente, que a gente se diverte e tem uns papos da idade da gente.” **Tétis**

“O PIC é um programa de integração comunitária, chego lá, fico alegre, eu tenho amizade com todo mundo, não quero saber da vida de ninguém. Eu quero passar aquela horinha com elas, entende?” **Níobe**

“(...) a gente não tinha aonde ir, estava todo mundo de cabecinha fechada, depois veio o coral, veio a menina do teatro, aí era aquela correria... é vai para a ginástica do PIC, vai caminhar, vai para o coral, do coral tem o ensaio do teatro... chega em casa e aí não sobra tempo de você pensar: ‘aí eu tô com isso... aquilo...’ e vai sumindo na cabeça da gente e vai você vai ficando mais ativa!” **Camila**

Outro sentimento muito expresso pelos sujeitos da pesquisa foi em relação à ampliação dos círculos de amigos, essa possibilidade tem uma aproximação com o tempo de convivência social. Embora muitos expressem que nem todos são amigos de todos, existe sim a formação de subgrupos no programa, pois há uma heterogeneidade de pessoas que participam do programa.

Assim, é plausível que haja diferenças grandes e significativas entre o grupo, mas na medida em que, o tempo favoreceu a convivência e o conhecimento de todos, a formação desses pequenos grupos aconteceu naturalmente. Existem relatos que apontam que a partir da participação no grupo favoreceu inclusive conhecer alguns vizinhos próximos com os quais não se tinha amizade.

Favoreceu a ampliação de novas amizades, pois as possibilidades de participar de várias atividades fora da cidade de Ribeirão Preto criaram outros vínculos com outras pessoas, esse fato é muito comentado, e também foi observado nas atividades que participamos fora do município.

“Eu acho que com as atividades na praça a gente conversa com muita gente, e daí pega novas amizades.” **Cloé**

“Porque você acaba conhecendo pessoas, que você não conhecia, então aumentou bastante as amizades!” **Árion**

“Porque a gente vai para vários lugares, faz passeios, e, você vai, você conhece, arruma amizade! Já tem muitas cidades que a gente tem muitas amizades por aí, porque? Por causa do PIC!” **Camila**

“A gente acaba ficando muito sozinha depois que o filho saiu de casa. Aí eu arrumei bastante amigas, as amizades, o dia que não posso, às vezes eu não vou não porque não quero, é porque não posso, às vezes tem que olhar um neto ou por doença da família, então eu tenho que ir para casa delas, da minha filha e da minha nora.” **Flora**

“Criar oportunidades!” Expressão usada por **Aurora** para nos mostrar que quando queremos trabalhar com a comunidade é necessário oferecer alternativas para ela. Não no sentido paternalista, mas no sentido de, através desses espaços,

desenvolver as potencialidades do sujeito e da comunidade. “Não se resolve tudo na vida”, afirma ela, mas se criar condições efetivas de discussões e possibilidades de escolha, a própria comunidade pode andar com seus pés, é necessário que

“(...) respeitamos o sujeitinho lá no espaço dele e mostrar que o mundo não é só televisão, ver que ele pode olhar o mundo de uma forma bem mais abrangente.” **Aurora**

Aurora comenta que o sujeito também precisa ter uma identificação com os espaços que o circundam, e nesse sentido, o PIC não poderia ser um programa apenas circunscrito a determinados sujeitos e muito normatizado, e isso talvez tenha sido o fator que os usuários entendem também o PIC como uma extensão de casa. Pelo tempo que tivemos de convivência no grupo, o fator que poderia apontar como consonante a essa afirmação dos sujeitos, seria justamente na possibilidade de integrar também a família nessas atividades.

Em inúmeras vezes relatamos nossas observações que o PIC tem tido um papel importante para congregar também as famílias, pois nas atividades que são realizadas nos finais de semana, os parentes mais próximos têm tido a oportunidade de participar efetivamente do que é oferecido ao grupo. Essa convivência da família nessas atividades tem permitido uma relação mais afetiva, assim como, favorecido a integração interna dessa mesma família.

“Ah, é uma família, é uma família é uma amizade muito bonita, o entrosamento muito bonito a gente tem o contato, você fica da sexta-feira até a segunda a gente já sente saudade!” **Aglaé**

“Tem outra filha, mora um pouco longe, mas quando deixas os filhos aqui, eles querem ir junto também, e a gente não vai dizer que não!” **Teseu**

Para **Céfalo**, a importância da participação da família funciona como um fator de incentivo para estar no grupo, especialmente quando essa apoia naquelas atividades desportivas realizadas anualmente e até para entender que para participar do PIC não existe nenhuma burocracia, e que é um grupo saudável.

“É interessante a participação da família, nós tivemos há pouco uma Olimpíada, então é uma coisa nova para eles, e se a família estiver por perto melhor ainda, porque a família faz bem! Está observando, dando um incentivo, prestigiando, apoiando, até para ver como é que é? Como é que é o trabalho, porque se você quiser participar de ginástica, ir num passeio, você pode levar o seu parceiro, teu amigo, teu vizinho, teu marido, para estar participando, para estar se integrando, tem que ir, então um programa legal, as pessoas são geralmente amigáveis, para sair, se divertir, descontrair.” **Céfalo**

Têmis nos auxilia a entender que trabalhar com a comunidade, assim como, pensa **Aurora**, não é tão difícil, ela também acredita que muitas vezes o que falta é, justamente, a oportunidade e a motivação. Para ela, as oportunidades e a motivação não devem ser esperadas único e exclusivamente da população ou das lideranças locais, mas tem que ter a contrapartida do poder público também. Convergindo nessa linha de pensamento, **Aurora** acresce que o poder público, assim como, a comunidade deve dividir as responsabilidades, pois um não pode prescindir do outro.

“(…) não vai ser ingênuo pensando que a comunidade vai resolver tudo sozinha, com também, as instituições políticas não o fazem sem a comunidade. Tem que haver essa interface, isso é fundamental!” **Aurora**

Entende **Têmis** que ocupação da mente deve ser uma tarefa pensada constantemente pelo PIC, na medida em que, o sujeito estando preocupado em fazer algo, ou com planos de realizar

algumas tarefas, tem menos predisposição para pensar em coisas que podem levá-lo a determinadas situações ou possibilidade de adquirir alguma doença. Assim, diz ela, o PIC procura “trabalhar com a cidadania e auto-estima”, fatores importantes para possibilitar a identificação no grupo, bem como, facilita o desenvolvimento do trabalho comunitário. Acrescenta que, o PIC tem buscado essa característica nos seus usuários, pois somente assim, o sujeito passa a crescer como ser humano.

Motivar esse sujeito para o trabalho comunitário, para o fortalecimento de uma rede de solidariedade tem sido observado ao longo do tempo que ficamos em campo, e segundo **Têmis**, é um exercício cotidiano no grupo. Não sabemos se poderíamos usar exatamente essa expressão, mas temos percebido que parece que o grupo teceu uma rede de suporte social entre seus integrantes. E não somente entre o grupo, a solidariedade ocorre para além dos usuários do PIC, ela é extensiva também a familiares e amigos de usuários.

São várias as observações que contêm informações acerca de pedidos de ajuda para pessoas usuárias do PIC e outras, o qual denominei de “A hora dos recados”, esse momento é sempre após a realização da atividade física na praça e é usado pela representante para fazer alguns comunicados e lembretes aos usuários do PIC. Existe uma diversidade de comunicados e grande parte tem uma relação com solicitações para a doação de sangue, visitas a doentes, comunicados de velórios e enterros, festas, viagens, excursões, jogos, bingos e empréstimos de materiais dentre outros.

Um das primeiras idéias que nos surgiu, ao ouvir os recados, foi a de que havia uma prática de informalidade para passar os informes a todos que freqüentavam a praça, suspeita que foi confirmada na medida que passava o tempo. Posteriormente, e com certa freqüência, os recados foram mais voltados a determinadas situações que exigiam um grau de solidariedade e

essa prática ficou mais evidente a partir do momento em que tivemos em mãos parte dos resultados das entrevistas.

Conforme já comentamos anteriormente, existiam no grupo algumas equipes de trabalhos, com o decorrer do tempo, algumas foram sendo extintas automaticamente. Uma dessas, foi a equipe que visitava doentes, eram três senhoras que ficavam encarregadas de realizar a visita, suscitavam as necessidades e traziam ao grupo os informes. Com o passar do tempo, essa equipe acabou, e não se sabe exatamente o porquê, se acredita, segundo os discursos, que o grupo cansou. Mas analisando os discursos e lendo nas entrelinhas, deduzimos que o fim dessa equipe não foi causado porque o grupo deixou de ser solidário, mas justamente ao contrário, houve exatamente uma nova reorganização dessa comunidade e esse fato não é percebida por ela.

Entendemos que o que motivou inicialmente a organização das equipes foi justamente todo o processo de sensibilização para o trabalho comunitário. Um trabalho que exigiu muita perseverança e dedicação das lideranças locais, mas que ao longo dos sete anos algumas respostas já são visíveis. E nos parece que essa responsabilidade assumida no conjunto do grupo foi um passo importante resultante da própria participação e convivência social.

Pois, para **Têmis**, o que justamente se esperava do PIC é que as pessoas fossem para a praça e pudessem perceber no conjunto o quanto é importante estar entre amigos, colegas, e que poderiam ajudar nas diversas situações adversas da vida. Para ela, estimular a convivência social é potencializar o sujeito para melhorar a sua qualidade de vida, sem contar que, estimula-o ao auto-cuidado e o cuidado para com o outro.

Comenta que o programa também tem uma prática de voltar-se para o usuário, e não somente o inverso, "nas diversas situações em que existe a necessidade de trazer o sujeito para o grupo"

“É um momento que você está precisando, superar essa fase triste da vida. Então gostaria de estar participando do PIC? Quer que a gente faça uma visita? Se você tem vergonha de vir sozinha para o PIC, a gente vai e fica dois ou três dias fazendo companhia para você. Então tudo isso era oferecido! E aconteceu assim, muitos casos de a gente estar fazendo isso, de a gente estar indo e a pessoa estar vindo depois para o PIC. Quando é recado de festa, a gente não quer que somente aquelas pessoas que fazem a ginástica participem das atividades, então: “o programa não tem o nome de integração?” **Têmis**

Para os usuários a questão da solidariedade é vista como algo de grande valor, mas ela não é lembrada apenas nas situações de dor, doenças ou morte, ela é lembrada também no cotidiano do grupo, na importância das conversas, do contato, do ouvir o outro. Enfim, a solidariedade presente no grupo tem uma representação muito forte no grupo, e se apresenta de diversas formas nas diferentes situações. No entanto, grande parte dos discursos afirma, o que antes discutíamos sobre a questão do “pertencimento” e identificação de grupos e subgrupos, onde sempre tem aquelas pessoas que são mais chegadas, que tem mais amizades, aquelas em que se pode confiar.

“(...) a gente tem sempre uma amiga, aquela que é mais chegada... de confiança, então é onde a gente desabafa muitas coisas que estamos sentindo, a “a gente põe para fora, então isto faz muito bem.” **Flora**

“(...) foram todos no velório, eu fiquei contente de ver eles lá! Porque elas mostraram que são minhas amigas mesmo. Eles também vieram até aqui em casa para ver como eu estava, como é que eu estava na semana, veio, me ligavam a semana toda. Então agradecia dia-a-dia, e isso me deixou muito feliz!” **Niobe**

“(...) no PIC a gente se distrai conversa muito, ouve outras coisas, mistura com as da gente, tem outras

coisas para pensar e estando sozinha a gente só pensa besteira só!” **Agláé**

“Uma vez pegou fogo na casa de uma senhora. Aí deram o recado e todo mundo deu... uma cama, outro deu o lençol, outro deu não sei o que... esses tipos de coisas...” **Camila**

“(...) tem uma lá no PIC que sabe da minha situação, chegou até a me dar coisas de cesta básica, a gente vê a consideração que tem com a gente, né?” **Sila**

Essa rede de solidariedade está presente no grupo, conforme mostram os depoimentos, e também conforme comentamos antes, não percebido como um todo pelo grupo, mas durante o período de trabalho de campo, especificamente por ocasião das entrevistas. Houve uma oportunidade de alguns sujeitos refletirem sobre a ajuda do grupo e até compreenderem que esse teve uma importância significativa em suas vidas, especialmente naqueles momentos de sofrimento.

“Aí eu estava indo no PIC, quase parei mas continuei indo, agora passado três anos, eu vejo que me ajudou, porque eu acabava indo lá, conversando com alguém, acabava distraído, se eu não fosse lá eu ia ficar aqui, deitada no meu quarto chorando. Porque eu tinha aquele compromisso de ir no PIC, acabava dando algum passeio tal... acabei distraído certo? Ajudou até a sobreviver, mas gente não viu a importância no tempo, agora eu estou vendo! Está vendo, foi até bom lembrar coisas, pus até coisa que nem eu mesma sabia que estava dentro de mim.” **Sila**

Se o convívio social tem sido um fator convidativo à participação e trabalho comunitário e possibilitado o desenvolvimento de uma rede de solidariedade no grupo, esse mesmo convívio, tem por outro lado, expressado a heterogeneidade

do grupo. Essas diferenças são expressas nas mais diferentes formas, e com os mais diferentes sujeitos.

2.9. O CONVÍVIO SOCIAL E AS EXPRESSÕES DAS DIFERENÇAS

Entender que no grupo existem diferenças, todos o entendem, mas como essas são expressas há as mais diversas concepções. Para **Níobe**, as diferenças são vistas como um fator natural, pois o programa é aberto a todos, e isso leva automaticamente a agrupar pessoas muito diferentes. Existe um sentimento de pena que expressa as condições de vida de alguns membros do grupo e que são expressas pelas condições mentais, físicas, de cor, de posição econômica e de gênero.

“E nós aceitamos todos eles, você viu aquele menino que de vez em quando faz ginástica junto com a gente? Ele é um companheiro, sabe, porque ele acompanha a gente. E nós tínhamos uma menina de cadeira de rodas, coitadinha. A companheira trazia ela ali na praça e ela ficava com a gente ali, fazia ginástica com as mãozinhas. E nós tínhamos uma porção de colegas de cor, que hoje já não temos quase, porque a maior parte, elas vinham coitadas... fazer ginástica antes de ir trabalhar e dali elas saíam para o trabalho... entende? Então nesse ponto aí a gente tem que fazer força, sabe, para ir para a terceira idade. Muitas mulheres precisam sair de dentro de casa, e elas não acham jeito, não acham como.... Tem também o mudo, mas você só faz assim (sinal de positivo) ele já fica contente, ele é um homem feliz lá junto com nós, você sabe! Nós dançamos com ele quando estamos num baile, nós tiramos ele para dançar. Ele é um homem especial, é especial!” **Níobe**

Ter a percepção que “os outros são diferentes” pode ser uma situação bastante fácil para a maioria das pessoas, mas o reconhecimento de que “é uma pessoa diferente”, já requer um certo olhar para si mesmo, na medida em que, ser diferente dentro do grupo, pode estar circunscrito à percepção de suas

potencialidades individuais, assim como, pelo reconhecimento das potencialidades do outro.

A permanência em um grupo heterogêneo requer algumas habilidades pessoais para conviver bem, uma delas é o desenvolvimento da tolerância, saber reconhecer que o outro é também uma pessoa dotada de sentimentos e desejos. Essa tolerância é às vezes compreendida pelos sujeitos pela necessidade de um certo afastamento, e mesmo de ter a sensibilidade em saber qual a melhor hora para ceder ou rever suas atitudes para com o outro.

“Mas quando não me agrada, eu fico na minha, não discuto.” **Sila**

“Tem muita gente que eu sei que a cabeça é diferente da minha. Eu acho a gente vai conhecendo as pessoas, o jeito das pessoas, não é difícil! Porque você concorda com a pessoa do jeito que ela é! E tem muitas diferenças mesmo! E se você critica essa pessoa não adianta. Se ela não gosta de certas coisas, eu acho assim, nós temos o nosso grupo... e tem o outro que é gente também! Você tem que entender esse gosta daquele, esse não gosta... mas...eu acho que tem que ceder para poder viver, porque senão é um desentendimento total não é?” **Camila**

“(...) todo mundo é diferente. Quer dizer, se determinadas pessoas fossem para morar junto talvez não daria, mas assim dá. Não tem problema nenhum.” **Árion**

“Bom... eu acho que mesmo para as pessoas diferentes a gente tem que dar atenção. Mas ninguém pode fazer milagres não é mesmo? Então se precisar a gente pega e põe um algodão no ouvido e não escuta!” **Íris**

Têmis comenta que por muito tempo as diferenças no grupo foram sinônimas de problemas, especialmente quando se tratava

de pessoas com alguma deficiência física ou mental. “Hoje o grupo trabalha melhor essa questão”.

Com relação ao próprio grupo, o “tempo” parece ser um bom indicador para dissipar algumas situações que levam da discriminação, intolerância até a aceitação de que “ser diferente no grupo” pode ser um começo de um novo aprendizado, uma troca de saberes. Porém, como ela afirma abaixo, o preconceito permanece muito no cotidiano de algumas instituições e nas programações que são desenvolvidas por essas.

“E para a surpresa da gente ele é mais eficiente para dançar a quadrilha do que muitas pessoas consideradas normais. Ele chamava atenção, ficava bravo, fazia os gestos para ela prestar atenção! E hoje ele é uma pessoa que todo mundo quer dançar. Eu acho que a diferença aí, o tempo se encarrega, eu acho que o ideal seria não excluir a pessoa que é considerada deficiente, e sim tentar trazer para a situação do outro considerado normal. Agora ele já está trazendo a irmã, que também é muda, e ela já foi recebida diferente do que ele foi no PIC, para melhor, com mais naturalidade, então eu acho que devagar as pessoas se conscientizam, por que precisa assim... ninguém é deficiente por livre e espontânea vontade! (...) nós fomos passar um dia no sindicato dos comerciários, e lá não foi permitido que o (...) fosse. Ainda eu expliquei a situação, por que ele estava louco de vontade de ir, quando a gente vai para clube assim, o (...) nada muito bem! Então as pessoas gostam de ir com ele, que ele te ensina a nadar, então as pessoas gostam que ele vai, e sempre ele foi com a gente nos passeios. E nesse último que teve, a diretoria lá não permitiu que levasse.” *Têmis*

2.10. O CONVÍVIO SOCIAL E A QUALIDADE DE VIDA

Considerando o conjunto das discussões que realizamos acima, podemos ainda acrescentar um fator que mantém forte relação entre as várias discussões traçadas. Um fator que ao nosso ver tem

uma importância fundamental na vida de cada usuário do PIC. E esse fator talvez seja o que existe de maior relevância no programa, que é justamente a melhoria na qualidade de vida, perceptível ou não por cada membro do PIC em sua dimensão totalizadora.

Falar sobre qualidade de vida não parece ser uma tarefa fácil, muito menos tentar analisá-la em um programa que tem sete anos de vida. Não temos pretensão de traçar parâmetros que possam medir a qualidade de vida, mas sim, pretendemos discuti-la aqui junto com aos que fazem de suas vidas, a vida do próprio PIC.

Uma das grandes percepções do grupo em relação a sua saúde, diz respeito ao quanto às atividades de ginástica têm interferido na sua vida cotidiana, especialmente naqueles afazeres que requerem certa mobilidade física. Associado a isso, a oportunidade de vir para a praça, conviver com os amigos também é vista como uma prática saudável, aspecto que abordaremos mais adiante, mas essa prática de socialização também tem trazido os benefícios para a saúde mental. Muitos referendam que suas vidas mudaram muito a partir da convivência no grupo, especialmente pelo fato de que se sentem aliviados das preocupações, pois vir para a praça e dividir essas preocupações já faz parte do cotidiano, e para o grupo como um todo é tido como uma coisa prazerosa.

Segundo **Iris**, “a ginástica dá força física e moral”, e quando ela falta, “sente muita falta”. Nesse sentido, **Céfalo** comenta que a possibilidade de freqüentar a praça traz inúmeros benefícios para a saúde do usuário, relata que a atividade física que é desenvolvida possibilita uma “ventilação pulmonar melhor”, e com isso desenvolve maior resistência e menos cansaço físico para o trabalho, principalmente aquelas atividades “corriqueiras da casa”.

“Todos os exercícios a gente procura trabalhar o máximo de músculos possíveis do corpo, para eles terem um melhor sono. Porque eles fazem os

exercícios, chegam em casa, tem os exercícios de casa ainda. Então à noite eles dormem muito melhor. Pois eles chegam ao final do dia cansados, e não há necessidade de precisar tomar um remédio para dormir, porque o corpo esta definitivamente cansado.” **Céfalo**

“(...) em casa também a gente fica mais ativa, não fica mais com aquela moleza... Eu levanto muito cedo, depois do almoço eu dou minha dormidinha, porque ninguém é de ferro, mas melhorou bem, a gente fica mais vaidosa também se arruma mais! De primeiro a gente ficava largadinha... a gente estando no PIC a gente se sente viva! **Tétis**

Algumas atividades físicas que são realizadas na praça são lembradas como relaxantes especialmente aquelas voltadas mais a introspecção, como o Tai Chi Chuan. Segundo **Têmis**, o grupo teve um professor que por algum tempo realizou voluntariamente essa atividade junto ao grupo, mas depois de algum tempo, movido pelas atribuições profissionais, deixou de realizar a ginástica com os usuários. Durante a fase de coleta de dados teve uma outra professora que voluntariamente propôs retomar o trabalho com o Tai Chi Chuan, nas quartas-feiras pela manhã.

“Essa ginástica (aponta na foto) é uma ginástica de Tai Chi Chuan, era muito boa, calma, deixava a gente numa tranqüilidade. O Professor chamava (...), e eu acho que ele era estrangeiro. Ele veio numa terça-feira para fazer uma demonstração, o que ele ensinava lá na academia dele, então era uma ginástica muito boa mesmo! Acho que era mais a coisa de espírito da gente, sabe, tinha coisas que ele mandava fazer de olho fechado, tinha uma coisa assim, era uma ginástica... não era agitada, era bem tranqüila, bem calma. Eu não sei porque acabou...” **Iris**

Tisbe afirma que antes de freqüentar a praça era uma pessoa muito dedicada ao trabalho, e que finalmente com a aposentadoria pode realizar seu velho sonho de sair da casa de

seus padrões e ter um cantinho somente seu. E que foi graças a essa independência que conheceu o programa, “eu era triste... tinha angústia! Sarei depois que eu comecei a vir no PIC”, afirma ela.

Isso nos leva a supor que a melhora mental também tem contribuído para desenvolver a criatividade dos usuários do PIC. **Camila**, de certa forma nos confirma: “tive as idéias de fazer coisas, eu não tinha idéias para formar nada na minha cabeça... aí eu tive essa idéia de fazer o boneco para brincar com o pessoal.” Essa é uma atividade lúdica que tivemos a oportunidade de assistir algumas vezes, e também trazemos descrito nas nossas observações como uma atividade criativa e muito divertida, na medida em que, ao incorporar uma personagem – toda maquiada de preto no rosto e braços – dança com um boneco negro.

As pessoas para as quais ela tem se apresentado, como em enfermarias pediátricas de hospitais, asilos, e festas de integração se divertem muito com a coreografia criada pela usuária. Entende que sua convivência no grupo despertou essa criatividade, pois queria fazer algo para divertir outras pessoas, a sua fala nos aponta que existe uma troca de saberes.

“(...) eu nunca pensei que eu ia ter meus 70 anos do jeito que eu estou, com tudo isso aí... E a gente gosta demais... nossa! E passa a coisa boa para gente e eu acho que a gente também passa para vocês!” **Camila**

Aristeu também nos relata que sua saúde física sofreu importantes avanços para aquelas atividades corriqueiras que exigem algum esforço físico, ele, muitas vezes nas nossas observações, sempre chegava atrasado nas atividades de ginástica, vinha com sua muleta caminhando devagar e discretamente começava a realizar a ginástica. Era sempre um dos usuários que o professor de educação física fazia referência, justamente pelo atraso. Embora nos parecesse que o pouco de exercício que fazia na praça, não teria muita

influência na saúde, na sua entrevista em sua residência, mostrou justamente o contrário, acometido de várias fraturas da coluna cervical, devido a uma queda de uma construção, nos relatou que dificilmente conseguia agachar para apanhar qualquer objeto que caía, sempre necessitava chamar alguém para auxiliá-lo.

Nesse sentido, ele comenta que, embora necessite de uma muleta para caminhar, pois têm medo de cair, as poucas atividades de ginástica, que consegue acompanhar na praça, tem contribuído para uma melhor desenvoltura física em pequenas situações corriqueiras, e com o intuito de demonstrar o quanto progrediu, joga um objeto que está na sua mão para o chão, e sem a muleta agacha para apanhá-lo, “eu nem podia agachar de tanta dor nos pés que eu tinha, agora já pego as coisas no chão”.

Existe por parte dos usuários um desejo muito grande de compartilhar com outras pessoas os benefícios da participação no PIC, e eles são traduzidos a partir da fala desses sujeitos. São endereçados especialmente para as pessoas mais idosas e que segundo **Flora**, as mais beneficiadas, pois “já criou os filhos, já não tem muita ocupação, muito trabalho” e ficar parada pode causar mais transtornos a sua saúde.

“faça como nós, venham para a praça, venham fazer ginástica, vamos dançar, vamos ficar fazendo caminhadas, para recuperar nossa saúde, envelhecer com saúde! Porque o importante é envelhecer com saúde, vai caminhando fazendo ginástica a gente controla a pressão, a circulação, todos os movimentos da cabeça, a mente da gente fica mais sadia! Eu convido a todos sempre, participem envelheçam com saúde, envelheçam com alegria!” **Talia**

A melhoria da saúde também é atribuída à diminuição no consumo de medicamentos. Embora não se tenha nenhuma pesquisa ainda que possa justificar as afirmativas dos

entrevistados, e como também esse trabalho não teve a pretensão de pesquisar essa temática, existe uma idéia que perpassa o consciente desse coletivo de que houve uma diminuição grande no consumo de medicamentos pelos usuários do programa.

Essa informação às vezes é comentada pelos entrevistados como: “fulano comentou que diminuiu muito o consumo de remédios depois que entrou no PIC”, e que parece ser um conhecimento que os profissionais da saúde da UBS tem alguma informação: “inclusive o dr. falou: “dá muita força para gente” ele disse que pessoas idosas: “não podem ficar em casa têm que sair, distrair a cabeça para tomar menos remédio”, segundo depoimento de **Aglaé**. Ou então, são os próprios entrevistados que afirmam espontaneamente que a partir de sua inserção no programa diminuíram muito o consumo de alguns tipos de medicamentos.

“(…) quando eu comecei, eu tomava Aldomet, Propanolol, e Clorana de manhã. Aí suspendeu o Aldomet. Então estou tomando só o Propanolol e Clorana. Então quer dizer, para hipertensão melhorou muito.” **Tétis**

Céfalo comenta em sua entrevista que embora isso não tenha sido objeto de estudo por parte da UBS ou da SMSRP, existiam, segundo sua experiência junto ao PIC, casos freqüentes de pessoas que usavam anti-depressivos e anti-hipertensivos.

Comenta que as situações mais comuns estão relacionadas a problemas de hipertensão arterial “por não ter um condicionamento físico adequado”, ou então, nas situações em que existe um consumo de medicamentos com indicação para indução do sono, e que essas situações são de conhecimento do grupo como um todo.

“Os casos mais freqüentes era de pessoas que tomavam anti-depressivos, muitos anti-depressivos, e problemas de pressão alta. Nós tivemos também aquele diabético, que é causado pelo emocional, alguma situação, alguma perda que ele teve na

vida, então tem aquele diabetes ocasionado pelo emocional.” **Céfalo**

Comenta ele que: “às vezes eles não tem com o que se ocupar no seu tempo, então eles ficam sozinhos em casa e pensam em tudo que é coisa, por que não tem ninguém ali ao seu lado para ouvi-lo”.

“Depois que eu passei a fazer ginástica no PIC, a minha pressão está super controlada, graças a Deus, vou lá medir e está sempre 14x8, está ótima, eu tomo o medicamento porque não pode parar, porque o médico manda tomar, mas está controlada... A saúde para a gente é alegria, porque a gente diverte bastante. Eu gosto de brincar com os professores, eu gosto de animar, se eu vou num baile eu participo. Então todo mundo deveria fazer isso aí para ter saúde, você não pode ficar assim preocupada com todos os problemas da vida! **Dóris**

A experiência de **Céfalo**, nos anos que acompanhou os usuários do PIC, nos aponta que existe uma relação muito próxima entre as atividades físicas realizadas pelos usuários do PIC e chances de ter uma melhor saúde, ou em outras palavras, ter uma qualidade de vida mais adequada para essa população. Considera em sua fala que a ginástica na praça é também uma oportunidade para que o convívio social, importante fator para uma vida mais saudável, possa acontecer.

Algumas entrevistas também apontam que a melhora da qualidade de vida está associada à convivência social. Essas afirmações têm como pressuposto que a socialização tem configurado uma rede de relações e isso tem favorecido muito a melhora da auto-estima dos usuários. Depoimentos apontam que nas trocas de saberes que ocorre no dia-a-dia existe uma possibilidade de aprender mais, bem como, tem aumentado o círculo de amizades, o que torna o sujeito menos solitário.

“A gente aprende mais, a gente sozinho pensa que sabe tudo, mas não sabe. Então você convivendo, você vai vendo diversas coisas, vai aceitando. A tendência é melhorar. E para a saúde também porque a saúde é muito importante.” **Árion**

Essa convivência tem ajudado as pessoas, especialmente quando ouvindo a situação do outro percebe que o seu problema, mesmo sendo diferente é menos grave que do outro. É um fato interessante esse, e que foi possível apreender nas falas dos sujeitos por ocasião da observação participante. Sempre tinha alguém que ao comentar uma determinada situação, a comparava à outra para dizer que a mesma não era tão grave como parecia.

Existem também as situações que por ser pessoas solitárias acabam tornando-se susceptíveis ao aparecimento de doenças, especialmente a do sistema psicológico. Sobre isso, **Céfalo**, já apontou anteriormente em relação à diminuição no consumo de medicamentos, e que o fator de estar no grupo favorece o mesmo.

“Estava morrendo de tédio, de angústia! Aí eu resolvi partir para o PIC, falei: “não é assim! Eu vou mudar!” Ali todo mundo fala a mesma língua! Uma porção de viúvas... então você encontra pessoas que falam o que você fala, que sente o que você sente. Às vezes sente até mais do que gente! Tem mais problemas, você vai se conformando... Eu me entrosei e estou muito feliz com o PIC!” **Talia**

“(...) eu acho que o PIC é muito importante, desde que a pessoa descobre e dê valor para as atividades. Tem pessoas que criticam, tem pessoas que não vêm, que ficam aqui na esquina da praça criticando e desvalorizando nós que estamos aqui cuidando da saúde, porque quem vem no PIC tá cuidando da saúde e da mente.” **Ceres**

Outra situação que nos mostra a relação do PIC com a qualidade de vida diz respeito às atividades mediadoras, já discutidas, e que estão ligadas à convivência social, na medida em

que, somente através da socialização é que os usuários passam a usufruir as várias oportunidades de entretenimento no PIC, embora o programa não se restrinja apenas a proporcionar lazer.

Quando dizemos que as atividades mediadoras podem contribuir à qualidade de vida, é porque são espaços de socialização que oferecem as oportunidades e o compromisso com o grupo.

“(...) eu comecei a ficar assim já meio animada a querer dar palpite: ‘ah é bom isso é bom, aquilo...’ porque às vezes eu não abria a boca para falar e de repente... eu comecei, entrei para o coral, tinha reunião, conversava e falava uma coisa, falava outra, minha idéia também era aceita, comecei a me abrir, e melhorei mais no teatro, sim porque o teatro foi o que eu achei que me ajudou mais! O PIC foi bom para mim nessa parte também, não penso em nada, tenho muita distração, tem muita coisa boa aí! Tem as caminhadas, tem a hidroginástica que eles dão, tem muita coisa boa... tem o coral, tem o teatro, e a gente participa de tudo isso, tudo isso ajuda! Aí era aquela correria... chega em casa e aí não sobra tempo de você pensar: ‘eu tô com isso... aquilo...’ e vai sumindo na cabeça da gente e vai você vai ficando mais ativa! É porque você encara as brincadeiras, você tem idéia para fazer coisas!” **Camila**

“(...) eu participei do Olympic pela primeira vez há quatro anos atrás, para mim isso foi muito importante, fazer uma apresentação na Cava do Bosque, apresentar uma dança da terceira idade, jamais pensei que eu fosse cantar no teatro Pedro II com o coral, tudo isso foi através do PIC, é no PIC que a gente fica sabendo o que tem e o que a gente pode participar, então foi isso que me desabrochou.” **Ceres**

Mas existe também, aliada às várias atividades mediadoras, práticas voltadas para o lazer, ao lúdico e uma preocupação com a questão da educação. Antes mesmo de concretizar o que mais tarde seria o curso de alfabetização, houve uma preocupação com a questão da educação no grupo, para tanto, foi realizado um

curso sobre saúde, já comentado anteriormente, e que nos dá os indícios de que a troca de saberes já tinha uma raiz no planejamento do programa.

Dar ao acesso à educação formal foi um dos caminhos que algumas pessoas do grupo tiveram ao detectar que havia no grupo aqueles que não eram alfabetizados ou que haviam cursado apenas as primeiras séries iniciais. O curso de alfabetização foi implantado quando da locação da sede na Vila Tibério. Sobre esse curso é interessante frisar que uma das depoentes também era aluna no curso.

Na entrevista, **Heles**, informou-nos que o curso funcionava duas vezes por semana às terças e quintas-feiras das 14:30min às 16h. E durante o processo de observação participante, em um dos recados que **Têmis** passava ao grupo, ela referiu-se ao curso de alfabetização, solicitando às pessoas que não soubessem ler ou escrever para participar do mesmo, pois ele é um curso que tem reconhecimento e validade pela Secretaria da Educação. “Na sede também tinha uma aula para aprender a ler e escrever ou aprender um pouquinho mais do que sabia!”.

Ao que nos parece, aliado à importância da socialização, houve preocupação com a questão da educação uma vez que, essa é um dos caminhos que possibilita ao homem ampliar o seu potencial como sujeito político consciente dos seus direitos e acima de tudo exercer o seu direito de cidadania.

A relação com a natureza é umas das preocupações que surge já na proposta do programa na ocasião da implantação nos cursos que foram oferecidos aos participantes algum tempo depois de ter iniciado o programa na Vila Tibério. Para **Aurora**, o objetivo era justamente discutir dentro de um processo de problematização da relação do homem com o meio ambiente. A proposta tinha um caráter de ação e reflexão, para tanto, após as discussões que se realizam visitas a locais onde havia essa possibilidade de in loco poder discutir o que se via na teoria.

Esse ao que parece foi um aspecto importante para a sensibilização dos usuários do PIC, uma vez que, em quase todas as entrevistas estes afirmam uma relação de afetividade com o local onde se realizam as atividades físicas, a praça. A natureza inspira em grande parte dos usuários um sentimento muito próprio a cada um, o que expressa uma auto-estima das mais diversas formas.

“(…) eu aconselho a essas pessoas idosas a procurar uma praça, assim onde tem ginástica e frequentar e apreciar a natureza assim como eu aprecio, e amar a natureza não só olhar a natureza, é linda, a natureza é bela, curtir a natureza, curtindo a natureza você está se amando.” **Ceres**

Talvez os apontamentos que realizamos até aqui demonstrem um caminho que está sendo percorrido por esse grupo na busca de uma melhor qualidade de vida a seus usuários. Com certeza é apenas um começo, mas que sabemos precisará de outros espaços para ampliar esse potencial e atingir maiores resultados. Nesse sentido, encontramos em **Têmis** e **Céfalo** algumas considerações sobre as potencialidades na ampliação da melhoria da qualidade de vida.

Para **Céfalo**, o potencial no aumento da qualidade de vida está diretamente ligado a um maior envolvimento das instituições públicas, pois elas desempenham um papel muito importante na questão da informação, uma vez que têm surgido inúmeras dúvidas sobre os mais diversos aspectos em relação à saúde e que não são de sua competência.

“(…) eu sou professor de educação física, eu entendo do exercício, eu entendo do corpo, mas eu não entendo de todo o mecanismo do corpo humano, o pouco que eu sei, eu tiro as dúvidas deles. Só que a Secretaria de Saúde podia ajudar, na informação, porque esse projeto a gente tem que visar principalmente o que? É com se diz, uma medicina preventiva e não curativa! Então a Secretaria de Saúde podia ajudar na matéria da saúde.

Mensalmente poderia ter um profissional adequado, um cardiologista, um ginecologista, um geriatra para quê? Para dar esse tipo de informação para eles. Por exemplo: hoje um cardiologista, um ginecologista, para bater um papo, troca de informações, você tira dúvidas, ele te responde.” **Céfalo**

No ponto de vista de **Céfalo**, a presença mensal de algum profissional da área da saúde poderia auxiliar inclusive na organização do trabalho da UBS, pois segundo ele, isso teria um reflexo muito grande sobre a constante presença do usuário na UBS, “Por que? Porque muitas pessoas do PIC vão à UBS somente para tirar dúvidas que em um bate papo você pode tirar!”.

Complementa **Têmis** dizendo que, o que se esperava da UBS não era que houvesse profissionais de plantão para atender possíveis intercorrências com usuários na praça, semelhante ao proposto no início do programa, com a colocação da ambulância, fato que já discutimos anteriormente no outro grupo de DSC.

“O PIC não é um programa de terceira idade, é de integração, como prevalece a terceira idade, então o idoso quer atenção, e é isso que a gente quer, não queremos que eles vão lá para falar somente de doenças, nós queremos que eles vão lá para dar um bom dia, para fazer um elogio, dar estímulo para as pessoas da terceira idade que estão indo para a praça para fazer exercícios. E até para dizer: ‘nós estamos prestando atenção em vocês, estamos com vocês’, sabe então eu acho assim, não é cobrança para a comunidade, que as vezes precisa, mas tirar essa coisa assim, eu sou médico e você é paciente, vamos ser mais flexíveis...” **Têmis**

Lembra **Têmis** que ao iniciar no programa não tinha essa capacidade de discernir o que era ou o que não era qualidade de vida, mas foi justamente em um dos cursos sobre educação em saúde que teve a oportunidade de refletir acerca do assunto.

“Foi nos perguntado num curso, nesses sobre saúde, o que era qualidade de vida? E eu te confesso que eu não tinha atinado ainda o que seria qualidade de vida, e a única coisa que veio na minha mente seria o salário, e é muito difícil de desassociar mesmo, mas depois eu fui aprendendo... E a qualidade de vida começa da necessidade da escola, da educação, de um bom emprego, um salário digno e por aí vai... E não como muita gente pensa que qualidade de vida é só carro do ano, ter um microondas em casa, você poder sair para o exterior, não é bem isso, não é só isso. Eu acho que qualidade de vida começa lá em baixo.” **Têmis**

O começar “lá em baixo” para **Têmis** é desde o básico, que é o acesso à educação, à informação e a mobilização da comunidade, chegando até a politização de cada sujeito.

“Então eu acho que, se todo mundo se educasse, e soubesse o valor que tem trabalhar junto, unido, eu acho que poderia cobrar mais de nossos vereadores, do nosso prefeito, do nosso governador e até chegar no presidente. Porque você não pode assim, adivinhar e dizer, eu vou votar nesse por que é excelente, mas pelo menos dá para você fazer uma avaliação, não ver pelo supérfluo, que eles vêm aí e te oferecem três ou quatro coisas e você já pronto! Então eu acho que o PIC é tudo isso aí, só que às vezes as pessoas não vêm, e outras pessoas que podem estar vendo não se importam de abrir as vistas, ficam mais fáceis de serem manipulados, então eu gostaria que as pessoas se juntassem mais, se esclarecessem mais, que cobrassem mais. Quantas vezes eu sugeri isso aí em reuniões e nas palestras que nós tivemos lá no programa de hipertensão. Então eu coloquei isso aí por que? Eu gostaria quer todos nós do PIC, que todas as pessoas saíssem e fossem assistir sessão na câmara, fosse ver o que o político está fazendo, acompanhar, se inteirar do que o vereador faz, ou do que ele pode fazer, e aí eu acho que a comunidade ia melhorar sua qualidade de vida, ia melhorar a cidade.” **Têmis**

A qualidade de vida para **Têmis** também não está relacionada apenas com a saúde dos usuários do PIC, mas também à uma ação mais ampliada à área circunscrita ao bairro, “é preciso deixar as pessoas mais tranqüilas também”, comenta ela. E essa tranqüilidade refere-se a partir da própria praça, que embora seja ocupada nas manhãs pelo PIC, na parte da tarde ela é ocupada pelos “santinhos da noite”, como é citado por **Lucina**, ao referir-se a um grupo marginalizado que utiliza a praça para assustar os moradores da região.

“(…) pena que os santinhos da noite quebram todos os bancos, deixam tudo feio. Agora a polícia está dando em cima deles, mas de tarde a praça é deles! Não pode uma criança ficar lá. Vai uma avó com uma criança, vai uma mãe com uma criança não pode. Eles passam com as bicicletas quase pisando na gente, para gente ir embora, mesmo tocando a gente! É assim!” **Lucina**

A violência não pode ser combatida somente através de forças unilaterais, é o que nos passa **Têmis**, para ela, é necessária uma união entre os vários segmentos da comunidade civil e política para que as ações possam ser mais concretas e resolutivas.

“Porque eu acho que: ‘o PIC não é só para fazer ginástica na praça’. Nós integrantes do PIC, mais Comissão Local de Saúde, mais associação de moradores, a gente trabalhando juntos poderia estar amenizando, se não acabando, mas amenizando a violência, por que a violência é o que? Só polícia? Só a administração? Não, eu acho se a gente fizer um pouquinho... mas você não precisa se expor, mas eu acho que você trabalhar legal com a associação de moradores, Comissão Local de Saúde e o PIC juntos, é uma força muito grande.” **Têmis**

Mais uma vez **Têmis**, assim como os outros sujeitos dessa pesquisa, sugerem estratégias que poderiam beneficiar a comunidade local no sentido de trazer maior qualidade de vida e de saúde para os

vários segmentos que compõem essa comunidade, e mesmo no sentido de como o programa poderia estar contribuindo para tal.

“Se fizermos um Centro de Convivência, nós vamos usar o centro de convivência para tudo. Nós gostaríamos que houvesse para que? Você pode colocar ali um corte de cabelo, ensinar costura, tem tantos idosos que eles sabem fazer brinquedos de madeira, que eu acho muito interessante (...). Por isso eu falo para você do idoso e do jovem, porque o idoso ele tem muito para oferecer! Podemos tirar os jovens da rua, pois no Centro você poderia estar ensinando profissões. (...) estar pondo ali informática para os jovens, tem tantas meninas e meninos de quinze e dezesseis anos que termina de estudar, por exemplo, o colegial, e não tem mais condição, tem que trabalhar (...). Ainda poderia desenvolver cursos de trabalhos manuais, fazendo confraternizações de final de ano, amigo secreto, você poderia estar convidando grupos de outros lugares para estar participando com a gente, fazer uma gincana, um churrasco para você convidar amigos que vêm de outros bairros, outros PICs, ou pessoal de fora, você teria um ambiente para você estar acolhendo as pessoas. E quem sabe uma mini cooperativa, por que não?” **Têmis**

Para finalizar essas discussões, **Têmis** comenta que, gostaria que as pessoas usassem um minuto de seu dia “para pensar nelas”, porque estando bem com ela mesma, também estará bem com os outros, com seus familiares. E considera que o PIC é uma ótima oportunidade, “apesar de ter problemas, porque nada é um mar de rosas no PIC, nós temos os senões também, vários...”, em termos de participação em trabalhos comunitários e melhoria de vida, além de que, é uma maneira de

“(...) expor seus talentos, acreditar em si mesma, porque eu acho que com a ajuda das instituições a gente cresce e aprende a valorizar mais a vida, enfrentar nossos problemas com mais serenidade.

“Então eu acho que o objetivo do PIC é tudo isso, por que tudo isso para mim é qualidade de vida, é trabalhar para que você melhore você e sua cidade.” **Têmis**.

GRUPO III

3. O Sujeito Social

3.1. A DESCOBERTA DAS POTENCIALIDADES DO SUJEITO

IC. 7

Eu era uma pessoa triste, inibida, solitária, mandada pelos outros. Participar do PIC, com as oportunidades de contato com outras pessoas e com as atividades que o programa oferece, fez minha vida mudar; mudou minha auto-estima Hoje sou uma pessoa feliz.

DSC. 7

Antes de conhecer o PIC minha vida era triste. O primeiro dia que eu saí de casa, estava de chinelo de dedo havaiana encardido, pé rachado e saia toda amacetada, nem passava a roupa de tristeza, estava no fubá mesmo estava praticamente um bagaço.

Eu era cheia de problemas, muito inibida; tinha tudo para ficar sentada num lugar e só pensando; se eu pudesse me escondia; eu achava que ia acabar trabalhando assim, em casa, serviço de casa, cuidar de casa, só isso; tinha dias que eu falava: acho que não vou durar muito não.

Além disso, não gostava de mim, era mandada pelos filhos, pelo marido, pelas obrigações de casa; me sentia velhinha. Quando eu ia no consultório médico, chegava e sentava, sala cheia de gente, eu tinha vergonha por exemplo de atravessar a sala; também era agressiva, qualquer coisa que falassem para mim eu respondia, era agressiva mesmo; eu só sabia das coisas porque eu assistia televisão.

Daí eu comecei a participar do PIC, a gostar. A primeira vez é meio chato porque você não está acostumado; mas com o tempo percebi que estava fazendo bem. O PIC desabrochou, me fez eu me abrir mais, me soltar mais; você acha mais jeito de conversar com as pessoas, tem aquela coisa, deixa a gente mais animada, mais entusiasmada. Eu fui conversando com uma senhora, conversando com outra... você vê tanta gente... a gente fica mais confiante, não sei explicar, acho que fica mais desinibida.

Então eu vi que não era assim, que eu tinha que me cuidar melhor, comecei a sentir vergonha de mim. Com o PIC eu aprendi muito, a me valorizar, aprendi a me amar (porque eu não gostava de mim, me achava vítima, a pior de todas) Eu aprendi que tinha que ser eu

mesma, nunca abaixar a cabeça quando as pessoas querem me pisar (continuo sendo humilde, mas agora ninguém pisa mais em mim, eu falo o que sinto, sou eu mesma)

Minha vida deu uma reviravolta muito grande e boa; eu mesmo me admiro de fazer coisas que eu tô fazendo agora, eu não fazia isso de jeito nenhum.

No PIC a gente fica sabendo o que tem e o que a gente pode participar; tem o coral, o teatro, a hidroginástica; os passeios; as viagens; os exercícios físicos; o curso de alfabetização; o vôlei adaptado; os bailes; eu não sabia que ia passar por isso nesta idade, as coisas boas, eu nunca pensei que ia ter isso na minha idade. Hoje, se eu sinto qualquer coisa, eu entro para esse grupo e some, não sobra tempo de você pensar, você vai ficando mais ativa.

Olha, o que eu posso dizer é que me sinto bem, me sinto feliz, eu tenho uma alegria muito grande! Depois do PIC eu enxerguei a vida de uma maneira diferente, eu enxerguei que a vida é bela, linda, maravilhosa; enquanto existir o PIC e tiver uma forcinha nas pernas eu tô aqui; e graças a Deus hoje apesar de estar alguns anos mais velha, eu fiquei mais nova. Somos lutadoras, temos que fazer muito para a gente se gostar, para sermos felizes.

3.2. O RECONHECIMENTO DA SITUAÇÃO VIVIDA

Discutir as potencialidades do sujeito não é uma tarefa fácil. Com certeza a mais complexa dentre os grupos do DSC. Mas esta possibilidade somente é possível na medida em que anteriormente houve um lastro que nos levou a essa temática. Esse foi construído a partir de um processo de organização de um pequeno grupo que buscava melhorias na qualidade da assistência à saúde prestada pelo poder público, conjuntamente com profissionais alocados em instituições de ensino e de assistência.

O processo de trabalho e o desenvolvimento de lideranças do grupo, discutidos no primeiro grupo de apresentação dos resultados, são de extrema importância para a adesão e manutenção da comunidade no programa. Estes somente tiveram êxito na medida em que houve motivação e disponibilidade dos sujeitos, lideranças e usuários, para o trabalho comunitário.

O trabalho comunitário inicialmente desenvolveu-se a partir do convívio e participação social e de algumas necessidades percebidas pelo grupo e lideranças locais. Essas necessidades tiveram como *locus* as atividades mediadoras, comentadas no segundo grupo de apresentação dos resultados, que tiveram um papel importante para a inserção e participação dos sujeitos no grupo.

Na medida em que o tempo transcorria outras atividades foram sendo incorporadas ao cotidiano do programa, mas é mister considerar que, embora nem todas as atividades sejam oferecidas pelo PIC, elas são decorrentes do resultado da socialização dos sujeitos nos diversos espaços de participação. E a partir daí são compartilhados com os demais integrantes do grupo com o intuito de partilhar benefícios.

Em uma das nossas observações trazemos uma conversa com uma senhora usuária do PIC, **Ceres**, que por muito tempo manteve sua rotina como dona de casa. Foi interessante o diálogo, pois, ela expressa de forma veemente a sua percepção do seu processo de socialização, desde sua fase inicial quando demonstrava uma necessidade intensa em desfrutar tudo ao mesmo tempo, até uma certa complacência e entendimento de que tudo pode ser feito sem muitos atropelos.

“Estou vivendo neste mundo há 6 anos somente, até então não o conhecia, e quando saí para o mundo eu dizia que era igual a Hilda Furacão, queria fazer viver tudo o que não vivi até então, as pessoas não me agüentavam, não me suportavam, pois queria fazer tudo ao mesmo tempo. Depois fui acalmando e percebendo que há tempo suficiente para fazer tudo o que eu quero, e que não precisa atropelar nada.” **Ceres**

Essa necessidade de fazer coisas diferentes das até então realizadas, é uma discussão que, embora não seja explicitada dessa forma, passa por quase todos os discursos dos sujeitos participantes

desta pesquisa. Mesmo os sujeitos do sexo masculino, que não mantêm uma mesma rotina caseira, se comparada com a maioria das mulheres, apresentam a percepção de que o trabalho cotidiano quando feito de uma forma não prazerosa, torna a vida mais penosa, e não traz grandes benefícios para os sujeitos.

Os depoentes expressam de várias maneiras as suas sujeições antes de iniciar no programa. Elas são frutos de uma vida de dedicação à família e a casa, mas que, a partir do momento em que começam a inserir-se em atividades que permitem maior socialização acabam tendo outras percepções sobre suas vidas. Obviamente que estas percepções não são sentidas num primeiro momento, mas é fruto de um processo que somente tem visibilidade, na medida em que, estes mesmos sujeitos passaram a ser inquiridos neste processo investigatório, o que possibilitou refletir sobre suas vivências.

“(…) antes de conhecer o PIC a minha vida era triste era só cuidar de casa, cuidar de filho de marido e internar no hospital. Quando eu saía do hospital já tinha uma mala de roupa para lavar, era só isso. Eu tinha uma aluninação por comida, é só eu ficar muito sozinha, ficar nervosa eu ficava pensando em comer, agora não! E foi graças a esse grupo da terceira idade que eu levantei.” **Ceres**

“Eu fiquei é muito dentro de casa, entende? Eu era... Trabalhava muito, a gente cuida da casa, cuida do filho, cuida do marido... Se você está boa ou não, o marido não quer saber, se tem problema ou não! Não é fácil não! Eu só sabia das coisas porque eu assistia televisão.” **Niobe**

(…) eu era muito inibida, não tinha nem jeito de conversar onde tinha muita gente! A minha vida era lavar louça, cuidar da casa e chegar naquele quarto e começar a trabalhar. Depois que eu comecei a ficar numa situação que não dava para fazer mais nada é que eu comecei participar! Daí comecei a participar e gostar, percebi que estava me fazendo bem.” **Camila**

O processo de socialização tem um papel decisivo na vida dos sujeitos, uma vez que, a partir dele, a vida rotineira do usuário do PIC começa a tomar outras características, com maior diversidade em termos de opções. A vida circunscrita apenas ao trabalho rotineiro, com ameaça pela presença da doença, é tida como algo muito ruim para todos os entrevistados. Referem sempre que grande parte dos seus problemas de saúde está relacionada ao psiquismo, ao emocional e que são acarretados essencialmente pela falta de oportunidades em termos de participação e convívio social.

“(...) vinha uns pensamentos ruins na cabeça da gente, nem consigo explicar o que é entendeu? Dava um mal-estar, uma coisa ruim... sabe, eu tratei 5 anos de depressão com médicos na Santa Tereza, eu chegava a desmaiar, minha crise de depressão era muito forte, era forte mesmo!” **Aglaé**

“(...) quando o meu marido estava aqui eu tive uma depressão. Tive de cama mesmo, mas devido às atitudes dele. Ele era assim tipo machão. Ele era muito bravo, muito seguro, então ele era ruim mesmo, um gênio muito forte, então ele me negava e aquilo foi me prejudicando, fui ficando submissa, então isso me deixou doente mesmo.” **Flora**

“Para mim o mundo tinha virado de ponta cabeça eu não tinha estrutura física, mental... nem sei como... assim, psíquica. Eu precisava de alguém que me pegasse no colo porque eu estava numa fase péssima com a morte do meu marido e da minha mãe.” **Talia**

“Porque eu era agressiva, qualquer coisa que falassem para mim eu respondia, era agressiva mesmo! Aí eu comecei a participar do PIC e a gostar.” **Iris**

“(...) me sentia mais velhinha, mas depois que a gente entrou no PIC a gente parece que remoça a gente fica diferente!” **Tétis**

Mesmo considerando os grandes avanços obtidos, após a participação no PIC, uma parte dos depoentes refere ainda que tem tido alguns transtornos à sua participação. Esses são os mais diversos possíveis e têm influenciado na sua maior adesão às atividades programadas. Os problemas mais comuns relacionados com a família, que mesmo conhecendo o PIC e participando em algumas atividades, apresentam alguns empecilhos que podem concorrer para dificultar a inserção dos usuários nas atividades.

“(...) hoje eu posso dizer que estou bem, embora eu não tenho renda nenhuma, eu dependo do meu marido, e que, é um sacrifício depender dele, então assim mesmo, eu me julgo que eu estou bem, que estou no céu hoje, apesar de que os meus filhos casaram, mas continuam dando problema, só que eles estão lá e eu estou na minha casa, já é diferente. Agora eles próprios sentem que não deve me incomodar tanto, que eles têm que resolver os problemas lá sozinhos. O meu marido ele só está perdendo tempo; ele pensa que está ganhando tempo, mas ele não está, eu estou, porque eu estou vivendo e ele faz coisa que prejudica a saúde.” **Ceres**

“Eu tinha um marido chato, sabe? Eu saía, ele sabia..., então ele me cortava, fazia eu me sentir... Sabe, não um ser humano, sei lá o que, não sei nem te dizer. E aí meus filhos vinham e eu falava para os meus filhos: ‘Puxa! Hoje eu fui na ginástica, aí eu cheguei aqui e seu pai começou a bater em tudo.’ E ele fazia de tudo para me tirar da ginástica, sabe?” **Níobe**

As restrições que aparecem estão relacionadas aos maridos, esposas, filhos e netos. São de todas as ordens e com diferentes argumentos, e têm criado algumas dificuldades à participação na ginástica e em outras atividades desenvolvidas nos finais de semana. Outros problemas que aparecem são a dependência ou mesmo a restrição econômica, e as obrigações da casa. A dona de casa entende que é de sua responsabilidade responder pela rotina

da casa e que, portanto, participar do PIC é uma atividade à parte de seus afazeres domésticos. Também as doenças, ou a possibilidade de ocorrência dessas na família, e a necessidade do trabalho extra são outros problemas à participação.

O interessante é que mesmo com todo o montante de argumentos contrários à participação, em nenhum momento eles são relatados como problemas concretos que impedem à participação no programa ou em suas atividades, Parece-nos que existem sempre brechas que facilitam à inserção, ou seja, há sempre uma maneira de contorná-los.

“Eu não participo muito para não ter problemas em casa. Então quando dá para ir, eu vou. É por causa disso, a gente tem que dá umas freiadinhas nos passeios, mas eu gostaria de participar mais, mas infelizmente a gente também tem obrigação em casa.” **Tétis**

“Eu tenho meu marido em casa doente, é doente e eu tenho que cuidar dele que nem uma criança, tem que dar banho, fazer tudo com ele. Então tenho pouco tempo, sou uma pessoa que trabalho muito, eu também levo uma criança para a escola, meu tempo é muito ocupado. Tenho que tomar a frente, fazer tudo direitinho.” **Dóris**

“(…) nos passeios eu não vou, por motivos financeiros, porque adoraria ir, mas não posso, adoraria ir em todas as viagens, mas não vou por causa disso, mas o companheirismo é tudo, é muito bom!” **Sila**

Por outro lado, nem todas as famílias respondem da mesma forma, existem aquelas que já perceberam o quanto o PIC tem trazido resultados positivos a seus membros, e são justamente eles que, cientes dos benefícios, procuram apoiar o familiar à participação. É interessante também perceber que é o próprio usuário que fala a respeito do que a família sente.

“Elas falam para mim: ‘mãe você larga tudo e vai para o PIC! Vai nos passeios.’ Elas me incentivam para ir nos passeios. Mas eu não estou indo agora, porque elas estão construindo aí... e está tudo meio apertado. Então eu reconheço que não posso ir, então eu não estou indo!” *Iris*

Mesmo com todas os problemas que ocorreram, e que ainda em alguns casos permanecem, a participação no grupo é um fato já concretizado, pois, independentemente das circunstâncias, o grupo tem mantido uma sistemática de convivência social.

Muitas das dificuldades foram ultrapassadas, outras não, mas o saldo é que a inserção dos sujeitos, nos diversos espaços de participação, tem gerado profundas mudanças nas próprias pessoas. Essas mudanças estão relacionadas ao aumento de oportunidades. As viagens, as excursões, os passeios, os bailes, as festas e também a própria ginástica na praça têm contribuído para aumentar o círculo de amizades dentro e fora da cidade de Ribeirão Preto. Fazer novos amigos é tido pelo grupo como algo extremamente positivo, pois além de trazer benefícios à saúde, possibilita também manter relacionamentos com diferentes pessoas, gerando maior possibilidade de convivência e participação social com grupos e pessoas distintas.

“Eu não perco um baile, a poltrona 4 do ônibus é minha. Só de ficar sentada ali, vendo os outros dançar não me dá um pingão de sono, eu distraio passa a noite que eu não vejo. A gente conversa, elogia quem dança bem, ri... e então você distrai! Meu marido não vai, mas ele não se incomoda. Às vezes ele está buscando o pão às 7:30 no domingo e eu estou chegando em casa do baile. É mole!” *Aglaé*

“(...) nós já fomos à uma porção de lugares, Caldas Novas, fazendas... agora, domingo passado, elas foram numa cachoeira em uma fazenda perto de Altinópolis. Eu visitei muitos lugares!” *Iris*

“É um meio de se comunicar um com o outro, e na física também é uma oportunidade, porque você vai ter que se deslocar da sua casa para ir num determinado lugar.” **Árion**

“Para mim ajudou... que agora a gente tem uma atividade de manhã, que não é que nem fazer o serviço de casa, nem sair para trabalhar. E ele também, a gente tem saído mais, tem passeio não é? Tudo isso ajudou! Isso ajudou bastante, entendeu? Você vai lá... você pensa, você se diverte, você esquece. Você nem lembra que tá lá! Tem tanta brincadeira, baile, tudo...” **Hebe**

3.3. PERCEBENDO AS MUDANÇAS

Mas poderíamos perguntar: “é fácil perceber essas mudanças?” Esse processo de reconhecimento é bastante complexo e só é sentido na medida em que os sujeitos tenham um espaço para realizar essa reflexão, tanto em grupo como individualmente. Assim, quando inquiridos sobre um passado recente, os entrevistados nos assinalam as suas percepções quanto às mudanças que ocorrem nos vários níveis tais como: auto-estima, enfrentamento de situações, perseverança, emocionais, sociais e culturais.

Com certeza muitos fatores concorreram para que houvesse as mudanças, mas dentre eles vamos destacar o que os sujeitos nos apontam como importantes. Entretanto, cabe ressaltar que durante o período de coleta de dados, tivemos oportunidade de observar atitudes das lideranças locais e mesmo das pessoas do grupo, que nos mostraram ações que estão relacionadas com a subjetividade, e que igualmente concorrem para potencializar esses sujeitos.

Nesse sentido, uma das atividades que chama atenção dos usuários são as brincadeiras que são realizadas na praça com bolas de vôlei. As atividades lúdicas são tidas por eles como algo complementar à atividade da ginástica. Entretanto, em passagens anteriores tivemos a oportunidade de comentar que várias pessoas

que não são adeptas da ginástica, quando da realização das brincadeiras com as bolas, aderem espontaneamente a essa prática, como algo muito prazeroso. Mesmo sendo considerada como um exercício complementar, elas têm a finalidade de propiciar uma maior integração entre o grupo, pois ao formar subgrupos introduz uma prática de cooperação, respeito e participação durante o seu transcurso.

A atividade lúdica traz um sentido que lembra a tolerância e a solidariedade, visível naquelas situações em que o usuário apresenta dificuldades de coordenação e entendimento na execução do exercício. Como a maioria são pessoas da terceira idade, percebe-se que os mais jovens e os que não apresentam muitas dificuldades para a prática, procuram tolerar as deficiências dos demais componentes do grupo. Com relação às atividades lúdicas, outras são realizadas pelo grupo como: brincadeiras de roda, cantigas, e também o círculo da amizade, já descrito anteriormente e que também é uma forma de motivar a participação e convívio social.

Esse círculo da amizade é interessante, pois propicia uma maior aproximação entre os “diferentes”. A sensação que passa, quando da observação participante, é que não fica restrito apenas ao ato da dança. As pessoas naqueles minutos em que se alternam pares, conversam muito entre si, há sempre aquela curiosidade de saber o nome, de onde vem, o que faz, etc. O círculo que se forma é sempre muito grande, pois existe uma disponibilidade dos presentes para participar. Somente ficam de fora, as pessoas que apresentam alguma dificuldade física ou mesmo aqueles que não conseguiram encontrar um par em tempo hábil.

“(…) tem muitos que falam até da gente: ‘É depois de velhos viraram crianças! Agora brincam de bola na praça, brincando de roda em volta da praça.’

Faz parte da ginástica e é bom para a memória da pessoa, relaxa e areja a cabeça, e acaba esquecendo os problemas da vida.” **Camila**

As atividades artísticas são as que exigem um maior desprendimento do sujeito. No grupo existem algumas experiências nesse sentido, uma delas se refere à organização de uma peça teatral em uma gincana, fato também já comentado anteriormente. Esta atividade exigiu de cada grupo muita imaginação e criatividade, tendo em vista que, os grupos não tinham nenhuma experiência com a técnica da representação, e o que prevaleceu foi exatamente o senso comum, o conhecimento ordinário.

Para **Têmis**, essa experiência despertou no grupo alguns sentimentos positivos e que lhes deu um certo ânimo para seguir em frente com outras atividades. O vencimento da primeira barreira, a inibição, foi uma conquista grande para os componentes dos grupos. Segundo ela, isso gerou um sentimento de “poder”, de ter capacidade para enfrentar outras situações que necessitariam de uma certa “coragem”.

Ainda de acordo com **Têmis**, esta primeira experiência teve um significado maior quando da oportunidade do PIC participar de uma campanha contra o mosquito da Dengue em Ribeirão Preto. “As pessoas sentiram que tinha capacidade, que era possível enfrentar uma outra experiência”, relata ela. Tanto que, houve alguns voluntários para trabalhar conjuntamente com o Centro de Controle de Vetores da SMSRP na referida campanha.

Aqueles que participaram do teatro guardam uma lembrança muito interessante. Comentam que a cada apresentação era uma experiência diferente e que também foi uma ótima oportunidade para “destravar” algumas coisas dentro de si, como comenta **Camila**: “porque foi o teatro que me ajudou mais”. Segundo os relatos, o teatro aflorou coisas boas que haviam sido guardadas em suas vidas, trazendo grandes

chances de melhorar seus relacionamentos em casa e com os amigos, além do que, para os sujeitos trouxe a certeza de que eles possuem capacidade para realizar e enfrentar determinadas situações.

“Nossa, aquele nervoso total, aquela vergonha, mas depois a gente se saiu bem no teatro, a gente foi tão bem, comentaram bem da gente, aquela coisa, que a gente entusiasmou e falei: não quero parar!” **Sila**

Com relação à pintura, ela não é uma atividade que o PIC propicia ao grupo, mas foi através dele que **Ceres** despertou para buscar novos horizontes. A pintura surgiu em sua vida ao acaso e foi uma oportunidade que ela não deixou passar. Essa discussão é importante na medida em que, ela acaba tendo uma repercussão para o conjunto do grupo, pois percebendo o quanto estava lhes fazendo bem, ela procurou imediatamente motivar outras colegas do grupo para o curso. A troca de informações é uma coisa importante para o grupo, tanto entre os usuários como das lideranças locais.

É impressionante a forma como **Ceres** relata a relação com esta técnica, por vários dias, durante os períodos de observação participante, ela nos relatou, de uma forma segura, um profundo conhecimento acerca da técnica da pintura moderna. E o que ela poderia representar no imaginário social sobre as formas e sentidos que tomam a partir de cada olhar. Atribuindo um caráter benéfico geral, tanto, para crianças como para os idosos, ao afirmar isso, tem como parâmetro à sua própria experiência com a pintura, assim como, a de seu neto, possuidor de uma patologia mental.

“Eu aprendi a técnica da pintura moderna. A gente pinta com o rolete, eu adorei essa técnica porque é um desenho que você não planeja. Você pega e vai fazendo com as cores e dá um formato bonito e cada um interpreta como quer aquela pintura: um bicho, uma montanha, uma nuvem, eu sei que é uma pintura bonita. É ótima para o idoso e para a criança deficiente e até mesmo criança normal,

porque é muito colorido e ativa a circulação do idoso e a memória da criança. Eu mostro para o meu netinho deficiente, e ele tenta esticar o bracinho, eu sei que estimula ele.” **Ceres**

Ceres também é uma pessoa que participa de outras atividades culturais e lúdicas em outros locais da cidade, tais como: teatro, coral, danças, dentre outras. Em seu depoimento, comenta que o despertar para a vida começou justamente com sua participação no PIC e que desde então, procura manter-se sempre ocupada em atividades que lhe façam bem.

“Olha às vezes eu durmo com aquela dança na cabeça, com aquela música na cabeça, às vezes eu estou no quarto sozinha, aí eu ponho aquela saiona e fico dançando...” **Ceres**

Para **Camila**, a situação de enfrentar o palco também foi uma decisão bem pensada, porém, sentia necessidade de realizar alguma coisa diferente para contribuir com o grupo. Para ela, a experiência do teatro foi fundamental para a sua “cabeça”. Conta que essa atividade mexeu demais com seus sentimentos e sentiu-se fortalecida para alçar novos vôos, através da confecção de boneco de pano, fato já relatado no outro grupo de DSC.

Para ela, esta atividade da dança com o boneco tem um significado importante, pois foi o grande desafio que se propôs a enfrentar e que venceu graças à melhora de sua auto-estima. É possível perceber em seu depoimento que ao assumir o papel de dançarina, o faz com toda a sua intensidade.

“Eu enfrento, eu entro, para mim, eu não sou a (...)! Eu sou aquela pessoa que estou apresentando, então eu entro numa boa, é ela que está, não sou eu, eu me acho alegria ali! E, então comecei a participar disso e isso mudou a cabeça da gente, muda com qualquer coisa, qualquer coisa, trabalho qualquer atividade. Eu nunca pensei que ia ter isso na minha vida!” **Camila**

Uma outra atividade, que **Talia** nos conta, diz respeito a sua inspiração para escrever poesias. Ela toma um significado importante no coletivo, na medida que, não que o grupo a tenha tornado poetisa, mas sim que, foi junto ao grupo que teve motivação para tirar das gavetas as poesias guardadas por mais de trinta anos. Segundo **Talia**, a inspiração para escrever começou muito cedo, mas ao longo de trinta anos, guardou seus versos.

A motivação para voltar a compor versos ocorreu somente depois que entrou no PIC e foi justamente depois de um período muito ruim em sua vida: havia perdido seus pais e seu marido, após um longo período de enfermidades subseqüentes que ela acompanhou passo a passo. Essas situações a fizeram entrar em profunda depressão, segundo seu depoimento, e perdeu muito do sentido da vida.

Foi por insistência de amigas que resolveu entrar no PIC, mesmo assim, muito contra vontade. A participação no dia-a-dia foi sendo importante para o seu fortalecimento, e após algum tempo, quando solicitada por parte da liderança local, que se alguém soubesse fazer uma homenagem para o Dia do Professor, pois seria uma forma do grupo prestar um agradecimento a ele.

Segundo ela, foram necessários alguns dias até decidir escrever novamente, e a partir de então não parou mais, e já naquela época as lideranças a incentivaram muito para editar um livro, fato que, considerava descabido.

Para ela, a decisão para editar o livro somente foi possível graças à motivação e a valorização que o grupo atribuía a seus versos. Esse empurrão inicial foi importante, assim como o apoio da família para dar esse passo.

Aurora, que na época participava ativamente junto ao PIC, lembra que as poesias de **Talia** sempre apareciam nas festas, programadas pelo grupo, devido a inúmeros pedidos e que ela

acabava sempre realizando os desejos dos colegas. **Aurora**, em seu depoimento, mostra o que **Talia** comentava anteriormente com relação à motivação do grupo para publicação de um livro de poesias.

“Aí ela começou a ser solicitada por todos os lados, sabe aquilo: ‘faz uma poesia para o meu neto que está de aniversário’ assim por diante. Um dia eu falei: ‘puxa vida, você bem que podia fazer um livro!’ Pronto bastou isso e ela fez o livro, e fez uma tarde de autógrafa! Então, ela encontrou aquele oriente que estava guardadinho e fechadinho dentro dela!” **Aurora**

Outra situação foi a decisão de **Talia** tirar a carta de motorista, um sonho acalentado por muitos anos, porém, cerceado pelo marido, pois esse sempre alegava que “mulher não devia dirigir, que era perigoso”, relata ela em sua entrevista. Para ela a importância de dirigir estava vinculada essencialmente a sua independência em relação aos filhos, agora todos casados, pois sempre dependia deles para ir para qualquer lugar. Segundo **Talia**, eles também foram importantes para que pudesse tomar essa decisão. “Foi o meu maior sonho! Você imagina... eu com 60 anos tirar a carta e editar o meu primeiro livro! Para mim foi uma glória!”

Uma preocupação que ocorreu desde os primórdios do programa foi referente à questão da educação, que é tida por **Aurora** como um importante instrumento de capacitação e de obtenção a uma maior autonomia frente às decisões cabíveis aos sujeitos. Lembra ela que, “nesse curso a gente trabalha muito em cima da questão da autonomia, do auto-cuidado, responsabilidade e da cidadania.” A educação enquanto um processo de instrumentalização dos sujeitos começa a ocorrer por ocasião dos cursos que são oferecidos aos usuários do programa. Essa instrumentalização é dada não a partir de um processo de verticalização do conhecimento, mas dentro de uma horizontalidade onde educador também é agente que aprende.

“É aquela coisa, ninguém ensina ninguém, ninguém aprende sozinho, um vai aprendendo com o outro”, comenta **Aurora**, em relação à forma de problematizar as questões que eram trazidas nos cursos de educação. Para os cursos de educação em saúde, houve necessidade de articular outros equipamentos sociais da Vila Tibério, pois como não existia possibilidade de utilizar os espaços formais da escola local, o salão paroquial da Igreja foi ocupado.

A articulação deveria dar-se também com a UBS, que em determinados períodos até participou ativamente, mas que aos poucos foi se afastando gradativamente do PIC. Para **Aurora**, o ideal é que esses cursos de educação em saúde pudessem ter continuidade com os profissionais da UBS, médico, enfermeiro ou mesmo outro profissional que tivesse interesse e afinidade com o trabalho comunitário, mas que, no entanto, quando existe algum tipo de intervenção existe sempre uma tendência “para medicalizar a programação”, comenta.

Para ela, um dos fatores primordiais nos cursos de educação em saúde é “desenvolver a competência política” já que inteligência é uma coisa inerente ao ser humano. Considera que o aprendizado está relacionado “à capacidade que você tem de analisar, intervir e transformar dentro da ética, da solidariedade, da compreensão e da cooperação”, uma vez que tomar consciência da vida vivida é uma tarefa muito árdua aos sujeitos. Questiona ela: “O que nós procuramos nessa vida?

“Todo mundo procura a felicidade. Agora para isso, é preciso desenvolver a consciência para o pobre saber que ele está pobre, porque tem alguém muito rico. E de que maneira ela pode transformar isso daí? É desenvolver a autonomia e a auto-estima do sujeito, e sabe, tem determinadas coisas que não tem solução mesmo. Tem coisas que você tem que sentar junto com a comunidade e chorar com ela, pois não somos capazes de resolver tudo na vida, é preciso também saber respeitar o sujeito naquele momento.” **Aurora**

Para **Aurora** o desenvolvimento da competência política é um ponto fundamental para o desenvolvimento das potencialidades sujeito, e que em todos os momentos é possível motivar para tal. Argumenta ela que, para isso, é necessário um investimento na educação, e, principalmente, na forma ou instrumentos de que dispomos para tornar a aprendizagem um processo dinâmico, atrativo e emancipador.

Aglaé nos lembra que, participar do curso e compreender o que era veiculado em termos de informações, foi muito importante para a conduta, em algumas situações.

“Então a (...) passou o filme da criação humana do ser humano, passou também sobre saúde, foi uma pessoa excelente para gente, tanto que, ela explicava para a gente a reciclagem do lixo, tanto é, que eu peguei uma mania. Eu separo jornal, vidro, casca de fruta e plástico, isso foi uma boa informação para a gente e eu viciéi nisso.” **Aglaé**

Aurora considera que passar apenas a informação não tem tido grande impacto sobre a saúde da comunidade, por isso é que aponta que o espaço de socialização e a troca de saberes podem, de fato, provocar mudanças nos sujeitos. Comenta que durante o tempo em que esteve presente no grupo, teve oportunidade de incluir na programação uma palestra com uma profissional na área da alimentação natural e que cuja repercussão foi satisfatória no grupo. Para ela, o conhecimento é variável, “a gente precisa ver as coisas de uma forma mais ampla, e que tem o ocidente e o oriente, e quando a gente consegue juntar a perspectiva é ter um resultado muito bom”.

Em sua entrevista ela nos relata que o saber construído em cima da problematização urge resultados eficazes. A discussão da temática do lixo foi abordada e problematizada *in loco*, a partir de uma discussão inicial e de um depoimento de uma usuária.

Posteriormente foi realizada uma visita ao aterro sanitário municipal e na usina de reciclagem de lixo.

Sobre isso **Têmis** comenta que os cursos de educação em saúde construíram uma base de aprendizado muito significativa para quem freqüentou o curso. Segundo ela, a problematização imprimida como método de discussão possibilitou, aos sujeitos, uma compreensão muito fidedigna ao que estava sendo proposto.

“E aí as pessoas começavam a pensar sobre o que haviam consumido nos dias anteriores: ‘olha quanta fritura eu consumi!’, eram as expressões que surgiam. E lá na reciclagem do lixo, percebemos o quanto é importante ter o cuidado de separar, por quê? Porque se você separar, você vai estar colaborando também com o coletor do lixo, com a reciclagem. Ensina outra coisa interessante e que muita gente nem se dava conta: ‘quando a gente vai ao banheiro, a gente costuma somente lavar as mãos depois que usa o banheiro, e o certo seria duas vezes, antes e depois, porque você vai para ele com as mãos contaminadas de tudo que você toca na rua, em casa, no ônibus, etc.’” **Têmis**

É interessante perceber que o método da problematização consegue imprimir uma discussão sobre as questões de saúde e doença, mas também a idéia da colaboração para com o trabalhador do aterro sanitário ou da usina de reciclagem do lixo. Quando da visita à usina de reciclagem e ao aterro municipal, há uma certa sensibilização para o fato de que a produção caseira de lixo também pode ter uma relação com o processo final de armazenamento e reciclagem, além de que, possui uma estreita relação com o processo de trabalho dos agentes que atuam nesse serviço.

Outro processo interessante sobre a problematização é trazido por **Têmis**, que no transcorrer das atividades do grupo, alguns anos mais tarde, foram realizadas novas visitas com o intuito de discutir um pouco sobre a qualidade dos alimentos que é

consumida pela população. Uma visita à uma fábrica de refrigerantes foi considerada como uma experiência boa.

O passo seguinte foi uma discussão com o grupo em outro espaço sobre a visita. E aí o que foi questionado era justamente: “quais os benefícios que as pessoas teriam consumindo um refrigerante que nada de natural apresentava em sua composição?”

Outro relato feito por **Têmis** acerca de uma outra visita em uma fábrica de biscoitos foi tido como uma experiência muito rica ao grupo, nessa também, houve a percepção e um senso crítico mais aguçado. Comenta ela que, circunstanciado por visitas anteriores, o grupo já despertava para outros questionamentos junto aos expositores, acerca da qualidade dos alimentos. **Têmis** ainda comenta que mesmo havendo uma certa sedução das empresas em oferecer alguns brindes a seus visitantes, o grupo mantinha uma postura crítica sobre a produção e consumo desses alimentos.

Uma constatação interessante é que, essas duas últimas visitas já não contavam mais com os cursos de educação em saúde e nem com a participação da mentora do programa. Portanto, alguns indícios nos mostram que o grupo e a liderança local mantinham convergência com os aportes educacionais iniciais.

Aurora comenta que são todos os espaços que podem contribuir para o aprendizado e para a qualidade de vida dos sujeitos. Para ela, a educação não necessariamente prescinde de um espaço formal de aprendizado, mas ocorre a cada momento e em cada situação que desponta, inclusive os espaços culturais contribuem muito para a formação do sujeito.

“Eu lembro que em um ano a gente conseguiu que a orquestra sinfônica de Ribeirão Preto fizesse um show no teatro Pedro II, na Semana dos Idosos. Foi uma coisa maravilhosa! Você nem imagina aquelas pessoas nascidas, criadas e vividas aqui, e que nunca tinham entrado naquele teatro, pessoas que

deram a vida... choraram de ver a orquestra... E o maestro foi sensacional, percebeu a emoção e fez um espetáculo para eles! Isso ficou na mente daquelas pessoas. A gente pensa assim: 'elas nunca tinham entrado no teatro Pedro II, e é um direito que nós temos, a comunidade toda!' Então eu acho que mostrando para as pessoas que a gente tem um poder pessoal, e, é só questão de usar, saber usar... Eu acho que esse é o fio condutor." **Aurora**

3.4. O RECONHECIMENTO DA MUDANÇA

O reconhecimento da mudança é atribuído em grande parte à inserção no PIC, e em especial às atividades que o programa tem oportunizado aos seus usuários. Mas como já discutido anteriormente, essa mudança não se dá de uma forma imediata, e nem poderia, já que elas somente são percebidas a longo prazo.

Mas aliado ao tempo, existe também a necessidade de ter um espaço para percebê-las. E esse parece que foi justamente no momento das entrevistas, quando os sujeitos tiveram a oportunidade, através de uma conversa informal, relatar e refletir um pouco acerca da sua vida e de suas atividades antes e durante a sua participação no PIC. Para os sujeitos, a reflexão anterior à inserção no programa é bastante pontual, poucos são os usuários que conseguem ater-se mais no passado.

Para eles, fato percebido no transcorrer das entrevistas, existe uma necessidade muito grande em falar sobre o presente, pois, é o que de bom está ocorrendo em suas vidas. Mesmo assim, é possível apreender passagens importantes que nos dão dimensão do que o programa representou ou representa em termos de impacto sobre a vida dos sujeitos.

"Antes de vir para cá eu me sentia velhinha! Eu achava que eu estava velhinha. Mas depois que eu comecei no PIC, a gente se sente diferente. Fica mais vaidosa, se arruma mais! De primeiro a gente

ficava largadinha... A gente estando no PIC a gente se sente viva!" **Tétis**

De acordo com **Tétis**, a representação anterior ao PIC está muito vinculada a uma vida sedentária, com poucas perspectivas. A idade, embora ela não seja uma pessoa muito idosa, nessa época já significava um peso a sua vida. Sentir-se "velha" é uma representação que passa a todos os depoimentos, e ela está muito vinculada também à questão da solidão, estar só, pode significar um certo abandono, alguém que já viveu muito, e, hoje, por força das circunstâncias, mora longe dos familiares. Nesse sentido, **Aurora** traz em seu depoimento algumas reflexões sobre esse caráter.

"Esse é um pessoal que faz parte de uma geração que viveu para cuidar dos filhos, do marido e limpava a casa com uma vassoura na mão ou então no tanque, lavando roupa. De um modo geral é isso, e o que elas querem? É um pouco de atenção, um pouco de compreensão, um pouco de acolhimento, e esse, é um fator que veio reforçar o sucesso do programa." **Tétis**

O depoimento seguinte também é revelador das situações de que estar só ou com poucas perspectivas de convívio social podem levar a um estado emocional depressivo. É preciso ter sensibilidade e mais que isso, é preciso ter pessoas sensíveis para entender todo o processo que os usuários passam. É necessário que a formação desse sujeito que serve como suporte emocional tenha flexibilidade e motivação para o trabalho comunitário, na medida que, diferentes pessoas com diferentes problemas aparecem quotidianamente. Assim, nos parece que justamente uma das maneiras de ajudar é, oferecendo possibilidades de pertencer a determinadas atividades que funcionam como suportes emocionais para essas pessoas.

"(...) no primeiro dia eu nem fazia... a gente não leva jeito, depois eu fui acostumando e aí fui vendo que aquilo era bom para mim. E essa

musicoterapeuta, a conversa muito com a gente, ela me ajudou muito. Aí o astral melhorando, fui conseguindo estímulo, ânimo, todo mundo incentivava, animava a gente. Passei a participar, me convidaram para entrar no coral. Nos primeiros dias eu nem cantava... mas chorava... ficava num canto... mas depois a gente vai se deixando envolver pela turma aí melhorando e fui me recuperando!" **Talia**

Um fator que nos parece também importante é quando o sujeito começa a tomar consciência da situação vivida. Esse momento, embora não seja fruto de uma espontaneidade, ele ocorre nesse momento da pesquisa, quando o usuário tem certa disponibilidade e alguém para ouvi-lo. Essa situação de entender seu cotidiano, obedece a uma seqüência lógica no pensamento do usuário. **Ceres** traz essa representação e, por vários momentos durante a observação participante, tivemos a oportunidade de ouvir alguns fatos, embora breves, que caracterizavam essa dimensão de autonomia.

"(...) depois que eu comecei a sair, que fui convivendo com as pessoas, foi aí que eu vi que eu tinha que ser eu mesma, nunca abaixar a cabeça quando as pessoas querem me pisar. Porque no começo eu era muito humilde, continuo sendo, mas agora ninguém mais pisa em mim, eu falo o que sinto eu sou eu mesma. E se for para pedir desculpas, perdão, eu peço." **Ceres**

O usuário demonstra um crescimento importante, inclusive trazendo em suas palavras, que aliado a isso continua existindo a mesma pessoa que começou no programa, "a gente continua dona de casa, continua em casa," comenta **Talia** em seu depoimento. Esse fator é significativo na medida em que, sendo uma comunidade, em que a maioria pertence a uma faixa etária que possui muitas dificuldades financeiras, seria um contra-senso pensar que a emancipação é completa.

Continuam existindo os mesmos problemas financeiros, as mesmas dificuldades com a família, etc. Porém, existe uma pessoa que fala e pensa diferente e, principalmente, que é muito prudente na hora de agir. Uma pessoa que possui um poder de escolha pessoal, que sabe decidir sobre o que faz bem à sua saúde e sua vida e, em especial, uma pessoa que consegue ser ouvida entre tantas vozes.

“Uma pessoa que nem eu, que casei, tive filhos, naquela época eu não tinha tempo de fazer as coisas, agora eu tenho, eu tenho meu serviço, mas eu tiro um tempinho para mim também.” **Dóris**

“Depois que eu entrei lá no PIC, conversa com uma pessoa, faz amizade com a outra, e tudo... eu mudei completamente o comportamento dentro de casa!” **Iris**

Outra, dentre muitas situações que aqui poderíamos exemplificar, é decidir sobre o uso ou não de determinados medicamentos. É importante frisar que, embora esta seja uma decisão pessoal, e para não parecer uma discussão especulativa, a situação que trago sobre esta abordagem tem uma vinculação aos primeiros ensaios para a criação do PIC, ou seja, o uso indiscriminado de um determinado relaxante muscular.

Também não é a situação de aversão ao uso de medicamentos, porque na verdade, embora existam indícios que tenha havido uma considerável diminuição no consumo de fármacos por parte dos usuários, há que reconhecer que em nenhum momento o programa apresenta essa tendência de abolir o consumo de medicamentos. É profundamente reconhecido, por **Têmis**, que muitas drogas são de extrema importância para a saúde da população.

Sobre isso, comenta **Têmis**, que a idéia era de que o sujeito não permanecesse freqüentando a UBS com o intuito de verificar sempre a pressão arterial, o que rotineiramente ocorria, mas que

entendesse que o efeito do medicamento da pressão tem uma relação muito próxima com a forma desse usuário conduzir a sua vida social.

“Você toma um remédio e faz com que ele te ajude, mas ele não vai te dar o resultado que você espera dele, se você ficar dentro de casa se enchendo de remédio: vai continuar com estresse, continua com problemas, que você acha que é o maior de todo mundo, então com isso... e o remédio não faz efeito que você espera dele. Agora, se você vai para a praça, você vai dividir o teu problema, você vai ver que todos nós temos problemas, você vai ter amigos, você vai poder ter pessoas que vão te ouvir. Então você vai ficando cada vez com sua cabeça melhor. Então o remédio vai fazer o efeito que você espera dele, você vai tomar um comprimido para hipertensão, e quem sabe será suficiente para a pressão ficar boa.” **Têmis**

Na medida em que o grupo começa a entender que somente o consumo de medicamentos não tem respondido para algumas situações de doença e pouco tem ajudado à uma melhor saúde, passam a compreender melhor alguns aspectos que são possíveis de controlar pelo próprio sujeito.

“Tenho conversado com pessoas que tomaram esse remédio que se deram bem com ele. Aí outro dia fui pegar o remédio lá no posto e eu falei para ele: ‘Dr. aquele remédio que o Sr. me receitou não está dando certo!’ ‘Porque não está dando certo?’ ‘Ah, não sei... ele esta me deixando...’ então falou: ‘toma só um por dia’, ele falou, mas eu não continuei não! Porque depois aquela médica que eu consultei me receitou um homeopático para depressão e me achei bem!” **Iris**

Esse aspecto não foi tema dos cursos de educação em saúde, mas ele é fruto da própria vivência no programa, em especial dos benefícios que este tem trazido a seus componentes. Sobre esse aspecto discutimos amplamente junto com **Céfalo**, acerca dos benefícios das atividades físicas para a saúde dessa comunidade

no segundo grupo do DSC. Esses benefícios, segundo **Aurora**, que aos poucos passam a ser percebidos pelos usuários, representaram para muitos uma diminuição no consumo de medicamentos, assim, tomam consciência de que o uso demasiado de medicamentos poderia interferir na sua saúde.

“Existia uma profissional lá que era muito querida pela população, pois ela dava caixas e mais caixas de remédios. Mas de repente as pessoas começaram a perceber que não podia ser assim, que não era esse modelo que resolveria a saúde. E ele só compreendeu quando percebeu que tem essa capacidade de autocura, que o remédio é muito bom, mas quando muito bem usado, muito bem selecionado... começaram a fazer críticas e até percebiam que havia uma certa hegemonia...” **Aurora**

Mas nem todos têm essa concepção, pois sendo um grupo bastante heterogêneo, ainda se percebem resquícios de uma prática medicamentosa de automedicação. Durante o período em que estive realizando a observação participante, presenciei, em vários momentos, a indicação, entre alguns componentes do grupo, de alguns medicamentos. E são essas contradições que rotineiramente exigem uma prática de acompanhamento e motivação dos trabalhadores de saúde e lideranças locais, e da própria comunidade para continuar o processo de trabalho em educação em saúde.

Do ponto de vista da percepção do grupo acerca desse tempo percorrido junto ao programa é visto sob diversos ângulos, e geralmente estão associados à falta que o programa faz quando por algum motivo existe a possibilidade do não encontro. Essas situações foram possíveis de serem observadas durante o trabalho de campo.

Durante os períodos prolongados de chuva, e que não havia possibilidades de realização dos exercícios na praça, o dia que havia o encontro, era de muita alegria e muitos abraços saudosos. Este é um dos fortes argumentos que os usuários têm para defender a

construção do Centro de Convivência. O que na verdade está por detrás dessa alegação é a necessidade do grupo em manter sempre o encontro com o outro e manter a rotina das atividades físicas, que já é percebido como um benefício para a saúde.

Para **Sila** a representação da necessidade de estar no grupo e do que ele representou nesses anos de convivência está relacionado com um acontecimento do passado, no qual busca compreender um acontecimento muito recente. As duas perdas que teve em sua vida, o abandono pelo marido e a morte violenta do filho nos foram relatadas por ocasião da entrevista e em conversas informais durante a observação participante. Ambas causaram profunda tristeza, face às circunstâncias em que ocorreram. A segunda situação, segundo a sua ótica, foi mais grave, embora que no seu discurso apareça mais amena. A diferença, como bem coloca, está muito relacionada com o “pertencimento” ao grupo e diretamente vinculado ao grau de solidariedade que este teve para com ela.

Essa referência acima dá sustentabilidade às demais situações que ocorrem no grupo e que em vários relatos aparecem. Isso nos induz a dizer que mesmo frente à todas as dificuldades que o grupo vem passando de todas as ordens, estar no grupo e poder contar com ele nas várias intercorrências da vida, dá ao sujeito uma potencialidade muito grande para superar as dificuldades pessoais que surgem. Esta representação no discurso é tida pelos usuários como uma “guinada” muito grande em suas vidas.

“Às vezes coincide de chover uma semana inteira, e você fica 2, 3 dias sem fazer os exercícios. Quando você vai fazer você não percebe que isso faz falta! Ai você parou e percebe que esta fazendo falta!” **Hebe**

“(...) agora passado os anos, eu vejo que me ajudou, porque eu acabava indo lá, conversando com alguém, acabava distraído. Se eu não fosse

lá eu ia ficar aqui, deitada no meu quarto chorando. Porque eu tinha aquele compromisso de ir no PIC, acabava dando algum passeio e tal. Ajudou até a sobreviver, a gente não viu a importância no tempo, agora eu estou vendo.” **Sila**

“Então depois que eu entrei no PIC eu acho que deu uma guinada de 80% para melhor! Muito bom!” **Tétis**

Outra representação importante que apareceu nas entrevistas foi a necessidade de continuar em atividade para a manutenção da saúde e da qualidade de vida alcançada até o momento, mesmo que para isso seja necessário buscar outras alternativas, caso o programa termine. Este sentimento é muito perceptível nas falas dos sujeitos, é a representação de que não é mais possível retroceder no tempo e voltar à antiga vida, sedentária, mesmo tendo a percepção e clareza de que continuam sendo “donas de casa.”, conforme comentou **Talia** anteriormente, mas com certeza, uma dona de casa com outras perspectivas na sua vida.

“Eu vou continuar caminhando, eu vou continuar, ou na pracinha ou em outro lugar, mas eu vou continuar, eu não vou parar não. Só se eu não puder andar mais mesmo, se não tiver mais jeito de andar! Mas enquanto eu tiver saúde e puder andar eu vou andar sim.” **Flora**

“Eu vou procurar outro lugar. Vou procurar outro lugar que me faça bem igual o PIC e pronto! Parada eu não vou ficar.” **Camila**

Essa representação de que houve um processo de mudança nos é facultado a todo o momento durante as entrevistas. E elas nos indicam que mesmo com todos os problemas que surgiram, existem mudanças e a noção de que a vida é melhor hoje. Há um sentimento ambíguo nas falas quando os sujeitos sugerem que a vida é mais saudável nesse momento, ambigüidade porque, existe

a perda e a passagem de pessoas importantes nas suas vidas, parentes próximos que desapareceram, filhos que casaram, cônjuges que buscaram novos caminhos, etc. Enfim, várias seriam as situações que poderiam ser exploradas nesse momento, mas que não temos essa pretensão. O importante disso é a ambigüidade que se revela em sentimentos dolorosos de perdas, contrastando com sentimentos de qualidade na saúde e na vida.

“A única coisa que eu sinto é que eu perdi meus velhinhos, meus pais, eu perdi meu marido que eu amava muito, mais você sabe que eu estou vivendo melhor agora! E graças a Deus hoje a gente, apesar que a gente está mais velha, mas eu fiquei mais nova viu!” **Talia**

“(...) primeiro o PIC, segundo o coral, terceiro o teatro que eu percebi que foi bom para mim, e eu volto a te falar: eu nunca pensei que eu ia ter meus 70 anos do jeito que eu estou!” **Camila**

E considerando toda a trajetória percorrida pelo grupo e com todas as incursões em que estiveram nesses anos em que conviveram juntos, além de qualificar o programa às suas vidas, nos trazem outras perspectivas que viram aflorar como resultados da parceria empreendida no trabalho comunitário, a noção de que, mesmo pertencendo a uma faixa etária que é considerada como receptores de ações benevolentes, impõem a noção de que têm direitos e que estes necessitam ser respeitados. Mas que além de tudo, teimam em conquistar melhores dias. “Nós temos que fazer muito para a gente se gostar, para nós sermos felizes! Porque nós somos lutadoras!”, comenta **Níobe**.

ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS

ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS

Tomar como tema a Promoção da Saúde sob o prisma do processo de organização e desenvolvimento da comunidade, participação social, desenvolvimento de lideranças e formação do sujeito social, como resultantes de um conjunto de dados que ao longo de um ano de trabalho de campo nos foi possibilitado coletar, não foi uma tarefa muito fácil. Principalmente se considerarmos que na análise desse arsenal de dados empíricos tivemos todo um processo de mudança do referencial teórico metodológico que havíamos proposto para a qualificação do projeto de pesquisa.

Essa mudança que, em alguns momentos já relatei no transcorrer desse trabalho, teve como fator fundamental o próprio direcionamento da fala dos sujeitos no momento da entrevista. Existia uma idéia, da nossa parte, que haveria uma grande possibilidade, a partir da técnica da história oral, de compor um constructo histórico da vida dos sujeitos, usuários do PIC, em relação a sua vida anterior à vivência no mesmo.

Isso, num primeiro momento, parecia ter sido inviabilizado, dado que, quando solicitado ao sujeito para falar sobre a sua vida antes da inserção no PIC, se detinha muito pouco sobre esse fato, poucos os que realmente falaram sem precisar intervir na retomada do assunto. Havia uma necessidade de falar bastante, mas sobre o presente, sobre o cotidiano do programa, daquilo que eles estão vivendo nesse momento, e não de um passado que boas lembranças não traziam.

Esse com certeza, foi o maior dilema para o pesquisador, propor uma metodologia baseada na história de vida do sujeito para entender alguns aspectos considerados relevantes do programa, que era analisar as relações internas do grupo na perspectiva da

Promoção da Saúde, e se dar conta de que, ao compor o conjunto de dados, os mesmos não ofereciam esse caminho pretendido.

Na medida em que os dados foram sendo avaliados por nós, houve um entendimento de que para se chegar a um produto final haveria necessidade de buscar outra alternativa metodológica para olhar o conjunto de informações presentes. A opção pelo Discurso do Sujeito Coletivo como caminho metodológico para ordenação dos dados foi um passo importante para demonstrar a riqueza das informações trazidas pelos usuários.

Entretanto, na medida em que esse conjunto de informações foi tendo visibilidade por meio da ordenação dos dados pelo processo metodológico traçado, houve a possibilidade de ver que grande parte do conjunto dessas traziam dados que emergiam da vida do sujeito no transcurso do programa, e que de certa forma, também eram contempladas pela história do programa durante os sete anos de sua existência. Assim, acredito que processo metodológico e história puderam finalmente caminhar juntos neste percurso.

Da mesma forma que, para a ordenação dos dados foi necessário traçar um caminho alternativo, ao retomar os dados empíricos, e olhar novamente os pressupostos que nortearam a fase inicial desta pesquisa, foi necessário ajustá-los. Para tanto, fizemos uma reflexão e tomamos a decisão de torná-los mais próximos da realidade objetiva dos dados obtidos. Assim, a partir da leitura crítica, dos três pressupostos inicialmente traçados, emergiu um pressuposto.

A organização de um programa de saúde que visa ao desenvolvimento da comunidade e à formação de lideranças locais possibilita a participação social, co-responsabilidade pela saúde e a solidariedade, influenciando na melhoria da saúde, qualidade de vida e no exercício da cidadania.

O pressuposto desta pesquisa diz respeito a uma nova forma de organização dos serviços de atenção à saúde, que tem como eixo norteador a Promoção da Saúde, e que envolve uma parcela usuária em seu processo de organização e distribuição das ações de saúde. As ações de saúde, aqui, não são entendidas como aquelas tradicionalmente emanadas dos serviços de saúde, ou seja, ações que são produzidas a partir de um saber técnico e que resultam quase sempre da combinação de algum tipo de tecnologia intervencionista, ou medicalização sobre o corpo individual ou coletivo.

Nesse processo de produção de ações, que ora discutimos, partimos do pressuposto de que, uma forma alternativa de produzir ações com a participação efetiva da população tem a potencialidade de oferecer aos sujeitos ganhos positivos para a saúde, que não são possíveis de serem mensurados em termos quantitativos, mas que, de uma forma ou outra podem determinar uma melhor qualidade de vida, assim como conduzem a um exercício de cidadania.

Ao olharmos todo o processo de organização do PIC da Vila Tibério, que aparece no primeiro conjunto do DSC, desde os seus primórdios podemos constatar que houve uma efetiva participação e envolvimento dos usuários no mesmo. Essa participação é primeiramente decorrente da facilidade para acessar o programa. Não existe nenhuma norma ou regulamento que possam impedir o acesso da comunidade, visto que por ser um programa de integração, o pressuposto que orienta o acesso é delimitado apenas pela idade mínima, de dezoito anos. Mas isso é possível verificar apenas no projeto que orientou a criação do programa, porque no cotidiano essa restrição não existe.

Assim, o acesso às atividades que são desenvolvidas pelo grupo é livre a qualquer idade, tanto que, por todo o período de observação participante foi possível verificar a presença de inúmeras pessoas de

diversas faixas etárias, desde crianças até velhos. O acesso é com certeza uma das grandes potencialidades do PIC. Outro fato que nos chamou a atenção, é que, basicamente sua constituição como corpo coletivo tem presença marcante das mulheres. E grande parte dessas, pertencentes à terceira idade, mas que continuam a exercer atividades rotineiras em casa, como cuidar dos maridos, netos, filhos, dentre outros. E, para muitas, para participar das atividades do PIC necessitam trazer junto quem está sob sua guarda.

Quando falamos em termos de participação no programa, o que pudemos constatar, através das falas, é que, ele tem oscilado nestes sete anos. Houve períodos em que existia uma maior participação, chegando até duzentas pessoas, conforme uma lista de presença que nos foi fornecida por **Aurora**, do mês de julho de 1994, onde consta nome, endereço e telefone dos usuários. Comenta ela que, os períodos em que há oscilação para menos, é justamente naqueles em que “o poder público municipal não tem auxiliado na motivação à participação comunitária”.

Sobre a questão da participação do Estado, DEMO (1992) tem discutido que o papel frente à comunidade entra como uma instância de instrumentação necessária, é ele que, tem a tarefa de agilizar todo o processo da informação e subsídios técnicos que permitem manter a justiça em termos de distribuição de recursos e ações de saúde, além de que, constitucionalmente tem o dever de manter os serviços públicos com formulação de políticas públicas de boa qualidade. No entanto, alerta que, esse não pode prescindir da sociedade civil que politicamente bem organizada é a base de sustentação de um Estado compromissado com a democracia.

Esse entendimento também parece fazer parte do pensamento que construiu o projeto do PIC, na medida em que, **Aurora** comenta que não existe possibilidade de comunidade ou instituição andarem sozinhos, uma prescinde da outra.

Encontramos na Carta de Ottawa (Ministério da Saúde, 1996) a recomendação da necessidade do compromisso partilhado na organização dos serviços de saúde. Há o compromisso explícito dos governos, dos técnicos de saúde e da comunidade em prol de um modelo de atenção à saúde mais equânime, respeitando a diversidade cultural e regional.

Esse pensamento, orientado pela Carta de Ottawa, vai impor ao programa um processo de organização que nos seus primórdios está representado pelo envolvimento da SMSRP e UBS da cidade de Ribeirão Preto, e também pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Articulação que “por algum tempo” manteve os pilares de sustentação da proposta do PIC. Quanto à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, essa representada pela docente e mentora do programa, manteve-se junto ao programa até alguns meses após a incorporação definitiva do mesmo pela SMSRP, afastando-se posteriormente, pois a docente aposentou-se.

Quando falamos “por algum tempo”, é pelo fato de que, frente às divergências que ocorreram em termos de linha filosófica e de possível crescimento de uma outra liderança local, representada por uma profissional da área de saúde da UBS, não foi possível manter a mesma articulação com a Unidade.

Com relação aos demais profissionais da UBS, em especial o enfermeiro, este, no entendimento de **Aurora**, seria o que assumiria a parte de educação em saúde, dado a sua maior disponibilidade de articulação com a população, também manteve um distanciamento do programa. A respeito disso, cabe salientar que no início foi um profissional importante para o encaminhamento e algumas vezes no acompanhamento dos usuários na praça ou em alguns locais onde o grupo circulava.

As dificuldades no nosso entendimento coadunam com as de **Aurora**, que diz que um dos grandes entraves está no

entendimento sobre a concepção de saúde, pois é muito forte ainda na formação dos profissionais de saúde a questão do modelo biomédico, onde a saúde é entendida apenas como “ausência de doença”. Nesse sentido, **Aurora** comenta que existia uma tendência muito grande, e muito comum devido à própria formação profissional, de medicalizar as ações do programa, como tradicionalmente os serviços de saúde o fazem.

Da mesma forma que estes profissionais tendem a entender a questão da saúde apenas na sua dimensão biológica, o trabalho que envolve grupos, e em especial o PIC, necessitam de um desprendimento grande por parte dos profissionais de saúde. Porque além da necessidade de ampliar o próprio conceito de saúde, é também necessário que esses conheçam a dinâmica do desenvolvimento e organização da comunidade.

CARVALHO (1995) comenta que na maioria das vezes, a comunidade é tomada de uma forma acrítica, isenta de contradições, e na qual o processo de educação em saúde é circunscrito apenas às dimensões de causa e efeito. Parece-nos que encontramos resquícios de uma prática comentada por AMMANN (1997), que encontrou em seus estudos uma vertente na qual o envolvimento da comunidade servia apenas para legitimar a atuação do Estado dentro de uma lógica traçada pelas forças hegemônicas que o sustentavam politicamente.

Entendemos, contudo, que este campo de ação da Promoção da Saúde é importante para a articulação do trabalho não só da enfermagem junto às UBS, mas também de outros profissionais que atuam junto à Unidade, porém, esses ainda não conseguiram avançar em seu direcionamento, perdendo um espaço importante de desenvolvimento e potencialização dos seus saberes.

CAMPOS (1994) defende que os profissionais de saúde devem ser perspicazes para combinar uma série de tecnologias

eficazes na atenção à saúde da população, de modo a diminuir os agravos decorrentes do contexto social e econômico que incidem sobre o cotidiano das pessoas. Para ele, a atuação na Saúde Pública exige um arsenal tecnológico que faz do profissional um elemento dinâmico e mutável frente às situações do dia-a-dia que aparecem no trabalho. Portanto, diz ele, é necessário que a articulação seja feita no sentido de combinar todas as formas de atenção à saúde dos sujeitos, ao mesmo tempo em que, "seja capaz de incorporar cidadãos, com toda a sua subjetividade e preconceitos, em programas onde essa dimensão é essencial".

AGUDELO (1997:52) comenta a dimensão ampliada do conceito de saúde, tendo-a como um direito social, que extrapola o sentido convencional de saúde como *locus* de combate e enfrentamento de doenças. Para ele isso se dá em dois sentidos "na medida em que o mundo dos direitos sociais transcende o 'cuidado' para com a identidade e funcionamento biológico-individual, e ao passo que se introduz a relação dos indivíduos, transformados em cidadãos, entre-si e o Estado."

Entendemos que participar de um programa que exige uma dinamicidade e incorporação de outros conhecimentos, que extrapolam os adquiridos na academia requer uma flexibilidade que muitas vezes não é suportável às mudanças. Para muitos profissionais, formados dentro de um modelo rígido, essas mudanças podem ser entendidas como um "rompimento" dos saberes ancoradouros do processo de produção de ações em saúde.

SOUZA (1993) comenta que para o profissional que vai atuar junto à comunidade é necessário que ele tenha predisposição para a compreensão dos caminhos pedagógicos de alguns enfrentamentos, tendo que entender que a sua ação não deve restringir-se a um pensar e agir individual, mas a um pensar e agir coletivos junto aos interesses da comunidade, e algumas vezes isso não é muito claro para quem traz dentro de si uma formação rígida e fragmentada.

“As forças sociais que se fazem presentes hoje a dada realidade estão continuamente refazendo suas alianças. Nesse sentido, o que foi colocado ontem como dificuldades da prática profissional nas instituições do setor público pode não ser mais a dificuldade de hoje. Por outro lado, o movimento de reprodução das relações sociais que nelas se manifesta é também gerador de elementos que implicam novas relações. É levando em conta essa realidade que o profissional nas instituições do setor público, através de contínua reflexão e ação que desenvolve, vai encontrar sempre possibilidades de uma prática capaz de responder às preocupações fundamentais da população usuária. A depender da dinâmica conjuntural, essas possibilidades em alguns momentos se restringem, já em outros se ampliam.” (SOUZA, 1993:130)

Nesse sentido, a autora alerta em sua fala que objetivamente o profissional que vai atuar junto à população tem que rever constantemente a sua inserção no espaço em que desenvolve suas ações, tendo flexibilidade para compor e recompor as alianças necessárias a potencializar as relações entre setor público e comunidade.

Outro fator discutido pela autora refere-se ao fato de que na análise das forças que se fazem presentes, internas e externas, o profissional não pode travar ante a complexidade das relações sociais que fazem o cotidiano dos subgrupos que vivem na comunidade, especialmente entre forças aliadas e não aliadas que se justapõem em um mesmo grupo. Especialmente, no caso de PIC cujo grupo se caracteriza por uma heterogeneidade em sua composição, devido ao fato de não agrupar sujeitos por determinadas patologias, como grupo de diabéticos, hipertensos, laringectomizados dentre outros. Mas que tem em sua meta o desenvolvimento social e comunitário.

Quanto à articulação com a SMSRP, apesar dos problemas que surgiram, foi possível manter uma certa aproximação. Mas essa parece ser uma articulação bastante tênue, especialmente em relação à administração atual.

O que podemos dizer, subsidiado pelas falas, é que no transcorrer da primeira administração municipal, que implantou o PIC, houve uma participação maior em termos de motivação ao trabalho comunitário, e mesmo assim, representado pelo segundo Secretário de Saúde na época, pois o primeiro, segundo os depoimentos, não teria tido um grande envolvimento e motivação. Esse fato é comprovado empiricamente a partir de dados da própria SMSRP, quando apresenta as informações relativas à implantação do programa junto às várias UBSs locais no ano de 1994.

Até o final desta administração, no ano de 1996, houve uma motivação bastante acentuada para qualificar este trabalho comunitário, com uma rede de suporte técnico e infra-estrutura administrativa para potencializar o desenvolvimento de ações junto à comunidade, tanto de ordem técnica, como política, na medida em que, também no orçamento participativo esse grupo levava suas reivindicações.

Com relação à segunda administração, 1997-2000, existe uma representação muito aquém ao esperado pelo grupo. Considerando que o mesmo é ciente de que fazem parte da SMSRP, e que, até então, mantinha uma dependência desta para o desenvolvimento de várias atividades. Essa representação começa a apresentar um pólo de negatividade, a partir do momento em que, o grupo percebe que o projeto político que implantou o PIC não coaduna com o atual.

A negatividade começa pela parte de infra-estrutura, a partir da não disponibilidade de transporte às viagens do grupo a diversos locais, chegando a uma situação grave e complexa que foi a não

renovação dos contratos dos monitores de educação física. Esse fato, alegado pela transição de contratação de uma secretária para outra, colocou em risco o funcionamento do programa local. A possibilidade de término do PIC somente não ocorreu porque existia uma consciência no grupo da necessidade da importância das atividades de educação física para a saúde, e também pela disponibilidade do antigo monitor em manter um trabalho voluntário junto ao grupo.

O reforço da ação comunitária e o desenvolvimento de habilidades pessoais são recomendações da Carta de Ottawa, que trazem para o conjunto da comunidade, a necessidade de organização tanto social como política para o enfrentamento das situações que passo a passo vão aparecendo para os grupos organizados da comunidade. Mas ela somente materializa-se a partir da participação, organização social, e especialmente a partir da tomada consciente da situação histórica vivida pela comunidade ou grupos. Somente a partir desses atributos que ficam subjacentes às recomendações acima da Carta é que os grupos são capazes de oferecer resistência aos projetos que visam ao desmantelamento das organizações comunitárias.

É importante atentar-se para o fato de que, o PIC da Vila Tibério avançou na defesa de um direito conquistado na Constituição Federal de 1988, e legitimado por um Arcabouço Jurídico Legal instituído a partir do final de década de 80. Portanto, o grupo ao perceber que forças opostas poderiam ruir com a proposta do programa, houve uma participação consciente no sentido de impor uma resistência às ações emanadas por parte da SMSRP, em busca de um estado de direito.

Essa situação foi posteriormente arranjada, mas somente depois de muitas discussões junto a SMSRP, e das quais a liderança local, **Têmis**, fez parte, defendendo a idéia de que a mesma assumisse o contrato dos referidos monitores. Contornada a situação contratual, os

depoimentos afirmam, no entanto, que em muitos outros locais, dada a situação presente, e pela pouca organização social, houve o desmantelamento dos PICs, não sendo possível retomar o trabalho, em função de que a comunidade acabou dispersando.

Percebemos que no transcurso do programa nesses seus sete anos, houve vários enfrentamentos junto aos Órgãos Municipais, e alguns estão ligados aos aspectos conjunturais, especialmente quando houve a mudança do Governo Municipal. Não existe para as Políticas de Saúde, mesmo que estejam asseguradas por lei, uma continuidade no seu desenvolvimento. Elas se alteram conforme o projeto político que está no governo. Fica evidente nesta análise que o PIC encontrou suas principais dificuldades justamente quando houve a mudança de governo local.

Alguns fatos podem exemplificar: na segunda administração deixaram de ser realizadas as discussões sobre o Orçamento Participativo, uma instância de reivindicação que o grupo tinha como conquista o terreno para a construção do Centro de Convivência; a falta de motivação para a participação na confraternização anual dos PICs; a tentativa de criação de um outro programa direcionado para a terceira idade, o Feliz Idade 1999-2000, que transitou em várias praças por onde se desenvolve os PICs; as distribuições de camisetas e colchonetes para o programa que deixaram de ser feitas, dentre outras.

Para SOUZA (1993), existe uma prática interna dentro das instituições de saúde que são alteradas quotidianamente e com uma velocidade muito grande na medida em que a conjuntura se modifica, e isso acontece porque a instituição não é uma abstração, é concreta, e sendo assim, ela é representada pela prática de seus agentes. Em especial, porque o trabalho com a população representa uma correlação de forças na qual os interesses e preocupações dela estão presentes, e muitas vezes

entram em contradição com a forma que o Estado organiza a produção e distribuição das ações em saúde.

Também é possível percebermos que quando existe motivação para o trabalho comunitário, a comunidade responde satisfatoriamente. E um exemplo plausível é a proposta de construção do Centro de Convivência em parceria com a Prefeitura Municipal, onde havia uma predisposição da comunidade para a mesma.

Quando o Estado deixa de ver a comunidade como uma aliada para o desenvolvimento de atividades e ações inerentes à saúde, e quando essa já experimentou uma forma alternativa de trabalho, existe a partir daí uma descrença e uma desconfiança em relação aos poderes constituídos do município. Nesse sentido, encontramos nas várias Cartas e Conferências a necessidade dos governos locais motivar os grupos e comunidade para o desenvolvimento do trabalho comunitário.

A importância do trabalho comunitário está amplamente discutida por CARVALHO (1995), e, além disso, ele comenta que a partir dos anos 90 existem outros mecanismos jurídicos que respaldam as ações da comunidade com maior poder, possibilitando que essa atue de forma mais eficaz e com mecanismos de controle sobre este Estado.

Assim, ao retomarmos as idéias de DEMO (1992), concordamos com ele que de um modo geral o Estado tem atrapalhado o processo histórico de formação da cidadania popular, principalmente através de políticas sociais desmobilizadoras e controladoras, em particular através da concepção anacrônica de tutela necessária do desenvolvimento político. Para ele, essa atitude é cristalina, além de secular, especialmente quando diante da questão comunitária.

A comunidade, no seu entender, tende sempre a ser tomada como “objeto” da tutela governamental, quando da elaboração de

políticas distributivas, que, além de nunca tocarem o cerne da questão social, coíbem também o processo emancipatório e equalizador.

Por todas essas questões é que, concordamos com DEMO (1992) quando comenta que o Estado pode ser um instrumento importante para a desmobilização da comunidade quando atua de uma forma unilateral a ela. Também SOUZA (1993) colabora nessa discussão quando comenta que a Sociedade, aqui representada no nosso entendimento pela figura do Estado, tem essa capacidade de articular e desarticular movimentos sociais.

“A sociedade cria e recria continuamente novas estratégias de reprodução social, implícitas em legislações específicas que vão sendo criadas; em novas alianças que se fazem e desfazem, em novos serviços sociais criados ou novas formas de liberação dos já existentes, ou ainda através de instituições específicas que se justificam como resposta às exigências da problemática social. É através deste criar e recriar que, muitas vezes, o processo de organização da população, já adiantado, é apropriado, desviado ou simplesmente desarticulado.” (SOUZA, 1993:95)

Por isso, segundo a autora, há necessidade de que a participação seja um processo contínuo de “capacitação”, para que o próprio grupo seja capaz de descobrir novas formas de “reavaliação social” para o enfrentamento de situações que coloquem em risco o trabalho comunitário. Para ela, essa constante reatualização, conduz à capacitação para análise e avaliação contínua da conjuntura social, e pode situar-se na própria dinâmica das forças sociais que no dia-a-dia vão surgindo.

Entendemos, portanto, que as razões que evitaram o final do PIC na Vila Tibério estão ligadas, ao desenvolvimento das habilidades pessoais, participação, organização comunitária, desenvolvimento de uma liderança carismática, mas também estão ligadas a uma compreensão do momento histórico vivido pelo

grupo. Essa reavaliação da realidade social é muito presente no discurso da liderança, bem como, nos depoimentos dos sujeitos dessa pesquisa, quando afirmam que, mesmo sendo da terceira idade possuem seus direitos.

Assim, encontramos nas palavras de **Aurora**, a discussão de que a sustentabilidade da proposta do programa tinha por base as orientações emanadas da Carta de Ottawa, quando preconizam que se houver um Reforço da Ação Comunitária, no sentido de potencializar a mesma para a implementação de ações que reforçam a auto-sustentação, existe a possibilidade da mesma tomar algumas decisões próprias e definir seus caminhos.

Percebemos neste estudo que embora o programa postule uma atitude para o desenvolvimento de um trabalho comunitário autônomo e com sustentabilidade financeira, ele não desconsidera o próprio papel do Estado como agente importante para o desenvolvimento da comunidade.

Pelo que pudemos deduzir, a partir da liderança local, é que sua participação tem sido no sentido de potencializar com sugestões críticas o desenvolvimento dos demais grupos, postulando uma maior aproximação com a SMSRP, na busca de direitos inerentes a um programa a ela adstrito. A discussão sobre a importância da manutenção dos vínculos com a SMSRP e UBS também é objeto de análise por parte de **Céfalo** que entende que, o suporte que as mesmas poderiam oferecer, além da assistência em si, seria no sentido de passar também informações para os usuários em vários aspectos, que vão desde o funcionamento da estrutura dessas instituições.

“Muitas vezes estes não entendem porque demora tanto um atendimento”, comenta ele, até as questões mais específicas “sobre saúde e doenças que podem advir decorrentes da idade”, bem como, a importância para a saúde em manter-se em “constante atividade física e mental”, finaliza ele.

Têmis concorda com **Céfalo** e defende uma das formas que poderia melhorar as relações do PIC com as instituições supracitadas, ou seja, uma rotina de encontros mensais entre usuários e profissionais de saúde, pois segundo ela, existem inúmeras dúvidas acerca de saúde e de doença que poderiam ser esclarecidas se houvesse este momento de diálogo. Por outro lado, acredita que, isso provocaria um forte impacto sobre o processo de trabalho da própria UBS à medida que, grande parte do que busca em termos de informação estaria sendo realizado dentro do próprio espaço do grupo.

Para ela, assim como para **Céfalo**, as grandes filas que muitas vezes acontecem em frente à UBS nem sempre indicam uma razão concreta para algum evento de doença.

Sobre o acesso às informações, encontramos nas recomendações da Carta de Ottawa a necessidade de manter sempre a população informada sobre toda e qualquer situação que envolve sua saúde, isso é tido pela Carta como um direito fundamental, e condição essencial para o sucesso da participação comunitária e do exercício de seus direitos.

DEMO (1992) ao se referir aos grupos na comunidade, comenta que é bastante raro encontrar aqueles que assumam um papel de reivindicadores de direitos, sendo mais comum o contrário, uma massa de pedintes que têm uma postura de dependência e submissão. Para ele, o papel da comunidade não é de substituir a do Estado, mas é de organizar-se competentemente para ajudá-lo a funcionar. E conclui que, sem a comunidade, a qualidade do Estado sofre um esvaziamento e acaba sendo porta de entrada de políticas sociais restritas, clientelísticas e de dependência, ao invés de instrumentalizar a emancipação popular na defesa dos seus direitos sociais.

Assim, entendemos que a experiência do PIC, no processo de organização em prol de um trabalho comunitário com interesses

mútuos, gerou um dos saldos mais importantes para o grupo e possibilitou ao longo destes sete anos de existência uma participação efetiva no trabalho proposto para o desenvolvimento das potencialidades dessa comunidade.

Nessa perspectiva, a participação foi um dos instrumentos importantes para que ocorresse este compromisso no grupo, mas ela, de uma forma consciente não acontece repentinamente. Inicialmente, o grupo passou por um processo de arregimentação, ou seja, foram se juntando pessoas interessadas e curiosas para realizar as primeiras atividades físicas na praça. Junto à participação, a educação em saúde foi um processo pedagógico importante porque trazia em sua proposta a intenção de desenvolver um sujeito crítico e consciente de seus direitos.

Segundo as discussões de SOUZA (1993), a forma de participação da comunidade em um projeto específico tem algumas etapas: primeiro existe a “grupalização da população”, que para a autora constitui-se em uma arregimentação de pessoas que não induz a uma consciência crítica sobre a realidade ou mesmo sobre a força social que ela representa, quando bem articulada e motivada para atingir objetivos e desejos coletivos.

Nessa etapa, geralmente se reproduz a própria estrutura da sociedade na medida em que, obedece à representação real dos interesses da população. Mas é um instrumento importante na medida em que, leva a uma segunda etapa, que potencializa a comunidade a ter uma reflexão e ação sobre o seu dia-a-dia, podendo transformar-se em um recurso de organização social e capacitação desta para o “enfrentamento dos interesses imediatos e daqueles que vão se desvendando durante o processo de problematização”, comenta ela.

Esse nos parece ter sido a forma como se organizaram os primeiros passos do PIC da Vila Tibério. Mas alerta SOUZA (1993), o simples fato de possuir interesses comuns não pressupõe

garantias para que haja participação efetiva, é necessário que a partir destes, exista uma problematização que faça as devidas relações sociais e causais da realidade. Isso, para ela, faz surgir um outro elemento fundamental, que é justamente a “descoberta da força social da comunidade.”

Assim, a autora comenta o círculo que leva à participação como um elemento potencializador da comunidade.

“Os processos de descoberta e problematização dos interesses, ou seja, a conscientização; arregimentação da força social, ou seja, a organização social da população; a reciclagem e redefinição contínua de novos interesses e mecanismos de enfrentamento, ou seja, a capacitação; todos esses são componentes do processo pedagógico da participação.” (SOUZA, 1993:87)

Portanto, entendemos que essa capacidade de fazer-se independente é resultante de todo um processo de trabalho interno no PIC, e que vai desde os primeiros cursos de educação em saúde, que através da problematização, reflexão e ação, proposta teórica pedagógica de Paulo Freire, possibilitava o sujeito ter as ferramentas para desenvolver sua competência política de fazer-se sujeito histórico até ser capaz de construir sua própria trajetória. Lembra-nos que os homens que se encontram oprimidos precisam

“(…) reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem.” (FREIRE, 1987:52)

Para DEMO (1995), dentro deste processo educativo, o importante é que o sujeito seja capaz de ler criticamente a realidade e quando necessário for, intervir subsidiado pelo conhecimento, que para ele “trata-se de aprender a aprender, saber pensar, para melhor intervir.”

Assim, o exercício do grupo de discutir alguns temas e depois ir a campo para entender o processo possibilitou a estes sujeitos um aprendizado muito importante, tanto que, nas palavras de **Aglaé**, quando da discussão sobre a questão de separação do lixo, é visto como um “vício” que incorporou ao seu cotidiano. Ainda que estes cursos não tiveram uma seqüência durante os anos seguintes, devido ao fato de que houve um afastamento da UBS, ainda persiste um saber que é oriundo destes, e que se mantém muito forte no cotidiano de muitos sujeitos.

No nosso entendimento, esse afastamento da UBS provocou uma lacuna muito grande no programa, pois este envolvimento de comunidade e profissionais de saúde, poderia potencializar o papel social da UBS. Nesse sentido, MENDES (1996) comenta que a intenção era torná-la um local onde “clientes e trabalhadores possam se transformar em direção ao auto-cuidado e responsabilidade pela própria saúde.”

Essa lacuna a que nos referimos fere justamente o caráter de instrumentalização necessária às pessoas neste auto-cuidado, na medida em que, a própria autora comenta que ninguém aprende sozinho, mas que ninguém ensina ninguém, se educa educando. PEDUZZI (2000), ao comentar sobre a educação em saúde, reforça o que **Aurora** fala como prioridade neste processo pedagógico, comenta a autora que “não basta passar ou trocar informações, pois nem sempre os agentes estão de acordo quanto ao sentido e à pertinência do que é afirmado”, pois segundo ela, o usuário deve sempre ser partícipe naquelas decisões que lhes dizem respeito.

A educação em saúde, para ela, é “entendida como uma prática transformadora dos sujeitos implicados, usuário e profissional”, na medida em que, é uma construção de um saber prático que urge ser negociado com ética e respeito e que, faça sentido tanto para o usuário como para o profissional da saúde.

Nos anos seguintes, existiram algumas iniciativas da liderança local em manter este processo de educação em saúde, através de algumas visitas para algumas empresas locais e tentando usar o método da problematização, mas que, ela mesmo reconhece que necessitaria de outros profissionais para dar o suporte teórico.

Aurora nos ajuda nessa compreensão quando comenta que nos objetivos “subjativos” havia esta previsão de que os cursos de educação em saúde seriam assumidos por um profissional de saúde da UBS, “foi previsto que o curso seria liderado por uma pessoa da UBS”, e que essa tivesse algum “envolvimento e afinidade com o trabalho comunitário”, o que infelizmente não aconteceu.

Mesmo com todas as dificuldades encontradas posteriormente, é possível compreender que, inicialmente, houve um processo de desenvolvimento da comunidade para aflorar as potencialidades da comunidade no seu agir cotidiano, e esse foi precedido por uma etapa de conscientização. De acordo com SOUZA (1993), a conscientização na sua dinâmica pedagógica é traduzida como uma seqüência lógica de compreensão crítica da realidade, das quais é possível estabelecerem-se as devidas correlações de causa e efeito, com possibilidade de emitirem-se juízos e críticas que direcionam a formulação de atitudes para o enfrentamento das situações corriqueiras.

Quando DEMO (1995) discute a formação do sujeito histórico, ele comenta que num primeiro momento há necessidade de que esse seja capaz de superar três passos importantes: o primeiro é a capacidade de dizer “não”, a um sistema que conduza à massificação da comunidade, às políticas assistencialistas e à pobreza material e política.

Para ele, essa é uma condição essencial ao sujeito, rebelar-se contra sua situação de objeto de manipulação; o segundo, chamado por ele como “construtivo”, que após negar a “pobreza

política", emerge nessa comunidade a capacidade de encontrar alternativas dentro de uma visão crítica que possibilite encontrar oportunidades para a superação da "pobreza material"; e o terceiro passo é o da garantia das "oportunidades", que aponta necessariamente na organização política coletiva, porque além da importância da cidadania individual, o indivíduo só é inteligível e só sobrevive socialmente.

Para SOUZA (1993), a conscientização não pode operar apenas no âmbito do discurso, porque torna-se vazia, sendo necessário um processo social para o enfrentamento da realidade. Segundo a autora, "a organização social é uma conseqüência própria do processo de conscientização." DEMO (1995) complementa "a competência verdadeiramente autêntica é aquela que é coletivamente organizada".

Nesse sentido, ao encontrarmos uma comunidade que durante os seus sete anos conseguiu se organizar em prol de um trabalho comunitário, e mais, com capacidade para auto-sustentar-se, nos fica uma indagação: seria possível pensar em autopromoção comunitária? Para encontrarmos algumas respostas, nos referimos novamente a DEMO (1995) que faz uma longa discussão acerca da autopromoção comunitária.

O autor faz inicialmente uma distinção entre autopromoção e auto-sustentação. Diz que, a autopromoção é face política, e auto-sustentação, é a face econômica, e que para ele são componentes insubstituíveis e inseparáveis. Segundo ele, quando existe trabalho comunitário que visa à emancipação dos sujeitos, este pode não prescindir de pedir auxílio, mas antes de tudo, está claro que a ajuda deve ser apenas um primeiro passo, o importante é que esta comunidade entenda que tem direitos, e que pode conduzir com certa autonomia seu próprio destino, e procurar controlar o Estado através da participação democrática.

Lembra novamente que não prescinde de receber auxílios externos, mas não pode ficar na dependência, por isso entende que, "participação sem auto-sustentação é farsa."

Para ele, a promoção comunitária tem como fundamento o direito da participação política e nutre-se do processo emancipatório, ou seja, possui no seu horizonte a superação da pobreza política, que necessariamente irá levar a uma tomada de consciência, com capacidade de intervenção autônoma, alternativa e organizada, afirmando que "a comunidade precisa perceber que ela, sendo a origem do poder, é a responsável básica pelo seu desempenho qualitativo."

"Assim, a comunidade, dentro de seu projeto emancipatório, busca tornar-se não só sujeito historicamente competente para conduzir seu destino dentro das circunstâncias, mas igualmente comandar sua subsistência, com vistas a auto-sustentação. Autopromoção – competência de construir projeto próprio organizado – implica auto-sustentação. Auto-sustentação – competência de prover ao próprio sustento – implica autopromoção."
(DEMO, 1995:98-99)

Ao designar autopromoção comunitária, considera que a emancipação é um processo que ocorre de dentro para fora, e que nem por isso, a comunidade deve dispensar qualquer tipo de ajuda externa, mesmo que financeira, desde que fique consagrada como "apoio" e não como "assistencialismo". Para ele, existe a necessidade de que no seu projeto de desenvolvimento tenha pessoas com senso crítico capazes de auxiliar na promoção comunitária, e estes podem ser os líderes ou os "intelectuais orgânicos" dentre outros.

Ao tentar entender o PIC nessa perspectiva, tomamos por base os DSCs que deram sustentação aos grupos de discussões no capítulo anterior. Entendemos que houve neste percurso de trabalho comunitário um grande salto de qualidade na proposta original do PIC, uma vez que essa não contemplava todo o conjunto

de fatos e resoluções que foram sendo construídos dentro do programa. A auto-sustentação, se assim podemos falar, é algo que toma corpo após a tomada de consciência de uma situação vivida pelo grupo, e que, somente foi possível depois de uma reflexão acerca do momento histórico presente, para então agir em prol de um objetivo específico, que era manter o programa.

Por isso, concordamos com DEMO (1995), quando fala que somente a "participação sem auto-sustentação, é uma farsa", na medida em que, se o grupo tivesse a característica de grupalização, como comentou SOUZA anteriormente, com certeza não haveria tido continuidade nas atividades rotineiras. E essa auto-sustentação foi de suma importância, pois foi a partir dessa que diversificou as oportunidades oferecidas aos seus usuários. Fator extremamente importante para que o grupo se mantivesse unido, especialmente pelo fato já constatado nos depoimentos, de que há uma série de pessoas que participam do programa e que são possuidoras de grandes dificuldades financeiras, e assim, as alternativas financeiras também auxiliaram na manutenção e motivação à permanência no grupo.

Esta organização para buscar recursos financeiros contribuiu para a representação de que o PIC da Vila Tibério é "independente", essa concepção é oriunda de um movimento que levou o grupo a organizar-se internamente para manutenção de algumas atividades essenciais, sendo que o grande desencadeador foi justamente a atividade de educação física na praça, na ocasião em que os monitores passaram por um processo de renovação contratual, período em que programa da Vila Tibério foi quase extinto.

Essa capacidade de gerar recursos internamente criou expectativa e um fortalecimento no grupo de que era possível a partir da organização ter uma relativa autonomia financeira, que criou essa representação de independência sobre a SMSRP.

Têmis, em sua fala, traz um certo orgulho do PIC conseguir manter-se com uma certa autonomia financeira em relação à SMSRP. Mas também é possível identificar na sua fala um apelo a um trabalho diferente junto com a UBS e SMSRP, mais articulado e voltado para o trabalho comunitário, sem perder de vista a assistência à saúde dentro das necessidades trazidas pelos usuários, mas contrário ao assistencialismo, ou mesmo à própria medicalização do programa, como comentou **Aurora**.

Nesse sentido, DEMO (1995) comenta que a assistência é muitas vezes tida como um valor radical frente a outros direitos sociais, não que não seja, comenta ele, mas que somente na eminência da sobrevivência ela deve assumir tal valor. Porquanto, o seu uso tem sido no sentido de provocar uma certa sujeição de grupos ou pessoas tornando-as incapazes de gerir seus próprios caminhos. E reforça o que anteriormente havia comentado, que o papel da comunidade não deve ser de substituição das funções do Estado, nem tão pouco de submissão, mas de partícipe para que o Estado funcione a serviço desta.

Embora essa representação da independência seja um fato bastante forte para o grupo como um todo, e também para a liderança local, existe na fala desta, uma clareza dos limites desta independência. O primeiro é circunstanciado pelo fato de que, como comentado no primeiro grupo do DSC, existe uma clareza no grupo de que os recursos de seus componentes são escassos, e que, portanto, do ponto de vista da emancipação material, esse grupo não possui uma independência soberana, que pudesse ignorar ajuda externa, muito menos das instituições com as quais mantém vínculos.

Nesse sentido, entendemos que, frente à faixa etária na qual se encontra a maioria do grupo, dificilmente haveria outras formas de mobilização para buscar recursos diferentes da maneira como captam interna e externamente ao grupo. Sobre esse aspecto,

Têmis em sua fala, discute que no Brasil o cidadão que já completou 50 anos dificilmente consegue se inserir no mercado de trabalho, pior é a situação, segundo ela, dessas pessoas que já adquiriram sua aposentadoria, mas que, porém, é insuficiente, como é a situação da maioria dos componentes do PIC.

O segundo é atribuído ao fato de que não se pode negar que o PIC é um programa da SMSRP e, portanto, sujeito a normas e regulamentos da Legislação Municipal. Essa percepção ficou mais evidente quando **Têmis** comenta a discussão que tiveram sobre a construção do Centro de Convivência, e no qual havia a proposta do PIC assumir em parceria a administração do Centro, e esbarraria justamente no fato de que, um termo de comodato somente seria possível se o PIC possuísse CGC. “Como ter um CGC se somos apenas um programa da Secretaria de Saúde”.

Assim, entendemos que alguns pontos parecem ter sido decisivos para esse entendimento de que o PIC é independente e são eles:

- ✓o desenvolvimento de uma liderança carismática, com um profundo compromisso no desenvolvimento do trabalho comunitário a partir da segunda eleição local;

- ✓as primeiras divergências referentes aos aspectos filosóficos na concepção do trabalho comunitário, e que determinaram o afastamento de uma profissional da saúde que mantinha uma postura rígida em termos de assistência, porém, carismática, e na qual o próprio grupo teve que tomar uma postura de manter o trabalho independentemente da saída da mesma, ainda que, a mesma tentasse organizar um “novo grupo” paralelo, fato relatado por **Hebe** em sua entrevista;

- ✓o desenvolvimento de outras atividades mediadoras, relatadas no segundo grupo de DSCs, que foram sendo mantidas com os próprios recursos que o grupo levantava a partir de um

trabalho conjunto coordenado por algumas equipes internas; a manutenção do professor de educação física no período considerado transitório de uma secretaria para outra, em que o grupo precisou inclusive pesquisar preços pagos junto às academias por hora/aula do professor para então fazer uma proposta viável;

✓a disponibilidade da comunidade usuária do programa para o trabalho comunitário, assim como, a motivação para a formação de uma rede de suporte social às pessoas necessitadas nos vários aspectos;

✓a inserção dos vários sujeitos nas diversas atividades paralelas ou não ao PIC, que possibilitaram o desenvolvimento das suas potencialidades individuais e

✓a participação desses nas várias instâncias políticas como: o efetivo engajamento na formação da primeira CLS, a participação em algumas sessões da Câmara Municipal de Vereadores, nas reuniões com a coordenação do PIC na SMSRP, nas discussões do orçamento participativo na administração anterior e na decisiva organização da segunda CLS da Vila Tibério, realizada nesse ano, que ao nosso ver concorrem decisivamente para o exercício da sua cidadania.

Concomitante à experimentação desse exercício de cidadania, também é possível identificar que o grupo acabou assumindo uma série de ações independentemente da SMSRP, e que isso, é fruto de um processo de amadurecimento, tanto, individual como coletivo. Esse não nasceu da noite para o dia, mas decorreu de um período longo de vivência que fez do grupo um espaço para construção de novas perspectivas em relação à saúde.

Sobre esse aspecto, SOUZA (1993) comenta que avançando no processo de capacitação da comunidade, esta passa a assumir gradativamente o seu "processo de organização e conscientização" dentro das próprias contradições em que está imersa socialmente, buscando assim, novos modos de agir que respondam às situações

cotidianas adversas. Para ela, a real "capacitação" da comunidade é manifesta no momento em que existe

"(...) a divisão de trabalhos de modo a se assegurar a ação de todos; administração das ações é também outro elemento de capacitação, pois exercita o controle e avaliação coletiva das ações." (SOUZA, 1993:96)

Essa convivência grupal estabeleceu uma série de compromissos que foram sendo assimilados gradativamente, alguns são vistos como um prazer, e são os que estão relacionados com a organização de festas, passeios, gincanas, etc. Enfim aqueles que possuem uma relação com as atividades lúdicas, outros às vezes são encarados como um compromisso "pesado" que é participar de velórios, enterros, e também a organização do bazar. Esse, especialmente porque demanda um trabalho árduo tendo em vista que exige um longo tempo desde a organização até a execução.

Independente da representação que assume, o que importa destacar aqui é que, as pessoas não têm se eximido de dividir algumas responsabilidades para com o grupo. Essa divisão de responsabilidades parece ter sido um aspecto que foi muito bem trabalhado junto ao mesmo, na medida em que, esta é uma das recomendações da Carta de Ottawa quando aborda que a "responsabilidade pela Promoção da Saúde nos serviços de saúde deve ser compartilhada entre indivíduos, comunidade, grupos, profissionais de saúde, instituições e governos".

Tendo a Carta de Ottawa como eixo de orientação para a construção do projeto do PIC, **Aurora** enfatiza que, os cursos que eram realizados tinham a finalidade de desenvolver a atenção para o "autocuidado e responsabilidade pela saúde, tanto individual como social e ecológica".

A perspectiva de a comunidade assumir também a responsabilidade pela manutenção das atividades mediadoras, dizem respeito, conforme já comentei anteriormente, à presença de

uma liderança carismática, mas também está assentada em processo de organização e conscientização deste grupo, coadunando assim, com as considerações teóricas de SOUZA (1993), quando comenta que o trabalho compartilhado dentro da comunidade em prol de objetivos comuns já é uma demonstração de que existe um processo de capacitação desse grupo.

Para a autora mesmo quando existem contradições num processo de liderança, ela é sempre importante para o desenvolvimento comunitário, e está sempre presente quando tratamos de grupos e subgrupos, "inegavelmente, em toda comunidade encontra-se sempre um ou outro comunitário que se destaca entre os demais." Explica a autora que, não se trata "propriamente de liderança", mas do "exercício da liderança que deve ser desenvolvido pelos mais diversos membros da comunidade."

"A divisão do trabalho, a tomada de decisões em comum, as avaliações em comum, os trabalhos em grupos são meios facilitadores de expressão da liderança presente a esses mais diversos membros da comunidade. Quanto mais se desenvolve o processo de liderança presente na população, mais se cria uma estrutura sólida de apoio ao desenvolvimento comunitário." (SOUZA, 1993:223)

Esse parece ser o eixo de trabalho que a liderança do PIC da Vila Tibério tomou como meta, pois conseguiu ao longo de sete anos desenvolver um trabalho comunitário que inseriu quotidianamente os sujeitos na divisão das atividades e de responsabilidades.

A liderança do PIC da Vila Tibério, sem deixar de considerar nosso reconhecimento pelo trabalho desenvolvido ao longo dos anos, não tem sido renovada, e isso tem provocado um certo comodismo no próprio grupo. Existe uma representação, vista nos DSCs, de que se a mesma sair, o programa deixará de existir, inúmeros são os depoimentos que sugerem isso, comprovado inclusive nas duas vezes em que o grupo mobilizou-se para manter

a mesma, através de dois abaixo-assinados, e do quais **Teseu** faz comentários em sua entrevista.

No entanto, entendemos que, a renovação da liderança local é uma experiência importante para o grupo, tendo em vista que, há uma sobrecarga de trabalho muito grande, que é atribuída a ela. Isso, no entanto, o grupo ainda não consegue perceber como um todo, há um desgaste da própria líder, na medida em que, percebe-se atribulada por demandas do mesmo, nem sempre conseguindo corresponder aos desejos. A não renovação, o medo da mudança pode significar uma certa acomodação na qual o grupo está assentado.

A representação que existe do “término” do programa com a mudança da liderança local, ao nosso ver não tem possibilidade de ocorrer. E para sustentar essa afirmação nos apoiamos em duas situações: em primeiro lugar, em nosso estudo já está comprovado que o grupo possui um grau de conscientização importante para desconsiderar que qualquer outra liderança possa vir a provocar a extinção do grupo, pela inabilidade de conduzir o trabalho comunitário, tendo em vista que o mesmo já comprovou por inúmeras vezes que pode contornar os problemas que possam aparecer. E segundo, pela própria experiência que o grupo vivenciou com a saída do professor de educação física neste ano, comprovado neste estudo como uma liderança importante, tendo uma representação forte e considerada como insubstituível pelo grupo. A sua saída não provocou o término do grupo como era comentado e esperado nas entrevistas.

Outro aspecto importante que este estudo comprovou foi o grau de solidariedade que os usuários do PIC têm demonstrado durante esses anos de convivência. Isso fica mais claro na medida em que, com o passar do tempo, a forma como essa solidariedade é expressa muda circunstancialmente, tendo em vista que, das antigas equipes de trabalho, comentada no segundo grupo do DSC,

dentre as quais a de visitas a doentes, houve uma mudança importante e que não é percebida pelo grupo.

Essa solidariedade é um dos aspectos importantes que passa a fazer parte do cotidiano do trabalho do grupo, ela é inicialmente representada por um número reduzido de pessoas que se ajustam às necessidades daquele momento histórico, mas no decorrer do tempo, toma uma dimensão importante frente ao grupo na medida em que, passa a ser uma tarefa resultante da participação concreta dos sujeitos no programa. A solidariedade, assim, passa a ser uma tarefa, não mais de uma equipe de três pessoas e sim de todos.

O grupo se organiza quotidianamente para o trabalho comunitário, e de uma forma imperceptível as pessoas aderem espontaneamente àquelas atividades que requerem sua colaboração. Essa colaboração somente ocorre porque existe o reconhecimento do outro.

"A própria recuperação de valores e a reconstituição da dimensão ética do desenvolvimento exige que para o ser humano o outro volte a ser um ser humano, um indivíduo, uma pessoa com os seus sorrisos e suas lágrimas. Este processo de reconhecimento do outro não se dá no anonimato." (DOWBOR, 1999:71)

Assim, participar do programa foi um dos elementos importantes para que se desenvolvesse esse patamar de solidariedade e de reconhecimento do outro. Para compreender melhor, recorreremos novamente a SOUZA (1993), e entendemos que, o PIC somente conseguiu avançar nessa atividade cotidiana porque a sua conscientização alcançou um patamar de organização social importante, e esse processo levou automaticamente a desenvolver sua capacitação para o desenvolvimento do trabalho comunitário.

Quando falamos que a responsabilidade é assumida individual e coletivamente, é devido à própria fala dos sujeitos, e

que está representada no segundo grupo do DSC, e demonstra justamente que esse caráter já ultrapassou a esfera individual, existe uma preocupação com o coletivo. Não que estejamos negando qualquer possibilidade de responsabilização de cunho individual, mas, o que mais aparece é justamente aquelas que apresentam um caráter coletivo.

Assim, entendemos que, para atingir esse patamar de responsabilidade ou mesmo de consciência coletiva, é imprescindível que o grupo avance primeiramente em algumas questões internas. Nesse sentido, SOUZA (1993) comenta que muitos grupos podem, em seu cotidiano, se perderem em problemas pessoais se não forem bem trabalhados nas suas "relações e correlações causais" que determinam a não ultrapassagem para o desenvolvimento comunitário,

“(...) muitas comunidades podem ser inicialmente trabalhadas a nível das relações interpessoais, tendo como objetivo terminal o desenvolvimento social da comunidade, a ampliação das condições de participação e cidadania da população comunitária.”
(SOUZA, 1993:224)

Sobre a cidadania, DEMO (1992) ao realizar um profícuo estudo sobre a mesma e seus componentes quantitativos, apresenta dados interessantes sobre os avanços em termos de números nos quais ancorou seus estudos para dizer que, a cidadania avança em passos lentos, e que não necessariamente ela é a mesma que abrandamos em passeatas ou em mobilizações sociais em busca dos direitos. A cidadania cotidiana na qual girou seu estudo mostra que, a população continua sendo usada para muitas atividades de grupalização e mobilização, que não traz nenhum benefício para concretizar de fato um projeto próprio, ancorado em objetivos de interesses comuns com vistas a sua capacitação.

Sobre esse aspecto, COVRE (1999), ao comentar sobre a cidadania converge na mesma linha de pensamento de DEMO (1995), ao afirmar que as pessoas têm a tendência de entender que cidadania restringe-se apenas a direitos a receber, e que muitas vezes por um processo de negação, deixam de compreender que elas podem ser agentes da existência desses direitos.

"Acabam por relevar os deveres que lhes cabem, omitindo-se no sentido de serem também, de alguma forma, parte do governo, ou seja, é preciso trabalhar para conquistar esses direitos. Em vez de meros receptores, são acima de tudo sujeitos daquilo que podem conquistar. Se existe um problema em seu bairro ou em sua rua, por exemplo, não se deve esperar que a solução venha espontaneamente. É preciso que os moradores se organizem e busquem uma solução capaz de atingir vários níveis, entre eles o de pressionar os órgãos governamentais competentes."
(COVRE, 1999:10-11)

Para a autora, cidadania é o "próprio direito à vida no sentido pleno", porém, trata-se de um direito que não é construído individualmente, mas coletivamente. Essa construção, no entanto, exige que haja condições mínimas de democracia na sociedade, bem como, é necessário que os sujeitos sejam conscientizados sobre a existência desses direitos, no sentido de criar espaços para reivindicar, mas também estendendo o conhecimento a todos. É preciso entender que apenas o consumo imediato das necessidades básicas não provoca alterações significativas, mas deve-se dimensioná-lo ao processo de organização das políticas sociais do Estado, abarcando todos os níveis de existência humana até o nosso papel de sujeito no Universo.

DEMO (1995) reitera que a cidadania tem uma vinculação muito próxima com o associativismo, e que, esse é o caminho no qual a comunidade pode conciliar um projeto próprio de desenvolvimento.

“Significa também o reconhecimento de que a cidadania individual tem seu lugar, mas a competente é a organizada coletivamente. No fundo, é impraticável a emancipação isolada, não só porque seria prepotência ou ingenuidade, mas sobretudo porque faz parte da noção do social.” (DEMO, 1992:73)

Assim entendemos que a plena cidadania é uma etapa que se conquista no dia-a-dia, e nesse sentido, o grupo de usuários da Vila Tibério tem se exercitado muito na busca de seus direitos inerentes a um programa que tem uma vinculação com uma Instituição Pública, e também, na busca de direitos que extrapolam as diretrizes do projeto que criou o programa.

De qualquer maneira, poderíamos dizer que se não há um pleno exercício da cidadania, existe sim um alargamento da mesma, na medida em que os sujeitos se sentem integrados ao grupo, possuem clareza dos momentos históricos vividos no PIC, e têm entendimento de que, mesmo sendo da terceira idade, possuem direitos como cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo ora apresentado em sua versão final revelou alguns pontos de estrangulamento do PIC, mas também emergiu suas potencialidades como trabalho comunitário, sob a ótica da Promoção da Saúde, assim como, demonstrou as potencialidades de um programa na formação do sujeito social, que consciente do contexto social e histórico vivido, revelou sua capacidade objetiva de trabalhar em prol de um projeto comum de interesses mútuos com vistas a sua emancipação e da sua comunidade.

Com relação a seu processo inicial, o PIC da Vila Tibério, revelou que sua população usuária possui uma grande capacidade para o trabalho comunitário. Mesmo decorrente do fato de que, em seus primórdios existiu uma grupalização, usando o termo empregado por SOUZA (1993), de pessoas em torno de um projeto que tinha a prática de educação física, como uma atividade desencadeadora para a arregimentação das pessoas. Tanto para SOUZA (1993) como para DEMO (1995), essa prática inicial de mobilização é componente essencial para o processo de organização social, e que no PIC, posteriormente, vai concorrer para um maior grau de conscientização.

Assim, podemos afirmar que a mobilização que ocorreu em torno de uma proposta sobre melhoria nas condições de vida da população da UBS local, especialmente sobre aquela portadora de duas patologias específicas, hipertensão e diabetes, foi propulsora de um processo de organização comunitária que extrapolou os objetivos e as reais expectativas da mentora do programa. Esse trabalho comunitário teve como fator relevante para o seu aprimoramento o desenvolvimento de lideranças comunitárias e lideranças externas ao programa, aqui entendido como a mentora

do programa, e os professores de educação física que mantiveram por um período relativo de tempo, uma espécie de assessoria à comunidade local, assim como, a participação política dos componentes, durante o transcurso do programa nestes sete anos.

Quanto à liderança comunitária, é desencadeada a partir da necessidade do professor de educação física em ter uma espécie de interlocutor entre ele e a comunidade, já que o volume de questões que lhe chegava não permitia atender satisfatoriamente todas as demandas. Essa idéia do interlocutor gerou no grupo o primeiro exercício de cidadania, que foi a eleição do primeiro representante local. Esse foi eleito dentro de uma série de atributos pessoais que o grupo tinha como essenciais para representá-los frente ao setor público.

É importante considerar que, o primeiro representante eleito tinha reconhecidamente as características de desprendimento para o trabalho comunitário. Entretanto, o que podemos constatar é que, mesmo com todas estas características, não empreendeu motivação necessária para que o trabalho comunitário tivesse as dimensões que teve com a segunda representante. Reconhecidamente, o primeiro representante trabalhou de uma forma muito solitária, encarando todas as demandas da comunidade como uma tarefa somente sua. Característica que o tornou conhecido como um sujeito muito benevolente, que trabalhava muito para responder às demandas de sua comunidade local.

Dessa forma, mesmo considerando e reconhecendo o valor de seu trabalho, entendemos que não houve avanços em termos de organização social, e sim, um movimento de mobilização do grupo em prol de algumas atividades que o programa começava a desenvolver.

Com a eleição da segunda representante, iniciava-se um novo processo de trabalho comunitário, agora, não mais entendido como uma tarefa única e exclusiva do representante, mas como

uma tarefa de responsabilidades de todos. Essa característica de trabalho comunitário, empreendido com a segunda representante, começava a encontrar algumas barreiras iniciais.

A primeira foi o embate com a viúva do primeiro representante, que após a morte do marido, mantinha informalmente uma continuidade de liderança no grupo. Não sendo possível manter dois tipos de lideranças diferentes, esta afastou-se definitivamente. Em sua entrevista, comentou muito acerca do processo inicial do PIC, mas em nenhum momento falou sobre os episódios de desavenças no grupo sobre a liderança, atribuindo a sua saída do grupo pela necessidade de cuidar dos netos. No transcurso da entrevista elogiou muito o trabalho da representante do PIC, argüindo que esta foi preparada pelo seu marido para assumir as funções na liderança local.

A segunda e grande barreira foi justamente a mobilização em torno de divisão de responsabilidades via distribuição de tarefas entre o grupo. Esta encontrou uma forte resistência inicial devido justamente ao fato de que, o grupo não vivia ainda uma situação de organização social, mas sim, uma grupalização.

A partir de uma nova proposta de trabalho comunitário, houve necessidade de mobilizar intensamente o grupo para que assumisse algumas atividades. Para tanto, houve a formação das equipes de trabalho, nas quais eram arregimentadas as pessoas que possuíam disponibilidade para exercerem algumas funções comunitárias. Iniciava-se assim um processo de descentralização das atividades dentro do grupo, considerado importante na medida em que dividia responsabilidades.

Esse foi um primeiro exercício que o grupo experimentou em termos de processo de organização comunitária. As equipes de trabalho começaram a perceber a necessidade de olhar para esta comunidade diferentemente, na medida em que, reconhecendo as

suas potencialidades, também reconheciam as dos outros, e mais, começavam a descobrir que havia diferenças, as pessoas não eram iguais. O trabalho comunitário em equipes permitiu que emergissem todas as contradições decorrentes da convivência grupal, e dentro desse processo de organização, cada caso era separadamente considerado na sua magnitude dentro do coletivo.

Isto é comprovadamente encontrado nas palavras de **Têmis**, quando colocava que os primeiros questionamentos, frente às dificuldades encontradas, eram feitos de seguinte forma: “é problema por que e para quem?”. Dessa forma adquiriam sempre uma dimensão coletiva em detrimento da individual, na medida em que o grupo começou a perceber que se houvesse privilégios para as questões individuais, o trabalho comunitário não teria saltos qualitativos, já que a demanda individual era infinita e notoriamente diferenciada.

Assim, consideramos que o processo de liderança comunitária empreendido pelo grupo ofereceu a este uma potencialidade para a organização social. Tanto que, mesmo frente aos inúmeros problemas que ocorreram posteriormente, em relação ao monitor, UBS, SMSRP dentre outros tantos, o grupo conseguiu uma articulação interna importante para manter as suas atividades normais.

Às diferenças que nos referimos acima também foram objetos de comentários por ocasião das entrevistas. Os sujeitos percebiam claramente que existiam no grupo diferenças grandes entre seus membros. Essas foram relatadas nas mais diferentes formas: física, mental, racial, de credo, de situação econômica, dentre outras. Para alguns sujeitos as diferenças são vistas como algo perfeitamente normal em um grupo que apresenta as características do PIC, de integração, e nesse sentido, conseguem tolerá-las.

A forma que manifestam quanto à tolerância é relatando que precisa ter um “ouvido bastante seletivo” quando existem alguns comentários, outros é “cedendo” nas situações que é possível

suportar, para outros ainda é em determinados momentos ter um “afastamento” temporário das pessoas.

Existem também aquelas diferenças que expressam uma certa discriminação em relação à situação financeira, atividade profissional, de presença de doença, ou mesmo de raça. Essas diferenças mesmo quando são relatadas com um certo conteúdo de discriminação, é possível perceber que, assim mesmo, existem possibilidades de manter a convivência social.

Também consideramos que um dos resultados importantes desta pesquisa também está no fato de que, as diferenças foram explicitadas pelos sujeitos por ocasião das entrevistas tendo em vista que, durante o processo de observação participante havíamos percebido e realizado vários comentários em nossos relatos sobre as diferenças mais perceptíveis no grupo, através de gestos e comentários entre o grupo. Portanto, consideramos que, a tolerância somente acontece no grupo porque existe um processo de organização social, e sendo assim, é a forma que o grupo encontrou para poder continuar convivendo socialmente ao longo destes sete anos.

Outro fator importante que está ligado à organização social é o grau de solidariedade que existe entre seus componentes. Conforme já foi relatado anteriormente, existiam algumas equipes que tiveram um papel fundamental para o trabalho comunitário. Dentre estas, a de visitas aos doentes. Essa equipe tinha a função de dar um suporte social para a pessoa acometida de alguma doença, ou de alguma outra situação que gerasse qualquer outro problema relacionado à saúde.

Com o passar do tempo houve o desaparecimento desta formação, e isto é visto no grupo como algo que necessitaria retomar. O que o grupo não percebe, fato somente possível de ser constatado através da observação participante, é que houve uma reorganização interna no grupo, da antiga equipe de visitar

doentes, hoje existe uma responsabilidade coletiva pelas questões sobre saúde e doença. Sempre ao final das atividades físicas na praça, existe a hora dos recados, como denominamos nas discussões dos DSCs. Aí são passadas a todo o grupo as diversas situações acerca de doenças, mortes, velórios, doações de sangue, etc. A partir daí o grupo se reorganiza em suas atividades e vai apoiando nestas ocorrências conforme suas disponibilidades.

É importante frisar que essa reorganização social é que garante a rede de suporte social que existe no PIC, e que, em tantos depoimentos foi possível avaliar a importância que tiveram para a vida dos sujeitos, o fato de encontrar tamanho grau de solidariedade entre o grupo.

Ainda com referência à organização social do grupo, outra situação que desponta nos dados empíricos e na observação participante, é com referência a atividades mediadoras que fazem parte do conjunto de possibilidades que o grupo tem para seu entretenimento e lazer. Essas também são formas de manter o grupo organizado, na medida que, tendo alternativas culturais e de lazer, o grupo necessita buscar algumas alternativas financeiras para custear parte dos gastos relativos a elas.

Esta mobilização do grupo em prol delas possui uma representação importante, pois mostra que aliado às questões de saúde, o grupo tem outras necessidades que ficam mais ligadas às subjetividades e que somente são saciadas na medida em que houver um rol de alternativas para o sujeito se inserir.

Dentre essas atividades, ainda existem aquelas que tem contribuído para a formação do sujeito social. Elas estão mais ligadas às atividades do coral, do teatro, da música e também da poesia. São atividades que nem todos participam ou têm inspiração pessoal, mas apresentam relatos impressionantes sobre as mudanças que ocorreram em suas vidas.

Ao que tudo indica, essas atividades têm possibilitado aos sujeitos uma reflexão importante em suas vidas. Muitos dos relatos nos mostram que elas estão ligadas ao desenvolvimento da criatividade e das potencialidades dos sujeitos. Na fase da observação participante foi possível presenciar inúmeras situações criativas oriundas de alguns usuários que mostravam um compromisso individual e coletivo, e que mais tarde por ocasião das entrevistas, foi possível entender onde buscavam tanta imaginação e coragem para realizar essas atividades lúdicas.

Muito do que se comenta tem uma relação direta com o aumento das oportunidades. As oportunidades são tidas como importantes para o grupo, tendo em vista que, grande parte desta população que faz parte do PIC teve poucas oportunidades em suas vidas. Considerando a idade e a ocupação destes, é possível entender o porquê. Em sua grande parte são donas de casa e passaram por muitos anos cuidando dos filhos, do marido, dos netos e da casa, e quando falamos dos homens, estes apesar de serem em número reduzido também têm histórias de vida dedicada ao trabalho, e os relatos indicam que trabalho nem sempre é sinônimo de prazer.

A organização social também foi responsável por uma outra situação que o grupo vivenciou, a busca de alternativas financeiras, devido à falta de um monitor num determinado período. Fato bastante comentado nas discussões dos DSC, esta situação somente foi possível ser contornada porque para o grupo estava claro que a presença do monitor ou do professor de educação física era importante para a manutenção do PIC. Mas esta tomada de consciência não foi logo após a saída do monitor, mas algum tempo depois, quando o grupo ainda contava com o trabalho voluntário do antigo monitor. A situação somente é vista como problemática quando o grupo esteve muito próximo de

desmantelar, e quando assistiu ao término de outros PICs que estavam funcionando regularmente.

Dada a situação presente, e ciente da importância do PIC, o grupo se reorganizou internamente para a manutenção financeira do professor de educação física. Inicialmente, foi através de doações voluntárias de dois reais para a “caixinha do professor”, como ficou conhecida a contribuição. Mesmo após regularizada a situação contratual dos monitores de educação física, o grupo decidiu continuar com o professor.

Isso foi circunstanciado pelo fato de que havia um vínculo importante estabelecido entre os usuários do PIC e o referido professor, e pelo reconhecimento implícito de sua liderança. Esse episódio foi um dos grandes desafios que o grupo encontrou ao longo de sua existência, e marcadamente foi importante, pois criou a certeza para o grupo de que havia potencialidades para o enfrentamento de muitas situações que posteriormente seriam encontradas.

Esta organização na busca de recursos financeiros criou uma representação no imaginário coletivo de uma possível independência deste junto à SMSRP e UBS. Fato que, se de um lado, contribuiu para o fortalecimento da organização social do grupo, por outro lado, também levou a um distanciamento da UBS e da SMSRP, na medida em que, o grupo imaginava se poderia dispor de alternativas para custear professor e outras atividades, também não necessitaria de “favores” do Setor Público. Às vezes, esse posicionamento de independência, aparece ambíguo frente aos depoimentos, pois se, de um lado o grupo acredita que é possível viver independentemente, do outro sente a ausência do Setor Público.

Postas as situações, o que podemos afirmar é que, da mesma forma como é importante manter algumas atividades com sustentabilidade própria, pois cria sentido de organização social e uma certa autonomia do grupo, e com certeza favorece a formação

da cidadania, de outra, a manutenção com os vínculos com a UBS e SMSRP podem potencializar o trabalho comunitário, pois o grupo, pela sua experiência, demonstrou uma consciência da realidade e do momento histórico vivido.

Por outro lado, se tomarmos como discussão o afastamento da UBS do PIC, entendemos que aí também houve uma desavença grande entre a mentora do programa, considerada como líder, e uma profissional da área de saúde que intercambiava as relações conjuntamente com o chefe da UBS.

Consideramos que esta situação ocorreu devido ao fato de que, a partir do momento em que o PIC começava a ter visibilidade nos meios de comunicação e que o colocavam como um programa potencial em termos de qualidade de vida e de saúde para os usuários, dentro de uma proposta que em âmbito mundial emergia como alternativa para o contexto de saúde, aflorava a necessidade de alguém ser o “dono da idéia”.

A profissional tendo participado efetivamente no encaminhamento dos usuários, entendeu que a proposta poderia ser tomada como sua. Também constatamos que esta compreensão obteve respaldo da sua chefia imediata, pois, em várias reportagens em jornais locais e regionais, ambos apareciam nestes, como mentores e propulsores deste programa comunitário.

Esta tomada para si do programa é circunstanciada pela visibilidade e pela grande participação comunitária que o programa começa a adquirir, além de que, vem respaldado pelos aportes teóricos da Promoção da Saúde, que toma corpo a partir da primeira Conferência Mundial de Promoção da Saúde ocorrido em Ottawa, Canadá, cuja proposta adquire ressonância e importância mundiais.

As desavenças ocorrem justamente em termos de concepção de saúde, pois, **Aurora** refere sempre à preocupação que tinha em termos de medicalização do programa. Esta não está circunscrita

ao uso de medicamentos, mas ao uso de tecnologias do modelo assistencial atual, que não desconsiderava a sua relevância, e poderia prevalecer e adquirir importância junto ao programa, desvirtuando a proposta original do projeto.

A título de exemplo, do processo de medicalização, lembramos aqui a proposta de deixar uma ambulância de plantão junto à praça, ou de ter um profissional verificando pressão arterial dos usuários em suas atividades rotineiras no programa ou mesmo nos passeios.

Essas desavenças com a profissional induzem o afastamento de todos os demais profissionais da UBS. Isso provoca no programa perdas grandes, e uma delas é justamente o processo que havia iniciado de educação em saúde, cujos cursos, até hoje são lembrados pela sua importância em termos de aprendizado.

Havia na proposta do programa a referência de que os cursos teriam a continuidade a partir da incorporação dos profissionais de saúde da UBS, em especial, o enfermeiro, que era visto como o impulsionador para estes cursos, devido ao seu perfil e habilidades para o trabalho comunitário. Com certeza, para este profissional as perdas são grandes também, na medida em que, o trabalho que poderia ter desenvolvido junto ao PIC tem uma potencialidade importante para a capacitação deste profissional, além de que estaria, aliando a esta, toda a sua bagagem teórica para auxiliar os sujeitos em sua qualidade de vida.

Independentemente se a aproximação beneficia um ou outro profissional, a relação com a UBS e com a SMSRP deve ser estreitada, não somente pelo fato de que o PIC é um programa desta e, portanto, adstrito a esta UBL local. Mas especialmente porque somente um trabalho conjunto poderá dar maior amplitude à qualidade de vida destes usuários, tendo em vista que, existem momentos em que o

trabalho comunitário necessita do suporte da instituição, e por outro lado, esta também não prescinde da comunidade.

Inúmeras seriam as situações que poderíamos exemplificar, e que dariam esta dimensão da potencialidade do trabalho conjunto de comunidade e PIC. Mas algo concreto é a formação da CLS. A primeira foi organizada com o auxílio do PIC, embora tenha tido um período curto de existência, foi importante para o grupo ser reconhecido como propulsor desta organização.

Também há de considerar que neste ano, o grupo do PIC também ajudou na formação da nova CLS, tendo inclusive alguns de seus membros novamente na composição dela. A importância não está somente no fato da participação em si, mas na mobilização que o grupo desencadeou para a eleição dos membros da comissão conjuntamente com a UBS.

Esse fato tem outro fator relevante, nesta última eleição do CLS, houve uma aproximação de alguns profissionais de saúde da UBS junto ao PIC, e este, talvez seja uma dos caminhos que irá auxiliar nesta reaproximação.

Com relação aos cursos de educação em saúde, outro ponto relevante que salta aos olhos é o fato de que, por parte da mentora do programa existe toda uma bagagem teórica sobre o processo de aprendizagem, teoria da problematização, dos referenciais teóricos de Paulo Freire, fruto de sua vivência acadêmica. Sendo que este processo da teoria da problematização levou os sujeitos a um processo de aprendizagem, que até hoje é lembrado pelas temáticas abordadas e pela mudança que isso significou para suas vidas.

Do outro lado, a líder local, em outros momentos posteriores ao afastamento da mentora do PIC, também usa os aportes teóricos da problematização em suas visitas a empresas locais. Curiosamente é o fato de que não teve acesso ao ensino formal, estudou até a quarta série primária, e sempre foi dona de casa.

Mas em seu relato conta minuciosamente a forma de conduzir as discussões sobre as visitas, sem se dar conta que está usando a teoria da problematização. Isso tem um significado real, de processo de internalização do aprendizado, de tal forma que reproduz em outros momentos fidedignamente, e com resultados surpreendentes para o grupo que a acompanhou.

Isso nos permite afirmar que este processo de aprendizado necessita ser retomado pelo grupo e em especial pelas Instituições Públicas com as quais o PIC mantém relações, pois comprovadamente é um dos caminhos que auxiliam no desenvolvimento do trabalho comunitário e na emancipação da comunidade.

Assim, acreditamos que além deste trabalho de educação em saúde, outros suportes institucionais precisam ser respaldados pelo Setor Público. E um deles é justamente, no caso do PIC, a construção de um Centro de Convivência, porque longe de apenas sugerir um local de recreação, muitas vezes comentado nas entrevistas pelos sujeitos, ele tem uma função social importante para a comunidade. Ele está ligado ao que a comunidade imagina em termos de benefícios para si mesma e que não faz parte do PIC.

Esse compromisso que fica no imaginário social tem uma referência muito próxima com aquilo que o grupo já experimentou em termos de qualidade de vida, e que pretende expandir para outros segmentos da sociedade, e que neste espaço haveria possibilidade da participação vivenciar a socialização, a organização social, desenvolver o lazer, a cultura, troca de saberes entre gerações, espaço para profissionalização de jovens que estão fora da escola e do mercado de trabalho. Ou seja, aquilo que anteriormente afirmávamos, a necessidade de oferecer oportunidades, que possam contribuir para a formação do sujeito social.

Longe de uma pretensa idealização, o que afirmamos aqui é fruto da leitura que fizemos e do que presenciamos neste período

de observação participante. Quando os depoimentos dizem que o Centro de Convivência não seria apenas para a realização dos exercícios físicos, as afirmações encontram ressonância neste período em que o grupo necessitou fazer suas atividades fora do espaço físico da praça, quando houve uma redução grande na participação. Isso responde de certa forma o que o grupo tem como convicção, o espaço de fazer ginástica tem que ser em contato com a natureza e não em um local fechado, como foi experimentado neste período de reforma da praça José Mortari.

Também podemos afirmar que em todas as decisões que o grupo é inquirido, ela somente ocorre após um processo de discussão interna envolve sempre aqueles sujeitos que têm alguma identificação ou proximidade com o assunto. Portanto, é oportuno chamar a atenção que o grupo não é homogêneo para a participação política, nem todos participam de todas as discussões, eles se inserem na medida em que existem interesses.

Podemos constatar que somente existe uma mobilização ativa do grupo como um todo quando ocorre alguma situação, quando há ameaças à integridade deste, ou dos direitos pertinentes. E esta tem sido no sentido de realizar os ajustes necessários no programa com vistas à democratização e ao desenvolvimento das competências políticas necessárias à formação do sujeito social e sua emancipação.

Assim, o trabalho desenvolvido junto à comunidade usuária do PIC foi no sentido de organizar um trabalho comunitário que tivesse como meta aumentar a participação, socialização, com vistas a desenvolver uma maior autonomia da comunidade local, aumentando as potencialidades do sujeito, no sentido de que ele pudesse deter uma maior autonomia sobre determinados aspectos de sua vida, desencadeando dessa forma uma maior qualidade de vida para eles e para suas famílias.

Concorreram para que o programa pudesse alcançar tal grau de maturidade: a participação, a organização social, as lideranças locais, as atividades mediadoras, e um desejo muito grande de uma comunidade que buscava espaços para ampliar seus direitos de cidadania.

Finalizando, podemos dizer que existem evidências que nos possibilitam entender que o trabalho de desenvolvimento da comunidade que ocorreu no PIC é um processo contínuo, e pode ser compreendido a partir de três níveis de interpretação social, que LABONTE (1993) apresenta em seus estudos:

1. O primeiro no nível **intrapessoal**, que faz parte do desenvolvimento das habilidades pessoais e que apresenta uma relação com a melhora da auto-estima, com o poder de decisão junto ao contexto vivido.
2. O segundo no nível **interpessoal** é a capacidade de uma análise social crítica, baseada na experiência compartilhada no grupo, demonstrando consciência crítica do momento histórico vivido e das estruturas sociais de poder que fazem parte da organização da sociedade.
3. O terceiro no nível **intergrupual** é a busca incessante de recursos e estratégias para ganhos pessoais e sóciopolíticos, explicitado especialmente pelo aumento da capacidade de advocacia e democracia participatória, com vistas a uma maior eqüidade e justiça social.

Assim, as discussões que fizeram parte deste trabalho de pesquisa são em primeiro lugar um profundo reconhecimento para as pessoas que acreditam no potencial da comunidade e no desenvolvimento do trabalho comunitário, e em segundo lugar, é também uma contribuição para que, nós profissionais da área de

saúde e afins, possamos aprender junto com a comunidade como potencializar a nossa produção e distribuição das ações de saúde de modo a torná-las factíveis às necessidades subjetivas da mesma, as quais permanecem muitas vezes relegadas a um segundo plano, e quando consideradas e incorporadas no conjunto podem adquirir um caráter de equidade e justiça social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUDELO, S.F. Violência, cidadania e saúde pública. In: Barata R.B. *et al* (orgs) Eqüidade e saúde. Contribuições da epidemiologia. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997. Cap. 2, p. 39-62.
- AMMANN, S.B. Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 1997. 211p.
- CAMPOS, G.W.S. Considerações sobre a arte e a ciência da mudança: revolução das coisas e reforma das pessoas. O caso da saúde. In: CECÍLIO, L.C. de O. Inventando a mudança na saúde. São Paulo: Hucitec, 1994. Cap. 1, p. 29-87.
- CARVALHO, A.I. Conselhos de Saúde no Brasil. Participação cidadã e controle social. Rio de Janeiro:Fase, 1995. 136p.
- COVRE, M.L.M. O que é cidadania. Coleção primeiros passos. 8ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1999. 78p.
- DEMO, P. Cidadania menor: algumas indicações quantitativas de nossa pobreza política. Petrópolis: Vozes, 1992. 192p.
- DEMO, P. Cidadania tutelada e cidadania assistida. São Paulo: Autores associados, 1995. 171p.
- DEVER, G.E.A. A epidemiologia na administração dos serviços de saúde. São Paulo: PROAHSA, 1988. 394p.
- DOWBOR, L. Da globalização ao poder local: a nova hierarquia dos espaços. In: FREITAS, M.C. A reinvenção do futuro. São Paulo: Cortez, 1999. Cap. 2, p. 55-75.
- FERREIRA, A.B de H. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. São Paulo: Nova Fronteira. 1999
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184p.

- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. Política de saúde no Brasil: diagnóstico e perspectivas. Brasília - DF. 1996.
- LABONTE, R. Centre for Health Promotion – University of Toronto. Toronto - Canadá. University of Toronto, 1993.
- LALONDE, A. Vocabulário técnico e crítico de filosofia. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1996. 711p.
- LEFÈVRE, F. & LEFÈVRE, A.M.C. Os novos instrumentos no contexto da pesquisa qualitativa. In: LEFÈVRE, F. *et al* (orgs) O discurso do sujeito coletivo. Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2000. Cap. 1, p. 11-35.
- LEFÈVRE, F. & LEFÈVRE, A.M.C. Recuperando a fala do social. Série monográfica n° 9. Departamento de Prática de Saúde Pública da FSP/USP, 1998.
- MARTINS FILHO, E.L. Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo. 3ª ed. São Paulo: O Estado de São Paulo. 1997
- MENDES, I.J.M. Promoção de saúde: caminhando para o único. Ribeirão Preto, 1996. 148p. Tese (Livre Docência) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento – metodologia de pesquisa social (qualitativa) em saúde. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Promoção da Saúde. A carta de Ottawa. Declaração de Adelaide. Declaração de Sundsvall. Declaração de Bogotá. Brasília. 1996. 46p.
- PAIM, J. A saúde coletiva e os desafios da prática. Texto elaborado para a Organização Panamericana de Saúde. 1991. 36 p. (mimeo)
- PALHA, P.F. Memórias do vivido: A luta pela saúde no meio rural de Ijuí - RS 1957 - 1980. Ribeirão Preto, 1996. Dissertação (mestrado), Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo - EERP - USP.

- PEDUZZI, M. O enfermeiro no programa de saúde da família. Conferência apresentada no Seminário: O enfermeiro no programa de saúde da família. Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, 09 a 11 de novembro de 2000/mimeo.
- QUEIROZ, M.I.P. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T.A.Queiroz, editor, Ltda. 1991. 171p.
- RIBEIRÃO PRETO. Exercícios físicos reduzem uso de medicamentos em hipertensos. Diário Oficial do Município. Ribeirão Preto. 28 de mar. 1994. Nº 4.525. p.6.
- SIMIONI, A.M.C. *et al* Metodologia qualitativa nas pesquisas em saúde coletiva: considerações teóricas e instrumentais. Série monográfica nº 2. Departamento de Prática de Saúde Pública da FSP/USP, 1996.
- SOUZA, M.L. de Desenvolvimento de comunidade e participação. 4ª ed. São Paulo: Cortez editora, 1993. 231p.
- TRIVIÑOS, A.N.S Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992. 175p.

JORNAIS

- Casal oferece “café da manhã surpresa” para funcionários da UBS da Vila Tibério. O Diário 02 de jun. 1994. p.3.
- Idosos participantes do PIC organizam festa junina. A cidade, Ribeirão Preto. 11 de jun. 1994. p.8

INTERNET

- LEFÈVRE, F. & LEFÈVRE, A.M.C. O discurso do sujeito coletivo: breve proposta de apresentação.
<http://www.fsp.usp.br/~flefevre/resumo.html>. 2000. p.1-5.
- LEFÈVRE, F. & LEFÈVRE, A.M.C. DSC passo a passo.
<http://www.fsp.usp.br/~flefevre/dscpassoapasso.html>. 2000. p.1-9.

- LEFÈVRE, F. & LEFÈVRE, A.M.C. O processo de desparticularização dos discursos e o resgate do sujeito social. <http://www.fsp.usp.br/~flefevre/particularização.html>. 2000. p.1-2.
- Ministério da Saúde. CARTA DE OTTAWA. Programas e Projetos. <http://www.saude.gov.br/programas/promoção/ottawa.htm>. 2000. p.1-4.

OBRAS CONSULTADAS

- BARATA, R.B. (org.) Condições de vida e situação de saúde. Saúde e movimento. Seminário latino americano sobre condições de vida e situação de saúde, realizado pela ABRASCO em São Paulo de 10 a 13 de dezembro de 1995. Rio de Janeiro, 1997.
- BEDIN, G.A. Estado, cidadania e globalização do mundo: algumas reflexões e possíveis desdobramentos. In: OLIVEIRA, M.O. Relações internacionais & globalização. Grandes desafios. Ijuí: Unijuí, 1998. p. 123-149.
- BERNARDINO, M.T.S.M. Lesões por esforços repetitivos – LER – a doença para o indivíduo. São Paulo, 1998. Dissertação (mestrado), Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- BOBBIO, N. O futuro da democracia. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 171p.
- CAMPOS, G.W.S A saúde pública e a defesa da vida. São Paulo: Hucitec, 1991.
- CARVALHO, A.I. Da Saúde Pública às Políticas Saudáveis. Revista ciência e Saúde Coletiva, v 1, n.1, p104-121, 1996. Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro.
- CERTEAU M. de. *et al* A invenção do cotidiano. 1 artes de fazer. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 351p.
- CERTEAU M. *et al* de. A invenção do cotidiano. 2 morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1997. 372p.

- CHOSSUDOVSKY, M. A globalização da pobreza. Impactos das reformas do FMI e do banco mundial. São Paulo: Moderna, 1999. 319p.
- CONH, A.; ELIAS, P.E. Saúde no Brasil. Políticas e organização de serviços. São Paulo: Cortez, 1996.
- DEMO, P. Política social, educação e cidadania. Campinas: Papyrus, 1994. 124p.
- ECO.U. Como se faz uma tese. 13ª ed., São Paulo: Perspectiva. 1996.
- FREIRE, R.; BRITO, F. Utopia e paixão: a política do cotidiano. 8ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 109p.
- MENDES, E.V. (org.) Distrito Sanitário. O processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde. São Paulo: Hucitec, 1995.
- MONTENEGRO, A.T. História oral e memória. São Paulo: Contexto, 1992. (Coleção caminhos da história) 153p.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE - OPS - Recursos humanos em saúde no mercosul. Organização Panamericana de saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz. 1995.
- PETUCO, V.M. A bolsa ou a morte – estratégias de enfrentamento utilizadas pelos ostomizados de Passo Fundo-RS. São Paulo, 1998. Dissertação (mestrado), Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- RIBEIRÃO PRETO. Secretaria Municipal de Saúde. Programa de Integração Comunitária. Manual de educação física para os monitores do PIC. 1996/mimio/.
- RIBEIRÃO PRETO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Saúde. Plano de Saúde do Município de Ribeirão Preto – 1999. Ribeirão Preto, 1999/mimio/.
- SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: Experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo - 1970-1980. São Paulo: Paz e Terra, 1988. 329p.

- SANTOS, W.G. dos. Cidadania e justiça. A política social na ordem brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro: campus. 1994. 89p.
- SCHRAIBER, L.B. & MENDES-GONÇALVES, R.B. Necessidades de saúde e atenção primária. SCHRAIBER, L.B.NEMES, M.I.B. MENDES-GONÇALVES, R.B. (org.)IN: Saúde do adulto. Programas e ações na unidade básica. São Paulo: 1996. Cap.1, p. 29-47.
- SPOSATI, A. *et al.* Os direitos (dos desassistidos) sociais. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995. 126p.
- STROZZI, J.B. Sus pense Uma reflexão epidemiológica sobre o SUS e outras aplicações acadêmicas. 1ª ed. Paraná: Hucitec, 1997.
- TEIXEIRA, J.J.V. A prescrição medicamentosa sob a ótica do paciente idoso: relação com os profissionais de saúde. São Paulo, 1998. Dissertação (mestrado), Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- THOMPSON, P. A voz do passado: História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TOURAINÉ, A. Igualdade e diversidade. O sujeito democrático. Bauru: EDUSC,1998. 109p.
- TOURAINÉ, A. Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes. 1999. 387p.
- WORLD HEALTH ASSOCIATION. Ottawa charter for health promotion.In: NA INTERNATIONAL CONFERENCE ON HEALTH PROMOTION, Ottawa,1986. Anais. Ottawa, 1986.